RB 197288

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

EMILIA, E LEONIDO,

OU

OS AMANTES SUEVOS.

POEMA

DE

José Maria da Costa e Silva.

Leggiadri amanti, e donne innamorate,
Vaghe d'udir piacevol cose, e nuove,
Benignamente, vi prego, ascoltate
La bella istoria, che il mio canto muove.
Berni Orl. innam. Lib. 1.° Cant. 1.°

J. A. J. Franco

LISBOA: 1836.

Typografia de A. S. Coelho & Comp.ª
Rua do Oulcíro n.° 4 — 1.° andar.

Ao Ill.mo e Ex.mo Senhor

Francisco Antonio de Campos,

Ministro, e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda,

Dedica o presente Poema

Seu Author

José Maria da Costa e Silva.

EMILIA, E LEONIDO.

CANTO I.

A CAPTIVA.

gemito no spande,
Ne moto fa sinon altero, e grande.
Tasso. Goffredo. Cant. XX.

Cantar intento huma famosa Historia,
Que em manuscriptos encontrei de Brito;
Brito, sincero Historiador, e gloria
Dos de siso agudissimo Bernardos,
Senhores de ar, e fogo, e terra, e agua
Nos campos da pomifera Alcobaça!
Não faltará quem credito lhe negue,
Tão estranha ella he! porém que importa?
Brito a affirmou; e este Doutor sabía
Mil cousas, que ninguem té li soubera!
Dou sem susto princípio á Historia minha,
Quem duvidar avenha-se com Brito.
Oh Musa do Romance, que não curas
Louros do Pindo, e aguas de Hypocrene,
Heroes da Antiguidade, e Gregos Numes;
Tu, que aos tempos feudaes votas o canto,
E de folhas de roble a fronte enramas,
Ou tu nas sombras da Floresta Hercinia
Ora recordes canticos dos Bardos;
Ou vás pelas Ardennas procurando
Desprezados Dolmins, que fórra o musgo,

E onde sangue os Druidas derramavam
De humanos corações com aurea fouce;
Ou junto á fonte de Merlim te encantem
Brandas fugindo múrmuras correntes;
Ou no cume dos Alpes, meditando
Dos Imperios na sorte, a vista alongues
Pela Italia, que ao longe em ferros geme;
Ou nas agrestes Caledonias praias
Do Cantor de Fingal dês honra aos Manes
Sobre o tumulo seu; ou divagando
De Bienvenue nas longas serranias,
Cujos flancos revestem densos bosques,
Em quanto Bena ao Norte aos Ceos levanta,
Crespa de rochas, a escalvada fronte,
Com saudade os olhos apascentes
Pelo lago Katrine, cujas ondas
Do Sol cadente os raios purpuream,
Busques co' a vista o pequenino bote,
Que a receber o Pai guiava Helena
Com remo mal azado á mão mimosa,
A arvore, a que encostado o velho Bardo
Sentiu na confusão das notas suas
Da harpa, que pulsa, as cordas agourar-lhe
Do Clan de Alpino a lastimosa sorte;
Ou busques, mas em vão, entre arvoredos
De Rodrigo o castello, em cujas salas,
Com o claimore em punho, amor o instiga
A disputar a Græme á esquiva Dama;
Ou reconheças o funesto campo,
Onde Brian fanatico juntando
Ceremonias Christãs, magicos ritos,
Ao som de imprecações no sangue apaga
A Cruz ardente, que girando as serras,
Nuneia de guerra, e morte, ás armas chama

Os filhos da Montanha, vem, oh Deosa,
Vem ás margens do Tejo! á sombra amena
Deste annoso salgueiro, que debruça
Em roda até ao chão flexiveis ramos;
Na harpa, que a Scott altísono doaste,
Vem adestrar meus dedos, e inspirar-me
Sonorosas canções de novo estilo,
Que Lysia embevecida escute, e admire!
Na Hespanha progredindo o Godo Imperio;
O braço de gigante distendia
A' fertil Lusitania, aonde ante elle
Disputando o terreno, recuava
O Poder dos belligeros Suevos.
Todo o norte do Reino occupa o Godo:
Mas inda alguns Barões, cujos Castellos
Os cumes das montanhas coroavam,
Nelles com seus vassallos defendiam
Da Patria a independencia. A' similhança
De carnivoras aguias d'alí descem
Em crebras irrupções, e a morte, o estrago,
Roubo, desolação, e incendio levam
Aos inimigos, que a planicie occupam;
E as mais das vezes voltam carregados
Com despojo riquissimo a seus montes.
Livre respira o sul; menos o espaço,
Que corre do Mondego ao fulvo Tejo.
Mas hi com maior furia a guerra ardia.
Mais fortes os Suevos atravessam
Em armados baixeis do rio as aguas,
E, da noite a favor, salteam, roubam
As povoações d'aquem! rompendo a Aurora
Echoam praias, e retumbam montes
Com os gritos das mãis, que os peitos ferem,
As tranças arrepellam, vendo ao longe

Os captivos filhinhos, que impio Fado
Destina a cultivar do Algarve as terras,
Ou pastorear nos campos Transtaganos
Gados roubados a seus pais! as filhas
Que, no Castello de hum Senhor, escravas,
Nos dias festivaes apresentar-lhe
Devem, curvo o joelho, e a seus guerreiros
A copa do festim, em que trasborda
O Bachico licor; ou já no estrado
Fiar a lã, e o linho, que, tecidos,
Das Suevas matronas, e donzellas
Vistam, adornem os formosos membros!
Para ellas não sam de amor os jogos,
Os fachos de Hymeneo, filiaes caricias,
Sam quaes plantas exoticas, que devem
Do sol, do patrio solo saudosas
Definhar, perecer na quente estufa.
Onde o Tejo, bojando, mais se alarga,
Sua sinistra margem corcomendo
Com suave pendor se eleva hum Têso,
Alfeite o nome seu, e hoje he famoso
Pela Quinta Real, que o veste, e cobre
De ampla verdura, espessos arvoredos,
De latadas de vinha, amenas fontes,
Onde os muros ás nuvens levantava
Fortissimo Castello! hoje nem delle
Restam vestigios, tanto póde o Tempo
Obras dos homens apagar, da terra
Alterando em seu giro a face inteira!
Nelle habita hum Barão, cujas proezas
A fama celebrou na verde idade,
E inda dos Ministreis soam no canto
Da foz do Tejo aos Pyrenneos nevosos.
Rico em terras, e bens, em gados rico,

De seis legoas em torno o reconhecem
Por Donatario os Povos. Ninguem cobre
Com mais baixeis o rio, ninguem junta,
Mais Cavalleiros á bandeira sua!
O Castello de Alberto, (este o seu nome)
He séde do valor, da cortezia
Da Transtagania toda. A elle accorre
Do Reino inteiro a brava mocidade
Para o nobre aprender mister das armas.
Ser Cavalleiro pela mão de Alberto
He de valor o mais seguro abono;
Alberto, cuja espada já descança,
Os briosos Donzeis recebe affavel,
E as instrucções lhes dá: e quando falla
De aventuras, de pugnas, de triumphos,
As desbotadas faces lhe enrubecem
Com o fogo de valor, e os seus cabellos,
Brancos qual neve, erriçam-se na fronte,
E acatamento impõem! parece hum Jove
Quando ao rubido raio a dextra lança,
E ao mover do sobrolho o Olympo abala.
Rival do seu valor, seu digno filho,
Commanda o forte Ernesto os seus guerreiros,
Mais bello outro não ha no Reino todo,
Nem que maior terror co' a espada infunda.
Ameaçam as gothicas matronas
Com o seu nome os inquietos filhos,
Do Tejo a dextra margem devastada
Foi vezes mil por elle; e mal se avistam
Ao longe os barcos seus, em que tremúla,
Qual meteoro, pavilhão vermelho,
E no centro huma espada, que outra encruza,
Co' a recurva trombeta as atalaias
Dam nas torres o alarma! os Cavalleiros

Se arremessam na sella, empunham lanças,
E á beiramar accodem: os Colonos
Deixam o arado no imperfeito rego,
E fogem com seus bois; as mãis tomando
No regaço os filhinhos, e seguidas
Das filhas, que pranteam, se recolhem
Ao abrigo dos muros de Ulyssea.
Assim hum bando de innocentes pombos,
Que a repastar folgava em prado hervoso,
Mal que ao longe présente o açor cruento,
Bate as azas, dispersa-se nos ares,
E em cerrada floresta abrigo busca.
Do Suevo Leão (assim lhe chamam)
Tanto lavra o terror! inda está longe,
Não sabem inda onde dispare o raio
Esta nuvem de morte, e medo, e fuga
Correm por toda a parte, e tudo abrangem!
Na Corte de seu pai, como na guerra,
Brilha igualmente Ernesto, em toda a justa
Delle he sempre a victoria, e sempre o premio.
Dos Suevos o Heroe ao valor junta
Dotes do coração! benigno, affavel,
Aos rogos do infeliz tem prompto o ouvido,
Generoso abandona aos seus guerreiros
Do Inimigo os despojos; ergue ás nuvens
Com franco peito a valentia alheia.
Só hum desar na opinião das Damas
Mácúla os feitos seus, amar não sabe.
Só hum desar na opinião dos homens
Lhe mancha a fama; á cholera propenso
Leve contradicção lhe exalta as furias,
As furias o compellem á vingança,
E ai daquelle, que no impeto primeiro
Da vista lhe não foge! e quantas vezes,

Recobrando a razão, com largo pranto
Lamentado não tem victimas suas!
Assim o mar, quando o revolve o vento,
Escarceos espumosos levantando,
Furibundo rugindo açouta as praias,
E apenas cessa o vento, em mansas ondas
Com suave murmurio representa
Pedir perdão do insulto á molle areia.
Mas porque do castello ao pôr do dia
As janellas das torres, e as ameias
Tanta gente ora cobre? acaso os olhos
Pascem nos baixeis varios, que velejam
Em toda a direcção? ou os encantam
Das nuvens os recortes pittorescos,
Que ao occidente Phebo esmalta, e tinge
De ouro, purpura, azul? acaso observam
Do rio a longa margem, que boleam
Mil desiguaes collinas, que se alternam
Como as joias n'hum cinto, e que se vestem
De tapiz verde, e de arvores se toucam?
De Almada acaso a rocha, que figura
Armigero Gigante em sentinella
De encantado paiz? ou se deleitam
Vendo surgir fronteira no horisonte
A soberba Ulyssea, em cujas torres,
E cupulas douradas se reflectem
Do occiduo Sol os raios?... não, mais longe,
Agua acima, procuram desvelados
A flotilha de Ernesto, que partíra
A dar assalto na passada noite
A's Godas povoações, que o termo formam
De Scalabys famosa!... olhos de todos
Naquella direcção se empregam fitos;
Assim de Progne os filhos se amontoam

Do ninho sobre a entrada, e no ar patente
Da mãi a vinda pipilando espreitam.
Olhos de todos disse? . . . não! Leonido
Buscam os olhos da formosa Emilia;
Buscam Emilia de Leonido os olhos,
Que ambos se adoram ternos, mas ignoram
Todos seu vivo amor! . . . Filho de hum bravo
Cavalleiro de Ossónoba he Leonido;
Apenas transpuzera o lustro quarto,
Do Hercules de Farnesa as fórmas mostra,
Trigueiro o rosto seu lhe indica a Patria,
Curto o cabello em mil anneis lhe cinge
Decoramente a fronte; alma de fogo
Transluz nos olhos seus, que amor anima,
Ao Alfeite de Ossónoba viera
Da Milicia o brioso tirocinio
D'Ernesto ás ordens perfazer! a espada
Alberto lhe cingiu com pompa, e fausto,
De Emilia no natal! d'Emilia os olhos
No novel Cavalleiro se empregaram,
Ao entregar-lhe o escudo! e para sempre
Esse olhar o tornou da Bella escravo.
Quem me diz porque magico prestigio
Faz amor, que dois entes n'hum relance
Se encontrem, se amem, e jámais se apartem?
Emilia, a filha do potente Alberto,
Formosa como a Aurora em vernal dia,
Como o lyrio, que nasce em valles de Aden,
Como a palmeira de Tadmor, e as rosas
De Amathunta odorifera ufania,
Que indifferente ouvio suspiros, votos
De afamados Barões, arde de amores
Por simples Cavalleiro, que no Mundo
Mais não tem que belleza, espada, e brios.

Em reciproco fogo ambos se abrazam,
N'hum volver d'olhos, n'hum sorrir se entendem,
E tão dextros o affecto dissimulam,
Que ninguem o entendeu, salvo as estrellas,
Que mil vezes no parque os viram juntos,
Salvo as sombras da noite, que benignas
Seus amantes colloquios abrigaram,
Salvo o salgueiro, que os cobriu mil vezes
Com pavilhão de ramos, salvo a fonte,
Que perto corre, e com sussurro brando
Os adulou, em quando descuidados
Todos se entregam no Castello ao somno.
O fulgido fulgor, que accende as nuvens,
Se extinguiu finalmente, e pela esphera
Tem desdobrado a noite o manto ondeante
Matizado de tremulos luzeiros.
Com applauso geral em fim se avistam
Luzes tres, que brilhando como estrellas
Nos confins do horisonte, se aproximam.
Illuminados tres baixeis já deixam
Distinctamente perceber-se! as velas
Do vento redondadas branquejavam;
Espadanas de lume os remos erguem
N'hum bordo, e n'utro bordo, e as curvas quilhas
Longo rasto de luz nas aguas deixam.
Alegres vozes, gratos instrumentos
Sobre as azas dos Zephyros espalham
Do hymno Suevo as bellicosas notas:
Já da terra se escutam, já respondem
Illuminadas do Castello as torres,
E as gothicas Ogivas: descem todos
Em leda chusma ás arenosas praias,
Que mil brandões accesos allumiam.
Ernesto desembarca rodeado

Dos bravos seus, e dos baixeis se tiram
Ricos despojos, grupos de captivos,
Que os grilhões seus remordem, de donzellas
Que todo o ar com gritos aturdiam.
Mas Egilda, que dellas marcha á frente,
Sem chorar, sem gemer, em roda volve
Olhos, em que o furor, despeito, e mágoa
Alternos relampejam! seu semblante
Digno de Venus, o seu porte altivo,
Ceruleo véo, que aureas estrellas bordam,
Purpureo cinto, que lhe envolve o corpo,
Manto, que forram candidos arminhos,
Tudo filha de hum Chefe a denuncía.
Tal hum cedro do Libano no cume,
Dos violentos Euros combatido,
Firme resiste aos furibundos sopros
Sem curvar, inda pouco, a copa umbrosa.
Já do Castello nos salões entraram,
De instrumentos ao som, e alegres vivas,
Que nas longas abobadas reboam,
Como o bramido dos trovões, dos ventos,
Que nas grutas em echos se prolonga.
Alberto jubiloso abraça o filho;
Emilia o desarmou, e elle sorrindo
Com fraternal amor a aperta ao peito.
Disseras que era Marte, que deixando
O emplumado morrião, o escudo, o lança,
Da linda Venus se abandona aos braços
Nos frondosos vergeis de Chypre amena.
» Emilia, (elle lhe diz) esta captiva
» D'alta guisa, ao que mostra, em dom me acceita,
E Egilda lhe apresenta. Ambas se encaram!..
Hum tão formoso par quem juntou nunca?
Huma tão meiga, tão altiva a outra,

E ambas tão bellas, de hum poeta á idéa
A Deosa da Sciencia, e da Belleza,
Trariam, que no Olympo se abraçavam
Sua antiga discordia deslembrando!
» Perdoa ao Fado (diz chorando Emilia)
» Em mim terás irmã, terás amiga,
» Que recompense em parte a perda tua. » —
» A perda minha! o que eu perdi quem póde
» Compensar? bens, riquezas, liberdade,
» Que montam do perdido amor á vista?..
» Mas a tua piedade, e affavel modo
» Affecto, e gratidão nesta alma accendem. »
Do vencedor por ordem sepultados
Nas subterreas masmorras do Castello
Os prisioneiros sam. Lauto banquete
Já se prepara; as tortas serpentinas
Soltam vivo clarão, que suppre o dia.
Alternam-se os manjares, e fumegam
Em aureos copos os preciosos vinhos,
Brinda-se ao vencedor, e aos seus guerreiros,
Ergue Ernesto huma copa » ao bravo Henrique,
» Que a vida me salvou neste conflicto. » —
» Que a vida te salvou! (Alberto exclama) —
» Que a vida me salvou! e em digno premio
» De Emilia a mão lhe prometti; seu sangue,
» De seu pai o alto estado, e brio, e esforço,
» Virtudes, que o adornam, jus lhe outorgam
» Para illustrar-se co'a alliança nossa. »
Foi hum raio tal voz, que o peito fere
De Leonido, e de Emilia: á similhança
De hum tufão do deserto, que amortece
Do prado a verde felpa, e sécca as fontes,
De ambos nas veias, nas arterias de ambos
Gelido susto infunde! involuntario

Elle ao punho da espada a dextra leva...
De Emilia hum volver d'olhos, que diz tudo,
O fez entrar em si: depois passando
Por entre os dedos o cordão do cinto,
Noto signal, nas voltas diz que a espere
Junto á fonte do parque as horas doze.
Então Thomino, o Ministrel antigo,
A cantar se dispõe! de pais humildes
Na marinha Cetobriga nascêra,
E celebre se fez no dom das Musas.
Natureza invejando os seus talentos
As plantas lhe aleijou; cobriu seus olhos
Com denso véo de lugubre cegueira.
Mal acolhido pela Patria ingrata,
Veio peregrinando em terra alheia
Asilo procurar, applauso, e estima.
Pequeno na estatura, e grande em genio,
He seu estro hum volcão, que aos Ceos levanta
Medonha labareda envolta em fumo,
E assombroso clarão derrama ao longe.
Pende dos labios seus todo o Congresso,
E hum solemne silencio a sala abrange!
Preludiando rapidos seus dedos
Da Harpa nas cordas resonantes giram.
Seu rosto denigrido se enrubece
Com Phebeio furor, e a nivea coma
Ao Poeta, alvejando, dava visos
Do Fado promulgando os seus decretos!
» Gloria, triumpho ao vencedor dos Godos!
» Gloria, triumpho ao vingador da Patria!
» Seu braço he raio, sua espada corta
» Como a foice da Morte! em guerra he firme
» Seu coração como de Almada a rocha!
» Co' impeto d'aguia, arroja-se aos contrarios,

» E os contrarios ante elle se dispersam,
» Como as pesadas nuvens se dissipam
» Ao sôpro aquilonar! marcha a victoria
» Sempre ao seu lado, voam-lhe na frente
» Fuga, espanto, terror, incendio, estrago!
» Gloria, triumpho ao vencedor dos Godos,
» Gloria, triumpho ao vingador da Patria!
» Qual montano leão, que ao Sol nascente
» Deixa a furna em que habita, observa ao longe
» Repastar na planice alvos cordeiros,
» E, da sêde de sangue estimulado,
» Estende as garras, arreganha as prêsas,
» Com estrondo sacode a farta juba,
» Bate com a longa cauda os largos flancos,
» E em rapido galope ao valle desce...
» Mal que o avista o pavido rebanho
» Balindo se dispersa; elle furioso
» Salta, empolga, ataçalha, despedaça,
» Devora, e co'rugido atroa os montes,
» Assim te arremessaste, oh forte Ernesto,
» Nas campinas de Scabalys soberba!...
« Ao medonho fulgor da espada tua
» Suas torres de susto estremeceram,
» Ulyssea gemeu de longe ouvindo
» O som dos golpes teus! ao ver o incendio
» Levantar thé aos Ceos globos de fogo,
» Nuvens de espesso fumo! os que escaparam
» Da morte, ou fuga nos teus ferros gemem,
» Carregaram riquissimos despojos
» Teus guerreiros baixeis, que o Tejo vingam,
» Gloria, triumpho ao vencedor dos Godos,
» Gloria, triumpho ao vingador da Patria!...
» De Ernesto o escudo vos ampara, e cobre,
» Bravos Suevos, exultai! vivo elle,

» De Hespanha, e Lusitania os Godos todos
» Acobardados gemerão sem terem
» Huma espada, que sáia da bainha
» Para vos offender! » Bardo, tu mentes! . . . .
Com resonante voz exclama Egilda,
Que de pé co'a cabeça recostada
No respaldar de Emilia o canto ouvia.
A vozes taes o Vate se perturba,
Indignado sussurro vai lavrando
Pela assembléa toda! assim zumbindo
As abelhas melíficas se arrojam
Da colmea ao chegar pastor incauto.
» Mentes! (ella prosegue) esses encomios
» Exagerados teu Heroe não honram:
» Para que insultas a nação dos Godos?
» Lança os olhos á Italia, observa as Gallias;
» Quem as subjuga? . . . Gothicas phalanges,
» De Alarico, e Ataulfo os successores
» Dos Pyrenneos ao Tejo o sceptro estendem,
» Anniquilámos Legiões Romanas,
» Neste de Lusitania angulo estreito
» Vos encurrala o nosso ferro, e ousas,
» Lisongeiro cantor, dizer que tremem
» De hum Castellão Suevo as nossas Gentes?
» Temeraria mulher, audaz escrava,
(De cholera abafando Ernesto clama)
» Refrea a insana lingua! como ousaste
» Interromper do meo louvor o canto?
» Porque fallas dos teus na valentia?
» Pergunta á minha espada o que ella vale.
» Quando no teu Castello entrei á força,
» Os Cavalleiros teus te defenderam?
» Para te proteger hum pai não tinhas?
» Amante, que por ti brandisse o ferro? » . . .

» Nocturno heroe, [Egilda lhe responde]
» Assaltador furtivo, que só deves
» Tuas victorias ao favor das trevas,
» Porque do Heroe, que eu amo, o esforço insultas?
» Se elle fôra presente ao lance acerbo,
» Agora teu exanime cadaver
» Pasto aos lobos de Scalabys sería!...
» Mas treme que a vingança em breve chegue,
» Que este castello em chammas envolvido
» Teus roubos, crimes teus sepulte em cinzas! »
Como a serpente, que enroscada dorme,
Si alguem a toca, desfazendo as voltas,
Tumido de veneno entona o collo,
Vibra qual raio a trifarpada lingoa,
Veste de côr sanguinea os torvos olhos,
Silva, e colleia do inimigo em busca;
Assim a vozes taes se accende em furias
De Ernesto o coração! ergue-se, e brada:
» Por vida de meu pai!... a indigna escrava
» Neste punhal ha de pagar-me o arrojo! »
Nisto com o ferro em punho se arremessa
Para Egilda ferir!.. veloz qual setta
Emilia se entrepõe! co' a dextra afferra
Do irmão o armado braço, e co' a sinistra
Meio-ajoelhada, desviar procura
A captiva, que, immovel como estatua,
Com sorrir desdenhoso espera o golpe.
Em pé, de roda os Cavalleiros todos
A infausta scena tacitos comtemplam.
Surdo o Suevo ás lagrimas de Emilia,
Por soltar-se forceja, e com seus gritos
As marmoreas abobadas reboam!
O furor, e a piedade estam luctando,
Quem vencerá?... Alberto se levanta,

Com pesado semblante, e firme dextra,
Trava do manto ao filho, e assim lhe falla
Com desabrida voz: » Que insania he essa?...
» De huma mulher, de huma infeliz o sangue
» De hum Cavalleiro ha de manchar o ferro?
» Assim maculas da victoria o lustre?
» Deram-te teus Avôs tão torpe exemplo?...
» Tal exemplo eu te dei?... a espada minha
» Sempre os soberbos abateu no campo,
» Nunca a despi para oppressão do innerme,
» Nem com sangue do fraco a tingi nunca.
» Guapo modelo a teus Vassallos prestas
» De brio marcial!... e hade rege-los
» Quem insano em si proprio não domina?...
» Emmudece!... desculpas não escuto,
» Teus furiosos excessos já me emfadam.
» Razão que vale, si enfrear não póde
» Impetos da paixão?... si os foros quebras
» Do sexo feminil, a hum pai, que o manda,
» Cede o punhal, e já!... na dextra tua,
» De remorsos estimulo, não fique!»
Como o leão domestico, que hum dia
A nativa fereza recordando,
A investir se abalança, e mal escuta
Do dono o irado grito, pára; as garras
Retracteis embainha, e delle ás plantas,
Rugindo de furor, se prostra humilde;
Assim do pai ao mando o irado Ernesto,
Pallido o rosto, tremulos os membros,
Cheio de raiva, e pejo o involuntario
Joelho curva, e lhe apresenta o ferro!...
Que elle longe de si subito arroja.
Depois travando da bandeira sua,
Ante os olhos de Egilda a desenrola:

» Esta sanguinea côr [lhe diz] observas?...
» Estas espadas, que ameaçam morte?
» Ellas promettem que este braço, em quanto
» Sôpro de vida o anime, não descance
» De verter Godo sangue! embora venham
» Ou quebrar, ou vingar tuas cadeias!...
» Bem alto nesta praia o farol brilha
» Do meu Castello!... bem de longe observam
» Minha bandeira tremular nos ares!...
» Errar não podem seo caminho!... venham...
» Ernesto eu sou!... » Larga a bandeira, e parte.
Com a vista, o seguiu, despresadora,
The que se esconde, Egilda: a terna Emilia
A mão lhe toma, e se ausentou! Alberto
Faz signal, e os guerreiros se retiram,
E do Feudal banquete a festa, os risos
Em comfuzão, e dissabor terminam,
Tão ledos começando! de igual modo
Repentinos tufões á voz de Eolo
Do Tormentorio Cabo se arremessam
Ao mar, que brinca em placida bonança,
Nelle turbilhonando uivam, sibilam,
Alvorotam do Occeano o leito immenso,
Levantando em cachões á flor das ondas
O negro lodo, que no fundo dorme!

Fim do Canto I.

PROLOGO.

A idéa do presente Romance me foi suggerida pela Ballada Escoceza, de que adiante imprimo a traducção, inserida no Canto IV da Dama do Lago por Sir Walter Scott. Como porém a dita Ballada me não offerecia mais do que huma situação, tendo eu de inventar todos os antecedentes, e o nexo da Fabula, escolhi para theatro della as margens do Tejo, e para epocha sua o estabelecimento dos Godos na Lusitania sobre a gradual ruina do Imperio dos Suevos, o que me dava campo para a pintura dos nossos costumes Feudaes.

Não ignoro que não falta ahi gente, que pensa que o Feudalismo nunca reinou na Peninsula; especialmente depois que assim denodadamente o affirmou hum Escriptor de grande nomeada; (*) mas além de que esse homem era, em pontos de critica, de tão duvidosa authoridade, que podia quasi duvidarse da veracidade de qualquer facto historico só com o fundamento delle o haver affirmado, bastam poucas reflexões para refutar o seu parecer nesta parte.

(*) José Agostinho de Macedo.

O Systema Feudal, até então desconhecido na Europa, foi nella introduzido pelos Barbaros do Norte. O Chefe principal destas cabildas invasoras, ao apoderar-se de qualquer paiz, tomava para si, com o titulo de Rei, a melhor, e a maior parte delle; e distribuia o resto pelos seus Chefes mais distinctos, que, reconhecendo-o por Senhor Suzerano, eram em virtude desta investidura, obrigados a servilo em suas guerras, e emprezas, com certo número de tropas sustentadas á sua custa. Estes, com as mesmas condições, repartiam a parte, que lhes coubera, por seus subalternos; do mesmo modo que o directo Senhorio de hum prazo cede, mediante hum foro annual, e laudemio, o dominio util delle em hum emphiteuta principal, e este em hum subemphiteuta &c. He certo que esta fórma de Governo era summamente defeituosa, e até diremos anarchica; mas era a mais simples, e mais accommodada para huma Nação guerreira, e conquistadora. Ora como he possivel, que os mesmos homens, que estabeleceram este systema governativo em toda a extensão do Imperio do Occidente, só nas Hespanhas se desviassem d'este proceder uniforme?

A esta prova de raciocinio corroboram as seguintes de facto.

Primeira. A existencia de muitas Cidades, e Villas em Hespanha, e Portugal com o nome de Castello, como Castello Rodrigo, Castello de Vide (Castello de David) Castello Branco, Castelfareit, Castro d'Aire (Castello de Ario, ou Ayres) que mostram bem que tiveram origem nas fortalezas, em que os Senhores Feudaes se recolhiam com as suas Cortes.

Segunda. A existencia dos Infansões, e Ricos-Homens, que eram, com diverso nome, o mesmo que os Barões de França, Alemanha, Inglaterra, e Italia.

Terceira. As Leys que compõem o Codigo conhecido pela denominação do *Fuero Juzgo.*

Quarta. As muitas Escripturas dos Monarchas antigos contendo doações de Villas, e Cidades, e outras terras a Fidalgos, que os serviam com Homens d'Armas sustentados por elles (Fidalgos de Bandeira, e Caldeira). Estes Fidalgos, ou Ricos-Homens, eram ás vezes tão poderosos, que o Cid, desterrado da Corte por D. Alonso VI de Leão, retirandose para os seus Dominios, continuou a guerra com os Mouros, a quem tomou muitos lugares importantes, só com a ajuda dos seus vassallos.

Quinta. A Instituição dos Morgados, e

Coutadas, que sam legitimamente feudaes, pois nem Gregos, nem Romanos as conheceram.

Sexta. A regalia, que inda conservam muitas familias da nobreza antiga, de pôr Justiças, e appresentar para as Igrejas nas terras, de que sam Donatarias.

Mas se he facil provar a existencia de epochas feudaes entre nós, não o he tanto o alcançar conhecimento exacto dos costumes, opiniões, e successos do tempo dos Barbaros, porque os nossos Historiadores, pouco curiosos de similhantes objectos, e pouco inclinados à investigações de Antiguidades, ou deixaram em silencio essas materias, ou as tocaram tão de leve, e tão confusamente, que mais promovem a dúvida, que a illustração, de que resulta que até ao Reinado de D. Diniz nada ha mais tenebroso do que a Historia deste Reino.

A'cerca das Nações Septemtrionaes, que dominaram na Peninsula, nada vi mais copioso que a *Hispania Barbara* (*) do Padre Loreti, que hum douto Amigo Italiano me communicou: oxalá que eu neste livro achasse menos diffusão nas questões do Arianismo, e mais particularidades sobre a vida privada,

(*) Hespanha no tempo, ou no dominio dos Barbaros.

usos, costumes, e preconceitos dos Alanos, dos Suevos, dos Selingos, e dos Godos. Devo comtudo confessar que a sua leitura me foi mui proveitosa na composição d'este Poema.

O maravilhoso he tirado da Mythologia moderna, e das superstições populares, como o requer este genero de Poemas; he tempo de que o colorido poetico vá animando, e fazendo valer os agradaveis sonhos, que nos embellezaram na infancia, e de que a mão do Genio póde tirar effeitos tão sublimes como das Fabulas antigas, com a vantagem não pequena de dar á Poesia hum colorido mais nacional. Tambem admitti nesta obra a descripção de algumas das nossas ceremonias religiosas, a sua pompa magestosa, e severa fala ao coração, e he digna da linguagem das Musas.

Nada direi ácerca do merito deste Romance, senão que puz todo o esmero em darlhe a perfeição, e acabamento, que cabiam em minhas forças: cuidando em que o estilo fosse vernaculo, e puro, e os versos faceis, e harmoniosos, abstendo-me de syncopes, e outras figuras de diminuição, que barbarisam as palavras, e destroem a melodia metrica, e de esdruxulos, e agudos derramados a esmo, que provam negligencia no Poeta, ou difficuldade na expressão. Pena he que estes

defeitos se encontrem em algumas obras modernas, que por suas superabundantes bellezas poeticas mereciam não desdizer do apuro metrico, a que Bocage nos havia costumado. A versificação deve ser facil, e variada, mas não desleixada; versos duros, ou prosaicos em hum Poema não são artificio, são desafinações.

Quanto á Orthographia ahi vai neste escripto supprimida a desinencia em *om* em obsequio a alguns melindrosos, que tanto se escandalisaram com ella na Heroina de Aragão. Ceda a regularidade ao costume; nunca fui teimoso (nem mesmo em amores) só desejo que este Poema encontre no público tão bom acolhimento, como o primeiro, a que o julgo superior, ao menos pelo trabalho, que tive com elle.

Alix, e Ricardo.

BALADA ESCOCEZA.

PARTE I.

I.

Que ha mais doce que vagar
Em verde floresta, quando
Tordo, e melro estão cantando!
Ver o hynulo escapar,
Mais veloz que a veloz setta,
Aos galgos enfurecidos
Da venatoria corneta
Pelos echos repetidos!

II.

» Oh Alix, por ti deixei
» A minha terra natal,
» E agora por ley fatal
» Estes outeiros erguidos,
» Estes matos desabridos
» Nos cumpre habitar á ley
» De miseraveis banidos.

III.

» Se na noite desastrosa,
» Alix, da nossa fugida,
» A teu bravo Irmão a vida
» Tirou minha espada irosa,
» Bem sabes que aconteceo
» Por tua coma formosa,
» Por teus olhos côr do Ceo.

IV.

» Cumpre agora que esta mão,
» Que ufana a espada brandia,
» Decepe a faia sombria
» Para morbido colchão
» Co'as folhas te preparar;
» E com os troncos vedar
» Entrada a todo o inimigo
» Na caverna aonde abrigo
» O Céo nos quiz outorgar.

V.

» Cumpre que essa mão mimosa,
» Que da harpa sonorosa
» Sobre as cordas já brincou,
» Ora da fera felposa
» Co'a pelle forme vestidos
» Contra os ventos desabridos
» Que o frio Inverno soprou.

VI.

= Ricardo, eu só culpo o Fado;
— Si meu Irmão pereceo,
— O combate foi travado
— Cobrindo as trevas o Céo:
— Só o acaso dirigiu,
— Contra o forte peito seo
— Tua lança, que o feriu.

VII.

— Si não visto tela de ouro,
— Nem tu manto purpurino,
— Achamos gosto mais fino,
— Que a vista mais nos contenta
— No fulgor do verde, e louro,
— Que a floresta nos presenta.

VIII.

— Ao menos, Ricardo amado,
— Se he nossa sorte infeliz,
— E se tens abandonado
— A tua Patria saudosa,
— Alix seu Ricardo goza,
— E Ricardo a sua Alix.

PARTE II.

I.

» Quanto he doce, e deleitoso
» De hum bosque á sombra viver! »
Deste modo Alix cantava
Toda cheia de prazer,
Ao tempo, que retumbava
De Lord Ricardo o machado,
Que abeto, e carvalho annoso
De seus ramos despojado
Fazia ao longe gemer.

II.

Na caverna da montanha
Dos Espiritos o Rei
Com voz tão medonha, e estranha
Enfurecido clamou,
Que de hum som igual não sei,
O qual de hum trovão não seja
Nos porticos de huma Igreja,
A quem o tempo prostrou.

III.

» Quem he o Mortal, que ousado
» Com sacrilego machado
» Derruba os robles, e abetos,
» Cujos troncos com seus ramos
» Cobrem de eterno verdor
» O sitio, em que celebramos
» Nossos mysterios secretos
» Da Lua ao claro fulgor?

IV.

„ Quem vem o Gamo hi caçar,
„ Que ama a Rainha das Fadas?
„ Quem o arrôjo concebeu
„ De vestir, e profanar
„ Verdes roupas reservadas
„ Das Fadas ao Reino, e meu?

V.

„ Parte, Urgan, busca apressado
„ Esse insolente Mortal,
„ Pois foste outr'ora banhado
„ Com a agua baptismal;
„ Não te deixam assombrado
„ Vozes de mysterio cheias,
„ Não foges, e não receias
„ Vendo da Cruz o signal.

VI.

„ Lança sobre o temerario,
„ Lança, Urgan, a maldição,
„ Que lhe anceia o coração;
„ Faz que delirante, e vário
„ Não possa o somno provar
„ Quem a ouviu pronunciar,
„ E com funesto transporte
„ Chame afflicto pela morte
„ Sem a morte o escutar.

PARTE III.

I.

Quanto he doce, e deleitoso
De hum bosque á sombra viver
Sem que d'aves cesse o canto!
Alix seu lar accender
Quer, vinda a noite, e no em tanto
O seu Amante afanoso
Lhe conduz do bosque umbroso
Lenha para nelle arder.

II.

Anão feio, e temeroso,
Urgan subito apparece
A Ricardo, que estremece,
E faz da Cruz o signal:
E, temendo esta contenda,
Devoto se recommenda
Ao Anjo celestial.

III.

» Eu d'esse signal tremendo
» Não recebo algum temor,
(Exclama o fantasma horrendo
Affectando despavor).
» Não o temo (elle tornou)
» Nem me faz algum respeito
» Quando vejo que elle he feito
» Por mão, que o sangue manchou.

IV.

Alix de animo se veste,
Responde sem hesitar:
— Si o sangue mancha as mãos d'este
— He das feras, que matou.
» Mentes, mulher atrevida,
O espirito replicou,
» O sangue que está manchando
» A sua profana mão,
» He o sangue de Ethert Brando,
» He sangue de teu irmão.

V.

Para elle Alix caminha
Da Cruz o signal formando:
» Si acaso o sangue corando
» De Ricardo a dextra está,
» (Lhe diz) bem vês que na minha
» Mácula alguma não ha.

VI.

— Eu te mando, e te esconjuro,
— Phantasma do Inferno escuro,
— Em nome do Deos piedoso,
— Que os Demonios faz tremer,
— Digas, espectro odioso,
— De qual sais sitio horroroso,
— E o que vens aqui fazer.

CONCLUSÃO.

I.

» He doce, he doce habitar
» Os vastos Reynos das Fadas,
» E das aves encantadas
» Os concertos escutar:
» Ver jogos de toda a sorte
» Dos espiritos brilhantes,
» Que accompanham radiantes
» A cavallo o nosso Rey.

II.

» Bem que nada resplandece
» Qual das Fadas o paiz,
» Seu brilho he falso, infeliz
» Como o raio inanimado,
» Que por Dezembro gelado
» De seus formosos cabellos
» Deixa a frouxo o Sol cahir
» Sobre as neves, sobre os gelos
» Sem os chegar a fundir.

III.

» Nossa fórma caprichosa,
» Variavel, inconstante,
» Como a luz do Hyberno dia,
» Se transforma a cada instante,
» Como he nossa phantasia;
» Ora he Guerreiro brioso,
» Outr'ora he Dama formosa,
» Ou feio Anão espantoso.

IV.

» N'huma noite desastrosa,
» Em que das Fadas o Rey
» De poder sem termo goza,
» Em batalha criminosa
» O vencimento encontrei;
» No chão tincto em sangue estava,
» Vida, e morte em mim luctava,
» Quando sinto, ai infeliz!
» Que occulta mão me levava
» Dos encantos ao paiz.

V

» Mas si mulher animosa,
» E tão resoluta achasse,
» Que em minha fronte traçasse
» Huma cruz por vezes tres,
» Por sua merce piedosa
» Eu recobrar poderia
» Minha fórma de algum dia,
» Ser como vós outra vez.

VI

A Alix não falta valor,
Na fronte a Cruz lhe traçou,
Com outra lhe segundou,
Do Anão a fronte ennegrece,
E sobre a caverna desce,
Maior tréva, e mais horror.

VII.

Vez terceira Alix então
O signal mysterioso
Traça, e são, e jubiloso
Ante seus olhos surgiu
Ethert Brando seu Irmão,
Cavalleiro o mais formoso,
Que nascer a Escocia viu.

VIII.

He doce, he doce habitar
Nas verdes florestas, quando
Tordo, e melro estão juntando
Seu dulcisono trinar!
Mas he mais doce escutar
Da anciã Dumfemlina os sinos
Com repiques argentinos
Hymeneo annunciar!

EMILIA, E LEONIDO.

CANTO II.

A FADA.

La più disperata,
Aspra, cruda, selvaggia, empia Fanciulla,
Che mai credo sará, né mai sia stata.
Berni. Orl. inn. Lib. I. Cant. XVI.

Por vezes doze do Castello o sino
Com resonante voz feríra os ares,
Annunciando que da noite o carro
Metade do seu giro perfizera.
O Gallo velador erguêra o canto,
Que, dos outros ouvido, se repete,
Como o grito de alarma, ao longe em quantas
Perto se elevam Povoações, e Aldeias!
Cubriam nuvens o fulgor da Lua,
Ouviam-se do Tejo as crespas ondas
Bater, quebrar-se, e sussurrar na areia;
Como alampada em tumulos suspensa,
Um palido clarão reflecte ao longe
O Pharol levantado entre as ameias;
Ao som do vento, que nas folhas ruge,
De espaço a espaço as sentinellas juntam
A prolongada voz gritando álerta;

O silencio da noite ás vezes rompem
Latidos de Libréos, a quem no somno
Do Cervo a fuga se figura; os pios
Dos Mochos, que, nas sombras revoando,
Buscam a preza! sobraçando a espada,
Onde o Parque regava amena fonte
Vaga ha muito Leonido! ancioso espera
A Virgem do Castello. Amor, ciume,
Odio, furor, receio em viva guerra
Seu coração fogoso dilaceram.
De Ernesto as expressões, como hum phantasma
Perseguidor, a toda a parte o seguem.
Insolita visão lhe dobra a angustia,
E de futuro mal presagio a julga.
» Emilia prometteu!... Emilia o doce
» Idolo meu! minha esperança toda,
Elle exclamava com truncadas vozes,
» Emilia unida ao detestado Henriqne!...
» Unida a Henrique!... morrerei primeiro!...
» Morrer!.. sem me vingar!.. não tenho espada?..
» Armas não tenho?.. he Cavalleiro, ganhe
» A Belleza, que adora, em campo aberto!...
» Mal que rompa a manhã o desafio!...
» Oh! que infernal prazer terá meu peito
» Quando esta espada até á cruz lhe enterre,
» No indigno coração, e delle a tire
» Tincta no sangue do perjuro, veja
» Seu rosto empallescer, fechar seus olhos,
» Cahir, e aos pés heide calca-lo!... embora
» Fugir me cumpra deste sitio!... ao menos,
» Se eu perco Emilia, o meu rival não goze
» Da formosura sua!... mas perde-la
» Porque?... não me ama? negará seguir-me?
» Seguir-me!... e aonde?... que offertar-lhe posso

» Mais do que hum coração fiel, e amante?
» Mas que influem no amor os bens da sorte?
» Huma cabana em descampado monte
» Para dois Entes, que fieis se adoram,
» He Paraiso, em que ditosos vivam
» Tranquillos dias de prazer dourados!
Disse; e nas suas reflexões perdido,
Baixa a cabeça, caminhando á toa,
Chega aonde o Salgueiro erguendo aos ares
Dois grossos galhos, de que em roda pendem
Os longos ramos, finge á luz da Lua
Pio Heremita de burel vestido,
Que em fervente oração aos Ceos levanta
Supplicadoras mãos a bem do Mundo!
A' vista delle estremecendo clama.
» Sombra, ou visão, ou lemure, ou phantasma,
» Que te sumiste rapido a meus olhos,
» Que annunciava o teu carpir choroso?
» Quem eras?... vezes tres te ouvi » desgraça!...
» Proferir soluçando, e da minha alma
» Retumbavam no fundo os teus gemidos!...
» Desgraça!... a quem? certo fallou comigo!...
» Comigo!... e que desgraça ha, que me assuste,
» Perder não sendo o coração de Emilia?...
» Sangue disse tambem!... talvez meu sangue
» Deve correr aqui?... embora corra,
» Com tanto que com elle confundido
» Tambem de Henrique o sangue a terra banhe.
Junto ao pé do Salgueiro havia hum banco
De bem polido marmore, onde a miudo
Alberto com seus filhos costumava
Da meridiana calma reparar-se;
Muitas vezes alli gostou com elles
O prazer simples de hum jantar campestre;

Ou presidiu de seu natal no dia
As dansas aldeães, qne em seu obsequio
Desses contornos moços, e donzellas
Sobre a morbida relva entreteciam.
Alli tambem mil vezes viu Leonido
Sentada ao lado seu a linda Emilia,
Alli dos labios seus ouviu protestos
De eterno amor, e de constancia eterna.
Pondo a face na mão, e a mão no tronco,
Envolto no seu manto se reclina
No marmore o guerreiro, e em seu silencio
Parece estatua de hum heroe, lavrada
Na campa do seu tumulo! passado
Hum largo espaço alvoraçado se ergue.
» Senti rumor!... será Emilia?... aquella
» Ave foi, que, em seu vôo atravessando
» O Parque, me illudiu!... quanto hoje tarda!...
» Que enfadonha esta noite!... a desventura
» Parece ter cortado ao tempo as azas »!
Para o Castello então dirige a vista,
Que em plena perspectiva lhe ficava;
Contempla as velhas, solidas muralhas,
Que a Lua, já liberta, illuminava
Com palido clarão, as altas Torres,
Que dellas pictorescas se destacam,
E, visinhas das nuvens, pareciam
As nuvens insultar, as ponteagudas
Ameias, os bastiões, que forra o musgo,
As Goticas Ogivas bem lavradas,
Onde portentos do cinzel se admiram,
E a paciencia do artista, mór portento.
» Huma luz no Castello já não vejo,
» Tudo em silencio jaz, e Emilia tarda!...
» Faltará?... do hymeneo proposto acaso

» O esplendor a deslumbra, o fausto a cega?
» Supremos Ceos! que inferno em tal idéa!...
» Tanta fé, tanto amor, tantos protestos...
» Impossivel!... perfidia entrar não póde
» No coração de Emilia!... nos seus labios
» Pura a verdade resplandece!... oh bella,
» Perdoa á minha dôr, e aos meus ciumes!
» Sei quanto vales, de perder-te tremo,
» E perder-te he morrer!... oh! porque aos olhos
» Dado não he com penetrante acume
» Essas massas transpôr de unidas pedras,
» E ir deparar Emilia!... mas não tenho
» Esculpida na mente a imagem sua?
» Contemplarei na mente os seus encantos,
» Seu riso feiticeiro, e brandas mostras.
Nisto por entre as arvores começa
A branquejar hum vulto mal-distincto
Como idéa sublime, que vacila
Na phantasia de inspirado Vate,
Como a Lua, que assoma no Horisonte,
De vaporosas nuvens circumdada,
Como divina apparição, que desce
A consolar amante saudosa.
» He ella! [o Cavalleiro alegre exclama]
Ligeira como o Zephiro, que vôa
Sobre hum canteiro de odorosas flores,
Sem que a orla das pétalas lhe curve,
A Virgem chega, e de seu colo pende.
» Muito tardei, [diz ella] mas cumpria
» Que o somno alheio assegurar podesse
» Este arriscado passo! » o terno amante
Ajoelhado a seus pés a mão lhe beija,
» Tardaste, e cada instante, que tardavas,
» Para mim hera hum seculo de penas,

» Teu irmão prometteu a dextra tua! . . . »
» — Prometteu, mas eu não! li nos teus olhos
» Teu susto, e teu furor! que! tu receias
» Que em mim fallesça amor, constancia falte!
» Não! primeiro verás a luz perderem
» Os rutilantes astros, que matisam
» Dos Ceos a abobada espaçosa! foram
» Meus primeiros suspiros de Leonido,
» Delle serão meus ultimos suspiros! »
» — Celestes expressões! oh! não prosigas,
» Que o coração de jubilo trasborda,
» E do prazer o excesso me dá morte!
» Mas a ternura te allucina, oh bella,
» Teu Irmão, e teu Pai » — » Que podem elles?
» N'hum Mosteiro encerrar-me? . . embora encerrem.
» Debaixo do cilicio, em véos envolta,
» Ante os olhos de hum Deos, que a amar ensina,
» Victima resignada irei nas sombras
» Gemer saudosa, e perecer de amores! . . .
» Meu sangue derramar? sem resistencia
» Presentarei o peito ao ferro; o sangue
» He de meu Pai, a liberdade he minha.
» Odio, e amor preceitos não conhecem,
» Plantas agrestes, espontaneas brotam,
» Vingam, e morrem, e cultivo engeitam. »
» — Tu fallas em morrer! [diz vacilando
O Cavalleiro, que se encosta a espada]
» Tu fallas em morrer quando protestas
» Eternamente amar! . . . que mais duvido?
» Phantasma horrivel, de desgraças nuncio,
» Este agouro confirma os teus agouros,
» Minha gloria findou! » — » meu bem! Leonido! . . .
» Que dizes? que phantasma? que desgraça?
» Que males te agourou? em que confirmam

» Minhas palavras as palavras delle?
» Que funesta illusão? que sonho? » — » Oh sonho
» Não foi, nem illusão! vi claramente, . . .
» Com estes olhos vi . . ., nos meus ouvidos
» Inda soando estam qual mar na rocha
» As palavras fataes, desgraça, e sangue! » —
—» Desgraça, e sangue! eu não percebo! »—Escuta,
» E talvez tomes parte em meu assombro.
» Meia noite soára! encaminhei-me
» Para este sitio em azas da esperança.
» O clarão melancholico da Lua,
» O rugido das vagas rebatidas
» Nos rochedos da praia, o som dos ramos,
» Que zimbravam dos Zephyros ao sopro,
» De hum Rouxinol o canto saudoso
» Naquella Çarça, a solidão da noite,
» Meu agitado espirito acalmando,
» Em doce devaneio me abstrahiram.
» Subito daquelle extasis me arrancam
» Truncados sons, e flebiles! . . . escuto, . . .
» Da novidade atonito, e caminho
» Na direcção da voz, que de mais perto
» Se mostra feminil, sentido pranto.
» Disseras que era mãi, que sobre a campa
» Da extincta filha lagrimas vertia.
» Chego ao Salgueiro em fim; junto ao pé delle
» Sentada observo huma mulher, que envolta
» Em luctuosas vestes, seus cabellos
» Tão negros como o Ebano, repella,
» Com frenesi raivoso o peito fere,
» Clama em voz, que os suspiros entalavam,
» Os soluços, e os ais, desgraça, e sangue!
» Vou a fallar-lhe, e subito ella se ergue,
» Seu talho he mais que humano, em seu semblante

» A desesperação, e a dor negrejam,
» Com espantados olhos me contempla,
» E com gesto feroz traçando o manto,
» Desgraça, e sangue, vezes tres repete,
» Com voz, que remedava os sons da campa,
» E de meus olhos subito se esconde,
» Não sei por onde, ou como! hum gelo, hum susto
» Desconhecido me coou nas veias,
» Os cabellos na fronte se irrisaram,
» Quiz fallar, e não pude; quiz mover-me,
» E os pés o ministerio da vontade
» Recusaram servir, qual se me houvesse
» Maligno Mago em marmore tornado.
» Mas que! de ouvir-me te estremeces? choras? »
» Tremo [ella diz chorando] dos desastres,
» Que, não a ti, á minha casa impendem!...
» Viste a Volkina da familia nossa,
» A sua apparição, os seus lamentos
» De desventura proxima dam novas.
» Com que dôr, com que magoa inda o recordo!
» Minha Mãi, que nos Ceos Estrellas piza,
» Como o affiançam mil virtudes suas,
» Sobre leito de dôr jazia ha muito;
» Naquelle Torreão, que daqui vemos
» Eu vigiava junto della; a dextra
» Lhe banhava com lagrimas sinceras,
» Ella com voz cançada agradecia
» Meu filial amor..., deu meia noite,
» No sino do Castello, e no silencio
» Das trevas os seus echos se alongavam
» Nas extensas abobadas! eis ouço
» Hum pranto sentidissimo de Dona,
» Que ululando, e gemendo se lamenta!
» Minha Mãi descorou, sobre o seu peito,

» Banhada em pranto me apertou! » — Oh filha,
» Adeos [ella exclamou] chegou meu termo,
» Nossa Volkina me prantea a morte,
» Soará ámanhã aquelle sino
» Ametade da noite annunciando,
» Mas eu não o ouvirei! orphãa saudosa,
» Terás com pia mão na campa minha
» Derramado boninas rociadas
» De lagrimas amargas! junto ás aras
» Subirão, como Incenso, as preces tuas,
» Ao Creador dos Orbes, implorando
» De minha alma o descanso! oh! tão amargo
» Me não fôra este transe, se eu podesse
» Como a ti, abraçar o Esposo ausente,
» E o meu Ernesto! . . abraça-os em meu nome,
» Ama-os como eu, a sua dor consola! . .
» E . . . — Nisto a voz lhe falta, e cae-me em braços!
» Espavorida pelas servas grito,
» Promptas accodem, e lidamos todas
» Para á vida chama-la! inuteis lidas! . . .
» Já seu liberto Espirito voara
» A nos Ceos receber do Justo a palma! »
Eis subito a Volkina aos olhos de ambos
Rapida qual relampago passando,
Clama em chorosa voz » desgraça, e sangue! »
Fictando os olhos no phantasmo negro,
» Omnipotente Deos! (clamava Emilia)
» Desvia de meu Pai, do Irmão desvia
» O effeito deste agouro! — e desmaiando,
Sem voz, sem movimento cae por terra.
Tal hum formoso choupo, honra dos campos,
Rue, e nas margens de Regato ameno,
De que era adorno, abandonado fica.
Sobresaltado o Amante a toma em braços,

Para o banco a conduz junto ao Salgueiro,
A' fonte corre, e d'agua emchendo o casco,
Por que em si torne, lhe borrifa o rosto.
Neste momento atravessava os ares
A cruel Fallerina em negra nuvem.
Fada não ha tão perfida como ella,
O mal da Humanidade he seu recreio,
Por onde passa as arvores estallam,
Murcha-se a relva, as flores se desfolham,
Callam-se as Aves, e assustadas fogem,
Com latidos os Cães, e uivando os Lobos,
Indicam seu terror! emcobre a Lua
Em densas nuvens o radiante rosto,
As outras Fadas a detestam todas,
E lugar lhe não dam nos seus festejos.
De seu genio malefico em castigo
O Grão Demogorgon lhe lhe impoz a pena
De sempre amar quem a deteste, e odee.
Tal desgraça os furores lhe emvipera,
E a leva a perseguir fieis amantes.
N'huma gruta do Cáucaso encerrada
Em quanto os raios seus o Sol diffunde,
Meditando maldades, jaz, e apenas
Os tenebrosos véos desdobra a noite,
Qual astro de flammigeros cabellos,
Que os espaços do Ceo precorre ardente
Para espalhar terror, devorar mundos,
Ella surge, em seu giro a terra corre,
E mil estragos sua marcha indicam.
Com olhos de Falcão, que a preza afferra,
Ella descobre do Salgueiro á sombra
Emilia, que, os sentidos recobrando,
No peito de Leonido encosta a frente.
» Vista atormentadora! [a Fada exclama]

» Dois amantes felizes suspirando
» Hum de outro em braços ! . . como em olhos de ambos
» Brilha a ternura ! hum Throno lhe offereçam,
» E nenhum quererá trocar por elle
» Hum só desses momentos de ventura,
» Que desfructam a furto entre perigos !
» Oh ! se eu ventura igual lograr podesse !
» Nunca a logrei ! . . . fui bella, fui Rainha,
» Amei, . . . com que furor ! o ingrato amante
» Me desdenhou ! n'hum impeto de zelos
» Com minhas proprias mãos, rasguei seu peito,
» Mas que amarga a vingança ! lacerada
» De saudade, de amor, e de remorsos,
» Tedio á vida tomei, ao sceptro, ao mundo,
» Sobre o sepulchro do adorado ingrato
» Co' ferro, que o matára, me dei morte ! . . .
» Pensei que a morte a minha dôr findasse ! . . .
» Ao mundo dos encantos transportada,
» Nova Fada, inda amei, e amei debalde;
» Jurei vingar-me dos mortaes, e em damno
» Delles o meu poder empenhei todo.
» De crueldade tanta horrorisadas
» Baniram-me de si as socias minhas;
» Demogorgon citou-me ante o seu throno,
» Compareci ! . . . de susto não ousava
» Olhos fictar em seu feroz semblante !
» — Foste vivendo por amor tyranna,
» Por amor hes tyranna em nova essencia,
» Não me he dado volver-te ao ser antigo,
» Mas vingando a affligida humanidade,
» Pena te dou, que a barbarez te iguale,
» Nunca amarás sem que desprezo encontres ! » —
» Barbara punição ! cruel sentença !
» Mil, e mil vezes a soffri ! mil vezes

» Minha immortalidade hei praguejado!
» Sou infeliz no amor! ai dos amantes,
» Que outra não proteger, velar continuo...,
» Estes o sentirão! » — Assim dizendo,
Como hum contagio, que feroz se eleva
Do seio dos sepulchros, e se arroja
Para despovoar florente Imperio,
Tal a Fada malefica endireita
Para o Castello seu medonho vôo.
Chega, e da vara sua a hum leve toque
As bem trancadas portas se escancaram,
Movendo-se por si nos bronzeos quicios,
Dam-lhe passagem, e outra vez se fecham.
Pelos longos, desertos corredores,
Que apenas frouxa alampada alumia,
Solitaria caminha, á semelhança
De hum espirito em pena, que detido
Por justa lei no umbral da Eternidade
Pela alta noite gemebundo gira
Em cemiterio, que circumdam Teixos,
Ou de hum Templo nas Gothicas arcadas
De Ernesto á Estancia, meditando estragos,
Chegou alfim! hum candelabro de ouro,
Suspenso ao tecto o illuminava inteiro;
Encostadas ás Gothicas columnas
Luziam lanças de aguçado ferro,
Bandeiras aos contrarios arrancadas.
Tropheos do seu valor dos muros pendem
Grandes escudos com empresas varias,
Dobradas malhas, lucidos arnezes;
Sobre meza de marmore descança
Do Heroe o capacete, que enfeitavam
Equinas sedas, e hum cocar de plumas
Alvas qual neve, que amontoa o Inverno

Nos arduos alcantís da Herminia Serra.
No fundo do salão em leito eburneo
Em tranquillo repouso Ernesto dorme.
Se contemplaras o cabello de ouro,
Que em retortos anneis lhe cinge a testa,
O formoso semblante, a tez mimosa,
Disseras que era Adonis, que dormia
Cytherea aguardando! se observáras
A procéra estatura, os fortes membros,
Julgáras que era Alcides, que vencido
O forte Antheo na perigosa lucta,
Nos braços da Victoria adormecêra.
Fallerina, depondo a propria fórma,
Em talhe, em gesto, em voz Busendo imita,
O gracioso Anão do Heroe valido.
Hum braço, que do leito lhe pendia,
Levemente tocou; desperta, Ernesto,
Meio acordado, e meio erguido clama,
» Quem he o audaz, que me interrompe o somno? »
— Sou eu! » Tu, louco!.. como assim? não temes? »
— » Pequeno sou, raro os pequenos temem,
— » Em temores viver sorte he de grandes —
» Cançado estás! » — Porque corri bastante —
» E porque? » — novidades — » Como? » — Aziagas —
» Por ventura contrarios nos comettem?...
» Mas do Castello o sino não resoa,
» Não ouço as sentinellas dar o alarma,
» Tudo dormindo jaz! » — Mui bom seria!
— » Mas ha hi quem não durma, e com teu damno —
» Com damno meu! enloquecer-me intentas? »
— » Talvez que isso aconteça! — » indigno! zombas!
— » Falla, traidor, ou mato-te! » — Bom meio
— » Para nada saber, não fallam mortos!
— » Mas por não te enfadar, fallarei claro.

—» O luar como dia, a calma ardente
—» Veleidade em minha alma despertaram
—» De hum pouco passear no Parque ao fresco:
—» Desci, vaguei por elle, eis ouço ao longe
—» Voz humana soar junto ao Salgueiro,
—» A taes horas, e ali, julguei-o estranho,
—» De conhecer quem he cresce a cobiça,
—» Pela arcada dos Myrtos pouco, a pouco
—» Chegando vou, vejo, . . . o que vi não creras,
—» Leonido, e Emilia muito á mão fallando! —

No coração de Ernesto estas palavras
Hum Vesuvio de cholera accenderam.
Com inflammado rosto, e voz truncada,
» Maldita a lingoa tua! [o Joven brama]
» Maldito sejas, monstro contrafeito,
» Que embriagado, ou louco, assim macúlas,
» Com vil calúmnia o credito de Emilia! . . .
» Foge dos olhos meus! . . . mas não! não deve
» Ficar impune esta horrida calumnia!
» Para apaga-la inda o teu sangue he pouco.

Do leito abaixo rapido se arroja.
Huma aljuba de pelles prompto enverga,
A espada, que lhe pende á cabeceira,
Nua scintilla já, já parte o golpe.

Fallerina, que vê falhar-lhe a astucia,
Não dissimula mais; na propria fórma
Aos olhos do mancebo se apresenta.
O seu negro turbante, e negras plumas
Qual fumo espesso, que hum volcão despede,
Tremulam pelo ar! dos largos hombros
O rico, escuro manto desce em ondas,
E o pavimento cobre; ardem seus olhos
Quaes os do Tygre, que no horror da noite
Por desertos de Zara a preza busca,

Relampeja a maldade em seu semblante,
Aterra o seu sorriso! como as vagas
Que ao longe nos rochedos se espedaçam,
Retumba a sua voz!... co' a espada erguida,
E hum passo atraz, immovel como estatua,
A horrenda apparição contempla Ernesto.
» Temerario! [ella diz] que intentas? julgas
» Que hum Ente eu sou, qual tu, sujeito á morte?
» Sou immortal, sou Fada, e desde a origem,
» Tua familia protegi benigna.
» Corre, voa, no Parque os réos encontras,
» Vinga a honra offendida! » assim dizendo
Subito aos olhos seus desapparece!
Como homem, que somnambulo subíra
Escarpado rochedo, que se encurva
Sobre as ondas de hum rio caudaloso,
E no pico da rocha o despertaram
Do Sol, que vai nascendo, os raios vivos,
Atonito estremece, e crê fundir-se
Nesse abysmo espumoso! de igual modo
O Suevo derrama em roda a vista,
E nada vê! machinalmente a dextra
Ergue, firma-a na testa, qual se intente
Huma idéa fixar que alli vacilla.
» Onde estou eu? que vi? que ouvi? foi sonho?...
» Sim! sonho foi! mas que impressão tão viva!...
» Emilia tão modesta, ingenua, e pura,
» Poderia descer a excesso tanto?...
» Leonido erguer tão alto o pensamento!...
» Trahir as leis sagradas da hospedagem!...
» Não! elle he bem nascido, ella virtuosa!...
» He impossivel!... quem transpõe de hum salto
» Hum precipicio tal?... e onde ha quem possa
» Arder de amores longo tempo, e nunca

» Dar de sua paixão hum leve indieio?...
» Pensar em tal he offender Emilia!...
» Porém tão louca, extravagante idéa
» Como poude no espirito caber-me?...
» Ah! claro o vejo! recolhi-me ao leito
» De furor, e de pejo atormentado,
» Do Pai o enojo, imprecações de Egilda,
» Rogativas da Irmã!... a phantasia
» Neste sonho cruel confundiu tudo!...
» Basta! a turbida mente asserenemos.

Disse, e em brando sophá, que perto estava,
Reclina o corpo, sobre as mãos descança
Sua cabeça, e tacita parece
Profundamente meditar! mil vezes,
Quando as magoas o peito me pungiam,
Eu tive a reflexão pelo mais duro,
O mais funesto dom, que fez ao homem
O Creador Supremo! Escravo o Bruto
Da impressão momentanea, a dôr passada,
Não a recorda mais, exulta, e folga:
Porém a reflexão na mente do homem
Faz reviver preteritas desditas,
Ao seio do futuro se abalança,
E vai buscar as consequencias suas,
Aos olhos lhas presenta, a dôr lhe aggrava.

» Não posso, [diz erguendo-se] não posso
» Lançar da mente esta importuna idéa,
» Quanto mais a repulso mais me opprime!...
» Vão he raciocinar! anda-me em torno
» A horrorosa visão! ouço-lhe as vozes!...
» Da innocencia de Emilia estou seguro!...
» Sinto com tudo, que acalmar-me o peito
» Só póde o testemunho dos meus olhos!...
» Vôo ao seu quarto,... e se estiver desperta?

» Que lhe direi, se me pergunta a causa
» Desta insolita acção? ... se lha contasse, ...
» Ah! tal suspeita, inda sonhada, fôra
» Veneno atroz a huma alma tão sensivel! ...
» Não! eu nunca farei correr seu pranto,
» Não chegarei aos seus mimosos labios
» A taça da amargura! ... corro ao Parque,
» Desenganado ficarei! » aos hombros
Lança o manto, que traça, na cabeça
Carrega o Elmo, toma a espada, e parte.
A Fada, que invisivel o escutava,
E sugestões funestas lhe influia,
» Vai, [bradou, e dos labios lhe escapava
Hum sorriso infernal como o de Sátan
Quando a primeira Mãi no Eden ditoso
Via colher o prohibido pomo]
» Vai, lá ficas, ou voltas desgraçado,
» Tincto em sangue da Irmã, do amigo em sangue.
Menino incauto n'hum rosal frondoso
Vaga colhendo as redolentes flores,
Nem pensa que malefica serpente,
A morde-lo já prompta, alli se esconde:
Sem que á idéa lhe acuda a tempestade,
Que já sobre as cabeças lhe rebrama,
Assim os dois amantes embebidos
Em extasi suave caminhavam.
O braço de Leonido Emilia cinge,
Cinge o braço de Emilia o caro amante:
Innocencia, e Valor os presumiras,
Que hum em outro apoiados, se dispunham
A atravessar os campos da existencia.
» A'manhã [elle diz] nesta hora mesma,
» Longe destes lugares estaremos,
» Minha serás, e para sempre minha,

» Ninguem de separar-nos terá força,
» Salvo a foice da morte » — » Está comvosco
» A morte já, sua tremenda foice
» Subito, e para sempre vos separa,
» Desleal Cavalleiro, Irmã perjura! » —
Septi-fulmina voz lhe brada, e logo
Como infernal espirito, que rompe
Das entranhas da terra envolto em chammas,
Ernesto aos olhos de ambos se apresenta:
O seu branco cocar, a espada nua
Do luar ao reflexo lampejavam,
Como lampeja pelas sombras do Orco
De Megera nas mãos Estygio facho.
» Presumieis cobrir, ficando impunes,
» O meu nobre solar de lucto, e pejo?
» Genios ha da virtude protectores,
» Para punir traições Ernesto existe. »
Disse, e veloz qual raio se arremessa
A Leonido, que o ferro oppõe ao ferro,
E em furioso combate os dois se travam.
Emilia espavorida hum grito solta
Lugubre, qual o exhalla hum moribundo
No horrido instante da agonia extrema.
Foge-lhe a luz, fraqueam-lhe os joelhos,
E cae desamparada dos sentidos
Sobre a relva do prado! assim curvando
Da chuva ao pezo, que lhe enchêra o calis,
Candido Lyrio pelo chão se inclina.
Sem que possa acodir-lhe a vê Leonido,
Cresce-lhe a furia, com o imigo aperta,
Não cura de viver, matar só busca,
Taes dois validos Touros nas Lisirias
Do caudaloso Tejo, tendo á vista
A formosa Juvenca, que os accende

De raiva, e de ciume, alevantando
A arêa em turbilhões, se encontram, ferem,
E com feroz mugido atroam tudo.
Dos Elmos, das espadas rompem, saltam
Chispas de vivo fogo, e o Parque inteiro
Dos golpes ao fragor retumba em torno.
Do Torrião mais proximo a Atalaia,
Ouvindo o som dos gladios, dá o alarma,
Com o solito clamor respondem todas,
Toca a rebate do Castello o sino,
Que nas longas abobadas reboa,
Como a trombeta do Anjo, que das campas
Chamar deve os mortaes no extremo dia.
Dos Cavalleiros todos foge o somno,
Erguem-se, tomam armas, e se ajuntam
No largo pateo como por encanto.
Parece em fogo arder todo o Castello
C'os fachos das janellas suspendidos,
Das Torres, das Ameias!... o motivo
Do subito alvoroço inquirem todos,
Ninguem dize-lo sabe! todos buscam
O forte Ernesto, Ernesto não se encontra,
De annos sessenta sacudindo o pezo,
O bravo Alberto entre os guerreiros gira,
O grave da armadura não o opprime,
Florea a mão robusta a longa espada,
Como hum flexivel junco! tudo ordena,
Tudo dispõe, sem pertubar-se, e manda
Em toda a direcção sahir piquetes,
E ao Parque, onde troava o som das armas,
De hum esquadrão na frente se encaminha.
Cevados no combate os dois guerreiros,
De nada accordo dam! não vêm nas Torres
Os fachos scintillar, aos seus ouvidos

Do sino o som continuo não chegava
Nem clangor das trombetas! . . . ambos fortes,
Ambos sam dextros, corre o sangue de ambos,
Mas Ernesto mais forte, e mais robusto
Leva a peior, que sem arnez combate,
E no instante, em que o Pai, e os seus chegavam,
Por hum golpe mortal varado o peito,
Tincto em seu sangue, exanime cahíra!
Que espectaculo atroz de hum Pai aos olhos,
Quando ao clarão dos fachos reconhece
Ernesto, o filho seu n'hum mar de sangue,
Immovel, sem alento! em pé Leonido
Co' ferro ensanguentado, e perto Emilia
Em lethargo mortifero submersa!
Esta scena espantosa lhe diz tudo,
Da tragedia fatal conhece a causa!
Mas o seu coração he vaso estreito
Para tamanha dôr, e a não suste-lo
Prompto hum guerreiro subito cahíra.
Quer fallar, e não pôde; vagabundos
Como em delirio os olhos seus passavam
Do semblante do Filho ao de Leonido,
E de Leonido a Emilia! . . . em fim hum grito
De pranto universal, que os Ceos atroa,
O faz tornar em si, qual se acordasse
De hum pavoroso sonho! a si chamando
Todo o valor, para Leonido aponta,
» Prendam esse traidor! » [bradou] e logo
Os Cavalleiros com a espada em punho,
Que se rendesse subito lhe intimam.
Elle a espada vibrando lhe responde,
Parece que o perigo lhe accrescenta
As forças, e o denodo! os que primeiro
De mais perto a chegar-lhe se atreveram,

Envoltos no seu sangue a terra mordem.
Outros, e outros recrescem, mas recuam
A' tempestade de espantosos golpes,
Que elle em roda despede! assim no Oceano
Se ergue hum rochedo sobranceiro ás aguas,
Como hum Gigante, que surgindo dellas,
Tenta escallar o Ceo! bramando os mares
Com crespos escarceos de roda se alçam,
Em verdes rolos o acommettem; elle
Firme na base sua os despedaça,
E dos encontros seus zombar parece!

FIM DO CANTO II.

EMILIA, E LEONIDO.

CANTO III.

A FUGIDA.

Dux Faemina facti!
Virg. Æneid. Lib. I.

I dade media! oh epocha saudosa
Das paixões grandes, dos sublimes feitos,
Muito embora o Philosopho te acoime
De barbara, e de indouta! eu me comprazo
De transportar-me ao seio teu, vêr nelle
Do Norte os filhos, conquistando Europa,
Rebentões vigorosos, enxertar-se
No debil tronco do Romano Imperio,
Fazer circular nelle nova seve,
E mais robusta vida, produzindo
Centos de Estados novos, novas lingoas,
Novos costumes, sentimentos novos!
Conscios então da propria força, os homens
Seu direito, e razão nas armas punham,
Amar, vencer, ou perecer com gloria
Eis toda a occupação da vida sua,
O alvo dos seus desejos! exaltadas
Com a idéa do grande as almas suas

Bello, o que era difficil presumiam,
E magnifico o immenso! sobre o pico
De alcantilados montes entre as nuvens
Seus Castellos soberbos penduravam;
Toda huma serra inteira consumiam
Na fabrica de hum Templo, o peso enorme
Das arcadas longuissimas sustendo
Em feixes de columnas! os zimborios,
Agulhas, campanarios se perdiam
Nos ares, parecendo os sons dos sinos
Trovões que em tempestade ao longe soam!
Superstição, e Orgulho os persuadiam
Que nelles Ceo, e Inferno os olhos tinham,
Anjos suas venturas preparavam,
Demonios seus desastres, e era tudo
Em seu pensar milagre, ou sortilegio
Como insolito fosse! em seus ardentes
Corações divindade, e formosura
Cultos iguaes obtinham, e tão promptos
Pelos seus dogmas no duelo entravam,
Como pela innocencia de huma Dama,
Que apenas tinham visto!... mal-avindos
Co' a paz, que nos seus lares os buscava,
Hiam peregrinando em longes terras,
Aventuras buscar, perigos, lidas.
Seus Trovadores celebrando sempre
Armas, amores, justas, e torneios,
Encantados Castellos descrevendo,
Gigantes, de aço armados, succumbindo
De guerreira donzella aos rijos golpes,
Princezas com denodo libertadas
De magicos enredos, entretinham,
Esse Cavalheiresco ardor brioso,
O vivo enthusiasmo, e ancia de gloria

Que produzem heroes, e assim deixaram
Grandes vestigios nos annaes do mundo.
Oh! quanto esses vestigios me enfeitiçam!
Com que saudade, e acatamento observo
Hum Gothico Edificio, que inda inteiro
Parece d'entre os seculos surgindo
Escarnecer com magestoso orgulho
Mesquinha perfeição das obras de hoje,
Que breve se erguem, breve em pó se tornam,
Como as visões de hum sonho, ou vãos prospectos
Das nuvens, que dissipa o rijo vento.
» Dessa fabrica as fabricas modernas
» Menos distam, que de homens que as formaram
» Distam homens hodiernos! [digo] a gloria
» Movel foi de huns, vil interesse o he de outros!
» Elles queriam remontar-se ás nuvens
» Em demanda da fama; estes da terra
» Baixar ao centro porque encontrem ouro.
» O ouro he o Deos universal do mundo.
» He delirio o saber, virtude he sonho,
» He sonho a honra! o merito indigente
» Morre nas trevas; carregado de ouro
» O crime sobe a tudo, obtem respeitos,
» Logra estima, e poder! tornou-se o mundo
» Vasto mercado onde melhor enfeira
» Quem tem mais cabedal! Amor que he livre,
» Fugiu, e a Conveniencia em lugar delle
» O manto de hymeneo tece, e nas pregas
» Vai envolvendo as rixas, os desgostos,
» Perjurios, e traições, e a morte ás vezes!
» Godo, ou Suevo para aberto campo
» Franco chamava o seu contrario! agora
» O odio, vestindo da amisade as roupas,
» Sua victima abraça em ledo rosto,

» E no abraço o punhal lhe embebe a furto.
» Maldita a polidez, que dá taes fructos!
» Maldita a polidez, que faz que o homem
» Calle o que sente; que hum gigante humilde
» Curve o joelho ante hum pygmeo, e o sabio
» Respeite hum nescio, que despreza n'alma.
Fuja dos homens quem viver não póde
Entre perfidias, e traições! eu delles
Fugindo ha muito, em solidão cultivo
O dom das musas, unica ventura,
Que a natureza me outhorgou! com ellas
Pelos passados seculos me entranho,
Os antigos heroes contemplo, admiro
Os feitos seus, e lhe consagro o canto!
Do sol nascente os luminosos raios,
Pelas janellas penetrando, aclaram
De Emilia a estancia inteira, onde em seu leito
A linda dama hia sahindo a custo
De mortal paroscismo! junto della
Huma mulher está, que compassiva
A nada poupa, porque a chame á vida.
Egilda he esta! abre a Sueva Virgem
Desacordada os olhos, e co' a vista
Quantos objectos a circumdam corre!
Dos successos da noite em sua idéa
Confusos traços, que desmente o sitio,
Em que se encontra, guarda, e sonho os julga!
Egilda reconhece, e diz-lhe » amiga,
» A que vieste?... mas talvez meus gritos
» Te fizeram voar em meu soccorro!...
» Sim, hum sonho espantoso me opprimia!...
» Espadas vi, que o peito meu buscavam,
» Vi golpes, sangue!.. mas que he isso?.. observo
» A tristeza pintada em teu semblante?

» Involuntarias lagrimas rebentam
» Dos olhos teus?... o que dizer-me queres
» Em tão estreito abraço?.. latejando
» Teu coração parece que forceja
» Para se unir ao meu!.. ah! por piedade
» Falla!.. o silencio teu me assusta, e mata!
—» Silencio meu! [em pranto soffocada,
» Responde Egilda] a minha voz não ousa
» Notificar-te desventura tanta!
» Receio—» o que receias?... ha tormento
» Maior, que esta incerteza?... Irmã! tal nome
» Hontem te dei, tu o acceitaste, prova
» Que eras sincera em me explicares franca
» O que tenho a temer. [replica a Virgem].
—» Bem tu o ordenas, cumprirei teu mando.
» Hontem no Parque teu Irmão, Leonido...
A nomes taes Emilia se recorda
Do passado successo; tremeu toda.
Como hum vime flexivel, que baloiça
Na orla de hum lago de Favonio ao sopro.
Palida ao peito se encostou de Egilda,
A mão lhe aperta, e suspirando diz-lhe,
» Sim no Parque a Leonido fallei hontem,
» Ernesto sobreveio ardendo em furia,...
» Pugnaram ambos, desmaiei, ... o resto
» Ignoro» Egilda volve—» o som das armas
» Deu no Castello subito rebate,
» Os guerreiros atonitos acodem,
» Armam-se, vam ao parque, Alberto co' elles...
» Chegaram tarde!... rebolcado em sangue
» Jazia Ernesto de Leonido aos golpes»—.
Muda a escutava do Castello a Virgem,
Depois ambas as mãos subito erguendo,
Curva o joelho, alienada exclama.

» Omnipotente Deos, que assim me punes,
» Merece o meu amor pena tão grande?
» Emilia tincta no fraterno sangue!...
» Pela espada do amante o irmão extincto!...
» Isto annunciava da Volkina o pranto!»
Volta-se então á amiga, e diz » prosegue,
» Exgotar quero a taça da amargura
» Sem que em seu fundo huma só gota fique!»
— De piedade, e de furia transportado
» Chama teu pai com descompostos gritos
» As servas todas, que tremendo acodem,
» Manda que semi-morta te conduzam
» Para este quarto, onde em prisão existes.
» Talvez porque, estrangeira, e resentida
» Da escravidão recente, me julgasse
» Vigia mais cruel das acções tuas,
» De te guardar me incumbe! oh quanto a idéa
» O illudiu! vista apenas, teu semblante,
» Tua suave voz, e affaveis modos
» Tão branda sympathia em mim moveram,
» Que por ti dera a vida?.. largas horas
» Com baldado desvelo despendemos
» Para acordar-te do horrido lethargo!..
» Rompeu a aurora, e seu fulgor ferindo
» Nos olhos teus, hum languido suspiro
» Me annunciou que á vida despertavas:
» Porque o aspecto das servas desoladas
» Te não dê sobresalto, e o damno augmente,
» Retirar as mandei, e junto ao leito
» Que te recobres esperei sósinha» —.
» Engenhosos cuidados da amisade,
» Quão preciosos sois, como sois doces
» Na hora da afflicção! [exclama Emilia
Com lamentosa voz] surgi da morte

» Para outra vez provar da morte a angustia!
» Que pejo! que amargura! oh com que rosto
» Ousarei ante os olhos presentar-me
» De hum offendido pai com cauza irado! . .
» Ah! talvez neste instante o ancião choroso
» O cadaver do filho afflito abraça,
» E a cada golpe, que em seu peito encontra,
» Me lança a maldição! . . mas porque cauza
» Dobrar não ouço do Castello o sino? . .
» Porque de espaço a espaço, como he uso,
» Destemperadas tubas não ressoam?
» Tu te illudes, amiga, Ernesto he vivo! . .
» Mas talvez vai morrer! . . ah corre, ah vôa!
» Da verdade te informa, e deixa entregue
» A' magoa sua a desditosa Emilia! »
— » Não! a sorte de Ernesto inda se ignora,
» Na geral confusão, [responde Egilda]
» Vivo, nem morto appareceo! hum lago
» De sangue jaz, onde cahido o viram,
» Debalde o Parque inteiro revolveram,
» Ninguem o deparou! sanguineo rasto
» Na area se não vê; que elle podesse,
» Perdido tanto sangue, ir dali longe
» Parece idéa vãa; por toda a parte
» Despediu Cavalleiros delle em busca
» Teu affligido Pai, e em sua estancia
» Com suas magoas se encerrou sósinho,
» Ninguem quer vêr, consolações não soffre! » —
» Inda hum golpe mortal me resta, amiga,
A Virgem diz, e o palido semblante
Labaredas de pejo lhe accenderam,
Meiga ao collo de Egilda os braços lança.
» Cara irmaã [ella diz com voz truncada]
» Tu que possues hum coração sensivel,

» Hum coração, que o meu entender sabe,
» Tu, que amaste como eu, como eu suspiras,
» De quem contava amaciar benigna
» Do desterro, e saudade a dôr penosa,
» Tem compaixão de huma infeliz amante! »
» Entendo [Egilda diz, e hum terno bejo
Na face lhe imprimiu] saber pertendes
» A sorte de Leonido?... irado Alberto
» Aos Cavalleiros seus mandou prende-lo,
» Como hum Leão se defendeu, mas cede
» Ao numero o valor; no mais abscuro
» Carcere do Castello, e mais remoto
» Foi sepultado! » — ao ouvir tal de Emilia
Ardem os olhos em sinistro fogo,
Ironico sorriso se deslisa
De seus tremulos labios, que descoram.
» Estou contente! [delirando exclama]
» Graças, oh Ceo! transcendes-me a esperança!..
» Tormentos já não tens, com que me opprimas!..
» Quantos laços á vida me prendiam
» De hum golpe se cortaram!.. dá-me, Egilda,
» Dá-me hum punhal! eu a teus pés o imploro!...
» Dá-me hum punhal!... quero rasgar meu peito,
» Deixar hum mundo, onde a soberba impera,
» Onde he delicto amor!... mas não preciso
» Para a vida acabar de estranho auxilio!
» Sobeja a minha dôr!.. » com fixos olhos
Por longo espaço permanece immovel,
Como Niobe em marmore tornada.
Com compassivos olhos a contempla
Egilda, a quem dóe n'alma a magôa sua,
Toma-lhe a mão, com brando abalo a chama,
» Emilia!.. amiga!.. » Ella estremece, inclina
Cabeça, e corpo, qual se attenta escute,

Poem nos labios o dedo, e em voz sumida,
» Silencio! [diz] dormindo estão!... se acordam,
» Tudo se perde!... do Castello o sino
» Duas horas soou!.. Leonido espera
» Junto ao Salgueiro!.. he opportuno o tempo
» Prompto o Baixel na praia nos aguarda,
» A elle eu corro, fuja-se este sitio,
» Que montão bens? riquezas de que importam?
» Amor he tudo a hum coração sensivel!
» Meu hymeneo se aprompta! oh como alegres
» Do templo nas abobadas retumbam
» Do orgão a voz, do Sacerdote os cantos!..
» Eis vem o espozo! eis sua mão me offerta!
» Eis minha dextra, he tua!..» e nisto aperta
De Egilda a mão, e despertando exclama
» Onde estou eu?.. que disse?» — » Quanto basta
» Para inteirar-me do projecto vosso,
» Porque o meu genio resoluto encontre
» Meios de nos salvar, salvar Leonido» —
» Salvar-nos, e salva-lo!.. Anjo celeste,
» Que para nosso bem desceste á terra,
N'hum extasi de jubilo ella brada,
» Mas como? quando?» — Ora não mais! [responde]
» As exhauridas forças recupera,
» He difficil a empresa, que medito,
» Mas valor, precisão acabam tudo!» —
Em quanto as duas namoradas damas
Mutuo consolo por se dar trabalham,
E os meios cuidam de pregar hum cravo
Na roda da fortuna, que em seu damno
Com precipete força desandava,
Jaz mais tranquillo de Leonido o peito?
Musa, não temas de descer comigo
A essa de dôr miserrima officina,

Que o homem, máu por indole, escavára
No terreo centro para atroz supplicio
Do homem, que odea, ou que opprimir dezeja;
Paço da angustia, da afflicção theatro,
Onde gemidos, e ais continuos formam
Symphonia medonha, que recrea
Da tyrannia os rispidos ouvidos,
Sitios onde o innocente separado
Da meiga esposa, dos filhinhos ternos,
De hum lado a fome, de outro lado o susto
Queixa-se á Terra, e aos Ceos, e os Ceos, e a Terra
Com medonho silencio lhe respondem!
Prisão em fim, hum nome tal diz tudo!...
De Europa os povos, que blasonam tanto
De humanidade, de razão, que insultam
De seus Avôs os barbaros costumes,
Se hum delles resurgindo lhe dissera
» Por que tanto fallaes dos nossos erros?
» Vêde as vossas prisões! e então dizei-me
» Se valeis mais que nós!...» que responderam?..
Pejo os faria emmudecer confusos!

Vês essa estrada, tortuosa, escura,
Humida, esconça, e fria? eis o caminho,
Que devemos seguir! ella conduze
De Leonido ao carcere! ei-lo aberto!...
Horrenda estancia!... alampada de ferro
Com debil luz de mortos aqui suppre
Do claro Phebo o resplendor brilhante,
Surdo rumor, que escutas, e assemelha
Voz de Tygre, ou Leão, que ao longe ruge,
Do Tejo as ondas sam, que, sobranceiras
A este inferno da vida, encrespa o vento;
Seu humor, que se filtra, estas paredes
Cobre de humido musgo! essas columnas,

A cada instante, rusticas, parecem
Ceder ao pezo desse informe tecto
De não lavradas pedras, sepultando
Nas ruinas a victima, que encerram.
Ali Leonido jaz tincto de sangue
Alheio, e seu!... com palido semblante
Onde alternos se estampam, e transfloram
Da sua alma os oppostos sentimentos,
Descahida a cabeça sobre o peito,
Encruzados os braços, vai marchando
A lento passo entre as visiveis trevas.
Assim quando cançado o veloz Tempo,
Fexando as azas, e depondo a foice,
No umbral da eternidade se adormeça,
Quando aos Ceos, d'onde veio, a luz se acolha,
E a sombra universal o espaço occupe,
De Planetas, de Soes, de Astros, de Mundos,
Da destruição o Genio hade em silencio
Sobre as ruinas passear tranquillo.
Para em fim! sentidissimo gemido,
Que o echo das abobadas prolonga,
Mostra que a dôr no peito suffocada
Desafogo procura em seus queixumes.
» Que espantoso silencio! [exclama] em trevas...
» Só, ... bem não disse, nesta horrenda estancia
» A desesperação está comigo!...
» Ella, serpente horrivel, me circumda
» Com redobradas roscas, e silvando
» Rasga-me o peito, e com famintos dentes
» Devora o coração! Emilia!... Emilia!...
» Quantos tormentos, e doçuras juntas
» Neste adorado nome!... Anjo piedoso
» Não haverá, que a este sepulchro desça
» Para novas me dar do seu destino?

» Cahir a vi de susto traspassada
» Sem movimento, ou voz na terra dura!
» Que negra furia, profuga do inferno,
» Ernesto trouxe ali?... sem elle, oh gloria!
» Esta proxima noite me daria
» A posse de meu bem! e agora, ai triste!
» Tintas as mãos de seu irmão no sangue,
» Que esperar posso?... o odio seu!... que digo?...
» Emilia aborrecer-me!... e que me importa
» Seu odio, ou seu amor?... nesta masmorra
» Conceber ouso idéas de ventura?...
» Que he a ventura do homem?... flor mimosa,
» Brilha um momento, e murcha!... neste instante
» Para eu morrer o cadafalso apromptam!...
» Que importa? sem Emilia o que era a vida?
» Dia sem Sol, e noite sem Estrellas,
» Hum deserto sem arvores, sem fontes,
» Onde expirar á mingoa me cumpria.
Senta-se em tosca pedra, e submergido
Em tristes reflexões immovel fica.
Assim o naufragante, que cançado
De combater co' as espumosas ondas,
A nado surge em praias, que defendem
Alcantiladas rochas, e emvidando
Da debil força os restos, ganhar poude
O seu cume, assentado n'hum rochedo
Sem alento, sem voz, com fixos olhos
Contempla o mar, onde nas vagas boiam
Do seu naufragio as miseras reliquias.
» Emilia em horas taes comigo achada,
(Prosegue o Cavalleiro) Emilia, a causa
» Da morte de hum irmão, fugir não póde
» Furias do irado Pai!... Donzella infausta!
» O causador eu fui da perda tua!

» Porque teus lindos olhos se empregaram
» N'um triste, que persegue a desventura?
» Porque a furtivo amor te abandonaste?
» Muito longe de mim tinha a fortuna
» Collocado teu prospero destino!
» Minha infausta paixão te roubou tudo,
» Que pesar! que remorso! oh consciencia!
» Se eu des-ouvir podesse as vozes tuas!
» Impossivel!... de Deos fiel Ministra
» Tu a sua vingança principias,
» Póde o crime folgar, não ser ditoso,
» Bronseo escudo não tem, em que desponte
» Os certeiros farpões, que lhe desparas,
» Innevitaveis como a morte, alcansam
» O coração do réo no throno, ou choça!
» Louco! agora assim pensas? deverias
» Desse modo pensar quando teus olhos
» De contínuo a seguiam, e seu peito
» Hiam ferir teus fervidos suspiros.
» Se prudencia, e razão em ti coubessem,
» Fôras, fugindo deste sitio, ao longe
» Ou esquece-la, ou perecer saudoso!
» Morrerias então, mas como honrado,
» Roido de pesar, mas sem remorsos.
» Hoje morres na infamia, e na hora extrema
» Hade a fatal lembrança amargurar-te
» De haver vertido de um amigo o sangue,
» De haver envolto na desgraça tua
» A virtude, a innocencia, e abreviado
» Com lucto, e pejo de um ancião os dias,
» Que te amou como pai!.. que idéa! eu tenho
» Hum pai tambem! quando souber meu fado!...
» Não quero mais pensar! os pensamentos
» De hum infeliz, de hum réo sam morte, e inferno!

Por longo espaço aniquillado fica
Co' peso da afflicção! . . . subito se ergue,
Corre como em delirio a extenção toda
De vasto subterraneo, a hum lado, e outro
Os braços estendendo, e grita, e clama,
» Estes muros me pesam sobre o peito! . . .
» Para longe empurra-los desejára! . . .
» Quizera vêr o Sol, e o Ceo! . . não posso! . . .
» Soffoco-me neste ar! oh se eu ao menos
» Podesse ouvir de humana voz os echos! . . .
» De humana voz! só pedras me rodeam,
» Insensíveis, e broncas! que gemidos
» Não tem nestas abobadas soado! . . .
» Quantas vezes a morte aqui não veio
» Sua presa empolgar! talvez caminho
» Sobre os ossos de victimas! » . . . eis se abrem
Com ruidoso estridor as ferreas portas, ...
Quem entra? Theodorico! . . O mais antigo
Escudeiro de Alberto. O seu semblante
Carrancudo, e feroz, que a idade enruga,
Sua comprida barba, que no peito
Ondeando lhe branqueja á luz escassa,
Que a alampada diffunde, lhe dá visos
De Eaco, ou Rhadamanto, que marchava
A interrogar no Averno a morta gente.
—» Cavalleiro, [elle diz] de Alberto a ordem
» A Corte marcial ámanhã junta,
» Nella serás presente ás horas onze. »
» Serei! (responde o preso) mas, amigo,
» Se habita a compaixão dentro em teu peito,
» Acalma, eu to supplico, as ancias minhas,
» Dize-me »—Nada—» Elle replica, e vai-se.
» Nada! (exclama Leonido) escravo infame!
» Escravo, que piedade não conheces!

» Nada te diga o Anjo dos consolos,
» Quando ao morrer o seu auxilio implores!
Quaes Galgos, que perdida ao Cervo a pista,
Baixas as caudas, para o dono volvem,
E encara-lo, de timidos, não ousam,
Ao Castello cançados vam chegando
Os Cavalleiros, que enviára Alberto
Em pesquiza de Ernesto! precorreram
Em toda a direcção debalde tudo.
Ninguem do héroe Suevo dá noticia,
Em Castellos não jaz, não jaz em choças,
Alberto, isto escutando, o sizo perde,
As venerandas barbas maltratando,
Causa de damno tal, maldiz a filha,
Jura, se em dias trez não volta Ernesto,
Que ella termine em hum mosteiro a vida,
Que Leonido no fogo a vida acabe.
Delle os servos tremendo se retiram,
Fallar-lhe os Cavalleiros não se atrevem,
Tão bravo está! tanto hum pesar, que he justo,
Alterar póde a indole mais branda!
Da geral confusão favorecida,
Egilda tudo observa, indaga, e sonda,
Sem presenti-lo alguem, aprompta quanto
A proposta fugida requeria.
Soube a senha do dia; por fortuna
Encontra Godo escravo, que criado
Fôra no seu Castello, e que em seus braços
A embalançou na infancia, e que ha tres annos
Ernesto em hum Baixel aprisionára,
O velho os pés lhe abraça envolto em pranto,
Ella affavel o ergueu » Rescindo, (diz-lhe)
» Conheço que hes leal, de ti me fio,
» Pende de ti a liberdade nossa,

» A' meia noute c'hum Batel me espera,
Consente o velho, indica-lhe, não longe,
Pequeno azado porto, a quem chamaram
Do Marisco, em que abunda, Caramujo:
Denso pinhal cobria-o nessas eras,
Cobrem-no hoje armazens abarrotados
Do espumante licor do Deos Thebano.
No meio dos cuidados, que a desvellam,
Tambem não se descuida a Goda dama
De hir a miudo consolar Emilia,
Que em seu quarto encerrada entre receios
Da sua diligencia o fructo aguarda.
Dia nenhum lhe pareceu tão longo!
Pesam-lhe n'alma de Leonido as penas,
Sabe do Pai o horrivel juramento,
Que em Corte marcial vam accusa-lo
De traição, de assasinio, e felonia.
Tem certa a morte! os rigidos Juizes
Julgam do facto sem curar das causas.
Ernesto o não soffrêra; desdenhando
Judicial vingança, em campo aberto
Reptaria co' a espada a offensa sua
Qual Cavalleiro o deve! no duelo
Foi aggressor, foi sem traição ferido,
Não o negára! cego em seus furores,
He bom, piedoso, he de Leonido amigo!...
Amava tanto a irmã!... talvez,... quem sabe?..
Ella com suas lagrimas podesse
Move-lo a compaixão! tão eloquentes,
Tão persuasivas de huma amante em labios
Sam de amor as razões!... e se as apoia
O affecto fraternal quem lhe resiste?
Certo Ernesto cedêra aos ais de Emilia,
A desesperação, ao pranto, aos rogos!...

Vencido Ernesto, o Pai compraz-lhe em tudo,
Leonido he nobre, he valeroso, honrado,
Talvez então que esta fatal procella
Parar viesse em placida bonança!
Mas Ernesto onde está?... esta pergunta
Basta para cobrir com véo sombrio
Este quadro de ledas esperanças.
Baldado he duvidar! Leonido, e Emilia
Salvar só póde prospera fugida,
Ou o auxilio do Ceo! na desventura
Desperta em nossas almas a piedade,
Que da dita os prestigios adormentam
Nos dias do prazer! ha longos annos
Nos convisinhos campos se encontrára
De Alamos n'um bosquel, em cavo tronco
Da Mãi do Eterno Imagem milagrosa.
A ella em seus afanos recorria
Do vulgo a devoção, e os seus prodigios
O fervor religioso lhe augmentavam.
Porque ouvia piedosa as preces suas,
Todos Mãi de piedade a intitularam.
Fizera edificar-lhe o pai de Alberto
Onde um pastor a deparou primeiro
Magnifica Capella! andando os Evos,
Dos Mouros o furor a poz por terra,
Mas a Imagem, sepulta entre as ruinas,
Dellas surgiu em tempos mais ditosos.
Os devotos Christãos lhe consagraram
Nos cimentos da antiga nova Ermida,
A tradicção vetusta conservando
Seu adro verdes Alamos circumdam,
E o lugar da Piedade guarda o nome.
N'um alto torrião Emilia habita,
E da janella sua ao longe a vista

A cupula do Templo descobria.
Na angustia da oração se prosta a Virgem,
Une as mãos, na Capella os olhos ficta,
E implora com fervor a Mãi piedosa!
Baixava o Sol então! seus vivos raios
Como um rio de purpura cahindo
No zimborio do Templo, reflectidos
Nos colorados vidros figuravam
Que em vivas labaredas todo ardia!...
Os olhos da donzella deslumbrados
Viram, ou creram vêr, em aurea nuvem
Librado no ar Espirito Celeste,
Que meigo lhe acenava, e lhe sorria!
Então no peito seu a pouco, e pouco
Emmudece o pezar; nova firmeza
Calla em seu coração, em que derrama
Novo albor de suavissima esperança.
Já começa a estender-se o véo da noite,
Do Téjo as ondas com murmureo rouco
Nos litoraes penedos se espedaçam;
E fresca viração agita, e move
As maritimas plantas, que das fendas
Das verdenegras rochas se debruçam.
Tristonho pio estridulo levantam
As aquaticas aves, que se ajuntam
Para buscar seus ninhos; dellas correm
A' superfice d'agoa em veloz vôo,
Dos proximos zorzaes outras se elevam,
E vam pouzar, quaes nuvens, nas florestas,
Que as colinas ao longe coroavam.
Quão differente aspecto ora apresenta
O Castello de Alberto! nelle habitam
Sombra, tristeza, e lugubre silencio!
Nos pomposos salões illuminados

O baile cessa, a musica emmudece,
Os jubilosos brindes não retumbam
No ouco dos tectos, raras luzes brilham,
Do Menestrel a voz já não consona
Mavorcios hymnos co' as sonoras cordas
Da harpa bem-dedilhada! o cego bardo
Sósinho em sua estancia, a huma janella
Onde a brisa do mar sacode as azas,
Que do Téjo, ao passar, banhou nas agoas,
Na harpa encostado, tacito medita
De seu Senhor na perda, e menos acha,
Quanto mais pensa, deste caso o enigma.
E alfim, pulsando o harmonico instrumento,
Em baixa voz, sentido, assim cantava.
» Como do Ceo cahiste, Estrella d'Alva?
» Teu brilhante esplendor onde escondeste?
» Já não entoa da victoria o canto,
» Canto de mágoa, o Menestrel só póde
» Descompassado, e lugubre votar-te!
» O Alfeite chora, Transtagania geme,
» Do Algarve o Genio a prantear responde,
» O Godo exulta, que não vê no campo,
» Lampejando, da Gloria, a espada tua,
» Estrago, e morte ameaçar-lhe! o Escudo,
» Que os teus cobria, dura mão do fado
» Quebrou, rasgou tua bandeira ovante,
» Malignas Fadas o teu corpo escondem,
» Não póde a Patria em tumulo soberbo
» Deposita-lo saudosa, em torno
» Dispôr Cyprestes, e gravar na Campa
» Teu nome, e feitos, que ao porvir imponham
» De Louvor, e de lagrimas tributo.
» Como do Ceo cahiste, Estrella d'Alva?...
» Teu brilhante esplendor onde escondeste?

Vai alta a noite, e no seu carro, o Somno,
Que alvos Jocurutús piando tiram,
Sobre o nosso hemispherio caminhava.
Cingem-lhe a fronte rubidas papoulas,
Qual nevoeiro de athomos dispersos
Os variformes Sonhos o acompanham,
O Cansaço do coche as redeas rege,
Tem ao lado a Indolencia, em cujo peito
O Nume encosta languido a cabeça.
Passa sobre o Castello, e nelle entorna
Lethargico licor de urna de chumbo,
Que o sentido de todos adormenta.
Entra no quarto a resoluta Egilda,
De Emilia então; dois lios lhe apresenta;
» He tempo, [diz] valor! da insomne noite,
» Do trabalhoso dia a lida acerba
» Todos tem sepultado em fundo somno.
Desfaz ambos os lios, e tirando
Duas aljubas, gorros dois, disfarça
Em trage varonil a si, a Emilia,
Que timida tremia! a mão lhe toma,
Surda lanterna tem na outra, e partem.
Rapidas, sem rumor, quaes sombras duas.
Escapadas da campa, escadarias
Anfractuosas descem, atravessam
Por longos, solitarios corredores,
Já vam trilhando a subterranea senda
Que ao carcere conduz! vendo-as disseras
Que a risonha Esperança conduzia
Por entre os tristes páramos do Orco
Alma de um justo ao venturoso Elysio.
Do horrendo sitio a escuridão, silencio
A Sueva Donzella apavoravam.
» Onde vamos? [pergunta, e Egilda volve]

— » Onde longe de ti Leonido geme » —
Hum sentido suspiro, e não escassas
Lagrimas de seus olhos debruçadas
Destas palavras a resposta foram.
Do subterraneo ao termo já se avista
De huma alampada á luz a ferrea porta.
A sentinella incauta, que não teme
Perigo algum em tão remoto sitio,
Sobre a lança encostada adormecêra.
Ligeira como a morte Egilda vôa,
E com dois golpes de punhal buido
Lhe passa o coração! cahio ruidoso,
Entre as vascas da morte prova erguer-se,
E soffocado em sangue exhala a vida.
Sobresaltada Emilia hum grito solta,
Cobre o rosto co' as mãos, e se desvia
Do espectaculo atroz!... della travando
Com força Egilda, lhe clamou » silencio!...
» Que debeis sois, oh filhas dos Suevos,
» De hum morto o aspecto de terror vos gela!
» Porque horror te não faz, nem medo hum Chopo
» Derrubado no chão,? ou flor mimosa
» Que ao acaso cortou passando o Arado?..,
» Mais generoso sangue anima, e move
» Além do Tejo os femininos peitos!
» Nossas almas a imagem reproduzem
» Do paterno valor, como na face
» De hum lago, a quem as auras não enrugam,
» Rochedo inabalavel se reflecte!
» Necessidade urgente absolve hum crime,
» A morte de hum salva de tres a vida »
Do cinto do cadaver toma as chaves,
E a custo abrindo a porta, entraram dentro.
De reflexões penosas fatigado

Em musgoso penedo alfim ao somno
O preso Cavalleiro succumbira.
Creio que Anjo benefico movido
De sua magoa acerba hum ledo sonho
Então lhe apresentava á phantasia,
Hum sonho muita vez nos faz ditosos,
E a ventura no mundo hum sonho he sempre!
Em vale ameno, entre rosaes odoros,
Junto a limpida fonte recostado
No regaço de Emilia se julgava,
Fictos os olhos seus nos olhos della,
Segredos d'alma sem fallar, diziam.
Sopram-lhe em torno zephiros suaves,
E os ouvidos extaticos lhe encantam
Ao longe os Roxinoes trinando amores!
Emilia apressurada, erguendo o gorro,
Entra, e correndo a elle, o aperta em braços,
Com tão estranha força, que parece
Querer formar com elle hum só composto.
O excesso do prazer a voz lhe prende,
Grande alegria, ou dôr, sempre sam mudas!
Assim nos pintam Fabulas da Grecia
A apaixonada Venus quando encara
O resurgido Adonis, que, deixando
De Prosérpina o leito, firma a planta
Na orla do sepulcro!... ella extremece,
Altos os braços, face em fogo, e os olhos,
Para elle frenetica se arroja,
Ao peito arfando o aperta; huma, e mil vezes
Em seu palido rosto imprime sófrega,
Sem dar palavra, os nacarados labios;
Os Amores em roda a scena applaudem,
Em quanto as Graças com trigoso esmero
Florea cama, sorrindo, lhes preparam.

Sobresaltado despertando o joven
A vê, e exclama » oh que ditoso sonho,
» Que me antolha o meu bem! oxalá dure
» Em quanto nos seus eixos rode a terra! »
— » Não he sonho, he Emilia [exclama a Virgem]
» Que teus ferros forjou, que vem quebra-los.
» Em que horrendo lugar te encontro, oh caro!...
» Que inferno! » — » Em tua ausencia inferno, agora
» Os olhos teus em Ceo o transformaram!
» Que genio bemfeitor guiou teus passos?
» Como illudir pudeste as guardas tuas?
» Oh! dá-me a dextra! inda outra vez me abraça,
» Ou cuidarei quiçá que sonho ainda! » —
Egilda se intrepoz » esses transportes
» Para tempo mais proprio se reservem,
» Imminentes perigos nos rodeam,
» Tudo he vão se o Castello não deixamos.
» A hora do valor chegou, Leonido,
» Nossos dias, teus dias pendem delle,
» A obra eu comecei, tu a completa:
» Desse morto soldado enverga as armas,
» Desce a viseira, á guarda te apresenta,
» Finge sahires porque o manda Alberto. »
Da senha então o informa, e depois segue.
» Como escudeiros teus te seguiremos,
» O trage, as trevas este engano ajudam,
» Se obstaculo imprevisto se offerece,
» Essa espada, este ferro aplainem tudo. »
» Libertadora de fieis amantes,
» Donzella varonil [clama Leonido]
» O plano, que propões seguir protesto,
» Salvar-nos, ou morrer! » Já brilha armado,
Sahem, diante delle as Damas marcham,
A lança leva Egilda, o escudo Emilia.

Os seus passos guiai, ternos amores!
Favonea, Ventura, os seus designios!
Toca, benigno Somno, os olhos todos
Com tua vara magica!... já chegam
Ao largo pateo do Castello, aonde
Vinte Corseis sellados rincham presos
A's, cravadas no chão, lanças dos donos.
A' porta, taciturna a lentos passos
Passeia a sentinella, e em quanto chega
A hora de rende-la, os mais guerreiros,
Por cabeceira o escudo, a somno solto,
No manto envoltos, pela terra dormem.
» Abre; devo sahir, e estes comigo,
» Alberto o manda assim » [a voz mudando
Leonido ao guarda diz] — » primeiro a senha » —
» Vigilancia, e valor » mais o soldado
Não ousa replicar; abriu,... sahiram!...
Oh! que jubilo o seu traz si sentindo
Os ferrolhos correr, cahir as trancas!
» Apressemos o passo » [diz Egilda,]
» Do Caramujo ás praias, lá me espera
» Com um batel a nado um fiel servo.
Como a sua fugida protegendo,
Então da lua a face as nuvens cobrem,
Trilhando a area, em que sussurra o Téjo,
Apressurados vam; qual foge o Cervo,
Que o latir da matilha escuta ao longe,
O trote dos Corseis, do corno os echos.
No braço de Leonido apoia a dextra
A estremosa Sueva, que não ousa
Separar-se do amante hum só momento;
O susto diminue crescendo a marcha,
Já no pinhal, que o Caramujo assombra,
Entraram: já na praia acham Rescindo,

Que pequeno baixel com dois escravos
Tem prompto: a bamba vela o mastro açoita,
Egilda para o Norte o braço estende,
» Alem [diz ella] com sereno aspecto
» Nos está convidando a liberdade;
» Lá segurança, e paz nos asseguram
» Dias tranquillos de prazer dourados;
» Temos daqui a escravidão, e a morte,
» Temos a vida ali: do Téjo as agoas,
» Os dois extremos dividindo, correm.
» Passemos sem demora! póde o fado
» Negar mais tarde hum pouco, o que ora outhorga.
Disse, e no barco entrou. Leonido a Emilia
Leva nos braços seus; empunha o leme
Rescindo, remam rijo os dois escravos,
Galerna viração enfuna a vela,
E o ligeiro batel rapido foge.

Fim do Canto III.

EMILIA, E LEONIDO.

CANTO IV.

O ENCONTRO.

La vide, la conobbe, e restó senza
E voce, e moto.
Tasso. Goffr. Canto XII.

» Castello de meu pai, suave asilo
» Onde os olhos á luz abri nascendo,
» Arvores venerandas, que abrigastes
» Da minha infancia os jogos, quando livre
» Como as aves, que os ramos vos povoam,
» Longe de magoas, de pezares longe,
» Eu via deslisar minha existencia
» Qual limpido remanso em mole area,
» Adeos! vou foragida em terra estranha
» Buscar ventura, e paz, que em vós perdèra,
» Oxalá que inda volte ao gremio vosso,
» E desarmado o pai me acceite em braços.
Comsigo isto dizia a terna Emilia,
Olhos fictos no Alfeite, a quem fronteiro
O rapido Batel então passava.
Ao passo, que se alonga, vam fugindo
As muralhas, as torres, e mais debil

A luz do seu pharol ao longe brilha.
Hum languido suspiro, que se escapa
De seus labios de rosa, patentea
O que pensa, o que sente, ao fino amante,
Elle a dextra lhe toma, contra o peito
Com expressivo olhar a aperta, e diz-lhe.
» Aquelles Torriões, que no horisonte
» Pouco a pouco se perdem, sam a imagem
» De teus passados dias, que ham de em breve
» Confusos presentar-se á idea tua
» Como as visões de hum sonho! as, que abandonas
» Por Leonido, pompas, e riquesas,
» Delicias, e festins, serão suppridas
» Por extremoso amor, fiel constancia
» Do terno esposo, do leal amante.
» Bem tudo fica a peitos bem nascidos,
» Se a ventura, os praseres de relance
» Os dourados Alcaçares visitam,
» No campo, em choças, que a innocencia habita,
» He que alvergar costumam! o meu arco
» Para ti prostrará no bosque o Cervo,
» Nos campos do ar, ou na lagoa as aves;
» A' sede deporás em fonte amena,
» Cujo murmurio te acalante a sesta,
» Cortezes ham de as arvores curvar-se
» Para offertar-te os sazonados pomos,
» E quando no teu colo se adormeça,
» Fructo do nosso amor, mimoso infante,
» Da gloria maternal toda a doçura
» Hade em teu coração insinuar-se!
» Patria não he onde se nasce, e pena,
» Patria he todo o lugar onde podemos
» Respirar livres, e viver tranquillos!
» Eu perço o Algarve, a Transtagania perdes,

» Mas se os Godos me dam seguro asilo,
» Meus patricios, e irmãos os Godos julgo.
» Onde Emilia estiver serei ditoso,
» Deem-me o sceptro universal do Mundo,
» Sem Emilia ao meu lado o sceptro engeito! »
Volve-lhe Emilia com ternura os olhos,
Com o braço o cinge, encosta-se em seu peito,
E muda assim responde! almas de amantes
Para entender-se não carecem vozes;
Hum olhar, hum sorriso, hum gesto, hum nada
Tudo diz, tudo explica. Assim se affirma,
Que os ditosos espiritos no Empyrio
Sohem communicar seus pensamentos.
Egilda ao vê-los recordou saudosa
Doces, que outr'ora desfructou, momentos;
Hum suspiro em seus labios treme a furto,
Assomou terna lagrima em seus olhos,
Ella ambos reprimiu voltando o rosto.
Como hum manto de noiva, mil-bordado
De estrellas de ouro, o Firmamento brilha,
Sobre as suas cabeças! combatia.
A escuridão da noite a plena lua,
Cujos tremulos raios figuravam
Brincar nas moveis ondas, repartindo
Massas de sombra, e luz sobre os objectos,
Que n'huma, e n'outra margem se destacam.
Sopra rijo o Favonio, e enfuna as velas,
Suavissima frescura derramando.
Hum solemne silencio abarca os ares,
Só interrupto do rumor dos remos
Banhados de ardentia! se na mente
Dos viajantes tres outras idéas
A attenção não prendessem, qual gosaram
Prazer suave navegando o Tejo

Em clara, estiva noite, á luz de Cynthia!
Tempo feliz da adolescencia minha!
Que vezes com Lieutard em leve bote
Cortei de noite as agoas remansadas
Do Patrio Rio! hia comigo a Musa,
Que namorados versos me inspirava!
Que ledo o canto de Lieutard corria
Pela extenção dos socegados ares!...
Quantas vezes julguei que para ouvi-la
Dentre a corrente os cristalinos corpos
Levantavam as Tagides formosas,
D'olhos ceruleos, de ceruleas tranças!
Quanto era então feliz!... mas corre a idade,
Leva comsigo as horas de ventura,
Amores, passatempos, e em vez delles
Deixa os trabalhos, magoas, soffrimentos,
E as saudades de gostos, que não tornam.
Talvez neste momento em longes terras,
Oh terna amante, recordando estejas
Da nossa juventude os gratos dias!...
Talvez os versos meus inda repitas,
Que á borda do sepulchro te lisongem
Co' a idéa, de que foste amada, e bella,
De que o teu nome vivêra na fama
Quaes vivem nomes de Corinna, e Laura:
Mas hum destino bem diverso espera
As frigidas bellezas, que desdenham
Colher as rosas do Vergel das Musas!
Dellas ninguem hade fallar na vida,
Dellas ninguem se lembrará na morte,
Ham de passar quaes sombras, que tristonhas
Surgem das campas, e de noite vagam
Entre os Teixos, que os tumulos coroam,
E ao rir da aurora subito se escondem!

N'agua as Torres do Alfeite se abysmavam,
Quando, de doze remos impelido,
Soltas as velas, hum Baixel ligeiro
Co' a proa nelles descobriu Rescindo.
» Remem, caça nos dam » da poupa clama,
E o leme torce, desviando o encontro.
Tremem de ouvi-lo palidas as Damas.
Cuidam que, presentida a fuga sua,
Vem Navios de Alberto demanda-las.
Levanta-se Leonido, as armas toma,
Resolvido a morrer co' a espada em punho.
Por ellas, não por si, teme o mancebo;
Impetuosos curvam-se os remeiros,
Sobre os remos, que vergam, e que em torno
D'agoa levantam rijas espadanas.
Voa o batel; mas o outro mais veleiro
Para o abalroar lhe segue as voltas.
Assim nos campos do ar pomba innocente,
Que o sustento levava aos ternos filhos,
Para fugir do Açor batendo as azas,
Sobe, eleva-se, gira! mas furioso,
Pela sede de sangue estimulado,
O carnivoro imigo a segue, a aperta,
Thé que a empolga, e devora! já perdidas
Sam de escapar as esperanças todas
Ao baixel, que na proa se atravessa;
Nelle armado apparece hum Cavalleiro
De bizarro ademan, de nobre aspecto,
Promptos a combater outros vem dentro,
Para Leonido com a espada aponta,
» Hes Suevo, [elle diz] e vens do Alfeite,
» Rende-te, e salva te concedo a vida. »
— » Recuso a vida, e combater não temo,
[Brada iroso o Suevo] a ti, e a todos.

» Meu sangue correrá, mas de mistura
» Com sangue vosso, e acabarei vingado. » —
A taes vozes os Godos se preparam
Para o accometter, e o Chefe o veda.
» He hum só! . . . [elle diz] deshonra fôra
» Victoria para nós com tal vantagem. »
No baixel de Leonido ei-lo d'hum salto.
E as armas ao saltar horridas soam.
» Cavalleiro, dou honra ao teu denodo,
» A vida novamente te offereço;
» Mas se em pugnar te obstinas, combatamos
» Sós por sós, como bravos, e decidam
» Nossas espadas o destino de ambos. »
Estremecêra do guerreiro ás vozes
De Egilda o coração! sua figura,
Seu ar, seu porte, o seu cocar vermelho,
Que sobre o murrião lhe agita o vento,
Chamam sua attenção, e agora ao perto
Com inquietos olhos o revolve, . . .
Eis que no instante de apromptar-se á pugna,
Da Lua, que então rompe de alva nuvem,
Hum luminoso raio fere em cheio
No escudo, onde a divisa vio patente
De hum coração de chamas rodeado.
Como douda se ergueu, arroja o gorro,
» Rodrigo! » [clama] e lhe pendeu do colo.
Co' a conhecida voz sobresaltado
Ergue o Godo a viseira, o ferro larga,
Reconhece da amada o rosto lindo,
— » Egilda » diz, aperta-a contra o peito,
E o subito prazer tanto o perturba,
Que se cortez Leonido o não sustêra,
Exanime cahíra! em si volvendo,
» Egilda! [clama] e torno a vêr-te? oh como

» Leal o coração me persuadia
» Que este barco abordasse a todo o custo!
» Mas como estás aqui? quem te acompanha?...
» Devo odio, ou devo affecto a este guerreiro?»
» Os que comigo vês [responde Egilda,
E Emilia com Leonido lhe apresenta]
» Sam de amor duas victimas, que eu pude
» Comigo libertar da morte, e ferros.»
Conta-lhe então como em nocturno assalto
Ernesto a captivou, e em seu Castello
A entrega a Emilia, que benigna a salva
De a seus golpes morrer; como no Parque
Emilia com Leonido Ernesto encontra,
O combate entre os dois, e que ferido
Em parte alguma depar-se poude;
Como Alberto n'um carcere sepulta,
Porque á morte o condemne, o triste amante;
Como ella os dois salvára, e soccorrida
Do bom Rescindo, que o Batel lhe aprompta,
Com elles para Scalabys fugíra.
A' sua narração Rodrigo attento
Parece renascer! e o, que em seu peito,
Ciume, hia apontando, se dissipa
Qual nevoa da manhã ao Sol nascente.
Cortez a Emilia falla, e logo rindo
Aperta de Leonido a dextra, e diz-lhe.
» Cavalleiro, findou nossa batalha;
» Confesso que fui louco em cometter-te,
» Pois te acompanham a ventura, e vida,
» E eu andava sem vida, e sem ventura.
» Servo de Egilda sou, Egilda he serva
» Dessa dama gentil; que fazer posso,
» Senão pôr a seus pés, terras vassallos,
» E empenhar minha espada em defende-la?

» He vosso o meu Baixel, entremos nelle,
» Vamos tornar a um pai, que afflicto geme,
» As lagrimas em riso, em gala o lucto. »
Então attento a Emilia o braço offerta,
E a subir a ajudou. Egilda sobe
Por Leonido ajudada. Os Cavalleiros
Ferem os ares com alegres vivas,
E alvoroçados manobrando os servos,
Endereçam a Scalabys o rumo.
Sentados no Baixel os quatro amantes
Em saborosa prática entretinham
Do navegar o tempo. Anciosa Egilda
Pergunta por seu pai, e a causa inquire
De em tal paragem encontrar Rodrigo.
» Não ignoras [responde] que, cedendo
» De teu pai á vontade, fui com elle
» A' caçada fatal. Dentro em meu peito
» Estranho sobresalto parecia
» Annunciar-me o proximo desastre.
» Meu receio cresceu quando trez vezes,
» Sem cauza alguma, o meu Corsel tordilho
» Relinchando se empina, e faz d'hum salto
» Da bainha sahir a espada minha.
» Meu avô Recaredo, alto guerreiro,
» Em dom a recebeu de hum sabio Mago,
» Que em influencia de propicios Astros,
» A havia em ritos magicos forjado.
» Bronzea malha não ha, que lhe resista,
» E o despir-se espontanea he certo annuncio
» De a seu dono impendente desventura,
» Empallesci; teu pai, como he seu uso,
» Zombou do meu temor, e das que chama
» Minhas superstições! ah! quão alheio
» Estava de que em breve, com seu damno

» Confirmasse a verdade os meus agouros!
» Já de Albardos a serra retumbava
» Com os latidos das matilhas nossas,
» E o clamor dos Monteiros! o valente
» Sisenando, teu pai, em quem a idade
» O venatorio ardor não amortece,
» Ora com a venábulo traspassa
» O fugitivo Cervo; ora co' a lança
» Comette o Javali, que furibundo
» Vibra grunhindo os navalhados dentes,
» Podengos ataçalha, e na fugida
» Abre no mato não trilhada senda.
» Tres dias assim passam, e no quarto
» Quando vinha nos Ceos rompendo a Aurora
» De sangue, e pó coberto hum Cavalleiro
» Ao longe se descobre; a côr das armas,
» A fórma do cocar por nosso o abonam,
» Todo o meu sangue se gelou nas veias.
» A teu pai o mostrei » — Senhor, aquelle
» Guerreiro, que além vês, de infausta nova
» Nuncio nos chega! » elle sorrindo volve.
— » Rodrigo, eu desconheço-te, cansado
» Te faz de Egilda a ausencia! hes todo agouros,
» Todo presentimentos de desgraça! . . .
» Que receias? tens certo o seu affecto,
» E a minha approvação, em poucos dias
» Os fachos de Hymeneo verás accezos,
» E andas sempre sonhando em desventuras!
» Que póde annunciar esse guerreiro
» Que nos cauze afflicção? deixa que venha
» E verás teu engano! » — » E que preciso,
» Por que eu saiba ao que vem, que elle aqui chegue?
» Se elle [digo] ao passar aquelle arroio,
» Se apeia, bebe, o seu Corsel abreva,

» Caso urgente o não traz: mas se elle o passa
» Sem demora fazer, patente fica
» Que auxilio vem pedir, e he grande o risco.
—» Vejamos!... [diz teu pai] mal haja aquelle,
» Que essas idéas te imbuiu na infancia,
» Hes héroe sobre hum campo de batalha,
» No discorrer hes credulo qual Dama!» —
» Em tanto ao manso arroio, que sereno
» Por entre odoras flores se deslisa,
» O Cavalleiro chega; dá de esporas
» Ao ligeiro Corsel, e atraz o deixa.
» Volto a teu pai com enfiado rosto,
» Vês, Senhor? —» Vejo sim, que não traz sede» —
» Tranquillo me responde. Já de perto
» Nos conhece o soldado; já se apeia,
» E o cavallo de redea conduzindo,
» Se apresenta ante nós, tirado o Elmo:
» Não soffri mais, e apressurado clamo.
» Alberico, a que vens? que novas trazes?» —
—» Novas [elle em voz tremula responde]
» De susto, e de afflicção! em nossas praias
» Esta noite os Suevos deram salto.
» De meu Senhor o válido Castello
» Rijos combatem; poucos Cavalleiros,
» Que os mais comvosco á caça conduzistes,
» C'os piões mal armados o defendem.
» Egilda generosa influe-lhe alento,
» E co' a nova fatal aqui me envia.
» Rompi pelo cardume dos contrarios,
» Com sangue meu, e seu abri caminho,
» Acodi, e oxalá chegueis a tempo.» —
» Puz olhos em teu pai; vi seu semblante
» Turbido, e carregado como o aspecto
» De hyberna noite em horrida tormenta.

» Com feroz gesto o venatorio corno,
» Que a tiracol lhe pende, applica aos labios,
» O mesmo eu faço, e resoando os echos
» Nos concavos da serra, os caçadores
» Promptos de nós em torno se reunem.
— » Amigos, [elle diz] em nossa ausencia
» Nosso Castello atacam os Suevos,
» Este guerreiro o diz. Toda a demora
» Nos póde ser fatal; voemos promptos,
» A soccorrer seus poucos defensores.
» Se dado for, de Scalabys nos muros
» Nos proveremos d'armas!... Se não, temos
» Nossas espadas, temos lanças, e arcos,
» O mais seguro arnez de hum bom guerreiro
» He intrepido peito, e braço ousado. » —
» Todos c'um grito unanime applaudiram,
» E em vivo ardor mavortico já querem
» Vêr-se c'os inimigos envolvidos.
» Cravam-se esporas aos Corseis fogosos,
» Que em seu galope a estrada devoravam,
» Matos, ladeiras, selvas, e barrancos,
» Nada retarda a rapida carreira.
» Eis de Pernes a altura devisamos
» Já hia o dia em meio! alto fizemos
» Para alli aos cavallos fatigados
» Algum descanço dar!... via-se ao longe
» Em densos nuvelões subindo o fumo
» Das dispersas choupanas, que abrazára
» Farta de roubos do inimigo a dextra.
» Ferindo o ar com prantos, e gemidos,
» As donzellas, e as mãis c'os tenros filhos,
» Que, sem saber aonde, asilo buscam.
» A uns camponezes, que açodados fogem,
» Noticias do Castello perguntamos,

» Delles soubemos que o feroz Ernesto
» Com morte de seus bravos defensores
» O entrára, o saqueára, que disposto
» Estava a da-lo ao fogo, quando veio
» Numeroso esquadrão accommette-lo
» Dos guerreiros de Scalabys! que a pugna
» Se accendeu com furor desatinado
» Entre os Godos sedentos de vingança,
» E os Suevos de espolio carregados,
» Que a todo o custo por salvar trabalham,
» Os seus Baixeis em ordem demandando.
» Que Ernesto, o chefe seu, por vezes duas
» Se víra em mãos da morte, a não valer-lhe
» Hum Cavalleiro, que o salvou brioso.
» Cheios de novo ardor dalli partimos,
» Com todos seus estimulos pungia
» Sisenando o desejo da vingança,
» A mim ciume, e amor, e gloria a todos.
» Mas vozes onde ha hi, que ao vivo pintem
» Nossa raiva, e furor, quando chegando
» Do Tejo á ruiva margem, divisamos
» Do inimigo os Baixeis, que a plenas velas
» Enriquecidos com despojos nossos
» Sulcando hiam do Rio a espalda undosa?...
» Por ti pergunto atonito, e me informam
» Que vás captiva co' as donzellas tuas,
» Sem sentidos cahi! tão fundo a espada
» Da dôr no coração entrou buida.
» Para a vida chamar-me em vão se empenham
» Desvelados amigos, que piedosos
» N'um escudo ao Castello me conduzem.
» Já desdobrava a noite o véo das trevas,
» Quando o alento cobrei! desesperado
» Egilda busco, por Egilda chamo,

» E Egilda não responde ás vozes minhas.
» Cego de magoa, de ciume cego
» Co' a propria espada atravessar-me tento.
» A pena desmentindo em firme aspecto,
» Amançou Sisenando os meus furores,
» Em vez de apparatosos raciocinios
» De frigida moral, fallou-me em phrase
» Consona co' a paixão, que me opprimia,
— » Filho, para a vingança te conserva,
» De almas nobres he o ultimo consolo,
» Desesperar que val? . . . tivera em pouco,
» A Filha não perdendo, a perda minha.
» Veio a tempo de Scalabys o auxilio,
» Em secreto lugar depositados
» A' rapina escaparam meus thesouros,
» O resgate de Egilda procuremos,
» Depois . . . do Alfeite aqui não he mais perto,
» Que ao Alfeite daqui! . . . Baixeis nos sobram,
» Sobram armas, esforço, Cavalleiros, . . .
» Talvez que dentro em pouco Alberto pague,
» Mil por huma, as angustias, que eu padeço. » —
» Ouvindo-o soceguei: dor nimio vivá
» Do espirito o vigor, do corpo as forças
» Exhaure, e cança! em reflexões perdido
» Estava como o mar, cessando o vento,
» Da proxima tormenta inda lembrado.
» Vam chegando Peões, e Cavalleiros,
» Que do assalto nocturno se escaparam,
» Teu Pai velas dispoem, e assiduo entende,
» Quanto lhe he dado, em reparar o estrago. »
» Já hia em meio a noite, a natureza
» Aos prestigios do somno succumbindo,
» Reparar com seu balsamo deseja
» De tanta lida os damnos. Sobre o leito

» Vestido me arrojei, e a pouco, e manso,
» Pensando em ti, as palpebras se fecham.
» Nas tregoas, que então dava ao pensamento,
» Ou vi, ou julguei vêr,... talvez sonhava!...
» Que junto a mim de Scalabys o Genio
» Se apresentava em pé!... cinge-lhe a fronte
» Aureo, fino morrião, todo herrisado
» De espessa crina onde horrido tremúla
» Qual meteoro ardente o cocar rubro.
» Seu arnez, asqua de ouro, os olhos cega
» Com vivo resplendor, brunidas grevas
» Armam-lhe as plantas; do purpureo manto
» Que dos hombros lhe desce, e o chão varria,
» Longas azas lhe sahem; embraçado
» Da Villa traz o torreado escudo,
» Apoiando a direita em lança longa.
— »Repara» — (elle me diz,) e ao mesmo ponto
» Como, não sei, diviso no horisonte
» O Castello do Alfeite em luz patente.
» Aos seus muros desceu da lua um raio
» Qual luminosa ponte, e delle ao longo
» De jubilosos Sylphos rodeada
» Titania vem, das Fadas a Rainha,
» Rosas coroam-lhe a formosa fronte,
» Rosas matisam com botões purpureos
» Suas roupas aereas, vaporosas,
» Que, quaes neves do Herminio, branquejavam.
» Com o Sceptro de Lyrios toca as portas,
» Que passagem lhe dam, e em pouco espaço,
» Pela mão conduzindo-te, sae dellas,
» E com gesto benigno parecia
» Que, accenando, me chama!... erguer-me intento
« E a visão a meus olhos se esvaece!
» Junto a um balcão me assento, e largas horas

» Despendi no successo meditando.
» Presumi que da Villa o Genio armado
» Claro dava a entender que me cumpria
» Da prisão com as armas libertar-te.
» Sam as nossas paixões, tendencias nossas,
» Vidros corados, que tingir costumam
» Com a côr sua os nossos raciocinios.
» Tanto que a Aurora com rosados dedos
» O Alcaçar Oriental ao Sol abria,
» Ordens expeço a amigos, e parentes
» Por que com meus vassallos se preparem
» Para dentro em seis dias cometerem
» O Castello de Alberto!... ah! e quam longe
» Estava de occorrer-me o que hi passava!
» Julguei que assegurava a empreza minha,
» Vindo em pessoa a explorar-lhe o sitio.
» Do socego da noite protegido
» Longo tempo cursei nas aguas suas,
» Tudo em silencio estava, e de seu porto
» Não sae, nem entra nelle uma só barca.
» Com dois bravos dos meus em terra salto,
» Seu ambito rodeio, e com meu pasmo
» Tudo tranquillo está, não cruzam rondas,
» Alma viva não acho, a quem captive,
» Que me informe das forças, que tem dentro,
» E o mais que saber cumpre! volvo á barca
» Descontente, e meu fado maldizendo,
» Mando outra vez dar velas, eis que ao longe
» Leve batel descubro, que parece
» Que do Sul para o Norte se dirige,...
» Ditosa inspiração de amigo genio
» A aborda-lo me impelle! prompto ordeno
» Aos meus remeiros, que forçando a voga,
» Viva caça lhe dem! e quando penso

» Para entrar n'hum combate aparelhar-me,
» Ventura insperada! encontro Egilda,
» Liberta por favor de amiga sorte
» De captiveiro atroz! oh venturosos,
» Por tal jubilo pagos, meus pezares!
» Depois de tantas lagrimas, e penas,
» Depois de tantas lidas, e receios,
» Encontrar o meu bem, cingi-lo ao peito,
» De gosto, e de prazer he tal a enchente
» Que o Ceo gloria não dá, se da mais dicta
» Pois d'alma as forças todas transcendêra!

Pela parte do Oriente os Ceos começam
A embranquecer com mal-distinctos raios
De vaporosa luz, em cujo centro
Expraiando-se vai mescla purpurea,
Como a que o pejo accende em nivea face
De honesta Virgem, que por vez primeira
Ouve do amante a voz dizer-lhe » eu te amo!
Cynthia desaparece; e vam no occaso
Desfalescendo as palidas Estrellas,
Só nos campos do Ceo então fulgura
O Astro de Venus, que pomposo marcha
Das matutinas horas conduzido;
Aves nocturnas revoando em bandos,
Os ninhos seùs appressuradas buscam,
Copioso orvalho sobre os prados desce,
Que as frescas Auras adejando espalham
Nas pétalas das flores! cada bosque,
Cada Çarça, cada arvore retumba
Co' ledo trino das sonoras aves
Do dia a vinda saùdando! a terra
Como hum Altar de sacrificio exhalla
Mil nuvens de odoriferos perfumes,
Que, ondeantes erguendo-se, no Empyrio

Ao creador seus votos apresentam!
N'hum extasi de jubilo, fictando
Na amada os olhos, exclamou Leonido,
» Quadro formoso da nascente Aurora,
» Que vezes com pezar te vi na esphera
» Dar-me o signal de interromper de Emilia
» Os suaves, ternissimos coloquios
» A' sombra do Salgueiro! então maldisse
» Teu brilhante fulgor!... hoje scintilas,
» E pareces sorrir vendo-a a meu lado,
» E dar-me os parabens, de que os meus dias
» Sempre em paz junto della se deslisem!
» Sempre te abençoarei d'ora em diante,
» Quadro formoso da nascente Aurora!»
—» Sim! [Emilia responde] póde o dia
» Cansar-se a Aurora de trazer ao Mundo,
» Que tem de achar-nos cada vez, que aponte,
» Unidos sempre, venturosos ambos» —
Nos labios do magnanimo Rodrigo
Ledo riso assomou, e a Egilda disse
Em baixa voz, com gracioso aspecto:
» Eis ali dois amantes bem contentes!...
» E que diremos nós? que diz Egilda?»
—» Que desta barca no ambito acanhado
» Tem reunido amor quantas venturas
» Outhorgar póde aos miseros humanos.
Egilda replicou, e amplaudem todos.
Correm-se alfim do Pavilhão pomposo,
Onde do Ceo no extremo o Sol dormíra,
As purpureas cortinas! á maneira
De esposo Oriental, que a noiva busca,
O Rei dos Astros surge, e sobre a terra
Hum diluvio de luz contente entorna.
Como liquido argento o Téjo brilha,

Do horisonte, nas margens, se destacam
As colinas de verde revestidas,
Bosques, e povoações, e, o que he mais grato
Aos olhos dos contentes navegantes,
Já no alto, ao longe Scalabys assoma,
Em forma de arco, de que he chorda o rio.
He fama que a fundara o Rei Abides
Em seculos remotos, padrão nobre,
Que deixar quiz no sitio, onde na infancia
Fizera expo-lo Gorgoris irado,
E onde, do que o avô mais compassiva,
Montez cerva o creou! correndo os tempos
Veio a poder dos Celtas belicosos,
Que armados peregrinos se estenderam,
Deixando a Patria, ás ferteles campinas,
Que banha, e que fecunda o fulvo Téjo.
E quando Aguias do Tybre em marcio vôo,
A Peninsula inteira avassallaram,
Cezar a nomeou presidio Julio
Do nome seu, colonia a fez de Roma.
A'lanos aos Romanos a usurparam,
Os Suevos aos A'lanos, e a elles
Os Godos, que ora a tem, e em seus Decretos
Inda outros donos lhe destina o Fado.
De muros circumdada, obra Romana,
Em vasto Anphitheatro populoso
Desde as margens do Téjo vai subindo
Uffana com seus nobres edificios,
Com sumptuosos Templos, cujas grimpas
Longe, feridas pelo Sol, lampejam!
No alto erguida torre ás nuvens sobe,
O heroe de Pharsalia a edificára,
E da fórma elegante, que a decora,
Meravilha a chamou; prostrou-a o tempo,

Mas o sitio o appellido inda conserva,
Com pouca corrupção, no de Marvilla.
Por outo portas, e calçadas nove
Ao sitio, em que ella avulta, se caminha:
Mas se derramas das ameias suas
A vista em roda, que paugagens lindas,
Que campesinas scenas te enfeitiçam!
Daqui de amplos pomares revestido
Se estende de Asacaia o vale ameno,
De cristalinas fontes abundante,
Que de verdura, e flores o matisam:
Ali as de Alvisquer formosas vinhas,
Que ao pezo vergam de nectareos cachos,
Dilatadas campinas, cujas messes,
Ondeadas de placidos Favonios,
Hum Oceano de ouro representam.
Vê-se ao longe, campindo o quadro rico
O Téjo devolvendo as fartas agoas,
E de Monção os prados, alem dellas,
Famosos por seus fervidos Ginetes,
Que dos rapidos Euros concebidos
Pagã gente julgou!... a perder d'olhos
Cobrem pelo Poente outeiros, valles
Mil bosqueis de frondifero olivedo,
Que intervalam jardins, e hortas fecundas.
Dos navegantes jubiloso grito
Alfim sauda a Scalabys de perto;
E os marinheiros, amainando as velas,
De remo á força suas praias buscam.
Em terra as damas co' fieis amantes
Pojam no sitio, que depois os Mouros
Chamaram, nome, que inda dura, Alfange.
Entram na Villa; amigos, e parentes
Rodrigo, e Egilda a saudar se apressam,

Todos querem saber porque prodigio
Do captiveiro se evadiu tão presto.
Todos pasmam da historia portentosa,
Seu valor, e prudencia aos Astros sobem,
E os Estrangeiros dois acolhem meigos.
Em seu pomposo Alcaçar os recebe,
Thio de Egilda, o opulento Astolfo,
Que de a vêr, de abraça-la se não cança,
E a Rodrigo, que salva lha conduze.
» Bemdicto seja o Ceo, que assim protege
» Nossa familia, [elle exclamou] e a augmenta
» Co' estes dois lindos hospedes, que eu julgo
» Desde hoje filhos meus! » Leonido, Emilia,
Do venerando Ancião ás plantas curvam,
E elle affavel nos braços os levanta!
De abraçar a seu pai anciosa Egilda
Demanda palafrens, em que lá voe,
Mas Astolfo sorrindo lhe responde:
» Não, tal jornada veda o bem de todos,
» Hum dia de afflicções, e noite insomne,
» Em minha filha, em ti requer descanço;
» Teu pai, se a tal ventura o não preparam,
» E subito te vê, de gosto expira,
» E eu tão presto em privar-me não consinto
» Da companhia vossa! deste Alcaçar
» Nenhuma de vós sáe antes do dia,
» Em que a Capella do Castello veja
» De hymeneo para vós o facho acceso.
» Que! ousas replicar? pois valha a força
» Onde falham razões! neste palacio
» Prisioneiras estaes, sou guarda vosso,
» E vêde que, mais vigil que os do Alfeite,
» Não deixo para a fuga abrir caminho
» Nem mesmo com punhal! » disse, e despede

Hum Cavalleiro seu, que a toda a brida
A Sisenando leve a fausta nova.
Refeição matutina se apresenta
Em rica meza d'ebano entalhada,
Astolfo á cabeceira toma assento;
De hum lado Emilia tem, tem de outro Egilda,
Junto de Emilia assenta-se Leonido,
Junto a Egilda Rodrigo, vam seguindo
Cavalleiros, e damas, que se alternam.
Todos os olhos sofregos se empregam
Nos hospedes gentis, mas não decidem
A quem compete da belleza a palma.
A viveza de Egilda alguns preferem;
Outros da meiga Emilia as brandas mostras.
Soam os brindes, a alegria reina,
E musica suave atroa os ares.
De legoa a hum quarto, em direcção da Villa,
Monte Abides chamado, se ergue hum combro,
Nome, que lhe ficou do antigo Abides,
Que ali creára a Cerva, e que ora o vulgo,
Que antigas tradicções corrompe ignaro,
Monte do Abbade appellidar costuma,
Mas o porque não diz. Ali fundado
De Sisenando se elevava aos ares
O soberbo Castello, diligente
O nobre ancião em reparar-lhe os damnos
Do proximo conflicto se occupava.
De Rodrigo a tardança o dessocega,
Receia que imprudente em lance entrasse
Onde perdesse ou liberdade, ou vida.
Fôra seu voto resgatar o filha
Com ouro, não com armas; mas Rodrigo
As sonhadas visões acreditando,

Com armas, não com ouro, quiz livra-la.
» Indocil mocidade, [elle dizia]
» Quanto hes tardonha em grangear prudencia!
» E mais quando ao furor dos annos verdes
» Junta a superstição seus devaneios.
Ancioso de honra, e fama o Cavalleiro
Muito mundo em mancebo precorrêra,
Muito ouvíra, e notára, e conversando
Com sabedores de encontrados climas,
As preoccupações da Patria sua,
Muito ha, desaprendêra! em seu conceito
Regular por hum sonho as acções suas,
Extremecer porque piára hum mocho,
Tudo crêr facil co' favor das damas,
Vêr hum prodigio em cada objecto estranho,
Hera nescia fraqueza indigna de homens.
Dava alto apreço de Rodrigo aos dotes,
Ao próvado valor, indole nobre,
Mas corrigir-lhe o espirito tentava
Com sã doutrina, e lepido motejo!...
Mas a superstição n'alma arreigada
Planta he nociva, e de arrancar difficil,
E inda que a cortes bem, lá fica sempre
Hum gomo de raiz, que brota hum dia
Quando se espera menos! Sisenando
De Rodrigo o projecto combatêra
Fundado sobre hum sonho, mas debalde,
Que o dominava amor, e amor se pasce
De illusões, e chymeras, e crê facil
Que sobrenaturaes potencias queiram
Dar obra, a que elle obtenha o que dezeja.
Por acaso feliz Rodrigo encontra
No Téjo a Egilda prófuga do Alfeite,

Onde agora haverá razões, que valham,
Para o despersuadir de que no sonho
O Genio esta ventura lhe predisse?
Assim nos homens se propagam erros
De pais a filhos, e de avôs a netos
Desde a origem do mundo á nossa idade.
Do bravo Castelão em quanto o peito
Em alterno combate laceravam
Da filha as saudades, e os receios
Pela sorte do amigo, hum escudeiro
O avisa de que no Atrio do Castello
Hum Cavalleiro o demandava ancioso,
Que diz que o manda Astolfo, e que em seu rosto
Transflorando a alegria indicios dava
Que messageiro vem de fausta nova.
Que subito entre Sisenando ordena,
Mas quando sabe que do irmão no Alcaçar
Existe com Rodrigo a cara filha,
E o modo, porque soube, portentoso,
Grangear sem auxilio a liberdade,
Devaneando de prazer no excesso,
Duvida, crê, inda outra vez duvida,
E torna a acreditar! o messageiro
Com mil, e mil perguntas importuna,
Folga que as circumstancias lhe repita
Desta incrivel façanha! já lhe tarda
Vêr os muros de Scalabys, e a filha
Cingir ao peito com abraço estreito.
Grandiosas alviçaras ao nuncio
Outhorga com mão prodiga! aos criados
Manda sellar Corseis, e vôa aonde
O paternal amor o está chamando.
Musa, queres segui-lo!... não! quem póde

Deparar expressões, que ao vivo pintem
De hum terno pai, de huma extremosa filha
Sentimentos, e lagrimas de gosto
Em tão estranho lance?... quando o encaro,
A palheta, os pinceis das mãos me escapam,
E desço sobre o quadro o véo de Zeuxis.

Fim do Canto IV.

EMILIA, E LEONIDO.

CANTO V.

AS NUPCIAS.

Ecco d' inni devoti
Risonar l'alto Tempio! ecco soave
Tra le preghiere, e i voti,
Salire al Ciel d'Arabi fumi un nembo.
Fillicaia.

Sonoros sinos, repicando alegres,
De monte Abides o Castello atroam,
Bordados de ouro paramentos ricos
Todos os muros da Capella adornam,
Do Altar maior o Throno se reveste
De innumeraveis lumes, e do tecto
Candelabros de argento accesos pendem,
Verde espadana, odoro rosmaninho
Combinando co' incenso os seus perfumes,
Fresco alecrim o pavimento juncam.
Que festa se prepara?... os quatro amantes
Vam de sacro hymeneo unir-se em laços.
Da religião o provido desvelo
Debaixo do seu manto respeitoso
O conjugal affecto colocando,
Os seus puros prazeres santifica.

Quanto o misero humano te não deve,
Augusta religião! nos Ceos lhe abonas
Gloria sem termo, premio de virtudes,
E hes na terra segunda providencia,
Que ao nascer nos seus braços o recebe,
O consola nas penas da existencia,
Encaminha seus passos na ventura,
Toma parte em seus licitos prazeres,
A dôr lhe ameiga, applaca-lhe os remorsos
Na hora horrenda da morte! junto ás aras
Dá piedoso descanço ás cinzas suas,
E por elle no tumulo intercede.

Já das portas de Astolfo vai sahindo
Pomposa comitiva! Abrem a marcha,
De ponto em branco armados, dez guerreiros,
Em cujos elmos ondeando surgem
Rubros cocares, que embaloiça o vento.
Damas, e amigos em fileiras duas
Em lindos Palafrens, Corseis soberbos
Cobertos de riquissimos jaezes
Seguem-se logo! em suas roupas brilha
Quanto luxo, e opulencia desses tempos
Souberam inventar para realce
Da beldade, e nobreza!... o povo em ondas
De hum lado, e de outro lado se amontoa,
Admirando a pomposa cavalgada,
Em que do seu paiz a flor se ajunta!
Mas o que mais que tudo os olhos leva,
O que faz levantar festivos gritos,
As duas noivas sam, que airosas marcham
Em Alfanas tão negras como a noite,
Todas cobertas de purpureas redes.
Bellas de si, parece que desdenham
Ricos ornatos seus, e eclypsam tudo.

Tal no cume do Libano dois Cedros
Entre vulgares arvores se elevam,
E a rama horisontal pelo ar destendem:
Tal nos campos do Ceo a par da Aurora
O Astro de Venus luminoso brilha,
E as nitidas Estrellas de invejosas
Sua tremula luz fugindo escondem.
Egilda de ouro, e purpura trajada,
Leva airoso galero á Goda usança,
De que pendem a hum lado ondeantes plumas,
De multicor matiz, e de outro lado
Fina alvura de hum véo lhe desce em ondas
Pelos formosos hombros, qual dos picos
De Marão se desliza a neve em flocos
Com reflexos de Phebo scintilando.
Opa da côr do Ceo trajava Emilia
De largas mangas, com airosos golpes,
[Tella de ouro riquissimo he seu forro]
Bordada em roda, e pelos cabos todos
De trepas de ouro de martelo feitas
Em feição de folhagens, e por ellas
Finos rubis com gosto semeados.
Formoso cincto lhe cingia o corpo,
Alva manta de seda guarnecida
De argentea franja a tiracol terçava
Sobre o hombro sinistro. O lindo colo
Lhe circumda hum colar, que desce ao peito.
Na cabeça não quiz mais bello enfeite
Que seu louro cabello, que na fronte
Decoramente em mil anneis se encrespa,
E ás costas por detraz em tranças desce,
Que subjuga ao desdem laço elegante!
De redea a Egilda Sisenando leva,
Leva de redea a Emilia o bom Astolfo,

Trajam de ouro, e de azul, côr propria aos annos,
A quem juvenís galas mal se ajustam.
Sam baios seus Corseis! em Corseis brancos
Nas campinas da Betica escolhidos,
Corpolentos, fogosos, que invejára
Romano vencedor para o seu carro
Em dia de triumpho, a par campeiam
Leonido, e Rodrigo, que quizeram,
Da jurada amizade em testemunho,
Deitar roupas iguaes! Botins purpureos,
Calças leonadas com ceruleos golpes,
Corpetos brancos, recamados de ouro,
Verdes mantos, que airosos sobraçavam,
Negros os gorros, de ouro apersilhados,
Que aurea borla remata, o mesmo talhe
Belleza, tudo igual, a quem os via
Fizera recordar de Leda os Gemeos,
Que nas margens do Eurotas se despunham
A palma a disputar do curso equestre
De Esparta á generosa juventude.
Fecham a marcha guapos Escudeiros,
E criados de pé, cujos vestidos
De seus Senhores a opulencia indicam.
Já dos muros da Villa estam distantes,
E as virentes campinas atravessam,
Parece que risonha a natureza
Toda a pompa de Flora derramava
Sobre o caminho seu, e o sol brilhante
Dourava a esphera com fulgor mais vivo.
Já se descobrem do Castello as Torres,
E patente o Portão! vem recebe-los
De Sisenando os nobres Cavalleiros,
Os vassallos, e os servos, que no rosto
Tem impresso o prazer! no pateo entrando

Ledos se apeiam: dois a dois subindo,
Homens, e Damas as escadas vencem,
Os longos corredores atravessam,
The ao Templo chegar: co' acatamento
Devido á Casa do Senhor se inclinam,
E de joelhos, que comece esperam
Da nova Lei o puro sacrificio,
Incruento, e tremendo, em que nas aras
He a victima hum Deos, que dos Ceos desce
Para expiar piedoso erros do Mundo.
Rompe preludiando a Orchestra inteira,
E huma chuva de sons harmoniosos
Nos animos de todos se derrama:
Religiosa a musica foi sempre,
Companheira fiel dos cultos todos.
Com Diaconos dois, paramentados
De sacras vestes, já no altar se escuta
O Celebrante o Introìto entoando,
Responde ao longe o Choro, e se prolonga
Pelas vastas abobadas seu canto
Ao lédo som de accordes instrumentos.
Sacro terror, acatamento humilde,
E solemne tristeza se apoderam
Do espirito do ouvinte, que se eleva
A contemplar nesse mysterio augusto,
Em que ao vivo a paixão se representa
Do Mediador Supremo! Apoz os Kyrios,
Muitas vozes em huma confundidas
Em mais alegres notas cantam gloria,
Gloria a Deos nas alturas! depois segue
A Epistola, o Gradual, e depois delle
O Evangelho do dia! o Celebrante,
C'os dois, que lhe ministram, toma assento.
Breve pauza se faz, e reverente,

Por Acolytos dois acompanhado
O Christão Orador, curvo o joelho,
Vai receber a benção, e modesto
O pulpito demanda, e nelle assoma.
Todos os olhos fictam-se em seu rosto,
Que descarnado, e palido dá mostras
De austera vida, e penitencia assidua,
Mas brilha em olhos seus fogo do genio,
Que animára Chrisosthomo, e Basilio.
He sabio, e seu saber por bases conta
As Doutrinas dos Padres, e Escripturas,
E o que a Igreja approvára em seus Concilios.
Borel grosseiro lhe reveste os membros,
Chorda de esparto aperta-lhe a cintura,
E a ponta, toda em nós, aos pés lhe desce.
Apoz curta oração, corre co' a vista
Todo o Auditorio, e com exordio breve
Lhe grangea a attenção. Seu gesto he grave,
Sonora a sua voz, polida a phrase,
Com eloquencia, que do peito nasce,
Pinta tudo o que diz, move, e convence.
Sabio explica os deveres dos Consortes,
Que devem partilhar os bens, e os males,
Ser dois n'huma só carne, amar-se ternos,
Os filhos educar com sãa doutrina.
Muda logo de tom, e em negro quadro
Pinta, affeia as desgraças, que promovem
Os que do matrimonio as leis quebrantam,
Duros remorsos, que na vida os punem,
E a ira do Senhor, que inexoravel
Na eternidade as vinga! retumbava
Sua voz qual trovão, e os longos echos
De Eternidade, de desgraça, e morte,
De Inferno, fazem que rebente o pranto,

E de terror os corações palpitem.
Findou, e em sons cadentes se levanta
O Symbolo da fé, que outr'ora a Igreja
Pelo orgão de seus Bispos recebêra
Do Paraclito Espirito em Nicea;
Resumo claro, inalteravel norma
Da Crença do Christão, que aos nossos dias
Tem atravez dos seculos passado,
Vencedor dos sophismas da impiedade,
Da violencia de hereticos furores;
Escudo adamantino, em que se quebram
Quantos erros do Inferno as portas brotam.
Prosegue o sacro ricto, e vivas preces
Por vivos, e por mortos se offerecem.
O Celebrante então se inclina, e humilde
Em baixa, e respeitosa voz profere,
As solemnes palavras sacrosantas,
Com que o Divino Mestre consagrára
O Vinho, e Pão, que repartiu benigno
Aos Discipulos seus na ceia extrema.
Subito abrem-se os Ceos, e chove o Justo,
[Como fecundo orvalho] cujo corpo
Real se occulta nas especies duas.
Dobram-se os cantos, dobram-se os incensos,
Hostia, e Calix eleva o Sacerdote,
Arrobada no altissimo mysterio,
Venerabunda a turba circumstante,
De giolhos em terra, os peitos fere
Adorando a presença do Deos vivo!
Communga o Antiste, ora em secreto, e alto,
E o Auditorio inteiro abençoando,
Co' Evangelho do Apostolo querido
O sacrificio finda! ah bem diverso
Dos que de Salomão no Templo outr'ora,

De Aarão os successores offertavam,
O altar tingindo com purpureo sangue
De lanigeras Oves, nedeos Touros,
Ritos, que a Lei da Graça aboliu todos,
Substituindo em aras não cruentas
Figurado á figura, e luz á sombra.
Alva capa trajando o Sacerdote
A receber os noivos se prepara,
Marcha delles em meio, e se encaminha
A' porta da capella em grave passo.
Insoffrido prazer nos noivos brilha,
Brilha nas noivas com prazer d'emvolta
Modesto pejo, que lhe accende as faces.
Param; e em clara voz o pio Antiste
Dos padrinhos á vista pronuncia
As rituaes perguntas, depois junta
De noivo, e noiva as mãos, co' a estolla as cobre,
» Do Pai, do Filho, e Espirito, igual delles,
» E que de ambos procede (diz) vos uno.
Tomando então o hysope as mãos lhe aperge,
D'agoa bemdicta, e lhe confere as bençãos.
Logo, nas Torres repicando alegres,
Com sonorosa voz os cavos sinos
Completa a ceremonia annunciaram.
Das Tribunas, do Choro sobre os noivos
Cahiu chuva aromatica de flores,
E em jubilosos vivas rompe o povo.
Leonido de Emilia a dextra toma,
E Rodrigo a de Egilda: genuflectem
Ante o maior altar, e as graças rendem
Pela ventura, que o Senhor lhe outhorga.
De ondeados Thurybulos se eleva
Odora nuvem de Sabéos perfumes,
E nas azas do canto soa o hymno,

Que em dias festivaes a Igreja entoa.

» Por Deos te louvam, por Senhor confessam
» As gentes, Johovah! a terra inteira
» Eterno Padre te venera, os Anjos,
» Seraphins, Cherubins, e Potestades
» De toda a Hierarchia te proclamam
» Com incessante voz tres vezes Santo,
» Deos Senhor dos exercitos! O mundo,
» E o Empyrio estelifero estam cheios
» Da tua magestade, e gloria tua.
» Dos Prophetas, e Apostolos o choro;
» O exercito dos Martyres, trajado
» De alvas roupas, te louva! a Sancta Igreja
» Teu nome espalha no Universo inteiro.
» Pai de immensa grandeza, venerando
» Véro filho Unigenito, e divino
» Espirito Paraclyto te aclama.
» Tu, Christo, hes Rei da gloria, sempiterno
» Filho do Eterno Padre! para o homem
» Remir não desdenhaste entrar no ventre
» De Virgem casta, e pura! Tu quebraste
» Com triumphante mão da morte a foice,
» Patenteando aos Fieis dos Ceos o Reino.
» Tu de Deos á direita estás sentado
» Na gloria de teu Pai! virás hum dia,
» Cremo-lo assim, a nos julgar. Rogamos
» Que aos servos teus, com sangue teu remidos,
» Sangue de alto valor, benigno acudas!
» Na Bemaventurança eterna os une
» Aos Sanctos teus; salva, oh Senhor, teu povo,
» Tua herança abençoa, e os rege, e exalta
» Por seculos sem fim! nós cada dia
» Te bemdizemos, e teu Nome augusto
» No tempo, e eternidade louvaremos.

» De peccado, oh Senhor! hoje nos salva,
» Tem compaixão de nós, Senhor! e a tua
» Misericordia sobre nós descenda,
» Nós o esperamos; quem em ti confia
» Não será confundido eternamente!
Deste Hymno sacrosanto as graves notas
C'os aromas do incenso confundidas,
Extasiando as almas, pareciam
Remotos echos da harmonia eterna,
Que, dos Ceos escapando, á terra vinham
Pela longa distancia enfraquecidos.
Ao salão do Castello adereçado
De mavorcios tropheos, os noivos voltam
Entre festivos parabens! abraça
Os filhos seus com jubiloso rosto
O bravo Sisenando, abraça Astolfo
Os que adoptou por taes. Em quanto reina
Nos convidados confusão festiva,
Egilda pela mão tomando a Emilia,
Junto a hum Balcão, lhe diz » Que he isto, amiga?
» Que pezar o semblante te anuvia?
» Pender vejo huma lagrima indecisa
» Dos olhos teus, que de escapar não ousa!
» Póde a magoa em teu peito achar entrada
» Em dia tão feliz? » — » Feliz!... he certo!...
» Nelle vi coroado o amor mais terno!...
» Mas tenho hum pai!.. hum pai, que neste instante,
» Em que o prazer, e as pompas me rodeam,
» Solitario vagando em seu Castello,
» Me maldiz, ou por mim saudoso chora!
» Esta idéa funesta me persegue
» Qual vingativo espectro, e no meu peito
» O punhal do remorso está cravando!...
» Ah! se em vez de evadir-me foragida

» Ao paterno poder, qual tu podesse
» Fervida amar com parternal consenso,
» Como tu não teria hum sentimento,
» Que de ventura, e jubilo não fosse.
— » Evadir-se á oppressão [responde Egilda]
» Não he crime, he dever! a natureza,
» A rasão adorar hum pai nos mandam,
» Mas nunca respeitar-lhe as injustiças!
» Rio-me dessa apatica virtude,
» Que os braços cruza, e que imolar-se deixa!
» Que! devias soffrer que ante os teus olhos
» Alberto désse morte ao charo amante,
» E n'hum claustro depois te sepultasse?
» E porque?... deu Leonido a Ernesto a morte,!...
» Não! Ernesto a buscou, arremessou-se
» Na espada de Leonido, que a brandia
» Para se defender, e defender-te!...
» Mas se Ernesto morreu, onde o seu corpo?...
» Ninguem o viu!... oh! propalar não quero
» Tudo o que penso neste cazo estranho!
» Certo em honra de Alberto não cedêra
» O meu conjecturar!... em todo o caso,
» Cara irmã, teus remorsos sam fraqueza. » —
Quizera proseguir, mas signal deram,
Que a nobre companhia ás mezas chama,
Com profusa opulencia adereçadas.
Musa, busquemos mais alegres quadros,
Que o banquete de hum grande, a que preside
A frigida ethiqueta, que caldeia
O vinho, que o prazer nas taças verte,
Com Laudano, que expreme o tedio insulso.
Miseraveis mortaes, de vós me dôo!
Que monta esse esplendor, que vos circumda?
Esses ricos Alcaçares faustosos?

Essas vestes de purpura? esses cofres
De ouro atulhados, fructo de rapinas?
Que mil servos da gleba a terra lavrem
Para supprir os desperdicios vossos?...
Desgraçados no seio da grandeza,
De ceremonias frivolas escravos,
Victimas de paixões desacisadas
Viveis, morreis sem que huma vez provasseis
Do puro regosijo o nectar doce.
Aborreceis iguaes, que vos odeam,
O sabio desdenhaes, que vos despresa,
Calcaes o pobre, e os pobres vos maldizem,
Conscios do proprio nada, hum só descuido
Nessas chymeras, que chamaes respeitos,
Vos enche de furor, e azeda a vida.
Haja hum Assuero, e mil Amans veremos
Promptos a dar á espada hum povo inteiro
Por que hum só Mardocheo não curva ante elles!
Mas ai de Aman o fim!... o sopro do Euro
Poupa o Vime rasteiro, e prostra o Cedro,
Fere a Torre elevada o raio ardente!
Nestes barbaros seculos ao menos
A nobreza no merito fundada
Servís bajulações, intrigas torpes
Conhecido não tinha! á força de armas
Os grandes acquistavam seus dominios,
Com a espada na mão os defendiam,
Como pais protegendo os seus vassallos,
Eram delles amados, com bondade
Faziam perdoar grandeza sua.
Por tal maneira Sisenando, Astolfo
Dos seus o coração ganhado haviam.
Cada vassallo seu julgava proprias
De seu Senhor as glorias, e as venturas.

Com que vivo prazer de Egilda as nupcias
No Parque do Castello ora festejam!
Que alegres todo o ar atroam vivas!
Franca alegria o rosto accende a todos!
Ao som dos Arrabis, ao som das Flautas
Camponesas de rosas coroadas,
Ligeiras como os Zephyros pulsavam
Com pé cadenceado a verde felpa
Do florido terreno! agora travam
Dos Mancebos as mãos dançando em giro,
Ora soltas aos ares se arremeçam,
E Sylphidas parecem descendendo
Do Alcaçar de Titania aos Indios prados
Ao reflexo de Cynthia em noite estiva.
Qual leviano vapor dellas em torno
As alvas roupas ondear faziam
Serenas virações, e em niveos colos
Soltas fluctuam fulgidas madeixas.
Das arvores á sombra, e sobre a relva
Os curvos Anciãos co' a taça em punho
Com sincero prazer aos noivos brindam,
E prole delles digna em breve agouram.
Olham depois as juvenis choreas,
E com phrase prolixa rememoram
Quantas vezes na ardente mancebia
A esplendidos festejos assistiram,
Em ligeireza, e garbo desenvolto
Por consenso geral obtendo a palma.
He assim que do Thamisa nas margens
O marinheiro invalido se assenta,
Vê partir, vê chegar baixeis veleiros,
E co' a imaginação os segue, e os guia,
Quem ha que no bolicio, no alboroto
Desse baile campestre não descubra

Por todos os semblantes transflorando
Puro prazer, e genial contento?
Quem não vê que esses Entes sam ditosos
Porque, as lidas depondo, hum dia folgam?
Por todos os diamantes de Golconda,
Por toda a prata, que o Perú produze,
Por todo quanto as mãos do negro escravo
Nas minas do Brazil escavam ouro,
Não farás que huma dessas camponezas
Troque o dançar com o Zagal, que a ama,
De seu Senhor na festa! que hum só Joven
Por sacrificio tal acceitar queira
Quantas fitas hum Rei outhorgar póde,
Quantos chapeos o successor de Cephas,
Tão certo he que a ventura não consiste
Em dignidades, titulos, riquezas.
Do lucigero Sol soltando o carro
Tibio clarão, que avermelhava as nuvens,
Já co' a serra de Cynthra se escondia.
E de Vespero a estrella alma, e serena
Começava a luzir, co' a luz formosa
Os namorados olhos recreando.
Subito foge a noite, e volve o dia,
Tão vivido clarão milhões de luzes
No Parque, e no Castello diffundiam,
Quem os seus torriões de longe olhasse
Julgára o Pharo vêr, que em priscos tempos
No Pelusico mar encaminhava
Com lume auxiliador na surda noite
Veli-vogos Baixeis, que demandavam
Praias de Misrhaim com mérces ricas.
Deixam-se as mezas, no salão se ajuntam
Os convivas; o estrado occupam Damas,
O multicor matiz das roupas suas,

Lindos semblantes seus trazem á idea
De flores hum canteiro em jardim ledo,
De Estrellas esmaltado hum Ceo de estio.
Porém na formosura, e na riqueza
As noivas das, que as cercam, se estremavam,
Qual de Gnido em vergeis, de Arcadia em bosques,
Risonha Venus, caçadora Cinthia
Vencem em graça, em garbo as Nimphas suas.
Assentos ricos os Barões tomando,
Nellas empregam sofregos os olhos,
E amoroso veneno em riso envolto
Descuidados aspiram! ah! quem póde
Em tal reunião de Damas lindas,
Ter olhos, alma ter, e ficar livre?
No mais digno lugar do irmão ao lado
Jaz magestoso Sisenando: ficam
Atraz delles em pé seus escudeiros,
E pagens, olho álerta aos seus preceitos.
Na orla do estrado seus Anóes se assentam
Tendo em punho o Falcão conforme a usança.
Já ao som da Theorba os Trovadores
As cansões Patrioticas modulam.
» Cantam como do Norte a Goda gente
» Com o impeto do Rhodano se arroja,
» Transpoem os Alpes, e domina a Italia,
» Como Alarico, mais feliz que Annibal,
» Que chegar não ousou de Roma aos muros,
» Roma expugna, e despoja o Capitolio
» De quanto ouro roubára ao mundo inteiro.
» Choras em vão, Rainha das Cidades,
» Teu pristino explendor, e em teus sepulchros
» De teus heroes os Mannes, ululando,
» Soltam triste clamor! do Norte os filhos
» Vingam sangue de Hermann, as Virgens tuas

» Pagam com pranto de Thusnelda o pranto!
» Ao generoso feito vingativa
» Das ruinas levanta-se Carthago,
» Bate as palmas de jubilo, e Corintho
» Sobre edificios seus, que as cinzas cobrem,
» Responde, e os mares dois co' a voz atroa.
Nas azas do louvor aos astros sobe
O nome de Ataulfo, que primeiro
Denodado firmou na Iberia o Sceptro.
De Theodorico, que o dominio alonga
Da Narboneza Galia aos ferteis campos,
Cedem A'lanos, Vandalos, Selingos
Da Goda espada ao fulminante acume,
E ou dos Monarchas seus o jugo acceitam,
Ou vam transpondo o mar, na Mauritania
Asilo procurar, e a morte encontram.
Voltam depois a Sisenando, e Astolfo
Seu cantico honrador os Godos Bardos,
Narram de seus Avôs acções pasmosas,
Narram delles as belicas proezas,
» Brilha [cantam] em vós não desmentido
» Alto sangue de Reis! rendeu-se, Astolfo,
» Ao teu valor a fundação de Abides!
» Tu conquistaste, Sisenando illustre,
» A Princeza do Tejo, a grão Lisboa,
» Muros, que a cercam, Torres, que a defendem,
» Não poderam deter por ti guiada
» A Goda intrepidez! » A taes accentos
Da valentia o fogo accende o peito
Dos guerreiros, que escutam! phantasiam
Já glorias, e tropheos! quizeram vêr-se
No centro das batalhas coroando
De belicos laureis as nobres frentes,
Cheios de enthusiasmo em vivas rompem,

Que nas longas abobadas echoam.
Cessa o rumor, e os Menestreis proseguem.
» Mas canticos de guerra hoje não vogam,
» Só canto de prazer, canto de amores
» Pede este dia de Alaudes nossos.
» He dia de Hymeneo! de Egilda o nome,
» Sylphidas leves de pintadas plumas,
» Fazei soar pela extenção dos ares.
» Nymphas da terra, celebrai de Emilia
» O gesto encantador! colhei, oh Graças,
» Nos vergeis de Titania as rubras rosas,
» Tecei grinaldas, enlaçai com ellas
» Das lindas noivas as formosas tranças!
» Adereçai-lhe o Thalamo, Prazeres?
» Guarda-lhe a entrada, tacito Mysterio!
» De cada desposada aos braços leva,
» Amor, o Esposo seu! sam dignas delles,
» Dellas dignos são elles! vingue, cresca
» Sempre em seus peitos da ternura o fogo,
» Em vez de esmorecer crescendo a idade!
» Desposa hoje o valor a formosura,
» Tão ditoso hymeneo cantemos sempre.
Taes entre o canto, e os bailes repartidas
As horas do serão rapidas correm,
The que amor aos amantes insoffridos
Deu signal de colher entre caricias
A flor, que uma só vez ventura outhorga,

Fim do Canto V.

EMILIA, E LEONIDO.

CANTO VI.

O REPTO.

E fassi ognor piu fiero, e piu arrogante,
E la stizza, e lo sdegno si rinnova,
Che gli pareva pure essere stato
Offeso troppo a torto, e poi piantato.
Bern. Orl. inn. Lib. I Cant. I.

Por um pouco cantei louçãos prazeres,
E as pompas de hymeneo: mas já da Lyra
As cordas em som funebre respondem
Aos dedos, que as tacteam! voz de morte,
Rumor de armas escuto!... a vida do homem
He tecida de gostos, e desgostos,
De ditas, e desditas! quando a esphera
A dourar começou com luz purpurea,
Almo filho do Sol, brilhante dia,
Sempre espera o prudente que o turvejem
Em seu ocaso da Procella as sombras,
A Fortuna se cança? ou quer o Eterno
A paciencia provar dos homens todos?...
Não sei; mas o que he certo he que no mundo
Não ha sorte tão prospera, que possa

A seu termo chegar sem pranto, e lucto.
Que longe estava Emilia quando a Aurora
A despertou do terno esposo ao lado,
Quando por braço delle ao salão veio,
Saudar Sisenando, Astolfo, Egilda,
De pensar que seus olhos, que brilhavam
De serena alegria, e que seu peito
Que de ternura, e de prazer palpita,
Em bréve verter lagrimas deviam,
E opprimir-se de dôr, de pranto, e lucto!
Assim na Primavera em verde ramo
Em torno da consorte arrulha o Pombo,
E aos prazeres de amor se aprompta; eis soa
O estrondo do fuzil, e espavorido
As azas bate, ao ar se eleva, e foge!
Triste, que a vêr não torna a meiga amante,
Que, banhada em seu sangue, em terra expira!
Em saborosa pratica entretida
A concorde familia as horas passa,
Egilda se ergue, e de pintado estojo
Harpa formosa de marfim tirando,
A apresentou a Emilia » Irmãa, [diz ella]
» Ardente affecto á musica professa
» Rodrigo, o esposo meu! serte-ha pesado
» Por meu amor, que huma Cansão nos cantes,
» Cansão da Patria tua?... alto no mundo
» Dos Menestreis Suevos soa o nome,
» Seu estro, o canto seu pregoa a Fama! »
—» Egilda, [volve Astolfo] esse capricho
» Recordar faz de Babilonia os filhos,
» Que aos Hebreos, que do Euphrates sobre as marges,
» Nos galhos dos Salgueiros pendurando,
» Froxas as cordas, á mercê dos ventos,
» Seus Cynnores harmonicos, gemiam,

— » Hum hymno nos cantai das festas vossas, —
» Clamavam, redobrando-lhe a amargura » —
— » Desculpa-me, Senhor [Rodrigo acode]
» Mas he diverso o caso, e mal se ajusta
» Com o simile teu o objecto delle.
» Longe da patria, em longo captiveiro
» Pranteava Israel! de Assur a casa
» Prophano jugo na cerviz lhe impunha,
» Torpe incenso dos idolos se erguia
» Em redor delle, com lascivas pompas
» Seus olhos religiosos se offendiam.
» Seu espirito em azas da saudade
» De Sião nas alturas demandava
» De Selamoth o Templo, os sacrificios,
» Os choros de cantores entoando
» Do Rei Propheta os Psalmos nos festejos,
» Com que Moysés lhe assignalára o anno,
» Quem poderia dar-lhe em terra alheia
» Seu lar, seu berço, o tumulo, em que os ossos
» De seus Avôs pacificos dormiam!
» Do Jordão, e do Cédron as correntes,
» Da amena Jericó rosaes frondosos,
» D'Engaddi as Vinhas, de Tadmor Palmares,
» Da fertil Galilea os nedeos Gados,
» Olivaes de Bethlem, e as Cordilheiras
» Do Libano de Cedros coroado,
» O Sinay, o Deserto, annos quarenta
» Theatro dos magnificos prodigios,
» Que em favor de seus Pais obrou o Eterno!
» Longe destes patheticos objectos
» Das suas affeições, da gloria sua,
» Que Hebreo podia tactear Laude,
» Cantar se não de lagrimas, e lucto?
» Quão diversa entre nós de Egilda a sorte!

» Livre, do Esposo ao lado, em nossos Templos
» Acha o seu culto, e Deos! sam nossos campos
» Dos seus retrato, entre arvores passeia
» Iguaes ás, que na infancia a circumdaram,
» O Tejo, que banhava o seu Castello,
» Passa primeiro aqui! e em dia claro
» Póde vêr levantar-se ao longe o fumo
» Da terra, em que nasceu! não foi violencia
» Que a trouxe cá; veio buscar refugio,
» Refugio achou; se Pai, e irmão perdêra,
» Pai, e irmã deparou mais ternos inda,
» Convidando-a a cantar que erro fazemos?
» He o canto a lingoagem da ventura,
» He feliz quem o amor desfruta livre.
» Canta o captivo se quebrou seus ferros,
» Ave, que da gaiola, evadir póde
» Sua alegria gorgeando exprime. » —
— » Não mais, não mais, oh nobre Cavalleiro!
» Tanto para eu cantar não se exigia,
» Sobra o desejo teu, de Egilda o rogo.
Com riso encantador volve a Sueva.
Logo com gesto airoso ageita a harpa,
Preludiando sobre as cordas giram
Seus niveos dedos, e a cantar inchoa.
» Sobre negro Corsel branco de espuma,
» A quem redeas affrouxa, esporas crava,
» De pó coberto, affogueado o rosto,
» De Coninbriga as portas a galope
» Entra como relampago, que rasga,
» Do raio precursor, o espaço ethereo;
» O bravo Remismundo, e em praças, ruas
» Com voz como a do mar, que em rochas brama,
» Aos cidadãos atonitos bradava,
» Armas, armas, guerreiros! guerra, guerra

» Soem trombetas, e clarins retumbem!
» Brandos leitos deixai, braços de amadas,
» Os arnezes vesti, cobri os elmos,
» Escudos embraçai, brandi as lanças,
» Correi, voai em defensão da Patria!...
» Correi que já do Douro a quem campeiam
» As Hostes dos belligeros Suevos!
» Seu heroe, e seu Rei, marcha na frente
» O forte Hermenerico! a longa idade
» Não lhe affrouxa o valor, não doma os brios!
» Eu o vi!... sua lança he como antenna
» De possante baixel! do Sol aos raios
» Fulminantes relampagos fulgura
» Do desmedido ferro! imita a Lua
» Seu chanfrado broquel! sobre o seu elmo
» Pouza o terror, rubro penacho ondea
» Qual choupo em tezo sobranceiro ao Monda.
» No semblante, e no talhe Odin semelha
» Como a nossos avôs pinta-lo approuve.
» Com o gesto, co' a voz os seus anima,
» A voar ao combate alto clamando
» Armas, armas, guerreiros, guerra, guerra,
» Soem trombetas, e clarins retumbem.
» A vozes taes os mais cobardes peitos
» Sentem do brio os rijos acicates,
» Armam-se todos, aos Corseis se arrojam,
» Ataces, Rei mancebo, Alano Marte
» Dá da marcha o signal!... atraz já deixam
» Da imperfeita Cidade os novos muros,
» O Monda passam por estreita ponte,
» E em patentes campinas se prolongam
» Os bravos Esquadrões cobertos de aço,
» Parecem rio, que espumando espraia,
» Com montesinas neves engrossado;

» Parecem tempestade, que, desfeita
» Em raios, e trovões, de noite echoa;
» Parecem vivo incendio, que campea
» Dilatada floresta devorando,
» E como que a victoria presagiem,
» Dos escudos ao som marchando cantam
» Armas, armas, guerreiros! guerra, guerra!
» Soem trombetas, e clarins retumbem.
» Em tanto na Cidade o Ceo, e a terra
» Com pranto feminil se atroa, e funde!
» Qual rebanho de timidas ovelhas,
» Que ante o Lobo balindo se despersa,
» C'os filhinhos nos braços as Matronas,
» As Donzellas ao vento dando as tranças,
» Sahem das cazas, para os templos fogem,
» Implorando do Ceo favor, e auxilio,
» E as que menos terror no peito abrigam,
» Com alarido flebile bradavam
» Armas, armas, guerreiros! guerra, guerra!
» Soem trombetas, e clarins retumbem.
» Mas já verdes Dragões, Leões vermelho
» De Alanos, e Suevos nas bandeiras
» Ao capricho dos ventos tremulando,
» No combate affervoram seus guerreiros!
» Com horrido estampido estalam arcos,
» Com horrido zunido as settas voam,
» Lança a lança se oppoem, espada a espada
» E pavez a pavez! estimulados
» Da espora, e dos clarins os Corseis voam,
» Relincham, se abalrroam, cahem, saltam,
» Sussurra pela terra o sangue em rios,
» Voam braços, cabeças! o chão cobrem
» Rachas de escudos, abollados elmos,
» Troços de lanças, malhas de lorigas,

» Cevados na matança os Cavalleiros
» Ordem transcuram, confundidos pugnam,
» Querem matar, de se guardar não cuidam.
» E os moribundos exhalando a vida,
» Entre as vascas da morte aos vivos clamam
» Armas, armas, guerreiros! guerra, guerra,
» Soem trombetas, e clarins retumbem!
» He igual o furor nos dois partidos,
» Estes inflama a defensão da Patria,
» De ganha-la o desejo inflama aquelles;
» Aos A'lanos alfim protege a sorte!...
» Cae nos Suevos o terror, e a fuga!...
» Em solta debandada se despersam
» Por campos de cadaveres juncados,
» Pelas sombras dos matos se emmaranham,
» Escondem-se por grutas, por montanhas,
» E entre sustos, e pejo já não cantam
» Armas, armas, guerreiros! guerra, guerra!
» Soem trombetas, e clarins retumbem!
» Mas quem he esse heroe, que envolto em sangue,
» A pé, sem elmo, perecer procura
» Por suas proprias mãos?... quem a Donzella
» Desgrenhada, sem véo, banhada em pranto,
» Que lhe embarga o punhal?... o Rei Suevo,
» O bravo Hermenerico, e a filha sua
» A amavel Cindasunda!... Anjos celestes,
» Não os soccorrereis?... Ataces chega
» Dos que fogem no alcance!... ao vêr tal scena
» Arroja-se da sella, ergue a viseira!...
» Qual Sol de Primavera elle he formoso
» Ella he formosa qual Punicea Aurora
» A's portas de ouro por Memnon carpindo?...
» Ambos se encaram!.. n'hum olhar se entendem!..
» O vencedor do pai rende-se á filha.

» Volve a serena paz, os odios fogem!...
» Eis hymeneo, e amor, não guerra, e armas!
» Soam trombetas, e clarins retumbam!»
Embevecidos da gentil Sueva
No dulci-sono canto a escutam todos
Em profundo silencio! assim outr'ora
No theatro de Lysia, em minha infancia,
Apinhada assemblea eu vi mil vezes
Extatica pender da voz sonora
Do immortal Crescentini, Orpheo de Ausonia,
Portento de expressão, e de harmonia!
Assim de hum Myrtho á sombra em noite amena
Dois amantes ditosos se extasiam
Ouvindo gorgear saudoso, e brando
Hum termo Rouxinol, que perto pouza
Sobre flexivel ramo em frente ao ninho,
Meiga suavidade o peito lhe enche,
Os seus fervidos beijos interrompem,
Nem ousam respirar porque não calle,
Mal que os presinta, a módula avesinha.
Hia cantar como extremoso Ataces,
Seu amor, e ventura eternisando,
Deu por tymbre á Cidade, que fundava,
O escudo, que inda tem! em Torre excelsa
Linda Virgem se vê; de hum lado, e de outro
Della em defeza vigiando álerta
Hum vermelho Leão, e hum verde Drago:
A bella he Cindasunda; as feras duas
Seu esposo, e seu pai, que ella unir soube,
E daquella devisa em guerra usavam.
Hindo com isto rematar seu canto,
Da Harpa huma chorda lhe estalou nos dedos,
Desce a seus pés nas outras sussurrando.
Callou-se Emilia, estremeceu Rodrigo,

Sisenando sorriu! . . . sua ironia
O genro percebeu, e assim lhe volve.
» Zomba dos sustos meus, como he teu uso,
» Mas depressa verás que em vão não temo! »
—» Zombar! . . livre-me o Ceo! [responde o velho]
» Póde de Harpa estalar pulsada chorda,
» Sem que annuncie proximo desastre! » —
Nisto por vezes trez ressoa ao longe
De huma corneta o som, e accorre hum Pagem.
» Quem chama assim do meu Castello ás portas?
Sisesando pergunta — » hum Escudeiro,
» Rico-trajado de Suevo ao uso,
» E para te fallar licença implora » —
» Venha. » O Pagem partiu » Senhor, bem cedo
» Verificado o meu agouro observas »
Rodrigo disse então. — » He certo, amigo,
» Se a chorda se não quebra, não podera
» O Suevo acertar com meu Castello.
» Pasmo da promptidão, com que ajuizas,
» Sem saber ao que vem, da vinda sua. »
Emilia entanto se lamenta, e chora,
E nos braços Leonido aperta anciosa,
» Hum Suevo! . . . meu pai de certo o manda,
» Seu furor implacavel nos persegue! »
— » Que podes recear dos seus furores? . . .
» Seu braço aqui não chega. [diz Leonido]
E osculo brando lhe libou na face.
» Não sei! tudo me assusta, e temo tudo.
» A sorte, enviperada em perseguir-me,
» Quem sabe o que traçou para o meu damno?
» Ao Castello talvez volvesse Ernesto,
» Valeroso, e violento talvez tente
» Deste sitio arrancar-me á força de armas. »
— » Venha embora! [Rodrigo irado exclama

Pondo na espada a mão] neste Castello
» Rodrigo agora está! . . . pedir-lhe-hei contas
» Do seu passado insulto, e talvez pague
» Bem caro a dôr de Egilda, os meus tormentos. » —
O Escudeiro chegou. Tirando o gorro,
Sem temor demonstrar, mas respeitoso,
Curva-se hum pouco, e a Sisenando falla.
» Mui nobre Castelão, o illustre Alberto,
» Senhor do Alfeite com desgosto soube
» Que existe em teu poder a filha sua.
» Cega de hum louco affecto, seduzida
» Por artes de hum traidor, e deslembrada
» Do que devia ao Pai, e a si devia,
» Ousou de desertar da casa sua.
» Acção he digna de Barão tão nobre
» Prestar asilo a quem manchou tal crime? . . .
» Hes pai! . . . tens filha, e a authorisar te animas
» Com tua protecção tão feio exemplo!
» Meu Senhor, o não crê! e pede, e espera
» Que logo em minhas mãos Emilia entregues! »
— » Basta, Escudeiro, [Sisenando volve
Com desabrida voz, severo aspecto]
» Se não tinha outro fim tua embaixada,
» Evitar a fadiga poderias
» Do Tejo atravessar! como pensaste,
» Como Alberto pensou que eu poderia
» Entregar, desleal, aos seus furores,
» Quem abrigo buscou entre os meus braços?
» Não ha exemplo que quebrasse um Godo
» Os sagrados direitos da hospedagem. » —
» A huma filha, que deixa foragida
» A casa de seu pai não cabe asilo »
Volve o Escudeiro, e o interrompe Astolfo.
— » Inda que meu irmão, faltar quizesse

» Da piedade ás leis, e ás leis da honra,
» Astolfo o não soffrêra! a linda Emilia
» Eu por filha adoptei! quantos direitos
» Por seu duro rigor perdêra Alberto,
» A mim se devolveram, e a mim toca
» Contra toda a violencia defende-la.
» Isto a Alberto dirás » — » Direi! e em breve
» Talvez vos peze da injustiça vossa. »
— » Escudeiro! se a mais aqui não vinhas,
» Podes-te retirar! » — » Inda de todo
» Meu dever não cumpri. Leonido, agora
» Fallo comtigo, e o que te digo escuta.
» O forte Henrique, cujo sou, te repta
» Por minha voz como traidor, e ingrato
» Com teu senhor, de quem roubaste a filha,
» Que Ernesto, para esposa lhe outhorgára:
» Diz que Ernesto á traição por ti foi morto,
» E que o teu crime provará oo' as armas
» De hoje a trez dias, em aberto campo,
» Deste Castello á vista em rija pugna,
» Que hade findar com tua morte, ou sua,
» Se acaso em peito réo animo cabe
» Para erguer sua luva! » e ao chão a arroja.
Como hum Leão, que descuidado dorme,
E de hum tigre ao bramir subito acorda,
Se ergue, a juba sacode, a cauda vibra,
Salta, corre ao contrario! assim Leonido
Se arroja á luva, que levanta, e brada.
» Teu amo, e tu, como traidores, mentem
» Por trez vezes, e seis! . . . roubada Emilia
» Por mim não foi! se dei a Ernesto a morte,
» Foi provocado, sem traição, sem dolo.
» Se meus ferros quebrei, devia Alberto
» Prender, querer punir qual reo da plebe

» Hum Cavalleiro por dar morte a outro
» Em duelo legitimo?... quem ousa
» Tal sustentar, he hum traidor!... que venha,...
» Que não seja eu Leonido, se esta espada
» Castigo lhe não der da audacia sua. »
— » Não! [Rodrigo acodiu] a mim compete
» Nesse duelo entrar! cede-me a luva!...
» No, que Ernesto aqui deu, nocturno assalto,
» Coube a mim a mor pena! Em tal insulto
» Henrique parte foi; puni-lo eu devo.
» Servirá de preludio a morte sua,
» A, que inda heide tomar, plena vingança! »
— » Rodrigo, para mim he lei teu gosto,
» Mas ceder neste caso o veda a honra.
» Fugir combate em Cavalleiro he mingoa,
» Porem quando hum rival o chama ao campo,
» Se prompto não acode, he vil, e infame!...
» Henrique he meu rival!... e se o destino,
» Mal o eu soube, do Alfeite não me aparta,
» Onde estaria esse rival soberbo?...
» Da terra ao seio descendêra ha muito!...
» Mas ora que a maligna estrella sua
» Quer sobre a minha espada arremessa-lo,
» Recuar devo, e desviar-lhe o acume
» De seu peito odioso?... não!... o instante
» Me tarda já de me affrontar com elle,
» Rasgar-lhe o coração, e vèr seu sangue
» Borbotar de seu peito envolto em fumo!
» A mim desafiou, pugnar eu devo,
» E pugnar quero! isto lhe dize, e parte. »
O Donzel retirava-se; eis que Emilia
Palido o rosto, se levanta, e trava
De seu manto com força, em voz tremente
Entallada em soluços assim falla.

„ Hum momento, Alboino! . . . a meu pai dize
„ Que viste a filha sua em casa alheia
„ A perda lamentar do amor paterno;
„ Que amor he propensão da natureza,
„ Zomba de leis, desigualdades vence;
„ Que não póde offender-se o seu orgulho
„ C'o esposo, que ellegi; que se a fortuna
„ Lhe não deu senhorios, e opulencia,
„ Em nobreza, e valor nada nos deve.
„ Que me desherde do meu erro em pena,
„ Mas sua maldição me poupe ao menos!
„ Dirás a teu Senhor, que essa promessa
„ Da minha mão, que lhe fizera Ernesto,
„ Sem consultar meu gosto, he vãa, e he nulla?
„ Que sempre o detestei! que inda que houvesse
„ Livre de amor meu coração guardado,
„ Nunca seria de hum Henrique a esposa!
„ Rogativas do irmão, do pai preceitos,
„ Nunca delle a favor me dobrariam.
„ Antes morrer! . . . antes morrer mil vezes! . . . „
Mais queria dizer! mas soffocada
Do impeto da paixão, desmaia em braços
Da sua terna Egilda! assim n'um Templo
Quando o oleo na alampada fallesce,
A amortecida luz subito brilha
Com mais vivo clarão, e logo expira!
O messageiro parte, e della em torno
Para acudir-lhe se afadigam todos.
Quem suggeriu o temerario arrojo
De Leonido reptar ao fero Henrique?
A cruel Fallerina, a treda Fada,
Cujo genio malefico só folga
Co' a desgraça de amantes, e que urdíra
De Leonido, e de Emilia a perda infausta,

Que de Egilda o valor frustrou prudente.
As cumiadas do Alfeite o Sol dourava,
Quando de Alberto ao despertar o aborda
O fiel Theodorico, e lhe dá parte
De que ao render das velas se encontrára
Da prisão de Leonido aberta a giade,
E a sentinella desarmada, e morta.
» Sonhas? [lhe diz sobresaltado Alberto]
» Ou nos meus ha traidores? » Prompto chama
Da guarda o Commandante, e delle inquire
Se do Castello alguem sahiu de noite.
Quem as portas lhe abriu sem pedir senha.
» Com Escudeiros dois hum Cavalleiro
» Armado, [volve o Chefe] e de ordem tua,
» Ao que disse, sahiu, deu certa a senha. »
--» Voltaram? »--» Não »--» Era Leonido, e co' elle
» Os traidores, que os ferros lhe quebraram.
» Quem sam? quaes faltam » — » Castellão illustre
[Theodorico responde] ha nisso engano.
» Dos Escudeiros todos nenhum falta »
— » E dos Pagens? » — » Nenhum. » O assombro cresce
No nobre Ancião, que confundido exclama.
» Sahiram homens trez que não voltaram,
» Ordem minha fingindo! . . . mas se existem
» Dentro do Paço os Escudeiros todos,
» Se hum só Pagem não falta; se aqui vejo
» Da minha casa os Cavalleiros juntos,
» Quem Leonido soltou? deu morte ao guarda,
» E com elle sahiu? . . . presumir devo
» Que dois Anjos do Ceo, ou dos infernos,
» Adivinhando a senha, aqui desceram
» A impedir-me a vingança o réo soltando? »
Por largo espaço meditando fica,
E se confunde mais quanto mais pensa.

Retirar manda a todos, e se encerra
Afflicto, e melancolico em seu quarto.
Lembra-lhe então a filha, que mandára
Semi-morta levar á estancia sua,
E de Egilda ao desvello comettêra,
Manda a hum Pagem que Emilia lhe conduza,
Com intuito de vêr se della alcança
Luz, que lhe aclare hum fio de successos,
Que o faz endoidecer! como acontece
Ao Naufrago a luctar co' as bravas ondas,
Que os ramos de hum arbusto debruçado
De litoral rochedo ancioso afferra,
Mas elle cede ao pezo, a raiz solta,
E ambos cahem no pelago fremente,
Tal Alberto ficou ouvindo ao Pagem
Que no Castello todo Emilia, Egilda
Não póde deparar! que as Damas suas,
Que ordem tiveram de deixar seu quarto,
Nada do que passou dizer sabiam.
Em transporte de cholera, e despeito
O venerando Ancião maldiz seu fado,
Caãs, e barba repella, invoca a morte!
» Filho, e Filha perder sem saber como!
» He isto encantamento? [exclama o triste]
» Obra he acaso de malignas Fadas?
» Que devo presumir? n'hum laberintho
» De confusas idéas vago á toa,
» Sem hum fio encontrar, que me conduza
» Fóra do enredo seu! » Neste momento
Chegava o Menestrel, que de seu amo
Corria a consolar a dôr penosa.
» Amigo [Alberto diz] sabio te chamam,
» E sabio eu te prosumo: talvez possa
» Illuminar-me o espirito o teu cizo,

» Que julgas deste caso? acharás meio
» Deste me decifrar abstruso enigma? »
— » Oh! tão facil me fôra [volve o Vate]
» O poder-te explicar de Ernesto a sorte!
» Que! pois tu podes?... falla,... por mais tempo
» Suspenso me não tenhas, qual teu voto? »
— » Os Escudeiros dois, que acompanharam
» O fugitivo Cavalleiro, foram »...
» Acaba de uma vez! » — Emilia, Egilda » —
» Que a liberdade intrepidas lhe deram » —
» Egilda! Emilia!... estás em ti?... podiam
» Duas donzellas timidas dar morte
» Ao guerreiro, que o carcere guardava?...
» Quem lhe deu armas? quem lhe disse a senha?
» Já devo acreditar que imbelles Pombas
» Feroz Açor despedaçar poderam. »
— » E sabes que prodigios de denodo
» Da liberdade o vivido desejo
» Inspirar póde? sabes que amor torna
» Capaz de tudo e feminino peito?
Responde o Menestrel. — » He certo, amigo,
» Tua sagaz prudencia não se illude!...
» Voem em seu alcance os meus guerreiros!...»
—»Senhor, trabalho he vão! »—»He vão! que dizes?—
» Sahiram do Castello á meia noite,
» Já estarão de Scalabys nos muros »
— » Que! presumes que lá se dirigiram? » —
» Tudo a crê-lo me induz. No porto falta
» Hum pequeno Batel; com dois escravos
» Não apparece o ancião Rescindo.
— » Oh vergonha! oh traição! a filha minha
» Aos inimigos meus rogar asilo!...
» Da Patria aos inimigos! » — » Mas se Egilda,
» Como he de crêr, foi desta empresa authora,

» Estranhas que voltasse á patria sua? »
—» Eu não condemno Egilda, antes a louvo,
» Merece livre ser quem foge os ferros.
» Mas Emilia devia acompanha-la?
» Devia abandonar os patrios lares?...
» Procedimento tal não tem desculpa.
» Magnanimo Barão, perdoa a hum velho,
» Que livre falla, e que adular não sabe.
» Se tua filha errou a culpa he tua,
» Tu seu docil espirito atteraste,
» Promettendo n'hum claustro sepulta-la.
» Juraste dar a morte ao triste amante...
—» Que! pois tão pouco me conhece a filha,
» Tão pouco me conheces, que pensassem
» Que eu jámais ameaças cumpriria,
» Que dos labios soltei da dôr no excesso!
» Na minha larga vida huma só mancha,
» Ha hi, de crueldade, alguem, que aponte?
» Mas eu não era pai? podia acaso
» Tranquillo contemplar d'Ernesto o sangue
» Vertido por hum joven, que eu creára
» Amado como filho, em meu Alcaçar?
» Mas se á traição não foi,... que o não foi creio,...
» Por que sei que he Leonido honrado, e nobre,
» Acalmada a paixão, eu perdoára!...
» Sim, perdoára, Menestrel! protesto
» Que para perdoar só esperava
» A minha Emilia vêr, vêr seu amante
» Pedir-me humildes de seu erro a venia.
» Agora que farei?... como os meus dias
» Vam deslisar-se em solidão, e em lucto!...
—» O meu voto, Senhor, he que primeiro
» Asserenar teu animo procures;
» E que envies a Scalabys espias

» Que provem meu juizo, ou que o desmintam,
» Depois farás o que melhor convenha.
Abraça o nobre ancião do Vate o arbitrio.
Solitario com elle passa os dias,
Ninguem quer vêr, a sua voz só ouve,
Que verte brando balsamo na chaga,
Que no seu coração abriu saudade,
Se prova algum praser, he quando o escuta
Da Harpa ao som celebrar de Ernesto a gloria,
E de Emilia os encantos, e as virtudes.
Com seus cantos assim David outr'ora
Amainava as procellas de furores,
Que n'alma de Saul Sátan erguia,
Ou, mais demonios que elle, a inveja, e orgulho,
Que o coração raivando lhe avexavam.
Na suave harmonia embevecido
Chorava Alberto; o choro a dôr modera,
He annuncio de morte a dôr sem pranto.
He thesouro sem preço, he dom precioso
Hum leal, verdadeiro, e sabio amigo
Nos dias da afflicção!... mas gozam delle
Os Grandes rara vez, nunca os Monarchas,
Que escravos querem só!... Doce amizade,
Tu foste pelos Ceos aos homens dada
Para vedar-lhe a magoa, enxugar prantos,
Desespinhar-lhe os rispidos desvellos;
Da desesperação á dextra arrancas
O punhal, que affiára a desventura;
Ao Leão do poder com floreo laço
Prendes o colo, amanças-lhe a braveza;
Tu rosas sobre o tumulo semeas,
Disfarçando o terror, que nelle habita;
Tu de amor as delicias nos facultas
Sem os tormentos seus! mais vasto Imperio

Elle tem, tu melhor! ama o tyranno,
Ama o vil, o preverso; mas só reinas
Em almas puras, que a virtude inflama;
Doce amizade! eu te cantei mil vezes,
Mil vezes cantarei, the que da Lyra
Os dedos meus, já frigidos co' a morte,
Co' as aureas cordas atinar não possam.
Os espiões de Scalabys já voltam,
Dam certeza que Emilia, e que Leonido
No Castello de Egilda em paz viviam.
E que o bom Sisenando, o honrado Astolfo
Com paternal amor tratavam ambos.
Orphão do filho Alberto, e convencido
Das, que o Vate lhe dá, razões prudentes,
Da filha a ausencia supportar não póde.
Sua imagem em sonhos lhe apparece,
Cuida na meza que sorrindo o brinda;
Cuida no seu jardim que ella alli vaga
Flores colhendo, com que as cãas lhe adorna.
Se ouve de noite o Rouxinol cantando,
Julga ser ella, que um Romance entoa
Que o cego Menestrel na Harpa acompanha.
Julga, se nasce o Sol, que ante o seu leito
De joelhos a vê com gesto humilde
Sauda-lo, e beijar-lhe a mão rugosa,
Mas a leda illusão subito foge,
E a magoa o punge com pesar mais vivo.
Tal nos desertos aridos do Egypto,
Da America do Sul nos Certões ermos,
Traça a miragem subito nos ares
Limpidos lagos, borbulhantes fontes,
E o prospecto do Occeano! o caminhante,
Os animaes, a que atormenta a sede,
Affadigados correm, sem que possam

Alcançar as correntes, que suspiram,
E do baldado afan desenganados,
Mestos praguejam a illusão traidora.
Não soffre dilação, chama Albuino,
Escudeiro de Henrique, e determina
Que passe o Tejo, Scalabys demande.
Que offerte em nome seu á linda Egilda
Todo o despojo do nocturno assalto.
Que em nome seu a Sisenando, e Astolfo
Agradeça a magnanima hospedagem,
Que delles recebêra a filha sua.
E que a Emilia, e Leonido o indulto intime
Sob a fé de que os una apenas cheguem.
Mas gentileza tal de amor paterno
Dos homens a perfidia, a Fada iniqua
Fizeram transtornar. Filho era Henrique
Do alto Senhor da esplendida Cidade,
Que escolheu para Corte o Grão Sertorio,
De aqueductos ornou, cercou de muros.
Com frenetico affecto amava Emilia,
E tanto como Emilia os seus thesouros.
Temerario em valor, de indole tredo,
Vingativo, e feroz, invido, e altivo,
Com hypocrita mascara cobria
Os torpes vicios seus, e os seus defeitos.
Com virtude apparente a singeleza
De Ernesto seduziu; communicou-lhe
A paixão pela irmaã; he nobre, he rico,
Prole de altos Avós, salvou-lhe a vida
No ultimo conflicto, e elle, de grato,
De Emilia a dextra prometteu-lhe em premio.
De Leonido, e de Emilia affecto, e fuga
Accendêram-lhe n'alma o desespero,
Hia nos bosques meditar sósinho

Nos meios de vingar-se, e a soledade
Hia cada vez mais enviperando
O seu genio feroz, a inveja, em que arde.
Foi então que do Caucaso na gruta,
Que he domicilio seu, pascendo os olhos
Pelo magico espelho, aonde as Fadas
Quanto passa no mundo observam, ouvem,
Nelle viu Fallerina as mui pomposas
Nupcias de Emilia, e desadora ao vê-las.
Como de rubra côr á vista o Touro
Raspa o chão, brande a cauda, urra iracundo,
E co' a fronte cornigera inclinada
Lhe enveste envolto em turbilhões de fumo,
Que das ventas lhe expelle a furia, em que arde.
Ouve a ordem de Alberto, e clama irosa.
» Das lidas, que tomei he este o fructo!
» Em vão n'alma de Ernesto accendi furias!
» Foi em vão sepultar em carcer negro
» Esse amante feliz!... ei-lo que se une,
» Em despeito de mim, co' a doce amada!
» Que digo? quanto fiz cede em bem delles!
» Ao Alfeite elles voltam! morto Ernesto
» Recolherão de Alberto a herança inteira!
» E eu o soffro? sou Fada, e poder tenho?
» Não! debalde fiaes nos dons da sorte,
» Por que tanto vos dá deveis teme-la.
» Na humana vida tocam-se os extremos.
» Quando o Ceo he sereno, impaciente
» O Nauta de cortar tranquillo pêgo
» Com festivo clamor as praias deixa,
» Tal prazer de que vem? de hum Ceo sem nuvens
» O que póde esperar senão tormenta?
» A tormenta sou eu! vereis que em breve
» Torno Aquilões as Auras, que vos sopram,

» E essas ondas de leite em crespas vagas,
» Que o Baixel vosso remugindo affundam.
Disse: crava outra vez no espelho os olhos,
Henrique descobriu, e leu de hum golpe
A maldade, e furor, que n'alma encerra,
» Eis ali de meus fins apto instrumento!
Com feroz alegria exclama, e logo
Em carro, que Dragões alados tiram
Aos ares se remonta, os ares corta,
Rapida como a bala, que despara
Ignivomo canhão, tambem como ella
De ruinas, e estragos portadora.
Nos vastos plainos de areaes ferventes,
Que o retisnado, barbaro Africano
Sarha denominou na patria lingoa,
Se ergue edificio em conica figura,
Que huma só porta tem, janellas poucas,
E na deserta immensidão parece
A funeral agulha, que remata
O tumulo da extincta natureza.
Não corre alli remanso de agoa pura,
Não se ouve murmurar limpida fonte,
Huma agreste Palmeira alli não zimbra,
Nunca arbusto cresceu, vecejou relva.
Tudo he arido, e ermo, esteril, morto.
De homens, ou de animaes não vês pégada,
Som não ouves algum, salvo o dos ventos,
Que ás vezes, remoinhando furibuudos,
Levantam the aos Ceos nuvens de areas,
D'onde volvem á terra em chuva ardente.
Em derredor da fabrica medonha
Feita de escorias de Volcões, que attestam
Na denegrida côr fogo, em que arderam,
Andam girando os tetricos Cuidados,

De encovado semblante, e aguda vista,
Palidos, transparentes, leves, como
Sombras, que á meia noite as campas deixam.
A' porta em sentinella está tremendo
Desconfiança timida, que álerta,
Vesgos olhos continuo em roda volve,
Grita sem vêr de que, e ás armas chama.
Aqui termina a Fada o longo vôo,
Aqui do carro desce! e, mal que a avista,
Brada a porteira com clamor, que atroa,
Como urro de Elephante; que ferido
Nos matos de Ceilão desperta os echos,
Que horridamente ao longe lhe respondem.
Armados de punhal subito acodem,
E cercam Fallerina os guardas todos.
Em vão, que ella agitando a vara de ouro,
Com o sybilo seu os torna immoveis.
Por abobada, lobrega, sombria,
Marchando vai, como atravez do vacuo
Sátan, negros projectos meditando,
Em demanda da terra, viajava,
Creada ha pouco! do caminho ao termo
Em salão espaçoso, em ferreo Throno
O Ciume encontrou! as Fadas contam
Que de Amor, e Perfidia em hora infausta
Este monstro nasceu, e a mâi o entrega
A' Crueldade, que o creou cuidosa
No palacio da Morte! em vão procuras
Seu rosto demarcar, figura sua,
Que em continua mudança elle os varia.
He Gigante, he Anão, Cordeiro, e Tygre,
Delirante ameaça, e treme, e chora,
Ruge, supplica, ordena, affaga, e mata.
De humanos corações se nutre, e ceva,

Sam nectar seu as lagrimas de amantes,
Crê sem vêr, e descrê quanto está vendo,
Prompto resolve, e prompto se arrepende.
Opa traja de côr cambiante, e a aperta
Com pungente cilicio em vez de cinto,
Fazem-lhe corte as Delações, Receios,
Chymeras, Furias, Illusões, Remorsos,
O Assassinio sanguento, o atroz Suicidio.
Da Vingança em regaço elle dormia
Quando a Fada chegou, que resoluta
Co' a vara o toca, e subito desperta.
» Ciume [ella lhe diz] preciso agora
» Enviperar hum coração ferino
» Com todo o teu furor; arma o meu braço,
» He pouco o tempo, e dilações não soffre.
Hum sorriso infernal brilhou nos labios
Do monstro, qual relampago nas trevas
De tempestosa noite! tanto o alegra
Do mal, que cauzar póde, a horrenda idéa!
A pequena redoma a dextra lança,
E a Fallerina a entrega. » Ahi tens, [diz elle]
» Quantos venenos o Ciume encerra. »
A Fada se retira. Outra vez entra
Em seu carro veloz, e os ares corta.
Com vôo accelerado os Dragos passam
Pelas vastas regiões, já tam famosas,
Onde reinaram Massinissa, e Juba.
Vem Utica, onde outr'ora, embevecido
De Platão nas doutrinas, preferíra
O severo Catão morrer Romano,
Livre morrer, a submetter-se a Cezar.
Deixam atraz as celebres ruinas
Da mercantil Carthago, a antiga Londres,
Que em riquezas, e em fé a nova iguala,

E talvez igual sorte a espere ainda.
Ali viu Fallerina andar carpindo
Do grande Annibal não vingada a sombra.
Avante vai; e atravessando o Estreito,
Entra o fertil Algarve coroado
De alfarrobeiras, e viçosas palmas,
E alfim da Transtagania ao termo chega
Em demanda de Henrique! o Cavalleiro
Sentado encontra no mais alto pico
Do rochedo de Almada, ao som das vasgas,
Que ali bramindo desenrolla o Tejo,
Cevando solitario a dôr, que o punge.
Mais não aguarda a Fada, e lhe derrama
A redoma fatal sobre a cabeça,
Vapor subtil, venefico se espalha
Qual nevoa, e do mancebo em torno ondea,
Que, respirando as mónadas malignas,
A mente, e o coração subito lhe ardem
De perfidia, e furor no torpe incendio.
Invisivel a elle então chegando
Deste modo lhe diz. » Perdoa Alberto
» Da filha o erro, e com Leonido a esposa;
» Da bella a posse, o dote seu, e herança
» Passam, aos olhos teus, a quem Henrique
» Servidor desdenhára em seus dominios!
» Prometteram-ta esposa, hoje a denegam!
» Hes nobre, e cedes? tens valor, e o soffres?...
» O mundo que dirá?» — » Dirá que Henrique
» Sabe injurias vingar, [replica o Joven
Erguido em pé, com iracundo acento]
» Debalde traça o indolente Alberto
» Planos, que illudam a esperança minha,
» Debalde o meu rival canta o triumpho,
» Daquelle baldarei co' a industria os votos,

» Deste me desaffronte a espada, e escripto
» Será com sangue seu da ingrata Emilia
» O nupcial contracto! » — Dali parte
Veloz qual dardo, que do Egypto em campos
Galopando arrojou Manluk ousado
Com prazer infernal, satanio riso
Segue-o a Fada malefica co' a vista,
E dando por completo o seu triumpho,
Batendo as palmas, do que fez se applaude.
Chega ao Alfeite o furibundo amante,
Chama Albuino; com ameaços, rogos,
E ouro, que tudo acaba em baixos peitos,
Faz que o perdão de Alberto a Emilia esconda,
Que a Sisenando a peça por taes termos
Que o pondonor lhe offenda, e que não possa
Sem desaire entrega-la; e que em seu nome
Repte a Leonido de traidor, e o chame
A entrar com elle em singular combate.
Tudo cumpriu o perfido Escudeiro;
Voltou, por elle Alberto espera ancioso,
Treme quando o vê só! mas escutando
Que Sisenando o seu rogar despreza,
Que Emilia aos lares seus voltar recusa,
O venerando Ancião, cedendo á angustia,
Sem sentidos cahiu! levado ao leito,
Acodiram-lhe os seus com prompto auxilio,
O accordo alfim cobrou, mas febre ardente
Lhe accende o sangue; com feroz delirio
Agora pela filha ancioso chama,
Agora a amaldiçoa, ou chora, ou fica
Em profundo lethargo sepultado,
Para a vida salvar-lhe os mestres lidam
Mil sapientes formulas empregam,
Mas tudo opera pouco, e pouco esperam.

Alberto era qual pai dos seus amado,
Todos choram por elle, e tremem todos,
Todos da filha a ingratidão maldizem,
Menos o Menestrel! conhece Emilia,
Pelo pai extremosa, e meiga, e terna,
Della tal desamor pensar não póde.
» Que ao erro de fugir do patrio seio
» Amor violento, e a salvação do amante
» Levar podessem a inesperta Virgem
» A quem póde admirar? [dizia o Vate]
» Mas quando a mão do amante o pai lhe outhorga,
» E a roga com perdão negar-se a elle!
» Renunciar a tão formosa herança,
» Para entre estranhos mendigar soccorros,
» Possivel tal não he! traição ha nisto!
Mais o confirma nas suspeitas suas
A partida de Henrique! e que lhe vale
Suspeitar, se da morte Alberto ás portas
Não póde ouvi-lo, examinar não póde
Esta perfida trama? o Vate afflicto
Pela saude do amo os Ceos implora,
Calla prudente, e para o tempo appella.

Fim do Canto VI.

EMILIA, E LEONIDO.

CANTO VII.

O DUELLO.

Oh che sanguigna, e espaziosa porta
Fá l'una, e l'altra espada ovunque giugne,
Nell' arme, e nelle carni! e si la vita
Non esce, sdegno tienla al petto unita!
Tasso, Gofr. Cant. XII.

Quando medonho furacão se aprompta
A desolar os campos, emmudece
A natureza de temor transida,
Param immoveis as pezadas nuvens,
Noto, Austro, Boreas, Aquillo reprimem,
Como força poupando, os rijos sopros;
De altos Choupos não treme huma só folha,
Corre mais lento sussurrando o Arroio,
A luz de Phebo eclypsa-se; no meio
Deste silencio precursor de estragos,
Vê-se a timida Pomba em baixo vôo
Fugir espavorida; para os eidos
Leva a dueira a toda a pressa o gado;
Só na mudez, e horror, que a terra envolvem,
A ave sinistra, que se nutre a sangue,

Deixa os rochedos concavos, aonde
Foge da luz do Sol! em azas negras
Librada paira, agudos gritos solta,
Folga aventando a proxima tormenta,
Que a fome lhe sacie em larga presa.
Para a formosa Emilia asssim decorre
Carregado de lucto, e magoa o tempo,
Que entrevalla o combate! Em torno della
Emmudecêram os louçãos prazeres,
A alegria fugiu, fugiu ventura.
Só da sua alma na mudez erguia
Triste presentimento a voz medonha,
Agourando desastres! se adormece,
Negras visões a mente lhe apavoram,
Rumor de armas escuta; vê Leonido
Tincto de sangue, que do aberto peito
Rebenta em borbotões, jazer na terra,
Por seu nome chamar com debeis vozes,
Corre, forceja pelo erguer!... mas elle
Languidamente os moribundos olhos
Volve-lhe, — arqueja,... em seu regaço expira!
Cuida outras vezes na profunda noite
Vagar sósinha na deserta margem
De apressurado rio, a cujos echos
De espaço a espaço lugubres respondem
De Moucho, e Noitibó funereos pios.
Se do Castello no jardim sentada,
De hum Platano copado á sombra, busca
Da solidão o abrigo, mais se azedam
Da solidão no seio os seus pezares.
Ali, não observada, desafoga
A dôr, que a punge, em lagrimas copiosas,
Ali promette a Amor, que se Leonido
Por mão de Henrique terminar seus dias,

Em breve, morta da saudade aos golpes,
A' campa o seguirá; e que doçura
Póde sem elle offerecer-lhe a vida?
Nestes momentos de afflicção penosa
Só acha linitivo quando adorna
O elmo do esposo com vistosas plumas.
Beija-o no seu delirio, e diz » defende
» De meu consorte a fronte; em teu aceiro
» Baldem-se os golpes do feroz contrario!...
» Oh! quem soubera, oh elmo! em favor delle
» Encantar-te com magicas palavras! »
Desce a miudo á Capella, e largas horas,
Ajoelhada ao altar, despende orando
Da devoção, e amor co' fervor todo.
» Benigna Mãi dos homens desvalidos,
» Pura Esposa do Eterno, ah! tem piedade
» De huma esposa infeliz, que em ais te implora,
» Dá força, e esforço do consorte ao braço,
» Salva-o da morte, que hum traidor quer dar-lhe,
» Que a injusta pugna o chama! faze, oh Virgem!
» Recahir nelle da calumnia a pena.
» Tu calcaste com planta irresistivel
» Tumido colo da infernal Serpente,
» Calca deste soberbo o insano orgulho!
Então nos devaneios da esperança,
Ou vê, ou cuida vêr, que a Mãi piedosa
Lhe sorri compassiva, e que lhe acena
Como que a humilde supplica despacha.
Lidas em vão por consola-la, Egilda,
Em vão toda a eloquencia da amisade
Empenhas porque da alma lhe dissipes
Os temores, que fundo lhe imprimiram
Presentimentos seus! compadecido
Do seu penar o intrepido Rodrigo,

De Cavalleiro á fé vingar protesta
Se Henrique triumphar, com sangue delle,
De Emilia a viuvez, do amigo a morte.
Cada suspiro da extremosa amante
No peito de Leonido retumbava,
Cada lagrima sua lhe cahia
No coração, e como fogo o abraza.
» Que! tu no meu valor fias tão pouco
» Que por morto me dás se entro em combate?
» Tão injusta suppões a cauza nossa
» Que o juizo de Deos contra nós seja?
» Muita vez combati; e a minha espada
» Muita vez triumphou no marcio campo,
» Quem mais valente, que o feroz Sifredo
» De Myrtilis Senhor, que, não contente
» Do seu povo opprimir, os comvisinhos
» Com rapinas, e roubos provocava?
» Eu o desafiei, bem moço ainda,
» Com elle combati!... era hum gigante!
» Sua lança era antenna, e raio o alfange,
» Tres vezes descançamos, e tres vezes
» Tornamos a pugnar com furia nova,
» Dos golpes ao rumor echoavam bosques,
» De nossos pés trilhado o chão tremia.
» Elle alfim succumbiu!... e agora devo
» De hum traidor, desleal acobardar-me?
» Não! combato por ti; isso bastava,
» Debil que fosse, a vigorar meu braço.
Diz o guerreiro, e nos mimosos labios
Da Sueva gentil se expraia a medo
Lacrimoso sorriso! a frente inclina
No peito seu qual languida papoula
De copioso orvalho carregada,
Qual da maceira o mui flexivel ramo,

Que verga ao pezo do cheiroso pomo;
Em extasi de vivida ternura
Contra o seu coração o aperta anciosa,
Assim a labareda ondeando cinge
O madeiro, que a nutre; assim ao mastro
Em vendaval a flamula se enrolla;
Assim na Italia a vide ao choupo altivo
Com seus braços de pampanos se enreda.
Já do Castello em frente se prepara
A espaçosa estacada, amplo theatro
Da galhardia, tribunal da honra,
Onde nossos maiores preferiram
Pôr nas mãos do valor, e da fortuna
Dos pleitos seus a decisão, a vê-los
Discutir, decidir na sombra, a occultas
Por corruptos Juizes, que levados
Do interesse, ou temor, das leis não curam,
Ante quem sempre he réo quem réo se encontra
Aos olhos de quem manda, e sempre he justo
O que se envolve do poder no manto.
Pela terceira vez no rubro Oriente
Do Thalamo, em que jaz de prata, e ouro,
Chorando, e rindo se ergue a Aurora fria,
Chorando porque morre a noite, e rindo
Porque o dia nasceu! marcha no meio
Do tumulo da mãi, berço do filho,
Que assim sohem no Mundo revezar-se
Alegria, e pezar, os bens, e os males!
Chegou-se o praso do fatal combate,
Que deve decidir da morte, ou vida
De Leonido, e de Henrique! hoje de vaso
Deve Emilia vestir-se, ou ser contente,
E dar graças ao Ceo do Esposo em braços.
E ella de idéa tal preoccupada

Padece como o réo, que em prisão negra
Vê despontar o dia pavoroso,
Em que em ultima instancia pronuncía
Supremo Tribunal sua sentença.
Formosas Damas, com vistosas galas
Vam os palanques occupando: os homens
Do amphitheatro nos degráos se assentam.
Desses tempos, que barbaros chamamos,
Os guerreiros costumes afaziam
Do sexo melindroso a vista a scenas
De matança, e de sangue. Amor de Damas
O valor com proezas grangeava;
Sem valor todo o merito era nullo.
Nem da belleza a posse merecia
Quem defender-lhe a fama não podesse
Brandindo a espada, e sobpesando a lança,
Daqui o enthusiasmo ardente, e nobre,
Que fazia invencivel presumir-se
O feliz Cavalleiro, que alcançava
Da sua amada em dom madeixa, ou ficta,
Com que as armas ornasse, e que em seu nome
Arriscadas emprezas comettia:
Daqui longas paixões, constancia eterna,
Que estes Evos polidos desconhecem,
Já dos prestigios seus amor despido
Com tresdobrada venda os olhos cobre,
E ao tinir dos Dobrões dirige os tiros;
Em vez de suspirar, calcula, e somma.
Que importa a Venus desposar-se a Pluto?...
Sam Alcaçar de Pluto as aureas minas.
Porque hade estranhar Marte unir-se a Flora
Se em diamantes abunda?... a formusura,
A modestia, a virtude, engenho, e brio
Nada valem per si! este que chamam,

Tão sem motivo, o seculo de ferro,
Seculo he de ouro, em que a riqueza impera.
Rodrigo em Corsel baio cavalgando,
Sentinellas dispõem do circo á entrada,
E com forte esquadrão segura o campo,
O furibundo Henrique atravessára
Do Tejo as ondas na passada noite,
E ante o Castello amanheceu! vestia
Negra couraça, que aureas folhas ornam,
Que rematam rubis. Laminas de aço
Sobre o fraldão em derredor lhe pendem,
Laminas de aço os braços lhe reparam,
Que igual ornato enfeita! a sobreveste
Negra he tambem, e de ouro os seus recamos.
He negro o morrião, que reluzia
Como oxidiano marmore, e tremúla,
Da cimeira ás espaduas descendendo,
Huma selva de plumas, que deslumbra
Juntando a côr do fogo á côr da noite,
Atravessa no arção a longa lança,
Esporea hum Corsel o mais soberbo,
Mais corpolento, que de Beja os campos
Para lidas mavorcias produziram,
He morello de côr com malhas brancas,
Fluctua a hum lado, e outro a farta juba.
Com a comprida cauda açouta os ares,
Os olhos vibram fogo, e as largas ventas
O fumo em turbilhões soprando, arrojam.
Debaixo de seus pés aballa a terra,
E em seu galope os ventos desafia.
Em leve palafrem ruço-rodado
Leva-lhe Albuino o escudo: he de aço todo.
No centro delle relevado avulta
Laocoon, que de opprimido geme

Nas roscas das Serpentes, que o subjugam,
E que as cabeças, lingoas fóra, encruzam
Do infeliz sobre a fronte; e tem de roda
Este mote » O ciume assim me tracta. »
Pelas leis do Paiz deste combate
Eram Juizes Sisenando, e Astolfo,
E dentro da estacada introduziram
O Eborense campião! . . . seu torvo aspecto,
O corpolento talhe, as negras armas,
Os seus modos brutaes, aos que o contemplam,
Trazia á idéa hum Africo Elephante
Da antiga Roma ao circo conduzido
A espedaçar Christãos, ou travar brigas
Com furioso Leão! . . . Ruidosas se abrem
As portas do Castello, e precedido
De Pagens, de Escudeiros, cavalgando
Em foveiro Ginete, dom precioso
Do magnanimo Astolfo, vem Leonido
Armado ao campo. Verde he a armadura,
Cortada a quarteirões de esperas de ouro,
De igual côr, e lavrado airoso traja
A rica sobre-veste: do Sol, vibra,
Ferido pela luz, raios seu elmo,
Em que ondeante se move á lei do vento
Penacho multicôr, obra da esposa,
Do bordado talim pende-lhe aos hombros
A cortadora, longa, e fina espada,
Throno da morte, e optimo despojo
Do tyranno de Myrtilis. Sabendo
Seu fiel Escudeiro, onde parava,
Do Alfeite desertára, e lhe trouxera
Esta preciosa alfaia, que elle preza,
Mais do que hum cofre prenhe de ouro. Embraça
O bem polido escudo impenetravel,

Em que o nome de Emilia está gravado
Co' a letra. » Por ti pugno, e por ti venço. »
Entrou no vallo pela porta em frente
A', que havia transposto o seu contrario.
Applausivo rumor se ergue de entorno,
Ao vêr como campeia airoso, e firme,
Tão gentil, bem-apposto Cavalleiro.
Como maneja desenvolto a lança,
E revolve o Corsel com garbo, e força.
Invejam-no os Varões, louvam-no as Damas,
E vê-lo vencedor dezejam todos.
» Guapo vens, novo Páris! [diz-lhe Henrique
Com sorriso insultante] trajas verde,
» Garrida côr, emblema de esperanças,
» Mas eu farei que em breve ellas se murchem,
» Se outro acaso não sou que ser sohia. »
Responde-lhe Leonido. » A tempo estamos
» De eu responder co' a espada a vãos apodos;
» De te provar que a torto me reptaste
» De felonia, de assassinio, e rapto;
» De te provar que hes vil, traidor, cobarde.
» E indigno de aspirar de Emilia á dextra.
A ouvir tal, brada Henrique como ruge
Leão, que exasperado a seta morde,
Com que o varára o Beduino errante
Nos ermos da Thebaida. Furibundo
Repella a barba, e diz. » De dôr morrêra
» Não havendo a certeza, de em teu sangue
» Lavar breve essa injuria! » — » Acazo pensas,
Com socegada voz lhe diz Leonido,
» Que Dama eu sou, ou timido menino,
» Cujo peito com feros se apavora?
» Palavras a que vem? toma do campo,
» Por nós advogue a espada, e Deos decida. » —

Os Juizes aos dois o Sol partiram,
Tomam o assento, que lhe ordena a usansa,
Para ao combate presidir. Abaixam
Os Cavalleiros a viseira a hum tempo,
Põem as lanças em riste, e immoveis ficam.
Como, prenhes de electricos vapores,
Duas nuvens no ar, que ao menor vento
Ruidosas se abalroam, e rebentam
Desfeitas em relampagos, e raios.
Todas as gentes, que o Castello habitam,
Por janellas, e ameias assomavam
Para a pugna observar; sómente Emilia
Nega ao cru espectaculo seus olhos.
Debalde Egilda lhe insta » oh! não! [diz ella]
» Eu vêr o meu consorte em tal perigo!...
» Vê-lo morrer talvez!... sobra a noticia,
» Sem o presencear, para que eu morra!
» Longe o agouro fatal!... ás aras corro,
» Talvez com preces, lagrimas impetre
» A piedade dos Ceos, dos Ceos o auxilio.
Como a Cerva ferida, que as campinas
Anhellante transpõem, buscando as ondas
De limpido remanso, que as estanques
Lhe restitua forças, assim corre
Para a Capella a Dama, e ali prostrada
Ante os altares de rogar não cessa
Em quanto o esposo co' rival combate.
Assim o de Adonay fiel Ministro,
Que sobre o mar de Edom erguendo a dextra
Franqueou a Israel segura estrada,
Que fez de leve vara ao tenue toque,
De arida rocha rebentar correntes,
Em quanto na planice o povo ao longe
Intrepido combate imigas hostes,

Devoto, e solitario em monte excelso
Braços, e coração aos Ceos erguia,
E as preces só findou findada a pugna.
Já clarins, e trombetas reboando
Dam do ataque o signal. Os dois Guerreiros
Cravam esporas aos Corseis fogosos,
Que, a poeira no trote ennovellando,
Partem como o relampago! não falha
No encontro algum. Os solidos escudos
Colhem em cheio, e as lanças rotas, passam
Hum pelo outro sem desar na sella,
Airosos cavalgantes! novas lanças
Da Hastaria lhe trazem, redeas voltam,
Outra vez a galope se abalroam,
Mas com fortuna igual! por vez terceira
De despeito, e vergonha enviperados
Como dois feros Ursos, que disputam
Nos campos da Tartaria, urrando, a preza,
Hum n'outro sem piedade as garras crava,
Rijos se apertam nos felpudos braços,
Mordem-se, e juntos na gelada terra
Em sangue alheio, e proprio se rebolcam,
Taes dos Cavallos seus ao correr todo
Um ao outro os rivaes se arremeçaram,
Mal apontada no furor, que o cega,
No escudo de Leonido deslisando
De Henrique a lança resvalou; mas topa
Do arnez huma junctura, e por hum lado
Ao soslaio o feriu! porem Leonido
Com tal força ao passar do escudo o encontra,
Que elle desatinado a terra veio
Mas co' a redea na mão! e avante o outro
Vai campeando em derredor do vallo;
Hum confuso clamor de alegres vivas

Nos ares retumbou, e atroa os montes.
Brama o soberbo Henrique, e da viseira
Fumo, e cholera exhalla! sobre a sella,
Sem no estribo por pé, leve se arroja,
E co' a espada na mão corre ao contrario,
Que prompto a recebe-lo se abalança.
Taes nos campos, que banha o Xantho, e o Simois,
Via outr'ora de Dardano a Cidade
O valeroso Heitor, e o fero Achyles,
Ambos de armas divinas guarnecidos,
A palma disputar do esforço, e brio.
Promptos de espora, e redea a hum leve toque
Os rapidos Corseis, alvos de espuma,
Giram, voltam, recuam, param, fogem,
E ouvem sempre a tremenda tempestade
Dos desmedidos golpes, que os aturdem.
Já de ambos os contrarios corre o sangue,
E as armas purpurea! de Leonido,
Do escudo em descoberto, colhe Henrique
Hum hombro, e o fere, e lhe desarma o golpe
Ametade do braço, que não podem
De aço as escamas resistir-lhe, e pára
Na orla do escudo, que faiscas vibra,
E horridamente retumbou; segundo
Lhe acerta no Elmo, que foi tal, que a frente
Lhe fez curvar até ao peito; iroso
De Emilia o amante no voltar o alcança
Co' um revez na cimeira!... o Cavalleiro
Vê labaredas lampejar-lhe aos olhos,
Como sinos bombitam-lhe os ouvidos.
Perde o accordo, e ao Cavallo abraça o colo,
Que nem que de seu dono avente o risco,
Foge a galope em derredor da arena.
Como do ar a Imperatriz armada

De recurvado bico, e garra adunca,
Segue a preza, que timida lhe foge,
Sem descanço lhe dar até que a empolgue,
Leonido, que perder não quer o ensejo,
Vai do contrario apoz, e tanto o fere,
Que elle desacordado em fim baquea.
Tal na Herminia montanha o sol desgela
Neves, que concretou do Inverno o sopro.
Medonha alluvião de agoa se arroja
Fervendo em catadupas, ao seu pezo
Cede enorme rochedo, e vem rodando
The no valle parar com fero estrondo.
Prompto Leonido do Corsel se apeia,
E ao inimigo vai; mas quando chega,
Já recobrado, e em pé, o encontra álerta.
Disseras que era Antheo, que derribado
Na rija lucta pela herculea força,
Mal que da Madre Terra o seio toca
Com dobrado vigor prompto se erguia.
Ferem-se ao perto com maior braveza,
E a arte á força oppoem, e a força á arte.
Por elmos, por escudos chovem golpes,
Qual de Lipari concava nas furnas,
De Vulcano fumifera officina,
Os malhos sobre as incudes sonoras
Com incessante moto sobem, descem,
Lançando o ferro em braza a cada golpe
Da caverna em redor zoantes chispas.
Qual nas eiras do Minho os lavradores
As espigas do milho desfazendo,
Rijos flagelos sem descanço vibram.
Cortadas leva o vento as leves plumas
Das cimeiras brazão! das braçadeiras
A rica pregadura ao longe salta,

Desmalham-se as lorigas, entra o ferro
A folgo seu nas descobertas carnes,
O sangue tinge a terra, e quem o verte
De furor transportado, não presente
Que de envolta com elle a vida foge.
Ora ferem de talho, ora de ponta,
A sinistra, á direita, a frente, ao peito
Tiram, avançam, torcem-se quaes Serpes,
Recuam, crescem, ameaçam, param.
Duas solidas horas tem pugnado,
Nem se vê a que parte a sorte inclina,
Por monstros de valor ambos proclamam
Quantos presentes sam!... mas forças de homens
Tem seu limite; a fraquejar começam.
Do sangue a falta lhe minora as forças,
Na mão ás vezes se lhe torce a espada,
Affrontam-se co' pezo da armadura,
Tiram-se a fóra por folgar, e encostam
Da espada ao pomo os arquejantes peitos.
» Oh cholera! [raivoso exclama Henrique]
» Que hum só homem me ponha em tanta affronta!
» Sou Henrique, e elle tanto ante mim dura?
» Que gloria ganho aqui, mesmo que o vença,
» Se tão caro me custa o vencimento?»
— » Amo? este he meu rival? e vive ainda?
» Emilia que dirá da escolha sua
[Murmurava Leonido] se me observa
» Tão remisso em vencer?» — Estas idéas
Ambos de nova cholera transportam,
E de novo á peleja os dois impelem.
Mas no pequeno espaço, em que folgaram,
Correu mais livre o sangue, e a perda sua
O vigor lhe tolheu: cahem seus golpes
Menos pezados, repetidos menos,

Que reja o mesmo espirito, que monta,
Se ao espirito as forças não respondem!
Alfim desesperado Henrique deixa
Seu escudo cahir, e co' as mãos ambas
Sua espada afferrando, furibundo
Corre a Leonido, que no escudo acceita
O golpe, que foi tal, que entorpecido
O braço lhe deixou, porem previsto
Antes que elle segunde, pelos peitos
Athe aos copos embebeu-lhe a espada.
Tira-a tincta de sangue; vem traz ella
Rubra espadana! co' impeto da morte
Henrique solta hum grito, e cae sem vida.
Tal n'hum souto da Beira a crebros golpes
De afiada bipene succumbindo,
Geme, e desaba o Castanheiro annoso.
E co' a ramosa copa a terra innunda,
Desenlançando do vencido o Elmo,
Vendo que he morto, o Vencedor exclama,
Pondo-lhe em cima o pé! » desta arte acabem
» Quantos traidores como tu maculem
» Com vil calumnia da innocencia o nome,
» Quantos pela injustiça combaterem. »
A cortar-lhe a cabeça se apromptava,
Mas Sisenando, e Astolfo se oppuseram.
» Fazer guerra a cadaveres que vale?
» Não o soffre a razão: dá paz ao morto,
» Que já co' a vida satisfez seu erro.
Dos Juizes á voz cedeu Leonido.
Seu cavallo buscou, mas de mui debil
Careceu que a montar o ajudem Pagens.
Por entre os vivas do apinhado povo,
Ao som de leda musica festiva
Todos para o Castello se endereçam,

Entram no pateo, apeiam-se, nos braços
De Astolfo, e de Rodrigo ao Salão sobe,
Banhado o vencedor no proprio sangue,
Lá desarmado pela mão dos Pagens,
Sobre mole sophá o heroe se encosta,
E hum escudeiro em tal myster esperto,
As feridas lhe cata, e cura, e liga.
Nisto Emilia chegou. Voára Egilda
A levar-lhe á Capella a fausta nova
De que com vida, e vencedor volvera
O suspirado amante! a linda Dama,
Como o que surge de profundo somno,
E a luz artificial subito encara,
Sem pode-la soffrer desvia o rosto,
Pois seus olhos de lagrimas cobertos
Distinguir os objectos lhe não deixam,
Mas quando a força do orgam se equilibra
Com a externa impressão, a actividade
Vital recobra, a luz do Sol supporta,
Muda ficou, mas breve em si tornando,
N'hum transporte de jubilo as mãos une,
E dos Ceos na Rainha os olhos pondo,
» Piedosa mãi de Deos, tu me escutaste!
» Neste dia feliz annual festejo
» Virgem, eu te consagro em quanto exista,
» E quando eu morta for, hão de os meus filhos
» Este sempre observar sagrado rito! »
Da amiga pela mão, não corre, voa,
Como louca de gosto ao Salão chega,
Arremessa-se rapida, em soluços
Ao colo de Leonido, e nelle imprime
Soffregos beijos, que o amor dilata,
Tão alienada está, que lhe não lembra
Que haja ali quem observe os seus transportes.

» Oh charo esposo meu! em fim venceste?
—» Podia não vencer [volve Leonido]
» Combatendo em teu nome! » — » mas que abservo?
» Ferido estás?... talvez de morte!.. — » Ao susto
» Dá de avesso, Senhora, [acode prompto
O escudeiro] respondo por seus dias,
» Perigosa ferida não lhe encontro,
» Do sangue a perda, da fadiga o excesso
» Cauzam todo o seu mal » — » Novas ditosas
» O Ceo sempre te dê » — Replica Emilia,
E o Consorte outra vez aperta em braços.
Já desarmado o intrepido Rodrigo
Toma a Leonido a dextra, a aperta, e diz-lhe.
» Pugnaste como Heroe! não vi thegora
» Tal sangue frio, tão pesados golpes.
— » Certo, e a meu vêr com tão feroz contrario
» Não podia sobrar accordo, e brio.
[Sisenando accrescenta,] e tal victoria
Deve a quem ganhou dar fama eterna. »
» Quando seus golpes vi [prosegue Astolfo]
» Se eu não soubesse, de cabal certeza,
» Que elle a causa não justa defendia,
» Mal agourára do exito da empreza. »
— » Por piedade callai! [replica Egilda]
» Não reparaes de Emilia no semblante?
» Crava em seu coração punhal buido,
» Quem do esposo o perigo lhe recorda.
» Egilda! oh como bem minha alma entendes!
Emilia exclama, e se lhe arroja em braços,
Tal outr'ora de Pylades no seio
Orestes das Eumenides vexado
A seu duro penar abrigo achava!
Em quanto no Castello isto se passa,
Lamenta Albuino na deserta arena

De seu Senhor o fado! o exangue espolio
No Palafrem de hum Pagem, que os seguíra,
Atravessa chorando, e lho confia.
Nos arções do Corsel depois pendura
Seu Elmo, Escudo, Espada, então cavalga,
E levando-o de redea, a praia busca.
Pesaroso medita em seu caminho
No desastrado caso, e se pragueja
Pela parte, que teve em tal desastre,
Quem o defenderá de iras de Alberto
Quando lhe for notorio o seu engano?
Tornar a Ebora deve?... mas de Henrique
Como ao Pai narrará do filho a morte,
Sem que réo de se haver prestado o encontre
De seu amo ao zeloso desvario?
Tudo he para temer de hum pai magoado,
Talvez com seu castigo a dôr console,
Sempre o que he infeliz foi deshumano.
» Sede insaciavel de mundanas honras!...
» Paixões violentas! [exclamava Albuino]
» Levareis sempre os miseros viventes
» Da desgraça, e do crime ao fundo abysmo?
» Não haverá mão de Anjo, que os suspenda
» Do precipicio á beira? de que vale
» Da consciencia o brado incorruptivel?
» De que vale que n'alma enterre as puas
» Do culpado o remorso? que circumde
» O seu leito de sustos, e terrores,
» Se do interesse á voz tudo mudece?
» Se elle, em si os prestigios reunindo
» De todas as paixões, de nós decide?...
» Por que em nós a virtude cede ao crime
» Ou sempre, ou quasi sempre?... máos nascemos,
» E bons nos faz o ensino, e então que admira

» Que á educação dê mate a natureza?
» Tudo para ditoso te sobrava,
» Cavalleiro infeliz!... sangue preclaro,
» Magnanimo valor, ricos dominios!...
» Cubiça te perdeu misero Henrique!
» Perderam-te as Paixões!... Orgulho, Inveja,
» Eis as causas fataes da morte tua!
» Por orgulho hum rival não supportavas,
« Invido gosar outro não soffrias
» Com a dextra de Emilia os bens de Alberto,
» A' vingança, aos enganos recorreste,
» E, por tudo querer, perdeste tudo.
» Quem hade consolar teu pai longevo?
» Misero ancião! perecerá de magoa!
» Outro Filho não tinha! em ti fenece
» De seu nobre solar toda a esperança!...
» Não! levar-lhe não ouso a fatal nova!
» Para ve-lo morrer faltame o esforço,
» E certo morrerá! » Nisto chegavam
A praia, em que do Tejo as ondas quebram,
Está prompto o Baixel, que os conduzira,
Embarcam, soltam velas, batem remos,
E em demando do Alfeite as agoas cortam.

Fim do Canto VII.

EMILIA, E LEONIDO.

CANTO VIII.

CYNTHRA.

Cosi d'Europa all' ultimo comfino,
Trascorrendo la Cynthra Lusitana,
Io vidi un solitario Capucino,
Ch' entro una cava rupe entra, e s'intana;
Ivi Convento trova, horto, e giardino,
E scuopre i piani, e i mari alla lontana,
Oh Cinthra! oh Cinthra! oh sol soggiorno ameno
Di meraviglie, e di delizzie pieno!

Quando vogamos em sereno rio
Parece não mover-nos, e que em roda
Fogem as praias, edificios fogem,
Porque igual movimento a hum tempo leva
A nós, a barca, as agoas; assim passam
Dias, mezes, e annos, se os vivemos
Puros, tranquillos, uniformes, ledos?...
De igual modo de Emilia, e de Leonido
Hia em paz deslisando-se a existencia
No ameno seio da viçosa Cynthra!
Oh Cynthra! oh Cynthra! oh Eden Lusitano,
Verde Jardim de Amor, mansão das Graças,
Asilo de delicias, e prazeres!...
Nos teus montes, que o genio ama, e frequenta,

Quadros busca o Pintor! busca o Poeta
Sublime inspiração, idéas novas,
Profundos sentimentos, e lembranças
De antigos tempos, que a saudade enfeita!
Oh! dê-me o fado terminar meus dias
Por entre os bosques teus longe dos homens,
Que temo, de quem fujo, e que despreso,
Porque de os conhecer tenho a desdita!
Ora dormindo ao som das fontes tuas
De musgosos penedos debruçadas,
Ora novos Poemas meditando
A' sombra dos pomares, que revestem
Tuas ferteis encostas, ou perdido
Pelos sombrios bosques de Sobreiros,
Onde do Sol a luz penetra a custo,
E a luz de Delia nunca entrou! quão ledo
Trinar ouvíra melodiosas aves!
Que doces devaneios me assaltaram
Da solidão no seio! quantas vezes
Junto á fonte das Aves, na alta Serra
Pensaria illudido pela sombra
Que da Lua ao clarão projectam ramos,
Que do ancião Trovador, que ali finara,
Via girar o espirito saudoso,
Co' espirito gentil da regia amante,
De que em vida impio fado o separára!...
Mas oh dezejos vãos! nego-me a sorte,
E o que a sorte dispoem suportar cumpre!
Mas quem levou tão longe os dois amantes
Do hospedeiro lugar, em que existiam?
Os temores de Emilia! O repto, a pugna,
Do Consorte as feridas imprimiram
Sobre o seu coração timido, e terno,
Sobre sua exaltada phantasia

Tão vivas impressões, que não socega,
Não descança, não dorme; a falsa idéa
De que o pai a aborrece, e quer puni-la,
Continuo a seu espirito figura
Que hum apoz outro armados cavalleiros
Vem pôr em risco de Leonido a vida.
Que Alberto a viva força vem buscala
Cego do seu furor! de quantas podem
Os homens flagellar moraes doenças,
Nenhuma he mais cruel em meu conceito,
Que em receios viver, que hum temor vago
De indifinido mal, que nunca chega,
E, sem saber porque, se espera sempre!
He jazer de Dionisio á lauta meza
Sem pôr mão nos opiparos manjares,
Sem aos labios chegar a florea taça,
Fixos tendo no tecto os olhos, onde
Sua cabeça a cada instante ameaça,
Pendente de hum cabello, a nua espada.
De sinistros cuidados perseguida
Tal hera da Sueva encantadora
A triste situação! já nos seus labios
Nem a furto desponta hum ledo riso;
Não transluz a alegria em seu semblante,
Musicas seus ouvidos não recream,
Bailes a sua magoa não aturdem,
Debalde lhe offerece amenas sombras,
Debalde lhe offerece odoras flores
O Parque do Castello; com seu canto
Debalde aves canoras a saudam,
Surge o Sol do Oceano, e traz o dia,
Mas o seu coração em trevas fica.
De imaginario mal victima infausta
He infeliz no seio da ventura!

Banhada em pranto abraça-se ao Consorte,
» Oh leva-me daqui [anciosa exclama]
» Onde, que importa? basta que não chegem
» O braço de meu pai, nem seus Ministros
» Onde estejamos nós!... hirei contente
» Vagar comtigo emmanhados bosques,
» Em funda gruta de aspera montanha
» Dormir de musgo em leito, trajar pelles,
» Em vez de tella de ouro, ou finas sedas.
» Quero manter-me de silvestres fructos,
» Quero em fim tudo! sobra que não tema.
» Que á minha vista hum barbaro te mate,
» Que hum pai, que me maldiz, a ti me roube.»
Lida debalde em dissuadi-la Egilda,
Que mais que a irmã lhe quer! que desadora
Co' a idéa de apparta-la de seu lado,
Com prudentes razões lhe representam
Os dois anciãos, que sem motivo teme,
A' sua authoridade não replica,
Concentra o seu pezar no intimo peito,
As lagrimas reprime; mas que importa?
Dor que não desabafa he mais violenta.
Minada de desgosto, a vistos olhos
Murcha a sua belleza como a planta
Na raiz offendida! Sisenando
Condoido da magoa, que a lacera,
Tractando o caso co' prudente Astolfo,
Com Leonido se aparta, e diz-lhe. » Amigo,
» Alto me doe; que a panicos terrores
» Da esposa tua o espirito succumba.
» Mas bem que imaginario o mal saibamos,
» Seu effeito he real, e ella por isso
» Menos não soffrerá! razão não vale
» Onde a paixão domina, e quem pertende

» Vencer paixões com raciocinio he louco.
» Com ellas obra o sabio como o Nauta
» Que contra o vento bolinando avança,
» Quando ceder parece! Emilia teme
» Este lugar? deste lugar se aparte.
» He o tempo o só medico, que póde
» Febres d'alma sanar. Verás que em breve,
» Acalmado o terror, que a tumultua,
» Suspira por voltar de Egilda aos braços.
» E de novo outra vez virêis contentes
» Comnosco disfructar serenos dias. »
» A' falda do soberbo Promontorio
» Onde Europa termina no Occeano,
» Hum Castello possuo, que rodeam
» Fecundos campos de optima lavoura,
» Sitio algum não verás mais aprasivel,
» Mais proprio a asserenar tormentas d'alma,
» Lá podes conduzir a amada esposa,
» Lá ao seu padecer se espere o termo. »
Agradece Leonido ao velho honrado
Tão piedosa attenção! que raro o homem,
Que he a tempo benefico, e que sabe
Melindrear o pejo a quem recebe!
Lêr n'alma do infeliz, sem que elle o peça,
O que cumpre ao seu bem! ah! que me importa
Que Apicio me franquee a lauta meza,
Se lá c'os Parasitos me coloca?...
Que chova sobre mim seu ouro hum Cresso,
Se escravo seu me faz?... ha beneficios
Que o sabio por injurias classifica,
Que em vez de gratidão odio grangeam,
Nunca os receberei!... nunca!... mais vale
Morrer á mingua, que aviltar-se o homem,
Que alma tem nobre, e livre!... mas quem póde

Pintar de Emilia o jubilo mal sabe
Por boca de Leonido a leda nova?
Quando á porta do gelido sepulchro,
Onde tres dias solidos, tres noites
Jazido havia o fetido cadaver,
Bradou omnipotente do Deos Homem
A voz augusta » Lazaro, vem fóra »
Alegria menor brilhou no rosto
Das chorosas irmãs, quando da campa
Ileso o Resurgente se arrèmeça,
E com fraterno abraço ao peito as cinge.
Tudo para a jornada está já prompto,
Emilia ajoelhando aos pés de Astolfo,
Beija-lhe a dextra, e diz. » Mortal piedoso,
» Que meu pai ser quizeste em vez daquelle,
» Que me gerou, que eu amo, e me aborreçe,
» Adeos! dentro em minha alma vam gravados
» Os beneficios teus, bondade tua.
Benigno Astolfo a levantou nos braços
» Vai, o turbido espirito socega,
» Não tarde aos braços meus volverás, filha,
» E acharás sempre em mim de pai o affecto. »
Ao peito pranteando a aperta Egilda,
» Irmã! nem minhas lagrimas, nem rogos,
» Te obstaram ao partir? » dôr corta o resto,
E abraçadas pranteam largo tempo.
Assim dois lyrios, do Vergel ornato,
Quando a Aurora derrama as croceas tranças,
Do matutino orvalho carregados,
Hum do outro na haste a fronte inclinam,
E abraçar-se parecem, recreando
Da virgem, que os cultiva, os castos olhos.
Rodrigo os acompanha, e vai com elle
Numeroso esquadrão de cavalleiros.

Todos armados de luzidas armas,
E Pagens de serviço. O dia inteiro
Proseguem sem fadiga a marcha sua;
Quando a noite descia armavam tendas,
Que, em quanto ao brando somno elles se entregam,
Guardam Guerreiros revezando as velas.
Ninguem naquellas epochas podia
De outra maneira viajar seguro.
Erro he julgar pelos costumes nossos
As Epochas Feudaes. Publica força
Não havia, que os crimes comprimisse,
Protegesse a innocencia! o Poder Regio,
Que, como o coração no corpo humano,
Manda pelas arterias vida, e sangue
Ao corpo social, nesse systema
Unia, e não ligava os varios membros.
Pessoal era a força. Em terras suas
Punham leis os Barões a seu capricho,
Permittiam o transito, ou negavam,
Hum do outro ciosos, sempre inquietos,
Cevando-se em veneno de suspeitas,
Como Aguias altos montes habitavam,
Entre os seus Torreões encastellados,
Presumiam quaes feras ter nascido
Para se aborrecer, despedaçar-se
Com mutua assolação! pasmar devemos
Que acoitados no manto tenebrozo
Da anarchia legal, que então reinava,
Cafilas de Bandidos infestassem
Descampadas Florestas, despojando
Da vida, e bens o Viandante incauto?
Ou que mil vezes necessario fosse
Franquear o caminho á viva lança?
Ei-los em Cynthra já! não qual he hoje

De Edificios soberbos coroada,
E embelecida por Pomona, e Ceres,
Mas inculta, silvestre, como, ou quasi
Como sahiu das mãos da Natureza.
Passou por esse Elisio a guerra dura,
E com planta de bronze aniquillára
Dos Romanos as Fabricas soberbas,
Mas Cybele cubríra essas ruinas
De verdura com veos, mantos de Arbustos.
Como ali se dilata, e reverdece
De Emilia o coração, que a dôr murchára!
Livre respira já, segura crê-se,
E quem no Alfeite adivinhar podia
Que ella tão longe procurasse abrigo!
Tal o Narciso, que em gramineo campo
Coroado de pétalas brilhantes,
Surge, ao celeste orvalho abrindo as flores,
De pura luz se embebe, e vê na dextra
De Favonio accender de Hymen o facho,
Se meridiano Sol, o abraza, e torra,
Subito inclina languido a cabeça,
Nem já se espelha no cristal das fontes,
Nem Mariposas vem roubar seu nectar,
E delle com a vida Amor se aprompta
Para fugir gemendo! eis do Ceo desce
Refrigerante chuva!... de repente
Por folhas, e raizes se insinua
O vivifico humor, e elle de novo
Revive, se ergue, e nova graça ostenta.
Rege o Castello, que habitar vieram,
Honrado Ancião com poucos cavalleiros
Para defeza sua! o seu caracter
Cortez, e affavel, jovial o torna
Idolo dos Vassallos, e dos servos,

Que se empregam dos campos no cultivo.
» Hugo (ao partir Rodrigo lhe dissera)
» Teu Senhor estes hospedes amaveis
» Conta por filhos, como taes os tracta,
» Serves a elle, e a mim os dois servindo. »
Com prazer ordens taes cumpre o bom velho:
De Emilia ao levantar cortez lhe offerta
Flores, com que aderece o seio, as tranças;
Corseis, e Galgos a Leonido aprompta,
E lhe indica onde a caça mais abunda.
A' noite ao lar sentado, e o copo em punho,
Famosas aventuras relatava
De antigos cavalleiros, e da Corte
Dos Reis Godos o estilo magestoso.
Era o sabio Nestor, que aos heroes Gregos
Ante os muros Dardanios entretinha
Com as memorias dos passados tempos:
Hera o canoro Ossian, que idoso, e cego
De Malvina as saudades consolava
Celebrando de Oscar egregios feitos!
Oscar, o Esposo seu, que ardente a amava,
Cujo Espirito heroico inda nos ares
Folgava de a mirar da nevoa sua!
A's vezes nas barandas do Castello
Senta-se Emilia de Leonido ao lado
De Cynthia á luz gozando da frescura,
Que em branda noite Zephyros espalham.
Que painel portentoso lhe apresenta
A abobada dos Ceos, illuminada
De fulgido esplendor, e que matizam
Milhões de Globos nitidos, que a alma
Elevam a sublimes pensamentos,
Consoladores, meigos!... Ah! quem póde,
Depois de os contemplar, volver á terra

Os saudosos olhos, sem que n'alma
Sinta brotar hum fervido dezejo
De azas ter, com que busque em rijo vôo
Essas Ilhas de luz, que se levantam
No Oceano do espaço?... dedilhando
As chordas da Harpa canta Emilia ás vezes
Terna, e saudosa os Canticos da Patria,
E do Instrumento os sons, que á voz se ajustam,
Nas gothicas arcadas retumbando
Do Castello em silencio, pareciam
Magas Endeixas, que encantadas Mouras,
Recobrando a belleza, e fórma antiga,
Dia de São João, com aureo pentem
Longas tranças sulcando, em torno ás fontes,
A' meia noite, módulas suspiram,
Namorados Mancebos seduzindo.

De dia em seus passeios os encantam
Pictorescos prospectos! no horisonte
Se estende a longa Serra, que se herrissa
De massas de alcantis, cujos cabeços
Servir parecem de brilhante fundo
Ao quadro de campinas verdejantes,
De sitios deleitosos, frescos vales,
Romanticos, e amenos, que Natura
Para a imaginação creára adrede!
Ora nos cumes seus subito pouza,
Erguendo-se do proximo Oceano,
Outra Serra de nevoa, que ondeante
Cobre do Sol a luz, assombra os ares,
E com cérulo manto a envolve inteira.

Ora em seu carro electrico voando,
Tirado por Tufões, a Tempestade
Com frequentes coriscos a fulmina!
Aqui em catadupas se despenham

Limpidas agoas por musgosas rochas,
Ali a perder d'olhos se prolonga
De Sobreiros frondifera floresta,
Verdes montes em montes se encastellam,
Sobre arvoredos arvoredos zimbram.
Mas se do alto da Serra a vista alongam
No circumfuso espaço, novas scenas
Abrem-se magestosas! . . . lá contemplam
O valle da pomifera Collares,
Que o Rio das maçãas fecunda, e corre;
Numerosos Rebanhos, que repastam
Do Mouro pelas margens ubertosas,
Mafra toda zorzaes, penedos toda,
Onde, apoz longos seculos, devia
Levantar-se o magnifico Mosteiro,
Que ao Thaumaturgo Portuguez consagra
De hum Rei de Lysia a prodiga piedade;
Aquem Villas, Aldeias, e Castellos,
Que do centro, como Ilhas, descolavam
De hum Oceano de messes, que lourejam,
Pomares, Olivedos, Hortas, Prados.
Mais longe o largo Tejo, que navegam
Copiosos Baixeis, e as margens ambas
De empostas verdejantes coroadas!
Para outro lado, onde termina a terra,
O occiduo Mar correndo se prolonga
The parecer que no ultimo horisonte
Se une dos Ceos á abobada, e que as nuvens
Descansam no seu gremio! ora se alegram
De o ver tranquillo em morbido balouço
Reflectir como Espelho a luz de Phebo;
Ora tremem de ver como, enrolando
Escarceos espumosos, se arremeça
Com bramidos horrisonos á falda

Do erguido Promontorio, onde furioso
Ergue-se, bate, parte-se, e recua!
Oh Mar! quanto he pomposo o teu aspecto!
Symbolo do poder, e da grandeza,
A brandura, o terror em ti se alternam!
Dos Homens a violencia arraza os montes,
Comula os valles, as florestas prostra,
O leito muda dos profundos Rios,
As Rochas em Pyramides transforma,
Desce athe os umbraes do escuro Averno,
Transtornando da Terra a face inteira,
Mas tu livre de ferros de tyrannos,
Inda hes hoje qual foste em teu principio,
E inda o mesmo serás no dia horrendo,
Em que ao seio do nada restitua
D'onde o tirára, este Universo o Eterno!
Quando hum Vate haverá, que em teus mysterios
Por equorea Camena iniciado,
Em Poema immortal célebre, e cante
Tuas bellezas, magestade tua?
Elle dirá como n'hum polo, e n'outro
Com indefésso afan d'Eolo os Filhos
Congelam sem cessar de neve em serras
Nebulosos, maritimos efluvios:
Como a terra seis luas presentando
Do Artico Polo a cupula gelada
Ao risonho fulgor de Phebo ardente,
Do seu cume em torrentes se despenha
Com undisona furia o vasto Occeano,
E metade do anno ao Sul dirige
Suas correntes! como então passando
No flammivomo coche o Rei do Dia
A's oppostas Regiões, em quando o Inverno
O seu algido Throno ao Norte cobra,

Elle no Polo Antarctico franquea
Com ignea chave os Armazães, que encerram
Os thesouros da neve, e outros seis mezes
D'Austro a Boreas, oh Mar, teu curso inclinas.
Elle dirá como a geral corrente
Caracolando em derredor do Globo
Entre as Ilhas, e oppostos Continentes,
Como em longos canaes, se aperta, e forma
Contracorrentes lateraes, que trazem,
Refluindo, as marés a portos, rios.
Rival de Tompson, com pincel brilhante
Pintará mariscosas Serranias,
De area os alongados Promontorios,
Montanhas de Coral, profundas Grutas
De luzentes madréporas formadas,
E que a Flora maritima adereça
De Algas, Fucos, Varechas mil-cores
Com tremulos festões! amena estancia,
Onde seu domicilio colocaram
Tritões lascivos; frescas arribanas,
Onde seus gados numerosos guarda
O vidente Protheo! equoreos campos
Onde as Ondinas de ceruleas transas
Aos leves carros resolutas jungem
Forçosos Tubarões; com duros freios
Sojeitam-lhe as mandibulas vorazes,
Co' as redeas os governam, e obedece
Da formusura á mão brutal fereza;
Jardins por onde as Dórides entrançam
Com pé cadenceado alegres Bailes
Entre arbustos elasticos, e plantas,
Que a creadora luz do Sol recebem
Das agoas a travez, e dam passagem
Pelas crivadas folhas ás correntes;

Os echos inefaveis, que retumbam
Nos anfractos das Rochas verdenegras,
Que em massa inabalavel se levantam,
Cujas bases na furia das tormentas
De phosphorica luz emvolvem nuvens,
De longe comvidando á preza certa
As taciturnas Tribus nadadoras.

Nem dos amantes dois presenta aos olhos
A campina diaphana dos Ares
Menos formosos, e variados Quadros
Ao declinar da tarde! Onde ha hi tinctas,
Que possam imitar, de longe ao menos,
Cores tão lindas, e variados Grupos,
Como os das Nuvens pelo Sol douradas?
Que Raphael, que Vanhuysum souberam
Nos Arabescos seus, nos seus Paizes
Phantasiar tão Romanticos prospectos,
Tão vivas luzes transparentes sombras?
Disseras que Morgana de aureas transas,
A Fada da riqueza ali franquea
Seus Jardins, cujas Arvores sam de ouro,
Rubis as flores, esmeralda as folhas,
Liquida prata os Lagos, e pomposa
Em dia festivál nelle recebe
O Grão Demogorgon, a cujo sceptro
Elementares Genios obedecem.

Pela arenosa praia, que se estende
A' falda do suberbo Promontorio
Ledos vagam ás vezes. Já comtemplam
Mariscosos rochedos, que parecem
Proximos a cahir, ou formam grutas,
Que, de musgosos limos revestidas,
Julgaras Camarims de equoreas Nymphas,
Onde os Sarrios o murice colhiam

Para purpurear dos Reis o manto.
Já longas horas meditando passam
Nas ruinas magnificas do templo,
Que Lusitania idolatra erigira
A Cynthia, de quem Cynthra o nome teve.
Quem haverá que decifrar-me possa
O praser melancholico, e sublime,
Que o homem prova á vista das ruinas,
Resto de antigos tempos? por que n'alma
Mor aballo lhe dam do que a grandeza
De Fabricas inteiras? conscio acaso
Da pouca duração da vida sua,
Se consola co' a idea de que a morte
Que a prostra-lo se aprompta, tambem prostra
Imperios, e Nações?... talvez cansado
Do jugo de tyrannos se recrea
Aos pés calcando os monumentos delles,
Pensando que virá quem pize hum dia
Os, que ora eleva esse Poder, que o vexa?
Talvez a confuzão de humas ruinas
Sem objecto, sem ordem, sem limites
Com vagos, saudosos pensamentos
Mais a imaginação lhe exalta, e move
Que de inteiro edificio a magestade!
O Viajante, que vê do Nilo em margens
As suberbas Pyramides subindo
The ás Estrellas co' aguçado pico,
Por hum momento atonito as comtempla,
Depois seu coração se murcha, e fecha,
Porque? só huma idea lhe despertam;
E que idea?... terrivel! » Nestes sitios
Diz com despeito » Despotas insanos
» De homens quarenta mil por annos vinte
» As forças estancaram, accervando

» Hum sobre outros, milhares de Rochedos
» Para alojar á larga as cinzas suas,
» Que urna breve fechára em terra pouca.
» E duram! tem dos seculos zombado
» Estes oprobriosos monumentos
» Do orgulho de huns, e da oppressão de muitos? »
Mas quando a hum lado, e outro os montes deixa,
E entra no vale onde existiu Palmira,
Que varias sensações n'alma lhe excita
Tão variado quadro! aqui descobre
De hum Aqueducto os restos, mais avante
Tumulos entre Arbustos escondidos,
Lá o Templo do Sol, que em parte inteiro
Combater contra os Tempos representa!
Aqui como Esquadrão, que emfilleirado
Do inimigo a pé firme o choque espera,
Se estende a perder d'olhos no horisonte
Hum cordão de columnas gigantescas,
[Sua base transcende a humana altura]
Que mil desmoronados edificios,
A' sombra sua escondem! neste sitio
Surge hum palacio, de que em pé só restam
As paredes, e os atrios! ora hum templo
Co' Perystilo com metade em terra,
Ora altares sem Templo! o chão observa?
Que espectaculo novo em toda a parte!...
Dispersos capiteis, frontaes quebrados,
Relevos gastos, rotas, ou cahidas
De enrediça emvolvidas as columnas,
Pedestaes sem Estatuas, e na area
Estatuas enterradas, que figuram
Trabalhar por sahir de novo ao dia,
E campindo o Painel de hum lado ao longe
Hum deserto sem fim, e de outro lado

Desamparado forte Musulmano,
Como da barbarez scello pendente
Da Assolação na Charta! » Aqui [exclama
De saudade, e ternura entre os assomos]
» Da sorte humana as vezes se figuram!
» Onde a população, que numerosa
» Estas ruas, e praças inundava?
» Sam acaso esses Arabes, que colhem
» Em curto espaço, seminus, o fructo
» De escassas Oliveiras? não! estranhos
» Sam aqui como ortigas ponteagudas
» N'hum canteiro de Flores! de Palmira
« Os donos em seus tumulos descançam,
» Justo he que huma Cidade, que he ruinas,
» Mortos habitem só! jaz mudo o circo,
» Do Sol no Templo os canticos não soam
» Das formosas Vestaes rosi-toucadas,
» Nas Torres, nas muralhas não tremulam
» De Salomão, de Roma, de Odenato
» As Bandeiras ondeando ao som do Vento!
» Já demandando as portas não se avistam
» Pelo deserto as caravanas ricas,
» Que do persico seio aqui traziam
» As mérces do Indostão, d'Ophir o ouro,
» As Perlas de Barhem, Symios de Yémen,
» E da Persia os Pavões, riquezas tantas,
» Que neste vasto Emporio se juntavam
» Para em Rios daqui se derramarem
» Por Phenicia, Judea, Egypto, e Syria!
» Por baixo daquelle arco de triumpho
» Em pompa oriental passou Zenobia,
» A' sombra deste portico soava
» Do eloquente Longino a voz suave!
» As Artes bellas, as Sciencias todas

» Os prazeres, o luxo aqui brilharam,
» Hoje só reinam solidão, tristeza
» E as saudades de tempos, que não voltam.
Hum dia que os amantes descuidados
Pela praia em seus jogos se entretinham
Subita escuridão o Sol enlucta,
Relampeja o trovão, retumba, e mostra
Todo o Ceo desfazer-se em grossa chuva,
Buscam fugindo asilo; . . . outro não acham
Mais que o Templo da Lua, que inda inteira
Huma parte da abobada conserva.
Pizando a verde relva, que ora brota
Das fendas do marmoreo pavimento
Estragado, e de terra, e pó coberto,
Ao longo de huma arcada se encaminham
Ao que foi Santuario! . . . eis que em giolhos
Junto do altar em trage de Eremita,
Veneravel ancião orando observam,
Ficta a vista nos Ceos, e as mãos erguidas!
Sua tranquillidade quando os ventos
Em rajadas na abobada bramiam,
Quando empolado o mar nas praias ruge,
Quando ao longe o trovão rebrama, e arde
Todo o ar em relampagos, indica
Que em presença do Eterno elle se julga.
Mal que os sente, levanta-se, e caminha
A recebe-los com sereno aspecto.
» Venerando Eremita, [diz Leonido]
» Perdoa, se indiscretos perturbamos
» Teu devoto exercicio; mas colhidos
» Pelo furor da subita procella,
» Procuramos » — » Asilo neste sitio? . . .
[O Velho o interrompeu] tambem asilo
» Em procella maior encontrei nelle!

Para a lapida então sobre que orava,
Aponta, e contemplando Emilia, exclama.
» Ali jaz! . . . bella foi como essa Dama!
» Sorte melhor que a sua os Ceos lhe outhorguem!
Nisto hum suspiro lhe expirou nos labios,
E seus olhos em pranto se arrazaram.
» Perdoai [continua] este transporte
» De paternal saudade! a mão do tempo,
» Que tudo sara, inda curar não póde
» A de meu coração chaga profunda!
» Vinde ao meu solitario, e pobre alvergue,
» Em quanto a tempestade açoita os ares! »
Disse, e de arbustos desviando hum tufo,
Descobre occulta entrada, que encaminha
A subterranea Camara espaçosa,
Em que outr'ora de Cynthia os Sacerdotes,
Longe de olhos profanos escondiam
Os thesouros do Templo! huma cruz tosca,
Lapida Sepulchral atravessada
Sobre outras duas, que no chão a prumo,
(Todas gravadas de inscripções Latinas)
Fixas estam, por meza, e della em cima
Os testamentos dois, em vez de assentos
Capiteis de columnas, n'hum recanto
Pobre cama de juncos, e completa
Pendurada defronte huma armadura,
Eram do Solitario os moveis todos.
Magestoso pezar lhe assombra o rosto,
Onde a resignação se estampa ao vivo,
Sua barba, e cabello a neve imitam,
Seu ar respeito impõe, seu modo encanta.
De fructa, e lacticinios cobre a meza,
Molle pão lhe juntou, e diz sorrindo,
» Hospedes meus, sentai-vos, e afazei-vos

» A não ter em desprezo os dons do pobre,
» Não os regeita o Ceo, que igual acceita
» Rosa fragrante, e violeta humilde,
» Que do indigente a mão depõe nas aras,
» E os cofres, prenhes de ouro, que lhe offerta
» O Rei soberbo, que dispõe do Mundo. »
— » Padre, boa vontade, e meigo agrado
» Tudo torna precioso. [Emilia volve]
Em saboroza pratica entretidos
Puzeram termo á refeição singella.
» Respeitavel ancião [lhe diz Leonido]
» Teu discreto fallar, maneiras nobres,
» A belica armadura, que ali vejo,
» Tudo me leva a crer que a vida tua
» Não se deslisou sempre entre estas brenhas
» Em traje Religioso! entre Suevos
» Nasceste como nós! que impio destino
» A viver entre os Godos solitario
» Aqui te conduziu? qual he teu nome?
» Tua Patria qual he? — » — Sim [insta Emilia]
» A exclamação, que te escapou ha pouco
» Tão terna, tuas lagrimas, suspiros,
» A meiga sympathia me excitaram,
» Se hes infeliz, nós infelizes somos,
» E sabemos sentir alheias magoas,
» Quem narra o seu pezar o desafoga,
» Se a tua confiança merecemos,
» Da-nos partecipar das magoas tuas »
Do velho o rosto se turvou qual vemos
Se nuvem transparente cobre a Lua,
Anuviar seu fulgor! . . . callado hum pouco
Parecia co' a força dos suspiros
O seu peito estallar! . . . por vezes duas
As lagrimas limpou, que de seus olhos

Com impeto, e com força rebentavam,
» Sim, [exclama afinal] borel grosseiro
» Nem sempre revestiu de Arnaldo os membros,
» Esse escudo, que vez, aquella espada
» Nos campos de Batalha os encontraram
» Muita vez com temor contrarias hostes,
» Cantaram Menestreis minhas façanhas!
» Fui esposo, fui pai!... e o que sou hoje?
» Sombra de homem que vaga em torno á campa
» D'onde parece que inimigo fado,
» Porque mais soffra, desviar-me intenta.
» Mas se quereis saber a historia minha,
» Historia lastimosa! e de sensiveis
» Folgaes de tomar parte em mal alheio
» Eu vo-la conto, oh filhos! que mil vezes
» A contei aos rochedos dessas praias,
» A's ondas desse mar, á serra, aos bosques,
» A's estrellas, á noite, sem que ao menos
» Hum ai de compaixão por premio houvesse. »
Nisto se levantou, e os dois o seguem,
Volvem de novo ao Templo, que passado
Já era o temporal, e os tres sentados
Sobre os degráos do altar, assim começa.

Fim do Canto VIII.

EMILIA, E LEONIDO.

CANTO IX.

O EREMITA.

Colei di gioia trasmutossi, e rise,
E in atto di morir lieto, e vivace
Dir parea » s'apre il cielo, io vado in pace.
Tasso. Gofred. Cant. XII.

» Sobre as margens do Sado se levanta
» De alvejantes Salinas circumdada,
» Huma Villa formosa, antiga, e nobre;
» A vaidade de ineptos Escriptores,
» Que honrar julgam com Fabulas a Patria,
» Quer persuadir que hum Neto do homem justo,
» Que Deos salvou do universal Diluvio,
» Fôra o seu Fundador, e que erma Europa
» Se povoára com Colonias suas.
» Mas repugna á razão, que começando
» D'Asia no centro a repovoar-se o Mundo,
» A Prole de Noé a pouco, e pouco
» Não se espalhasse em proporção do augmento
» Nas regiões mais proximas, e Tubal,
» Quando a navegação era inda ignota,
» Viesse, não sei como, aos fins da terra
» Pôr da sua familia o domicilio.

» Quem a fundou não sei! mas claro indica
» De Cetobriga o nome, que os primeiros
» Seus habitantes pescadores foram,
» Que pelos muitos, que em seu mar pescavam,
» A povoação dos Cetos lhe chamaram.
» Lá nasci! cavalleiro illustre, e forte,
» Educou-me meu Pai com sã doutrina,
» E, o que vale inda mais, com sãos exemplos!
» Entrado havia o umbral da Adolescencia
» Quando Egilona vi, e ao vê-la, amei-a,
» Com que ardor! com que fé! com que ternura!
» Aos vinte annos a imagem da beleza
» Como se grava fundo em nossas almas!
» Como enche o coração, e se une á vida,
» Ao ar, que se respira, ao gosto, á magoa!
» Como com ella estamos sós! como ella
» Está comnosco só! longos serviços
» Sua esquivança timida amansaram,
» Dos pudibundos labios escapou-lhe
» O sim tão dezejado, e junto ás aras
» Consorte me acceitou! pintar-vos devo
» A leda quadra da ventura minha,
» Que passou qual relampago, que em meio
» Da escuridão da noite brilha, e foge?—
» Que he huma Esposa? amigo ardente, e firme,
» De igual idade, a cujo lado deves
» Viver, morrer! sam-lhe communs comtigo
» Interesses, prazeres, esperanças,
» E a propria sepultura! huma metade
» De nós, que, pela morte separada,
» Comnosco inda se inteira em melhor vida!
» Em vez de esmorecer o amor co' a posse,
» Cada vez mais Egilona adorava!
» Quiz o Ceo apertar tão doces laços,

» E huma filha nos deu, suave objecto
» De agradavel discordia entre nós ambos.
» He teu retrato » á Egilona dizia,
» E Egilona dizia » he teu retrato »
» Quiz minha esposa, pela vêr tão bella,
» Prescrutar que destino o Ceo lhe guarda.
» Soubemos, que da Arrabida na Serra
» Em funda gruta, entre aspera espessura,
» Sabia Maga vivia, cujas artes
» Do turbido futuro o veo rasgavam,
» E como amor de pais he todo extremos,
» Lá fomos consulta-la!... ella trajando
» Roupas da côr do Ceo, que estrellas bordam,
» E cinto de emblematicos lavores,
» Na minina pegou meiga-sorrindo,
» Tres vezes a levanta ao Sol nascente,
» Tres vezes ajoelhando, em lingua ignota
» Cantico murmurou, que não se entende,
» Então, da mãi atonita em regasso
» Repondo-a, as delicadas mãos lhe toma,
» Cujas raias attenta especulando,
» Com compungido accento assim cantava.
— » Linda Rosa de Amor, que assim vecejas
» Da vida no jardim! Botão mimoso,
» Como do Sol da dita ao raio puro
» As purpurinas pétalas expandes!...
» Porém raia sinistra aqui se encruza!
» E corta todo o bem!... que mão de sangue
» Para asperas montanhas te transplanta
» Longe do patrio solo? ali dos ventos
» Te nordestea, te desfolha o sopro!
» Sem brando arroio, que a raiz te banhe,
» Sem orvalhos do Ceo, que aspirar possas,
» Lá murchas, lá definhas, lá pereces! » —

» Disse, e, fugindo, o seu alvergue busca,
» E ao desapparecer por entre os ramos,
» Com dolorosa voz inda cantava,
— » Ai infeliz da que nasceu formosa! —
» Maldição ao primeiro, que imprudente
» Do futuro sondar teve a lembrança!
» Multiplicou da vida as desventuras,
» Prevêr o mal he já senti-lo, e meio
» Não ha hi para obstar ao que destina
» A eterna providencia em seus decretos!
» Mal, que subito vem, menos nos custa,
» Pois fere huma só vez; porém previsto
» Cada vez que nos lembra nos golpeia.
» Voltamos a Cetobriga no peito
» Trazendo a morte, e a dôr, e aqui começam
» A nublar-se meus dias de ventura.
» Matilde hia crescendo em graças, e annos,
» E na mãi o pezar tambem crescia,
» Como hum remorso de nefando crime
» Seu coração occulta remordia
» A idea da desdita, que ameaça
» A filha, que idolatra! nada encurta
» Como hum desgosto a vida! alfim as forças
» Cedem ao padecer; languida sente
» Em cada pulsação da morte hum passo,
» E que todo o soccorro he já baldado.
» Soa a hora fatal!... no leito se ergue
» Por derradeiro esforço, e diz-me » Esposo,
» Da separação nossa he vindo o tempo,
» Adeos! guarda fiel minha lembrança,
» Saudades minhas teus amores sejam! » —
» Depois co' a esquerda a filha, que prantea,
» Aperta ao coração, ergue a direita
» C' os olhos para o Ceo, e anciosa exclama.

— » Omnipotente Deus, que amo, que adoro,
» Bem joven morro! . . . e resignada acceito
» O calix, que me dás, bem que tivesse
» Para a vida presar razões sobejas!
« Da moribunda mãi as preces ouve,
» Da ameaçada desgraça a filha salva,
» Eu por ella me offerto em sacrificio! » —
» Disse, e em breve suspiro desatado
» Aquelle puro Espirito, e formoso,
» Como odoroso incenso, que se eleva
» Da ara de hum sacrificio, vôa, e sobe
» Ao seio do alto Deos, de que emanára!
» Dizer não posso o que senti nessa hora
» De amargura, e de lucto! a não ter filha
» A consorte ao sepulchro seguiria!
» Mas quem da infantil orphãa dirigíra
» Nos ermos da existencia o passo incerto? . . .
» Grande he o affecto paternal, que póde
» Equilibrar o conjugal affecto!
» Resolvi-me a viver por bem da filha
» Huma vida de pranto, e de saudade!
» Nella via a consorte! . . . os seus desvelos,
» Suas caricias, formosura, e dotes,
» Pouco a pouco acalmaram meus pezares!
» Nescio! a pensar cheguei que errado fosse
» Da Maga o vaticinio, ou que piedoso
» Ouvíra o Ceo de minha esposa os votos!
» Muito mais quando, apoz de lustros quatro
» De tranquilla existencia, eu vi Matilde
» Em Hymeneo ligada ao moço Idacio,
» Cavalleiro, que, posto em bens não rico,
» Era nobre, gentil, valente, honrado,
» E, o que eu prezava mais, Matilde amava
» Como eu amava a mãi! oh quanto he louco

» Se o Nauta se confia em Ceo sereno!
» No meio da tormenta esperar póde
» Que os ventos cancem, e que as vagas durmam;
» Mas se em silencio estam, não he simpleza
» Acreditar que dentro em curto espaço
» Elles não urrem, e ellas não se empolem?
» Bem a meu custo o conheci! que nunca
» Posto que tarde, a desventura falta,
» Se promettida está!... hum dia... oh sempre
» Nasça tal dia amortalhado em trevas!
» Portador de ruinas, e desastres,
» Opprobrio do anno!... nunca nelle hum sabio,
» Nunca nelle hum heroe encete a vida,
» Nem acção de honra, ou de virtude o esmalte!...
» Hum dia em fim chegou, prenhe de todos
» Os, que a existencia me azedaram, males!
» Do Sado ás margens, em musgosa rocha
» Se abre concava gruta, que circumda
» Sempre verde arvoredo: aos Ceos lá sobem
» Tremulos Choupos, Alamos frondosos,
» Negros Cyprestres recendendo ao longe:
» Dos seus ramos no abrigo nidificam
» Aves, que o ar com longas azas cortam,
» O Falcão, Bufo, Açor, e a mui palreira
» Gralha amadora de marinhas praias:
» Pampinea Vide com purpureos cachos
» Se orna, e reveste da caverna o centro.
» Quatro brotam dali limpidas fontes,
» Que, á nascença visinhas, se dividem,
» E seguem murmurando opposta senda.
» Molle alcatifa de immortal verdura
» De fragrantes Violetas esmaltada
» Por toda a parte estende-se! este sitio
» Tão ameno, e vistoso, quando o vissem,

» Cobiça de habita-lo ás Fadas dera;
» Romana tradicção fez crêr outr'ora
» Que nesta Lapa a Naiada das fontes
» Seu domicilio poz, e que aos pastores
» Ao rir da aurora oraculos cantáva!
» Serena estava a tarde, o Ceo sem nuvens,
» E eu com meus filhos em musgoso assento
» Lá recostado desfructava alegre
» A viração equorea, que tempera
» Do Estio a calma intensa em nossos climas,
» Eis nos cercam armados Cavalleiros
» Brandindo o ferro nú! rapidos, promptos
» Mais que a Xara, que vibra Ithureo arco,
» Mais que o leve Falcão, que a presa empolga,
» Dois, que se apeiam, de Matilde travam,
» E apezar de seus gritos, seus esforços,
» Ao arção de seu chefe a arrojam. Elle
» Crava as esporas ao Corsel fogoso,
» E em turbilhão de pó devora a estrada.
» Tal Plutão com Proserpina roubada,
» Que debalde esbraveja entre seus braços,
» Os Estigios cavallos apreçura,
» Que o negro carro rapidos arrastram
» De Enna por valles, por encostas do Ethna,
» The que pelo cratéro flammejante
» Do ignivomo vulcão abrem caminho,
» Para os Reinos da Noite, em que elle impera.
» Sem mais armas que a espada aos roubadores
» Pequeno impeço, resistencia pouca
» Podia oppôr Idacio, oppôr eu posso.
» Mas desesperação, furor, vingança,
» Dos nossos braços o vigor redobram,
» E mais de hum dos malvados morde a terra
» Tincto de sangue seu! porém que importa?

» Cae Idacio de golpes traspassado,
» E, já segura a preza, os vís fugiram.
» Desacordado dos sentidos mando
» Levar a casa o desditoso Idacio.
» Seus Escudeiros pensam-lhe as feridas,
» E vai o accordo recobrando lento,
» Tal do melindre a flor, quando deseca
» Terrão, em que vegeta, o Sol intenso,
» O transparente caule, as folhas murchas
» Na resequida terra inclina, e tanto
» Que lhe acode com agoa o Jardineiro,
» Surgindo vai, e seu viçor renova!
» Era o author deste attentado horrendo,
» Senhor de Troino, o barbaro Godofre,
» E Suzerano nosso! homem mais impio,
» Mais feroz, mais cruel, mais inimigo
» De tudo quanto he justo, e o que he virtude,
» A terra não creou. Rico em dominios,
» Forte nas armas, tinha em seu Castello
» Aberto franco asilo aos que banidos
» Pelos delictos seus de estranhas terras,
» Instrumentos servís, se offereciam
» A servir seu furor, e as paixões suas.
» Com estas de bandidos vís quadrilhas
» Dos visinhos as terras salteava,
» Com quem sempre vivia em viva guerra;
» Mas nem sempre cuidava em verter sangue,
» Que se insensivel a amoroso encanto,
» A suave ternura desconhece,
» Devorado de ardor libidinoso,
» O pudor das donzellas não respeita,
» Os direitos do Thalamo atropella,
» Emprega a seducção, emprega a força,
» E em meios não repara!... a mão de sangue

» Esta era, que levar de amor a Rosa
» Devia, a Maga o disse, a estranhos montes!
» E eu que o não precavi!... Matilde víra,
» E tal vista hum Vulcão lhe accendeu n'alma.
» Refrear nunca soube os seus desejos,
» Quere-la seduzir baldado fôra,
» Rouba-la resolveu,... roubou-a o monstro,
» Roubou-a, e para si, o esposo, e ella,
» Cavou co' este delicto a sepultura!
» Mas onde ha hi palavras, que bem pintem
» A desesperação, e a dor de Idacio
» Quando, surgindo do lethal lethargo,
» Sabe em mãos do tyranno a chara esposa!
» Desimulando no sereno aspecto
» A magoa, que me roe no intimo d'alma,
» Tento em vão amansar as furias suas,
» Para que a agitação, e interno afogo
» Não lhe exarcerbe, e lhe envenenne as chagas.
» Não me escuta, não me ouve, a vivos brados,
» Pede Matilde, por Matilde chama,
» Ora descae em languido deliquio,
» Ora accorda frenetico, e pertende
» Despedaçar as fachas, que o circumdam,
» Para deixar fugir com o sangue a vida;
» Pede armas outra vez, os servos chama,
» E quer hir arrazar a ferro, e fogo
» De Godofre o Castello: alfim cançado
» De tanto affadigar descança hum pouco.
» Alta hia a noite! a repetidos golpes
» Geme a porta do alcaçar, correm servos,
» Desperta Idacio, eu me alvoroço!... eis entra
» Na Sala huma mulher, que espavorida,
» Destoucada, sem veo, tinctas de sangue
» Alvas roupas, que veste, nos dá visos

» De Maga, que n'hum campo de batalha,
» Vagueia á meia noute á luz de Cinthia
» Colhendo ao som de tetricos conjuros
» Frescaes entranhas de homens, de que forme
» Seus Satanicos philtros!... he Matilde,
» Que com gesto feroz aos pés do esposo
» Faz rollar pelo chão cabeça humana,
» Em cujas feições pálidas se estampa
» Do furor, e do crime a horrenda imagem!
—» Esposo, [ella lhe diz] essa que poude
» Conceber pensamentos de affrontar-te,
» Por minhas mãos cortada ta offreço,
» Victima expiatoria, e seja exemplo,
» Porque não ousem, a immoraes tyrannos,
» Atropellar sem pejo alheias honras. »—
» Nos seus braços então se arroja, e elle
» Naquelle abraço renascer parece.
» Fazendo retirar o horrendo objecto,
» Bem que á vingança grato, lhe rogamos
» Que o successo espantoso nos relate.
—» Não saberei contar porque maneira
» Ao Castello de Troino fui levada;
» [Ella diz] nada vi, nada hei sentido,
» Que o terror, a aflicção, o susto ao ver-me
» Arrebatar com barbara violencia,
» Fez que funesta syncope me prenda
» O sentimento, e a vida!... em mim tornando,
» Presa me encontro, e só!... hera o meu carcere
» Insolado Torreão no fim do Parque,
» Cujas janellas ferreas grades crusam,
» Porem, mesmo no centro de impossiveis,
» Da liberdade o vivido desejo
» Meios para escapar sempre nos finge.
» D'alto a baixo percorro a prisão toda,

» Huma porta não fica, que eu não tente,
» Tudo fadiga vã! cançaço inutil!
» Vendo-me então ali desamparada
» De todo o humano auxilio, ao Ceo volvendo
» Olhos, e coração, orei fervente!
» Logo nova coragem, vigor novo
» Sinto em mim renascer, e a Deos prometto,
» Ao ausente consorte, ao pai, que a morte
» Mil vezes soffrerei, antes que manche
» Minha pureza o desleal Tyranno! »
» Sobre a terra cahiu o veo da noite,
» E no meu coração outra mais negra,
» Mais lugubre cahiu! » Eis como abusa,
» [Clamei] do seu poder o grande, e o forte!
» Como crava sem pejo, e sem remorsos
» Da desesperação punhal buido
» No que he menos do que elle, ou menos pode!
» Leis, direitos, razão, tudo atropella,
» E para saciar brutaes dezejos
» Abrasar não duvida o Mundo inteiro!
» Oh terno pai! oh adorado esposo!
» Que fazeis?... não o ignoro, a dor vos mata!
» Nisto do Torreão as portas se abrem,
» Entra hum servo, traz luz, e mal se ausenta,
» Se apresenta Godofre! o Anjo da morte
» Quando da vida no momento extremo,
» Na dextra erguendo a flammejante espada,
» Negrejando a meu leito se aproxime,
» Certo menos terror hade infundir-me
» Que o seu rosto feroz!... mas revestindo
» Toda a altivez, que o pondunor nos presta,
—» Misser Barão, [lhe digo] acção he digna
» De tão grande Senhor hum rapto imíame?
» He crivel que em ti licito presumas

» O que puníras no mais vil vassallo?
» Minha presença aqui tão grande opprobrio
» He a ti, como a mim! manchar não queiras
» De cavalleiro os venerandos foros.
» Teme as iras do Ceo!... abre-me as portas,
» Ao consorte, a meu pai me restitue,
» E vence huma paixão, que te deslustra.» —
» Mas o homem corrompido acaso entende
» O Idioma da razão, e da virtude?
» Parece que a Nobreza embota n'alma
» Tudo que he sentimento generoso,
» E só deixa medrar á larga o vicio!
» Em lugar de correr-se, e confundir-se,
» Ousou fazer hum merito comigo
» Da sua iniqua acção! promessas, rogos,
» Ameaços, affagos, tudo empenha
» Para me seduzir! alfim cançada
» Já de insolencia tanta. — » Basta, [exclamo]
» Eu sei morrer! de nada vale a vida,
» Se hade a honra custar!... mas não presumas
» Que hade impune ficar o teu delicto;
» Se em outra vida as penas não te assustam,
» Se a cholera de Deos julgas chymera;
» Os Suevos tem Rei, e aos pés do Throno
» Meu sangue hade clamar, e obter vingança.
» Com sorriso infernal, e a mão na espada,
— » O Rei mui longe está, [responde o Monstro]
» E esta de seus furores me assegura.
» Eu sou independente em meus dominios,
» Minha vontade he lei, razão meu gosto.
» Homens como eu os Principes defendem,
» Mas não temem os Princepes! » — Perdida
» Já a esperança de por bem vencer-me,
» A fazer, oh escandalo! se aprompta

» As mãos executoras da vontade.
» Então fóra de mim, e em meu auxilio
» A Rainha dos Anjos invocando,
» Da desesperação co' a força toda
» A espada lhe arrebato, e no impio peito
» The á cruz lha embebi! . . . cahiu redondo,
» Tres vezes tenta erguer-se, e cae tres vezes,
» Quer fallar, sangue brota em vez de vozes,
» Finalmente expirou! . . . de novo a espada
» Empunho, da ferida a desembebo,
» Nova Judith, o degolei com ella,
» Pelo cabello arrepiado aferro
» A cabeça feroz, de que inda foge
» Em feras contorsões de vida hum resto,
» Saio do Torreão, a porta fexo,
» E longe arrojo a chave por que tarde
» O successo fatal chegue a saber-se.
» No arvoredo do Parque me emmaranho.
» Que ventura! o Portão aberto estava,
» Que eu podesse fugir ninguem temia! . . .
» Já fóra estou, e procurando as sombras
» Do consorte, do pai aos braços corro. »
» O seu misero estado deslembrando,
» Idacio novamente abraça a esposa,
» Applaude o seu valor! mas eu que os olhos
» Lanso ao futuro, e circumstancias pezo
» Do caso lastimoso. — » Oh filhos, [clamo]
» Se de horrido perigo vos salvastes,
» Outro está sobranceiro, e o tempo escasso
» Em meios de o frustrar não deixa escolha.
» Godofre he morto; os seus atrozes crimes
» Não huma só, mil mortes mereciam!
» Mas era o Suzerano destas terras,
» Tem parentes, e amigos máos como elle,

» Máos para vingar máos sempre estam promptos,
» Para evitar que ousem punir seus crimes.
» Sabendo-a, quererão vingar-lhe a morte,
» E ai miseros de nós se ás mãos nos colhem!
» Fuga, rapida fuga nos socorra!
» Disse, e de nosso haver o mais precioso
» Por dois servos fieis transportar faço
» Para hum Batel, que he nosso, e nelle entrando,
» Co' a filha, o genro, os dois, com saudade
» Do Patrio Rio abandonando as ondas,
» Pelo cérulo Occeano aqui chegamos.
» Aposentados em modesto Alvergue,
» Presumi que descanço aqui gozara.
» Ai! se desanda da fortuna a roda,
» Quem hum cravo lhe prega que a segure?
» Ou quem tem forças, que a girar a obriguem
» Outra vez para o lado da ventura,
» Quanto para a desdita já rodara?
» Effeito fosse de moraes sussobros,
» Fosse a fadiga da Viagem, fosse
» Qualquer outra a razão, o emfermo Idacio,
» Longo tempo languindo, alfim perece.
» Neste lugar depositei seu corpo.
» Mathilde o acompanhou! viu sepulta-lo
» Sem dar ai, sem gemer, sem verter pranto,
» Em silencio voltou, e por tres dias
» Não quer consolação, sustento engeita.
» De seu misero estado eu cuidadoso
» Com brando afago, com razões prudentes
» Debalde procurei abrir seu peito
» A'quella dôr profunda, e resignada.
» Que no seio do Eterno se derrama.
» Debalde lhe clamava. » — Eu a mãi tua
» Amei com vivo amor, carpi-lhe a morte,

» Mas o tempo abrandou minha tristeza.
— » Tu heras pai, e eu não sou mãi! » — A infausta
» Torcendo as mãos com impeto volvia.
» Desde então eu perdi toda a esperança
» De vêr desvanecida a magoa sua.
» Almas ha hi em que o passado reina,
» Em que a lembrança como Abutre afferra,
» Em que a saudade he prolongada morte,
» Destas hera Mathilde! . . . atormentada
» De huma unica idéa, alienou-se
» Sua razão, e o seu viver corria
» Por entre as illusões, e os devancios,
» Ora chora, ora ri; ora entristece,
» Ora se alegra; o movimento apraz-lhe,
» O descanço lhe peza! ao Sol, á chuva,
» A' calma abrazadora, ao frio intenso
» Hera o seu gosto divagar nos bosques,
» Trepar rochedos, e fazer com gritos
» Os echos repetir de Idacio o nome!
» Immovel como estatua, largas horas
» Gasta na praia numerando as vagas
» Que em rolos sobre a area se desdobram.
» Se a tempestade revolvia os ares,
» A' janella escutava embevecida
» O estrondo dos trovões, rugir dos ventos,
» E murmurava com a mão no peito,
— » Tempestade maior aqui braveja » —
» Disse-me hum dia — » Quantas flores vejo
» Tem nas folhas de Idacio o nome escripto;
» He tu pai, que affagando os meus desgostos,
» Lá traças tão amaveis caracteres? » —
» Viu duas rolas, que em flexivel ramo
» Ternas se beijam, e se affagam meigas,
» Por hum pouco as contempla, e depois solta

» Suspiro sentidissimo, e furiosa
» Com pedras, que lhe atira, as põem em fuga.
» Que fizeste, cruel? [brado enfadado]
— » Perdoa, charo pai!... não sou tyranna!...
» Perdoa [ella me diz banhada em pranto]
» Isto he mais forte que eu!... soffrer não posso
» A imagem da ventura, que hei perdido! » —
» Achei-a hum dia de hum Cypreste á sombra
» Cheio o colo de rosas, que huma a huma,
» Sem parar, folha a folha desfazia,
» E vendo que as levava ao longe o vento,
» Sorrindo por demais, assim fallava,
— » Rosa de amor, quão breve te desfolhas!
» Quão breve o vento as pétalas te espalha!...
» Tens, e hés tão bella, duração tão curta!...
» Minha dita assim foi, breve, e formosa! » —
» Tardando-me outra vez, em busca sua
» Longo tempo vaguei! no alto da serra
» Brota huma fonte, assentos a rodeam,
» Dam-lhe arvores frondosas branda sombra
» Das muitas aves, que a beber lá correm,
» Que gorgeam pouzadas nos seus ramos,
» Fonte dos passarinhos a nomeam.
» Lá jazia extasiada parecendo
» Escutar não sei que! ergue-se ao vèr-me,
» E mesta assim me diz — » Meu pai, não sabes
» O mal, que ora me fez a vinda tua!
» Cousas tão ternas me dizia Idacio!...
» Mas, ai de mim! mal que te viu, sumiu-se! — »
» O ar de verdade, com que o disse, aos labios
» Involuntario me chamou sorriso.
» Notou-o, e diz — » Presumes que eu deliro?
» Não! he verdade!... por seu nome o juro!...
» Sempre comigo está!... elle me falla

» No brando murmurar da fonte amena,
» No sussurro das relvas, e das folhas,
» Não sendo assim como viver podia! —
» Em tanto de seus olhos morre o lume,
» Do seu semblante as rosas se desbotam,
» Da elegante figura as graças perde,
» Sua voz, tão suave, se enrouquece,
» Parecia que a morte a pouco, e lento
» Hia minando tão gentil composto.
» Desperta huma manhã com rosto alegre,
» Lança-me ao collo languidos os braços,
» E contente me diz » — Meu pai, não sabes?
» Meus males vam findar! Idacio agora
» Ausentou se daqui! ... oh! se tu víras
» Como formoso está! que luz brilhante
» O revestia todo! ... — » Esposa, he tempo,
» [Elle me disse] lá no Ceo te espero! ... » —
» Quero-lhe obedecer, como fiz sempre,
» Não posso, que dos Ceos ignoro a estrada! ...
» Tu, que hes tão sabio, indica-ma, eu to rogo! .. — » —
» Nisto exhalla hum suspiro, e nelle envolta
» Sua alma sae, ... morta em meus braços fica! ...
» Foi acaso illusão? ou foi verdade? ...
» Não sei dizer! mas quem ha hi que possa
» Mysterios decifrar da dôr, da morte?
» Desta de vivo amor victima infausta,
» Co' as do esposo juntei na campa as cinzas,
» E na louza gravei, como ali vedes,
— » Amaram-se, e morreram na esperança
» De se unir outra vez na Patria sua. » —
» Desamparado, e só, em terra alheia,
» Tedio da vida penetrou minha alma,
» E puz em Deos sómente os meus affectos.
» Tosco borel acobertou meus membros,

» C'os dois servos fieis, que o Ceo já gozam,
» Desentulhei a céllula, que vistes,
» E a claraboia, de que a luz recebe,
» E nella sepultei-me ha já seis lustros.
» E ha seis lustros, que invoco cada dia
» A piedade de Deos sobre os meus filhos.
O Eremita findou. Leonido, e Emilia
Com pranto muita vez interromperam
A sua narração! os seus desastres
Contaram-se tambem!... ouviu attento,
Depois a Emilia diz » Eu, nobre Dama,
» Bem fundados não julgo os teus temores.
» Fui pai, e sei que hum pai odear não póde
» Os filhos, que gerou; e ouso affirmar-te
» Que breve em braços seus te aperte Alberto! » —
Despediram-se então, e ardentes pedem
No Castello os visite; prometteu-lho,
E a promessa cumpriu! terna amizade
Em breve os corações dos tres ligára,
Que admira? era o Ancião da Patria delles,
E em Mathilde ao Ancião os dois fallavam!

Fim do Canto IX.

EMILIA, E LEONIDO.

CANTO X.

O GNOMO.

What may this mean?
That thou, dead Corse, again in complet steel
Revisitest thus the glimpses of the Moon
Making night hideous?
Shakespear. Hamlet. Act. 2.° Scena 3.ª

Não sei que Genio máu, que Estrella infausta,
Ao meu nascer malignos presidiram,
Mas sei que os dias meus tem decorrido
Turvos, nublados de fadiga, e pena.
Passei da infancia, e juventude os tempos
Em lingoas estudar mortas, e vivas,
Em volver eruditos cartapacios,
Cahos de opiniões, e de systemas.
E dahi que tirei? . . . capacitar-me
Que nada sei, que nada os outros sabem,
Pois o humano saber sómente encerra
Pomposas expressões, brilhantes sonhos!
Amei! . . . e, a fallar serio, he este o tempo
Que perdido não julgo em minha vida:
Se então não fui feliz, julguei que o era,
E em pontos de ventura, e não mui raro,

A illusão co' a verdade se comfunde,
Ou mais do que a verdade a illusão vale.
Veio a idade viril, e então meu fado
Peior se fez! desacolheu-me a Patria!
Embora! livre de ambições, de invejas,
O prospero dos mais não me atormenta,
Nem que affaste de mim fortuna esquiva
A urna, de que a flux seus bens, sorrindo,
A tanto vil, a tanto nescio emborca!
Se em dourada Berlinda não rodava,
Se não me appunham de Lucullo as ceias,
De sóbria meza satisfeito ao menos,
De modesto trajar, modico alvergue,
Fructo de lidas, de fadigas fructo,
Sem mais luxo que a posse de alguns livros,
Vivia a meu sabor!... ninguem pedia
Contas do tempo meu, das acções minhas,
Não me importava madrugar co' a Aurora
Para ornar antecamaras de grandes,
Ninguem me attribuia os seus desastres,
Ninguem como inimigo me vexava,
E só os raros, que dam culto ás Musas,
Com affecto o meu nome repetiam!
Porém que a emfermidade me antecipe
Da velhice os achaques, que da vista
Me embote o acume, que me enerve os membros,
E que a imaginação desfalescida
A's Regiões do sublime a custo adeje,
Esta idéa sómente me amargura!
Deos!... conserva-me a luz, conserva o Estro,
Serei feliz quando este dões não perca.
Em vão tenta Phylosopho insensivel
Provar que o homem, que sahiu da terra,
Para a terra acabou! que he muda a campa,

Que huma ponte não ha, que se prolonga
Desde o invisivel ao visivel mundo,
Que frigida doutrina, que o consolo
Do coração nas perdas nos denega!
Que! será prohibido á mãi saudosa
Suppor, quando de flores emgrinalda
O tumulo da Filha, a quem prantea,
Que o espirito seu na surda noite
Lhe vaga em torno, e as lagrimas lhe escuta?
Que! vedado será que alma contrita
Venha ao mundo implorar do que offendèra
Compassivo perdão? ou de hum amigo
Pio suffragio, que lhe encurte as penas!
Bravos Guerreiros, que Ossian cantava,
Quão mais terna, e piedosa a crença vossa!
O Heroe, que em longes terras perecia,
De nebuloso corpo revestido,
Vinha os seus lares visitar, vagava
Nos verdes montes das caçadas suas,
Corria os seus bosqueis, com gosto ouvindo
Dos Bardos nas cansões soar seu nome!
Mais ferventes na fé nossos maiores
Criam apparições!... hoje as negamos!
Erraram elles? ou tibieza nossa
O mundo dos espiritos nos fecha?
Longos dias jazeu da vida em risco
O amargurado Alberto; mas a sorte
Não decretára, que dobrando os sinos
Ao longe com voz lugubre avisassem
Que do Alfeite o Senhor descêra á campa!
Pouco a pouco cobrava a força antiga,
Mas, sem que elle o pergunte, ninguem ousa
Contar o, que passára em seu Castello,
No tempo infausto da doença sua.

Do Barão na antecamara dormia,
Desque emfermara, o Menestrel, e tinha
Pagens comsigo, que acodissem promptos
Ao seu menor queixume! quando a Aurora
Pelos pintados vidros desparava
Hum dia o seu fulgor, de Alberto a alcova
Com gritos, com gemidos alto echoa
Lugubres, surdos, e cortados!... correm!...
Sentado o emcontram sobre o leito; o gesto
Desconcertado,, arrepiada a grenha,
O vagabundo olhar, tudo dá mostras
De alto assombro, e terror!... mal que vê gente,
Animo cobra, e afanoso clama,
» Vam Henrique chamar! » Huns para os outros
Mudos olhavam, sem mover-se, os pagens!
» Ouvis? ou que fazeis?... chame-se Henrique! »
— » Misser Barão [o Menestrel responde].
» Vir Henrique não póde: ha muitos dias
» Jaz sepultado na capella tua! » —
» Jaz sepultado!... [exclama Alberto, a testa
Franze, e diz baixo] huma illusão não hera!...
» Bem está!... retirai-vos!... fica, Amigo!
» Dize, acaso presumes que he possivel
» Que os mortos de seus tumulos sahindo,
» Ante os olhos dos vivos se apresentem? »
— » Opinião geral, Senhor, o affirma,
» E a sacrosanta Biblia nos informa
» Que a alma de Samuel a hum Rei perjuro
» Apparecera, e lhe predisse a morte » —
— » Pois se em tal devo crer, affirmar posso
» Que Henrique ha pouco me fallou! »—» Que dizes! »—
— » Sim, ou dormisse, ou não! senti no quarto
» Levemente marchar!... ólho!... e deviso,
» A Henrique em tudo semelhante, hum vulto!...

» Mas que horrido espectaculo, e piedoso!...
» Chamas por todo o corpo lhe rompiam!...
» Tinha no rosto o soffrimento impresso!...
» Fundo suspira, lagrimas derrama,
» Mas as lagrimas suas pareciam
» Liquidas gotas de abrazado enxofre,
» Que as faces lhe crestavam!... tremi todo!...
» Quiz a vista desviar do triste objecto,
» Mas, não sei porque encanto, esse phantasma
» Todos os movimentos me impedia!...
» Sem querer ve-lo o contemplava sempre,
» E huma afanosa dor, hum peso enorme
» Todo esmagar-me o coração parece!...
» E Elle, sem se mover, com gesto humilde
» Para mim estendendo as mãos unidas,
» Qual se indulto implorasse, nos meus olhos
» Cravava os olhos com tenaz afinco!...
» Ignoro se algum Anjo me deu forças,
» E a lingoa desatou!... mas comovido
» De interna compaixão lhe digo » Henrique!
» Porque assim a meus olhos te appresentas?
» Quem dessas vivas chammas te circumda? »
—» Minhas culpas, [responde em voz sentida,
» Tão debil como a aura, que no Estio
» Faz apenas mover de hum choupo as folhas]
» Contra ti, contra as teus errei!... fui morto
» Em causa injusta!... de morrer no instante
» Cheio de contricção pedi piedade,
» E o Senhor me attendeu!... divago agora
» Da Expiação pelos tristonhos campos
» Nestas chammas, que a essencia me penetram,
» Nem dellas sahir posso, e aos Ceos alarme
» Sem que piedoso na capella tua
» Faças, pelo descanço de minha alma,

» Cantar tres Missas, e hum solemne officio;
» Sem que Emilia, e Leonido me perdoem,
» E em giolhos, tres vezes, sobre a campa,
» Que o meu despojo funebre acoberta,
» A saudação Angelica repitam! » —
— » Satisfeita serás, alma ditosa,
» Nem hão de prolongar-se as penas tuas,
» Por negligencia minha!... eu clamo, e elle
» Parece então, curvando-se ao meu leito,
» Hum osculo imprimir na dextra minha;
» Mas seus labios de modo me escaldaram,
» Que a dor me despertou gritando afflicto »
— » Meravilhas me contas! [volve o Vate]
» Nem modo ha hi de que illusão se julguem! » —
— » Mas que errou contra mim, e os meus disse elle,
» Que em causa injusta pereceu, que importa
» Que Leonido, e que Emilia lhe perdoem!
» Como heide entender isto? » — » Isso confirma
[Responde o Menestrel] minhas suspeitas.
» Nunca me persuadi que regeitasse
» Emilia o teu perdão!... Henrique a amava,
» Tu hum servo de Henrique lhe enviaste,
» Trouxe d'ella, e seus hospedes repulsa,
» Perfidia suspeitei!... cahiste emfermo,
» Guardar silencio impunha-me a prudencia!
» Passados dias dois partiu-se Henrique
» Com Albuino, e hum Pagem embarcando.
» Morto volveu, e o escudeiro em pranto
» Disse morrera de Leonido á espada
» Em publico duelo, em monte Abides! » —
» Sim! tudo a crer me induz, que fui trahido!
» Talvez quando de ingrata accuso a filha,
» Ella do meu rigor se afflige, e queixa!
» E Albuino onde está? » — » No Alfeite » — » Faze

» Que subito mo chamem! sondar quero
» De iniquidade este horrido misterio! »
O escudeiro apparece! » o que pertendes,
» De mim, senhor?.. » — » Verdade! e, se a não dizes,
» Teme [responde] o mais cruel suplicio! » —
— » Tenho colhido tão amargos fructos
» De a não dizer, que antes quizera a morte,
» Do que a ella faltar! » [Albuino volve.]
— » O meu perdão noticiaste a Emilia? » —
» Não? » — » E porque? » — » De meu Senhor por ordem
» Lhe occultei teu indulto; reclamei-a
» Com suberbia tal, que revoltasse
» O brio de seus hospedes: Leonido
» Depois reptei como infiel comtigo
» De Henrique em nome!..,, --,, Basta!.. (Alberto clama)
» Traidor, e Servo de Traidor!... co' a vida
» O seu erro pagou... eu lhe perdoo,
» Porque Deus minhas culpas não me acoime! »
» Vai-te! » — O escudeiro se retira. Alberto
Por longo tempo meditando fica.
» Que triste a sorte de hum Ancião sem filhos!...
» Sou velho, e todos me atraiçoam, todos
» Zombam de mim!... Tu só!... não me abandonas
» Na hora da afflicção!... só tu vegias,
» Anjo consolador, nas penas minhas!...,
» Por piedade aconselha-me! que devo
» Neste lance fazer? » Suspenso o vate
Por hum pouco emmudece, e alfim responde.
— » Offenderam-se os hospedes de Emilia,
« Ella, e Leonido temem-te a vingança,
» Mandar outra embaixada he vão trabalho,
» De huns o despeito, de outros o receio
» Credito negarão do Nuncio ás vozes.
» Quem se persuade que mandaste Henrique

» Por que vertesse de Leonido o sangue,
» Hade crer que sincero aos dois perdoas?
» Hum meio ha só, se o teu orgulho o soffre! » —
—» Meu orgulho! eu sou pai! qual he? declara»—
— Hires tu proprio procurar teus filhos,
» Satisfazer os que lhe dam guarida, . . . » —
--» Que eu proprio vá!.. sim,.. tens razão!.. partamos.»

Em tanto em Cynthra do Natal de Emilia
A vespora chegou, e a festeja-lo
Leonido se dispõem. No Oriente a Aurora
Em matutina pompa aos Ceos subia.
Nuvens de ouro, e de purpura tingidas
Em columnas se grupam magestosas
Em torno ao ponto, em que do dia o Astro
Deve em breve romper. Densos vapores
Sobre o cume da serra se enrollavam,
Mas os picos mais altos delles surgem
Dourados pela luz. Descantam aves
Nos frondosos sobreiros abrigadas,
Nos choupos, e inquietas avelleiras!
Os regatos mais limpidos sussurram
Por entre hervas, e flores, cujas folhas
Com perolas de orvalho scintillavam.

Sae o amante de Emilia acompanhado
De caçadores, e ligeiros galgos,
E as florestas bateu por largas horas,
Ampla presa juntando! ao meio dia
Topou denso bosquel de verdes Myrthos,
E Abetos corpulentos, d'onde manda
Largamente cortar frondentes ramos
Para hum caramanchão tecer com elles
No pateo do Castello, aonde Emilia
Dos ledos camponezes recebesse
Os sinceros festejos! solta ao ve-lo

Nas cavernas da serra o Rei dos Gnomos
A voz, que em sons medonhos estava
Rugir de furacão, que silva, e berra
Por entre as naves de arruinado Templo.
Ou do mar, que, dos ventos impellido,
Rouco rebrama em litoraes rochedos.

» Quem he esse Mortal, [clamou] que ousado
» Se atreve a devassar nossos retiros?
» Que prostra com sacrilega bipene
» Myrthos, e Abétos de verdor perpetuo,
» Cujos ramos, e sombras dam abrigo
» Ao recinto, onde tacitos misterios
» Nos celebramos ao fulgor da Lua?
» Quem he que ousa caçar nas selvas nossas
» Rapidos gamos, que protege, que ama
» A Rainha das Fadas? quem se veste
» Da verde côr, que he destinctivo nosso?
» Voa, Urgante, procura esse atrevido
» Na hora do poder nosso, ... foste hum tempo
» Regenerado em baptismal lavacro,
» E da cruz o signal não te apavora!
» Lança sobre elle a maldição, que ouvida
» N'alma do Reo fundo terror derrama;
» Insoffrida lhe torna a luz do dia,
» Não o deixa gozar do somno á noite,
» E faz, que em furibundo devaneio,
» Sem a morte o escutar, invoque a morte. »

Bem longe de pensar, que lhe impendia
Do Rei dos Gnomos a fatal vingança,
Já o Suevo no Castello entrava
Contente, e alegre! ao seu encontro accode
A linda, e terna Emilia! vai com ella
O prudente Eremita, que essa tarde
Os fôra visitar! os Pagens entram

Com vendados Falcões, Podengos, Galgos.
Com que prazer aos olhos alardea
Da consorte Leonido as presas suas!
Mas o Eremita com pezado aspecto.»
» Ramos de Abéto, e Myrtho!.. onde os colheste?»--
—» Em sombrio bosquel [volve o Suevo]
» Que a luz vedando ao sol frondozo se ergue
» Na encosta da montanha» —» O que fizeste?
» Que fizeste, Mancebo? [exclama o velho]
» De tempo immemorial tomaram posse
» Gnomos, e Fadas do Bosquel, que dizes!
» Ali na surda noite os seus misterios
» Costumam celebrar! ali resoam
» Bailes, e cantos de harmonia estranha,
» Vê-se ás vezes o bosque ardendo em chamas,
» Crebros trovões se escutam, não se atreve,
» Caçador, ou Zagal chegar lá perto,
» Passam de longe, desviando os olhos!
» E nelle ousaste entrar? cortar seus ramos?
» Queira o Ceo desviar de ti desgraças,
» Que teme, que preve minha amisade.» —
Disse, e como já muito o Sol descia,
Se despediu, e ao seu alvergue volta.
Ficam cheios de susto os dois consortes,
E á noite ao lar sentados partecipam
A Hugo, que os confirma, os seus temores.
» Certo que hes o primeiro, que em tal bosque
» De entrar ousou, e que sahir podesse!
» Mais de preça comigo acabarias
» Que me arrojasse em esquadrão de Imigos,
» N'hum edificio em fogo, que onde habitam
» Gnomos, raça malefica, e tyranna,
» Que em perseguir os homens se recream.
» Sam elles, que as fecundas Sementeiras

» Com saraiva, e graniso nos desolam;
» Vês ás vezes chover no alto da serra
» Crepitantes coriscos? pois sam elles,
» Que por lá, celebrando os seus torneios,
» Com electricas lanças se acommettem.
» Elles com fatuos lumes descaminham
» Pela alta noite o viandante incauto,
» E em barrancos, e lagos o despenham.
O tempo nestas praticas se escoa
Até que no Relogio do Castello
Meia noite soou! inda tremia
No ar aballado o derradeiro golpe,
Quando ao som de trovões todo o edificio
Geme, e parece que se alue!... batendo
Todas as portas, e janellas mostram
Despedaçar-se com fragor tremendo,
E do Salão no meio Urgante assoma!
Tudo quanto a exaltada phantasia
Do Ghibellino Vate inventar soube
De enorme, de feroz, de monstruoso
Para em seu canto alti-sono pintar-nos
Dos seus demonios a fealdade horrivel,
He tenue sombra, he imperfeita imagem
Da que mostra esse anão! formosa a acharas,
Comparada com elle a propria morte.
Emilia emmudeceu, tremeu Leonido,
E fervido invocando o seu Custodio,
Faz da Cruz o signal!... sorriu-se o monstro,
E o seu sorriso he arreganho horrendo,
Que parece relampago, que rompe
O manto escuro de Hybernal procella.
» Respeito esse signal; mas não me assusta
» Quando he feito por mão, que mancha o sangue!»
Diz com medonha voz, e acode Emilia.

—» Sangue he de feras o que as mãos lhe tinge.»—
— » Atrevida mulher, tu mentes! [clama]
» Sangue, que vejo emrubecer-lhe a dextra,
» He sangue teu, de teu irmão he sangue.—
—» Embora! o sangue minhas mãos não tinge:
[Replica Emilia a cruz traçando, e diz-lhe]
» Em nome do Senhor, que os Ceos domina,
» A terra, o mar, e de quem treme o inferno,
» Quem hès tu? d'onde vens? e o que pertendes?» —
Dando hum gemido, que hum trovão semelha,
Urgante respondeu» Do Rei dos Gnomos
» Vassallo sou; seu dilatado Imperio
» O centro occupa do terraqueo Globo.
» Em perene prazer ali vivemos,
» Em continuos festins, bailes continuos,
» Das nossas Fadas a beleza excede
» Toda a beleza das terrestres damas,
» Nossa fórma variavel, caprichosa
» Como a luz hybernal, a cada instante
» Se transfórma, e se muda ao nosso arbitrio.
» Somos dama gentil, bravo guerreiro,
» Ou pavoroso anão!... os que outro tempo
» Foram homens, qual eu purificados
» Do baptismo nas agoas sacrosantas,
» Gozam mais privilegios, e se curvam
» A elles com respeito os Gnomos todos.
» Mas a immortalidade, que desfructam,
» Satisfazer não póde os seus dezejos,
» Por que as delicias do encantado mundo
» Desanimadas, frias, sam quaes raios,
» Que por Dezembro o Sol das tranças de ouro
» Deixa cahir nas neves, e nos gelos,
» Que sobre elles brilhando os não disolvem.
» Por isso o antigo ser nos dá saudade,

» E pelo recobrar anciamos todos.
— » Mas homem foste já? [pergunta Emilia]
— » Homem fui, [volve o Anão] muitos guerreiros,
» Muitas Damas gentis, que illuso o Mundo
» Repousar em seus tumulos presume,
» A pomposa Gnomopolis habitam.
» Cavalleiro de fama eu hera ha pouco,
» Em Sexta feira, á meia noute, quando
» He sem termo o poder do Rei dos Gnomos,
» Em nocturno duelo eu fui ferido.
» Luctando estava em mim co' a morte a vida,
» Eis que mão invisivel me transporta
» Das Fadas ao Paiz, que habito agora.
» Mas como inda trez annos não volveram,
» Se animosa mulher achar podesse
» Que trez vezes na fronte me traçasse
» O signal venerando, e respeitoso
» Da nossa redempção, a forma antiga
» Eu recobrara, e como vós seria! » —
» De alto valor Emilia se reveste,
Sobre a fronte do Anão a cruz imprime,
E ella mais se emnegrece, e maior treva
Se espalhou no salão! trovões retumbam,
Com horrendo fragor rebramam ventos, . . .
Emilia não desmaia! . . , outra cruz traça,
Terceira em fim! . . . e oh pasmo! eis vê diante
Da Transtagania o mais gentil Guerreiro!
Seu bravo irmão! o generoso Ernesto!
Como ao romper de alegre madrugada
Da Estação, que nos traz o amor, e as rosas,
Hum bando de Avezinhas se arremeça
Sobre grãos, que mão perfida espalhara,
Exprimem seu prazer batendo as azas,
E com variado canto ao Ceo dam Graças

Que o pasto lhe outhorgou ! mal que despara
Caçador escondido em Carça espeça
O tubo fulminante, ao duro estrondo
Espantadas, e timidas as Aves
Em toda a direcção dispersas fogem,
E o ar de suas azas vapulado
Lugubres pios seus com dó repete;
Assim de Ernesto á vista Emilia foge,
Nos olhos pondo as mãos, e hum grito solta,
Leonido á sua espada se arremeça,
Que nua já lampeja!... mas sorrindo
Toma a dextra da irmãa Ernesto, e diz-lhe.
» Tal susto de que vem, quando recobro
» Por teu valor a vida? porque empunha
» Contra mim teu consorte o ferro agudo?
» Ah! baste-lhe huma vez verter meu sangue,
» Deixai que ao peito meu vos una, e brilhem
» Outra vez para nós serenos dias.
Como nas tardes do calmoso Estio,
Tendo os campos queimado o Sol ardente,
Placidas Auras doce orvalho entornam,
Que refrigera os Ares, que recobram
Por elle a salutifera influencia,
Respiram animaes, abrem as Flores,
As desmaiadas plantas reverdecem,
E a terra ao sopro etherio expande o seio
Vida, e vigor bebendo a largos sorvos,
Assim de Ernesto á voz dos dois amantes
Alegria, e prazer n'alma despertam.
Hugo que a hum canto do Salão, tremendo
Não cessara atheli de encommendar-se
Com fervente oração aos Santos todos,
Chega, e de quanto vira inda duvida.
Manda depois que as mezas se aderecem

Em honra do novo hospede, a quem brinda
Com precioso nectar, que produzem
De Carcavellos as fecundas Cepas,
E da amena Collares, e embebido
De admiração em extasis escuta
As maravilhas, que lhe conta Ernesto
Do encantado paiz, em que habitára,
The que o somno, as papoulas derramando,
A suave descanço a todos chama.
Leitora amavel!... se ha mulher, que leia
Mais do que o rol da roupa, ou, soletrando,
A cartinha do Amante entregue a occultas!...
Leitora amavel!... quero crêr que em Lysia
Haja ainda tal Phenix! se folheias
Deste Romance as paginas no tempo,
Em que esperta criada habilidosa
Te enreda com primor as longas tranças,
Sejam da côr do ouro, ou côr da noite,
Na alta costa do Pentem desmedido,
Com que moda ridicula a cabeça,
Em vez de ta emfeitar, te faz diforme,
Saberás explicar-me este capricho
Dos Gnomos, que homens foram, prefirirem
A' vida felicissima, que vivem
Entre as delicias do subterreo Mundo,
Esta vida agitada, e tão penosa,
Que a velhice, e as doenças amarguram,
Que a morte corta em breve, e em flor ás vezes?
Certo hum tal devaneio eu não percebo!
Mas sempre desde a infancia me disseram
Que o femenil espirito, mais fino,
Mais subtil, e mais leve, era mais apto
A penetrar arcanos de Duendes,
Trasgos, Gnomos, e Sylphos, que a Natura

De igual, ou quasi igual, formára essencia!
Frios sam seus prazeres, [elles dizem]
Não posso imaginar prazer mais vivo,
Que á privação das penas combinada
Existencia immortal!... se o Rei dos Gnomos
Cidadão do seu Reino me fizera,
Juro que em minha idea não entrara
Do que fora até qui leve saudade!
Seria officio meu vagar, não visto,
Opulentas Cidades arrancando
A mascara aos Hypocritas! ao Fatuo
De Naira Fidalguia ufano, e cheio,
Mostrara seus avós lavrando a terra;
Ao corrupto Juiz na surda noite
Appavorara co' espantoso quadro
De Orphãas, Viuvas, que esmolar fizera
Por iniquo julgado, e cujos gritos
No Tribunal de Deos clamam contra elle;
Do devoto impostor patenteara
Occultos vicios, impiedade occulta;
O ferrenho Usurario, abrindo o Cofre,
Vira por minha industria convertidos
Os roubados dobrões de sangue em grumos:
Ao torpe adulador aos pés do Throno
Constrangêra a fallar como sentisse;
No rosto estamparia ao falso amigo
As perfidas tensões, que na alma enserra;
De esposa desleal, Dama perjura,
Trahido Esposo, e illudido Amante,
Como já Balthasar, sobre a parede
Vêr fizera mão negra em igneas letras
A vergonhosa historia descrevendo;
Quanto não ríra, e não folgára olhando
O rosto empalescer desses infames,

E elles, já pelo Mundo conhecidos,
Qual Lebre, a que o covil os cães aventam,
Fugirem de seus olhos blasphemando
Do Trasgo delator, que os seus flagicios
De todos á irrisão, e ao odio expunha!
Na carroça lucifera sentada,
Por que tiram Corseis alvos qual neve,
De purpura vestida a linda Aurora
Já do Oriente os portões ao Sol abria,
Para a Serra a pastora o seu rebanho
Guia entoando popular romance,
Em quanto seus cordeiros ledos tozam
Relva, que banha o matutino orvalho,
O Caçador no thalamo abandona
A Esposa, que murmura, e busca os montes
Aos hombros o carcax, na dextra o arco:
No Pateo do Castello ferve a obra,
Os Servos, e os Aldeãos preparam tudo
Para o baile, que a Emilia se consagra.
E ella em tanto que faz?... no simples trage
De Belleza arrancada ao somno ha pouco,
Mais feiticeira assim, risonha, e leda
De Leonido, e do irmão sentada em meio,
Gostosamente almoça, e dava visos
De grinalda de rosas, que prendia
Dois Cedros, que hum do outro a par se elevam
Nos ares despregando a copa umbrosa.
Era assumpto da pratica festiva
De seu amor a historia, e recordando
A infausta noite, em que o feriu Leonido,
Conta como, seu corpo não achando,
Alberto o prende, e furibundo jura,
Se de Ernesto em trez dias se não sabe,
Que á morte o terno amante sentencea »

» Certo [replica Ernesto] eu não conheço
» Do pay a indole nobre nesse estranho
» Proceder, que me contas! . . . Cavalleiros
» Co' a espada apuram as querellas suas,
» E vencer sem traição nunca he delicto! . . .
» Se no chão moribundo me acham todos
» Quando Alberto chegou, e ao mesmo tempo
» Todos se empenham em prender Leonido,
» Qual nelle culpa recahir podia
» Se depois não me encontram? . . . perdoemos
» A' paterna afflicção tal devaneio.
Segue Emilia contando como Egilda
Os seus ferros quebron, fugiu com elles.
» Certo, Egilda enganou-me! [Ernesto volve]
» Por orgulho tomei sua altiveza,
» Mas nunca presumi que entrar podesse
» Tal valor, tal prndencia em femeo peito!
» Por vida tua, que me peza, Emilia,
» Te-la offendido, e os seus! . . . tua amisade
» Me consiga o perdão de alma tão grande.
Narra Emilia depois de Henrique o repto,
O seu combate, e morte: e que tomada
De invencivel temor, viera em Cinthra
Buscar remoto asilo, onde mais longe
Da vingança de Alberto se escondesse.
— » Não! [Ernesto responde] eu crer não posso
» Que esse odio de meu pai no peito caiba;
» Extremoso comnosco o seu affecto
» Sempre não se mostrou? . . . na idade sua,
» Perdido o filho, he crivel não concentre
» Todo o affecto na filha, que lhe resta?
» Bastava a solidão, em que ora vive,
» O pensar na extincção da casa sua,
» Cujo renovo hes unico, a aparta-lo

» De tal rigor, tão duros sentimentos!
» De mais; não he tamanho o teu delicto,
» Leonido, se o destino o não fez grande,
» Tem valor, tem nobreza, e tem virtudes!...
» Couza anda ahi, que eu perceber não posso,!...
» Fallerina talvez!... na fatal noite
» Provocou contra vós os meus furores!
» Desta perfida Fada, cuja gloria
» He desventuras procurar de amantes,
» Quando habitava no encantado Reino
» A indole conheci, sube a maldade,
» Socega, charo amigo, irmãa não temas,
» A manhãa ao Alfeite me encaminho,
» Alberto folgará de ver seu filho,
» Certo estou que no excesso de alegria
» Recusar minhas supplicas não pode,
» E para que a seus braços vos conduza
» Breve a vós tornarei com seu indulto.
— » Sim, [Emilia abraçando-o alegre clama]
» Com tua intercessão nada he difficil;
» Voa, querido Ernesto, voa, alcança
» O perdão de meu pai, nada mais quero,
» O perdão de meu pai me faz ditosa! »
— » Se o perdão de seu pai deseja Emilia,
» Seu pai nos braços seus perdão lhe outhorga. —
Assim dizendo, Alberto se arremessa
No salão, de alegria transportado,
E em braços toma a filha, que tremendo
Muda, fóra de si, banhada em pranto,
Cae humilde a seus pés! assim ás vezes
Derruba o Vento de hum Jardim no seio,
De hum Cypreste á raiz Roseira odora,
Cujas flores sam bocas, que supplicam
Com fragrante eloquencia o pio auxilio

Do provido Cultor! Atraz de Alberto
Entram Rodrigo, Sisenando, Astolfo,
E Egilda, que bradou ao ver a amiga
Sem sentidos do pai prostrada ás plantas,
Que do alvoroço á força succumbindo
Quer fallar, e não pode! quer erguer-se
E as forças lhe fallescem! » Eu bem disse
» Que essa alma terna preparar comvinha,
» E não virmos de subito assalta-la
» Com tão vivo prazer! » A Emilia corre,
Com toda a força, que a amisade inspira,
Ergue-a, no peito seu a encosta!... Emilia
Volve em si, para o pai estende os braços,
» Meu pai!... perdão! perdão! [exclama, e curva
Outra vez a seus pés, e a mão lhe beija.]
— » Sim, perdão!... perdoada estás ha muito!...
[Volve Alberto chorando] mas traidores,
» Do paternal amor vedando o fructo,
» Roubaram-te o socego, e quasi a vida
» Roubaram a teu pai!... ergue-te, oh filha!... »
— » Não, não te ergas, em quadro tão formoso
» Faltam Figuras, que esse grupo acabem! »
Disse Ernesto, e travando de Leonido,
Com elle ajoelhou de Alberto ás plantas.
A' conhecida voz sobresaltado
O velho em seu semblante os olhos ficta,
» Ernesto!... [exclama, e se lhe arroja em braços]
» Ernesto! » todos a huma voz clamaram,
Esperança, prazer, assombro estampam-se
No semblante de todos os actores
Desta scena maviosa. O rumor cessa,
E o Mancebo prosegue » Eu sou Ernesto,
» Que de Emilia ao valor a vida devo,
» Ella me restitue do pai aos braços,

» Por ella, pelo esposo o pai imploro »
De joelhos Alberto as mãos levanta,
E os olhos para o Ceo! e em seu transporte
» Omnipotente Deos! [exclama] ajunta
» Aos inumeros bens, que hoje me outhorgas,
» Outro maior, de os sopportar a força,
» Que de hum Mortal o espirito fraquea
» De tal jubilo ao pezo! » Agora abraça
A filha, logo o Filho, apoz Leonido,
Volta a Ernesto depois, e diz » mas onde
» Thegora, oh caro Filho, te escondeste?
» Porque do lar paterno te ausentaste?
» Como te emcontro aqui? » — » Senhor, [responde]
» Satisfarei em tudo ao que perguntas,
» Mas longa a historia he, descansar deves,
» E os que comtigo vem, da marcha longa,
Disse, e hum assento lhe chegou; com outro
A Egilda se dirige, e diz » Senhora,
» Se a amisade, que a Emilia te vincula,
» Do que errei contra ti apaga a idéa,
» Permitte, que te sirva como Escravo
» Quem teu valor, tua prudencia admira! »
— » Senhor, o que authorisa entre inimigos
» Da guerra a dura lei não chamo offensa!
» Nem eu posso odiar o irmão de Emilia,
» E mais quando elle advoga a causa della!
» Eis meu esposo! abraça-o, Cavalleiro,
» E ama-o co' mesmo amor, que a Emilia eu voto »
— » Sim, [Rodrigo responde, e a mão lhe aperta]
» Idéas de pesar não se recordem,
» Nossas Familias huma só componham.
Disse; tomam assento, e dá principio
Ernesto á narração dos seus successos,
Pasmam todos do caso portentoso,

De Emilia a intrepidez exaltam todos.
» Foi acção grande á fé! [Hugo interrompe]
» Por todo o ouro do mundo eu não ousára
» Com meus dedos tocar de hum Gnomo a testa,
» Bem que elle mo pedisse! . . . só de ouvi-lo,
» Só de o vêr, de fugir força não tive.
Sorriu-se Ernesto, e diz » Pelo que escuto,
» Gnomo inda fôra, se de ti pendesse
» O desencanto meu! » — » Certo! [diz elle]
— » Tens mui pouco valor! » — » Valor! . . . bastante
» Com guerreiros mostrei quando hera moço!
» Mas com Duendes! . . . nem pensa-lo ao menos! »—
Riram-se todos! Narra logo Alberto
Como Henrique transtorna as ordens suas,
Que, sem elle o saber, reptou Leonido,
Que o chegára aos umbraes da sepultura
A paixão, de que Emilia desprezasse,
Ingrata, o seu perdão! . . . Chorando a filha
Aperta contra o seio a mão paterna,
Que de osculos inunda! » oh pai! [diz ella]
» Eu regeitar o teu benigno indulto? . . .
» Por elle eu suspirava! . . . e quando Albuino
» Traidoramente mo occultava, eu delle
» Por voz to suppliquei! » — » Que tanto Henrique
» Com fingidas virtudes me illudisse!
» Em seu peito caber tanta perfidia!
[Brada Ernesto indignado] a não ser morto,
» Caro me pagaria infamia tanta! »
—» Já perdão lhe outhorguei, [replica Alberto]
» Dos filhos meus affiançei-lhe o indulto;
Narra a visão que teve, e diz » Cedendo
» Ao parecer do Menestrel, do Alfeite
» A Scalabis voei; de Sisenando
» Busco o Castello, e me acolheu com honra,

» Tudo então se explicou, e se offerecem
» Estes nobres Barões para guiar-me
» Da chara filha aos braços. Ah! quam longe
» Estava de pensar, que encontraria
» Meu filho aqui tambem! graças, mil graças
» Ao poderoso Deos, que de meus Lares
» A desgraça affastou! d'hoje em diante
» Inseparaveis viveremos sempre
» Em Scalabys, no Alfeite, em Cinthra! e nossos
» Ditosos dias correrão serenos
» Em paz tranquilla, em união suave,
» E quando nos chegar da vida o termo,
» Guarde hum mesmo sepulcro as nossas cinzas.

FIM.

A SOMBRA DE POPE

POEMETO

DO

DOUTOR LOURENÇO PIGNOTTI,

EM LOUVOR

DA

NOBILISSIMA DAMA

MARIA ISABEL DE SOMERSET,

DUQUEZA DE RUTLAND.

TRADUZIDO

POR

José Maria da Costa e Silva.

POEMETO.

Estes, Dama gentil, do sacro monte,
Que entre as verdes, sonhei, selvas amenas,
Canoros brincos, devaneios doces,
Hia adornar com teu formoso nome;
Bem como de esculpida Pedra em torno
Dobre gyro dispoem Fabro solerte
De preciosas gemas, que vibrando
Tremulante fulgor das crebras pontas,
O dubio apreço da mal-nota pedra
Vai augmentando aos inespertos olhos.
E já, a impaciente aura do Pindo
Agitando-me o peito, em teus bons dotes
Tacito meditava entre as amigas
De antigo bosque solitarias sombras,
Sombras ao Estro fervido tão charas,
Da phantasia ao impeto, que foge
De estrepito Burguez, dourados tectos,
Pompa importuna! e de brilhante, e falça
Escravidão cadeias desdenhando,
De hum Rio á margem vezes mil se assenta.
Eis subito relampago devide
O ar emmudecido; e franco se abre
Por entre o negro horror lucida estrada;
Da meiga deslembrança então sahindo,
Como quem por violencia he despertado,
Vi diante de mim candida nuvem

De cujo seio de ouro hum roseo lume
Se espalha em giro, e reflectido, e roto
Pelo denso vapor, pintava a nuvem
De coloradas manchas, confundidas
Em desordem formosa, e de hum incerto
Albor sempre mais frouxo, assignalava
Fundas sombras do bosque: de igual modo
Que do Sol, já cadente, extremos raios,
Pintam pelo Occidente as nuvens soltas,
E do pardo crepusculo, que surge,
Tingem apenas despintado manto.
Mas que sagrado horror callou meus ossos,
Quando, a nuvem rasgando-se, aos meus olhos
Se offereceu a veneranda fórma
Do Britano Cantor, que desprendera
Angla harmonia da trombeta Argiva;
Por quem bramindo a cholera de Achyles
No Thames se escutou, e lampejaram
Com vivas, novas cores expressadas
Entre ruinas, e ondeante fumo
Iliacas favillas!... sacro louro
Lhe sombreava a fronte, e estava emvolto
Em socratico manto. Em redor delle
Ternos amores, e risonhas graças
Agitavam, brincando, aureo cabello
Da formosa Belinda, que, torcido
Em mil tranças subtis, nas gemeas pontas
Dos arcos destendido se volvia
Chorda infalivel! celebre cabello
A quem em gloria cede a coma illustre
Que scintilla nos Ceos, e amigos raios
Aos furtivos amantes da piedosa!
Tal aos meus olhos o cantor surgia,
Mas não com rosto placido, e ridente,

Como no tempo, em que da vista accesa
Raios vibrando de celeste fogo,
Subia aos Ceos com Apolineas azas
Por novas sendas, e a dificil arte
De conhecer-se a si mostrava ao homem.
E tecendo das flores mais mimosas,
Que despontam no sacro, Aonio monte,
Não-caducas grinaldas, coroava
Da alta Phylosophia a fronte austera,
De que ao seu canto as rugas se alisavam,
E resumbrando o rosto hum terno riso,
Verdadeira brilhava amavel Deosa!
Mas turbido, iracundo hera o semblante
E a mim, que, humilde, e reverente, em terra
Ante elle me prostrava, olhos voltando,
De nobre furia scintillando clama.
» Que temerario arrojo te estimula?
» Ousas tocar do Thamisa nas margens
» Toscana Lyra? despresado filho
» Da miseranda Italia, que perdera
» O bello imaginar, e do robusto
» Imaginar as bellas artes filhas,
» E todas as virtudes, quando esquiva,
» De imbelles filhos, e Ocio deshonroso
» Della fugiu Latina a Liberdade?
» Augusta Liberdade, que seu vôo
» Na amiga praia Ingleza alfim pousando,
» De habitar folga as trovejantes proas,
» Que aonde o Sol se occulta, o Sol renasce,
» Dos belicos trovões ao som conduzem
» De Britania os Decretos, e em circuito
» Das fluctuantes, tremulas bandeiras
» Purpureas azas co' a victoria estende!
» Aqui do Pindo aos animosos filhos

» A Liberdade de laureis cingida
» Inspira não palavras sem sentido,
» Aduladora Rithma, inepcias doces,
» Em que resoam com pedestre estilo
» Ou crebros Hymeneos mal ajustados,
» Ou de hum castrado o afeminado accento,
» Ou de terna, infantil, mimosa Nympha
» Imprudentes dezejos prematuros,
» Versos, com que de pejo o rosto escondem
» As Deosas do Permesso, e qual poeira
» Que se alça, e cae ao moto apressurado
» Das, que sulcam o chão, rapidas rodas,
» Provam no mesmo dia a morte, e a vida.
» Mas versos, quaes hum tempo em melhor quadra,
» Retumbaram nos bosques, que despregam
» Coma frondosa em Delphicos rochedos,
» Ou nos campos, por onde alegres correm
» Ambagioso Meandro, e fresco Illisso.
» E ousas, ave palustre, a voz erguendo,
» A voz rouquenha, celebrar cantando
» O astro mais vivo da Britana Esphera?
» A engraçada Isabel, em cujo rosto,
» E lindos, negros, motiscassos olhos,
» Venus todos dispoz seus atractivos,
» E no gesto, e na fronte a augusta Juno
» A doce magestade, almo decoro,
» Com o suave portamento altivo?
» Teu assumpto não he! requere a tuba,
» A tuba eximia do Cantor de Achyles,
» Com que de Jove a respeitanda Esposa
» Em altisono metro descantava;
» Ou do Anglico Homero as magestosas
» Vividas cores, com que soube outr'ora
» Ridentes mostras, innocente encanto

» Nativas graças retratar da pura
» Eva, e com soltas, fluctuantes tranças
» Servindo de aureo veo ao niveo seio,
» Amor vertendo dos suaves olhos,
» Bella de si, e em nua magestade
» Ledo guia-la ao thalamo ditoso
» Entre o sussurro de auras, e os cantares
» Dos lindos Rouxinoes! a Estancia amena,
» Que os brandos emcurvando espessos ramos,
» Entrelaçando as odorosas folhas,
» Ao divino preceito obedientes
» Fabricavam as plantas! ao teu canto
» Poem freio, oh Temerario, e á dama illustre
» Tacito adora as prendas, sem que as manches
» Com os Canticos teus mal agourados.
Disse, e já furibundo azas batia
Pela aerea expansão, quando, estendendo
Com suplece atitude as mãos ao Vate,
» Suspende-te! [gritei] Cisne sublime,
» Suspende hum pouco as fugitivas pennas,
» Ouve as minhas razões! como ser posso
» Condemnado por ti, se della escrevo?
» Quem póde conhecela, ou ve-la póde,
» E tacito ficar? quem della falla
» Hum costume gentil extrae do assumpto:
» Do porte magestoso, e lindo rosto,
» Aonde mais formosa as graças tornam
» A nativa virtude, huma suave
» Potencia ignota sae, que as almas calla,
» E por sendas não vistas penetrando
» No sacro alvergue, em que inquietas pennas,
» De freio indoceis, agitando sempre,
» Reside a impaciente Phantasia,
» Sacode, irrita as já distentas, promptas

» Misteriosas fibras, cujo moto
» Faz que as imaginosas fórmas nasçam,
» Vistam corpo, respirem, e se movam,
» E com fogoso pé, ligeiras, rapidas,
» Em confuso tropel se ajuntem, corram
» Ao conducto da voz, e em sabias notas
» Mesmo a nosso pezar, rebentem fóra.
» Tu o sabes, ninguem resiste á sacra
» Potente aura de Phebo, e porque deve
» O tenue dom de meus rasteiros versos
» Altiva despresar, se nelles brilha
» Unido á debil força o bom desejo?
» Isto do offertador, isto da offerta
» Altea o preço escasso. O Ceo recebe
» Com benefico rosto os dões sublimes
» Do altivo potentado, e os dões humildes
» Do grosseiro Pastor! applaca, oh Vate,
» O enfado applaca, e na subida empreza
» Dá-me amparo, e favor! oh! se mil vezes
» De teus versos ao som harmonioso
» Callou nesta alma o fremito suave,
» Que nos sensiveis corações desperta
» A harmonia do Pindo, e se os transportes
» Que te agitaram já, quando nasciam
» A teus olhos pulcherrimas imagens,
» Passaram ao meu seio, e me agitaram
» Como ao tremor de huma vibrada chorda,
» Posto que não tocada, treme, e soa
» De unisona harmonia a socia chorda;
» Se co' a vista segui teu vôo altivo
» Cheio de admiração, quando na sacra
» Nevoa dos Fados entras, e se hei dado
» Lagrimas de ternura ás mestas notas
» Da affligida Heloisa, que combate

» Seus rebeldes sentidos, e attrahida,
» Repulsada do Ceo, do Mundo, pende
» Como a Náu de dois ventos contrastada,
» Presenta ao Ceo irado incertos votos,
» Dubia entre Deos, e o suspirado Amante!
» Presta-me, excelso Vate, no arduo lance
» A Lyra, que, de chordas resonantes
» Armada, pende no silencio amigo,
» E amenas sombras da sagrada gruta,
» Onde por vezes mil o choro inteiro
» Das doutas Musas, e onde o mesmo Apolo
» Sentar-se ao lado teu não desdenharam,
» E onde ao canoro som a coma algósa,
» E a cabeça ufanada pelas tantas
» Vencedoras antenas, que sustenta
» Sobre o cérulo dorso, erguer foi visto
» O Thames vezes mil, e immoto, e fixo
» De teus labios pendendo! ou se contente
» Tão sómente de ti, dos mais esquiva
» Tua divina Cythara, não soffre
» Que outro de lhe tocar tenha a ousadia,
» Ah! tu a empunha, e nas douradas chordas
» Co' a dextra mão a usada melodia
» Lisongeira disperta, canta os dotes
» Da formosa Isabel; meu lugar faze,
» Sê o interprete meu! he de ti digno
» Tão elevado assumpto! » A Sombra augusta
De ouvir-me se applacou, e a luz de hum riso
Aclarando-lhe a fronte, já tranquilla
Me volve a vista a transflorar piedade.
Qual velho nadador, que o tenro filho
Notando está quando as instaveis ondas
Agita em vão cos' inexpertos braços,
E quer debalde sobre o plaino undoso

Suster-se, e bate as inimigas vagas,
E sopra, e se comfunde; e quando lasso
Vê que se affunda, a franca mão lhe estende,
Cinge-o ao peito anhellante, e o ergue ao alto,
Tal me comtempla a sombra honrada, e mostra,
O meu debil vigor compadecendo,
A' empresa preparar-se! hum aureo lume
Na laurea verde lampejou tres vezes,
E com purpureo, flammejante rasto
Lambeu-lhe a nivea, respeitanda coma.
Ei-lo, accezas as faces, ao Ceo volta
Os scintillantes olhos, nem conserva
O mesmo rosto, ou côr! solto o cabello,
Cheio de fogo agitador, desta arte
A voz Aonia desprendeu sagrada.
» Oh sabia, oh de Albion formosa filha,
» Brasão primeiro de Anglicas Esposas,
» Que rutillas entre ellas qual na estiva
» Noite tranquilla por azues, e escuros
» Campos do Ceo, entre as de mais Estrellas
» Com argenteo fulgor Delia refulge!
» Ou como, abrindo o rubicundo seio,
» Tincto de niveo, roscioso gelo,
» Em que brilha, e tremula infante o dia,
» Qual Rainha, entre as flores surge a Rosa!
» Sabes porque tão lindo, amavel rosto
» Natureza te deu! tão florea face,
» Olhos tão vivos, tão formosos membros,
» Que da Deosa de amor sobre o divino,
» Corregindo-o, perfez pulchro modelo?
» Ouve-me, e crê que na canora, e sacra
» Voz dos poetas quem se exprime, e falla,
» He o Ceo mesmo, e de engraçadas tuas
» Amorosas feições, e desses dotes,

» Que, frageis nomeando, huma soberba,
» E Cynica vaidade, ás vezes ousa
» Desprezar mentirosa, por meus dictos
» A importancia conhece! o Ceo benigno
» Apiedado de estupidos humanos,
» Que em lugar da rasão, sentidos guiam,
» Mostrar-lhe pertendeu com arte nova,
» Amavel a virtude! torvo o rosto,
» Ouriçado o cabello, e nua a planta,
» Apparecera sempre entre os clamores
» Do clangoroso portico, e despenhos
» Esteriles, e sós, em erma gruta
» Palido o rosto, que o jejum macera,
» Mais que respeito, e acatamento havia
» Ou despreso, ou terror thequi movido
» No humano coração! o Ceo piedoso
» Mostra-la quer ao Orbe alûm das graças
» Pela mão emfeitada, e aos mui-formosos
» Teus membros prestou forma, e no teu peito,
» Em tua alma gentil, poz da virtude
» O sacrosanto templo! oh! como surge
» Com hum veo tão formoso amavel hoje!
» Que suave ella ri nos olhos bellos!
» Nos rubros labios, na rosada face
» Graça, doçura, amor chover parece!
» Quanta parte do Ceo se ali resume!
» Guia tão linda quem seguir recusa?
» E qual pode mostrar o Ceo ao Mundo,
» Quadro maior, e mais formoso a hum tempo,
» Que n'hum rosto gentil virtude emvolta?
» Tal te mostraste, e teus nascentes dotes
» Contemplou, e admirou, não só teu patrio
» Rigido, e pouco admirador Terreno,
» Mas o Senna, o Sebetho, o Tybre, o Arno

» Viram formosos, celestiaes costumes,
» Sabia expressão, e na immatura idade
» O já maduro apreçurado cizo.
» Não de leviano, e de pomposo emfeite,
» Te ha visto o Tybre, e peregrinas modas,
» De brilhantes inepcias, luxo inutil,
» E pueril ostentar, [e poderias
» Aprecia-lo tu, se em mais desleixo
» Mais bella inda pareces?] mas nas grandes
» Buscar co' a vista derrocadas moles
» Da Latina perdida magestade
» A copia augusta nos tristonhos restos
» Do ruinoso foro, e sobre a rocha
» Do Tarpeo, quanto, oh Ceos! mudado! aonde
» Vem tantas vezes de Albion os filhos
» Em sagrado silencio meditarem
» Tudo quanto maior os Ceos nos deram,
» Patria, Virtude, e Liberdade, e em pranto
» Humida a vista aos venerandos restos
» Volvendo assidua, invocam saudosos
» Sobre a deserta, ruinosa areia
» De Camillo, e de Fabio as claras sombras,
» Sombras, que inda d'além das margens negras
» Da languida Palude, os torvos olhos
» Volvem com furia, e despeitosas fremem
» Sobre a sorte de Italia! elle te ha visto
» Dos vivos Bronzes, Marmores falantes
» Fixa pendendo, immersa no suave
» Extasis de prazer, que em nobres peitos,
» Que de barro melhor plasmou Natura,
» Se desperta perante as divas fórmas
» Do magestoso Nume, que resplende
» Do Vaticano na marmorea estancia;
» Ou lá onde respira em vasta pedra

» Do Egypto o conductor, velado o peito
» Co' a longa honra da barba, e em cujos olhos,
» E na fronte espaçosa hum Deos resombra,
» E brilha, e troa no callado rosto!
» Ora nas lindas, coloridas telas,
» Que animou Raphael, tal, que Natura
» Turbada as encarou, reproduzido,
» Julgando o furto do celeste fogo.
» Tal te mostraste, e apareceu comtigo
» A sobrinha infantil, e encantadora,
» De quem se viam, como flor, que rompe
» Do Calix seu, e ao novo Sol crescente
» Medrar as graças no gentil semblante
» Com a crescente idade, e co' a vivesa
» Espirito brilhar, qual de aureos lumes
» Brilhava o fogo, reflectindo delles
» Do lindo imaginar os ageis motos,
» Que regia a razão com brando freio.
» Ambas a Italia viu, e em vós unidos
» Todos os dotes do mais fórte Sexo,
» E delle differir só pelas bellas
» Modestas graças do gentil semblante
» Notou com maravilha! ah! quem foi esse,
» Que tão injusto ousou com leis tyrannas
» Só ás obras servis, agulha, e fuso
» Invido condemnar o amavel sexo?
» E de heroica virtude, altas empresas
» Incapaz o julgou? não brilha acaso,
» Não acalora aquelles lindos membros
» Huma fagulha do celeste fogo
» Simil daquella, que a sagrada accende
» Nobre chama de gloria, e de virtude
» No peito dos heroes? sim, mas mil vezes
» He forçada a languir no carcer negro

» Deste corpo mortal, e a dar de vida
» Debil albor, inobservado, incerto,
» Como a funebre alampada mortiça,
» Que dubia luz, e palida diffunde
» Sobre a gelida campa inutilmente!
» Como a flexivel greda, ou branda cera,
» O Espirito humano as fórmas toma,
» A que a provida dextra educadora
» Quiz ageita-lo! no profundo centro
» De paria rocha ruvido, ignorado
» Niveo marmore cresce, e jaz inglorio
» Em rude massa, mas se a mão solerte
» Do dia o traz á luz, e com talhante
» Agudo-escopro em torno vai sulcando
» As duras fibras, a indigesta mole
» Subito se efigia, e a pouco, e pouco
» Veste humana figura! já se emcurvam
» Amplas espadoas, eis torosos braços,
» Onde podes as veias serpeantes
» Com os turgidos musculos polposos
» Hum por hum numerar! eis já dos membros
» Alma, e vida respiram, e da excelsa
» Rugosa fronte; e na atrevida face,
» Onde se estampa o belico denodo
» Com rude magestade, reconheces
» Do Erimantho o alto heroe, o heroe de Lerna!
» Tal com destro Cultor o humano engenho
» Do limo vil, onde submerso, occulto
» Mil vezes jáz, se desenvolve, e a alma,
» Porção de aura divina, o mal notorio
» Fogo celeste agitador desperta,
» Que nos ergue da terra, e semelhantes
» Nos faz aos Numes! oh excelsa dama,
» Qual a sorte te deu Cultor esperto

» Que a tua verde idade vigiasse! . . .
» Claros dotes da provida mãi tua
» Quem não conhecerá, se tal se expande
» Divina luz de cizo, e de virtude
» Entre as Anglas Matronas! ás crescentes,
» Tenras filhas as mãis por norma inculcam
» O exemplar do seu sexo, e a vista as filhas
» Lhe volvem respeitosas, e o seu nome
» A proferir com reverencia aprendem!
» Oh de tão bom Cultor condigna planta!
» Oh como bem aos maternaes desvelos
» Conrespondeste! como expressa trazes
» Nas sabias fallas, nas maneiras cultas
» Materna semelhança! não tão viva
» Dos filhos, e dos Netos no semblante
» Estampada se vê paterna Efigie!
» Tal que o bom genitor nos charos filhos
» Com mimoso prazer comtempla ás vezes
» Em aspectos diversos proprio aspecto,
» E do Avô as feições revoca á idéa:
» Como o materno cizo, e sãs virtudes
» Em tua alma gentil pintadas fulgem!
» Mui bem o reconhece o moço eximio,
» A quem soube ligar-te em aureo laço
» Providente hymineo! oh venturoso! . . .
» Oh qual possue riquissimo thesouro!
» Oh vinculo feliz nos Ceos formado
» Da virtude por mão, para que delle
» Vigorosa germine, e reverdeça
» A gloriosa planta, que fecunda
» Ao terreno Bretão foi de altos filhos!
» E tantos della ainda espera ufano,
» Que com cizo, e co' a espada como outr'ora
» Pela patria, não timidos, nos feros

» Campos de Marte ao ferro nú presentem
» Os generosos peitos, ou do attento
» Senado entre os applausos, a seu folgo
» Com doce de facundia aurea cadeia
» Arrebatem a mente, ou contra infidos
» Alto troando com fulmineo brado
» Da patria o santo jus fortes vindiquem.
» Oh dama excelsa! lizongeiro ornato
» A' verdade eu não ponho! ah! para longe
» Do livre Ceo Britano echo enganoso
» De aduladora voz, e de canoras
» Mal tecidas mentiras se remova,
» Nem dos vates prophane a sacra phrase!
» Louvo os meritos teus, louvo os teus dotes,
» Não os de teus avôs! outro recorde
» Da tua clara estirpe os brazões grandes,
» Diga como te corre pelas veias
» Dos Britanicos Reis o sangue avito,
» Dos avôs narre as belicas emprezas;
» Como de fogo marcial accezos
» Mil vezes contra a morte audazes foram,
» Quando Bellona seu funereo facho
» Sacudindo raivoza contra o triste
» Anglo terreno, co' a discordia ao lado
» Fez em sangue enxorrar desertos campos,
» De insepultos cadaveres juncados;
» Ah! fuja a idéa dos atrozes casos,
» Cuja recordação fere inda, e punge!...
» Ah! em quanto no tumido Oceano
» Rodney troveja, despregando ao vento
» Vencedoras bandeiras tão temidas;
» Em quanto envolta de inimigas armas,
» Vencido hostil furor, surge mais bella
» A liberdade, e de sanguineos louros.

» Voa a cingir as honorandas proas,
» E, Rainha do mar, senta-se ufana
» Nas augustas antennas, ah! no meio
» Do contento geral prantear devias!
» Oh doce amor da gloria! oh dom funesto,
» Fatalissimo dom ao bravo, ao forte!
» Oh magnanimo moço, onde te leva
» Da patria o santo amor, que em praia alheia
» Na flor da idade exanime lá jazes?
» Porêm longe queixumes! quem da patria
» Assim perece a bem viveu bastante!
» Deixo de Marte os cruentados louros,
» Deixo de avôs magnanimas emprezas,
» De ti só cantarei, com tantos brilhas
» Teus pulchros dotes, que excuzar bem podes
» Que estranha luz mendigues de avoengos!
» Vês o astro maior, Padre do Dia?
» Como esta luz formosa exorna, e doura
» Globos, que a elle vam, que fogem delle
» Por dupla força em torno seu rotando?
» Ninguem soubera que no vacuo immenso
» Se movem sempre em prolongado giro,
» Se nelles diffundida a luz Phebea
» Não os vestisse de dourado manto,
» E em noite eterna, esquecimento eterno
» Sepultados jazeram! de tal modo
» Quantos do vulgo vil tão só destinctos
» Por nome illustre, e vão, vivendo inuteis
» A si mesmos, á patria, ignotos sempre
» Sem dos maiores o esplendor jazeram?
» Esplendor, que desmaia, que emfraquece
» Sobre ingloria progenie, se a miude
» Com honradas façanhas não se aviva!
» Como o proprio fulgor do Ceo brilhante

» Nos negros corpos perde-se, e desmaia.
» Tu qual astro mais vivo ardes, e fulges
» Com propria luz, e as mais gentis virtudes
» Teu espirito adornam, te coroam.
» Ah entre estas virtudes, e estes dotes
» Em teu peito não tem lugar extremo
» A bondade, a brandura, e o mavioso,
» E pio sentimento, que dos homens
» Com brando olhar, e compassivo encara
» Innocentes loucuras! tal virtude
» Te guie agora, e com benigno rosto
» Para este te volve Italo Vate,
» Que sobre as ferteis margens do Arno, e Tybre
» Te viu, e te admirou, tua alma bella
» Formar-se presenceou, e arrebatado
» Do fogo, que nos seus Appollo infunde
» Qual serias hum dia então predisse!
» Ei-lo tenue tributo te offerece
» De não bem cultas, heliconias flores,
» Flores, que despontando em margens do Arno,
» Temem cahir por terra abandonadas
» Sobre praia estrangeira, em novo clima.
» Ah tu acolhe com serena fronte
» Estas canoras nugas, e se excitam
» Em ti algum deleite as meigas vozes,
» Mais nada exige! hum teu gentil sorriso
» O louvor lhe será mais lisongeiro,
» A's vezes brinca o Vate, e com sobejo
» Licencioso ardimento vai correndo
» Onde o conduz o cego, impaciente,
» Irrisistivel impeto de Phebo!
» Ah tu, Dama gentil, com doce vista
» Contempla estes delirios, e perdoa
» Aos poeticos, varios devaneios,

» Audazes jocos, e jucundos risos,
» Com que o sexo formoso ás vezes punge.
» Tem o sexo mais forte, e o mais mimoso
» Proprias virtudes, e defeitos proprios;
» Mas quando o Ceo, e a Natureza juntos
» Pertendem, fabricando huma alma bella,
» Mostrar-te aonde chegam seus poderes,
» Vam escolhendo, e suspendendo hum pouco
» A lei universal; então se adunam
» Vosso sensivel coração, e o nosso
» Vigor, que os doces motos lhe tempera;
» A compaixão dos loucos, e o desprezo
» Da loucura; a vivace phantasia
» Co' a severa razão, Rainha sua;
» Reserva com franqueza, Arte, e Verdade,
» Misturam-se, Arte inocua, que enfeitando
» A verdade, lhe dá maior feitiço;
» Coragem com doçura, e a Modestia
» Co' a Dignidade esposa-se, e se agita
» Tudo, e confunde, e então nascer nos vemos...
» Nasce Isabel! » Isto dizendo, a sombra
» Na nuvem se fechou, desapparece.

FIM.

NOTAS DO POEMA.

CANTO I.

Pag. 1 Verso 2.

Que em manuscriptos encontrei de Brito;
Brito, sincero Historiador.

Hum dos maiores ornamentos da opulenta Ordem de Cister, foi sem dúvida o Doutor Frey Bernardo de Brito, a quem a natureza havia creado adrede para grande Historiador. Possuia elle huma profunda, e variada erudição, eloquencia natural, muito amor ao trabalho, lingoagem pura, e correcta, e quando o caso o pede, elegante sem effectação; que lhe faltou pois para alcançar o primeiro lugar no seu genero? o ter nascido em outro seculo. Infelizmente as preoccupações do seu, em que passava por patriotismo o honrar cada um a sua Nação com o maravilhoso, lhe fez encher a nossa historia de fabulas, a que pertendeu dar credito com documentos de sua fabrica, e com a authoridade de livros apocriphos, ou de authores disprovidos da critica, vindo assim a desacreditar-se na opinião dos homens sensatos. He verdade que a sua leitura recrea, mas não interessa porque lhe falta a verdade, primeiro merito da historia; he objecto de estudo para os que pertendem saber bem a lingoa; mas não de instrucção para os que procuram a noticia do que fizeram os nossos maiores. Não merece com tudo este author o despreso, que alguns tem feito delle, e os Poetas farão bem em o ler as-

siduamente por que dahi podem tirar grande fructo para a composição de Poemas nacionaes. As suas obras sam hoje raras, e de grande custo. A Academia das Sciencias, que havia começado a reimprimi-las, parou no meio da carreira; não sei porque fado máu acontece isto a todas as suas emprezas! Assim ficou o seu Diccionario na letra A, e ha tantos annos, que estam desvanecidas todas as esperanças de o vêr continuado, e o que he peior, esse mesmo primeiro volume he defeituoso por falta de vocabulos, e por estarem alguns sem explicação. Citarei hum exemplo. pag. 228 » Almarcova — Lião, Chronica de D. Fernando 193 » que [Lourencinho] com huma Almarcova, que trazia na mão, lhe deu nos pés do Cavallo. » Ora pergunto, hum leitor, que lendo esta passagem em Duarte Nunes, for consultar o Diccionario sobre a palavra Almarcova, e tirar por fructo do seu trabalho que aquelle vocabulo vem na dicta passagem, poderá ficar satisfeito? que dirá deste modo de fazer Diccionarios? não seria melhor omittir a palavra Almarcova, que po-la sem explicação? Ora pois saiba a Academia, e saibam os leitores de Duarte Nunes, o que eu alcancei á custa de perguntar. Almarcova he hum cutello de quatro palmos de comprido, incluzive o cabo, que he tambem de ferro, e huma mão travessa de largo, com que os cortadores descozem as rezes, antes de as cortar para a venda, hera por tanto mui comezinho instrumento para o tal cortador Lourenço desempenhar a operação de jarretar os Cavallos. Ser-me-hia mui facil explicar as outras palavras, a que lá falta o significado, se em lugar de huma nota escrevesse hum supplemento ao Diccionario da Academia.

Pag. 1 Vers. 4.

Bem sei que não hade faltar quem proteste contra este *siso agudissimo*, que eu attribuo aos Monges Brancos: dirão huns que elles sempre foram de letras gordas: outros que a sua materialidade he proverbial, e citarão em abono disto os seguintes versos de hum dos nossos melhores Poetas modernos, que no lindo Poema de D. Branca faz dizer ao Diabo, fallando do Bernardissimo Confessor, e Padre Espiritual da Infante.

E eu raivando me fui direito a Silves,
Onde a moça levaram. Vi ahi Sueiro,
Com quem antigas contas tenho ha muito.
Escravo fôra de hum Villão Mourisco,
Que nem toucinho, seu manjar querido,
Nem nada mais bastante a encher-lhe a pança,
Lhe dava: renegou por fome o Frade;
Não fui eu que o obriguei: já negra, e Moura,
A alma tinha quando eu lhe entrei no corpo.
Renegou, mas ningueu fez cazo delle:
Mouro, ou Christão ficou sempre BERNARDO.

Garret. D. Branca, Cant. VI.

Outros emfim com tres Volumes de *Bernardices*, que correm por ahi manuscriptos, tentarão convencer-me de que *Bernardice*, *e tolice* sam rigorosos symnonimos na lingoa Portugueza. Eu não pertendo contradizer nada disto; concedo tudo, nem a respeito das Bernardices aproveitarei a sahida, de que se valeu hum dos ultimos Abbades, que por ella se vê que era pouco Bernardo, e he o cazo; certo Conde, que era filho segundo de huma das cazas mais illustres, pernoutou em o Convento de Alcobaça; no dia seguinte o D. Abbade lhe mostrou todas as Officinas, e curiosidades do Mosteiro, e passando á Livraria, disse o Ex.mo „ Padre, o vosso Mosteiro tem mil couzas dignas de admiração; porem a maior no meu conceito,

he estar aqui desde hontem, e não ter ouvido aos Padres, dizer huma unica asneira; já vejo que esses livros das Bernardices, sam obra de algum praguento que intentou assim desacreditar os moradores desta Santa Caza!» o D. Abbade tirando huma caixa de ouro, tamanha como hum queijo do Rabaçal, tomou huma pitada de estorrinho, sorveu-a com muita pachorra, e respondeu sorrindo» Engana-se V. Ex.ª: esses livros não sam apocriphos, nem obra de calumniadores: todas aquellas *Bernardices*, se disseram na nossa caza, e muitas outras, que lá não vem. Os Padres antigos eram huns Zotes; porem os modernos sam outra laia de homens, e não dizem asneiras; devemos essa ventura ao Sr. D. João V, que santa gloria haja, que estabelecendo a Patriarchal para accomodar os filhos segundos de Fidalgos, que eram quem vinha cá dize-las, nos livrou para sempre da praga das *Bernardices*.

Apezar disto, e de conhecer que os Bernardos eram faltos de letras, persisto em affirmar que tinham agudissimo cizo, porque sem isso nunca conseguiriam persuadir altas personagens, que de certo tinham mais toucinho no cachaço, que os Monges Brancos, a que se despojassem dos seus bens para os enriquecer, e opulentar a elles, se isto não he agudeza, então não sei que nome lhe dê!

Pag. 1 Vers. 5.

Senhores de ar, e fogo, e terra, e agoa
Nos campos da pomifera Alcobaça.

Que os nossos antigos Reis fizessem doação aos Frades Bernardos da terra, que conquistavam, não he reparavel, por que tinham para isso direito, e póde considerar-se como rasgo de boa politica, pois estando essas terras incultas, e despovoadas, podiam os

bons dos Padres rotea-las, e agriculta-las, por que na primitiva eram Lavradores, e podiam tambem povoa-las, porque sempre foram tidos em conta de optimos, e robustos garanhões! mas faze-los senhores da agoa, que he propriedade de todo o vivente! do ar, e do fogo, em que ninguem tem dominio!... isso na verdade he levar muito longe a prerogativa Real!... he contradizer o mui conhecido axioma *nemo dat quod non habet, neque plus quam habet!*

Parece na verdade incrivel, que taes doações se fizessem, e muito mais incrivel, que até aos nossos dias aquelles Santos, e Apostolicos Varões podessem conservar intactos esses direitos mais que feudaes! faz horror a escravidão, em que gemião os habitantes dos Coutos de Alcobaça, que alem de onerados com quartos, outavos, e toda a mais Kyriella infame dos chamados direitos banaes, não podessem abrir hum poço em suas fazendas, tirar agoa de hum regato, que lhas atravessava, accender lume no seu lar, accender luz de candeia, ou candieiro &c. sem previa licença, do *D. Abbade Capitão Mór*, e sem lhe pagar a somma por elle arbitrada pela fruição dessas couzas, que em todos os tempos, e em todas as Nações tanto barbaras, como civilisadas sempre foram *publici juris*!

Pag. 1 Vers. 21.

Desprezados Dolmins, que fórra o musgo.

Pedras lisas, que no tempo dos Druidas serviam de altar, em que eram sacrificadas as victimas humanas. O instrumento de que se usava nestes abominaveis ritos era huma foice de ouro. Ainda hoje se encontram muitas destas pedras em diversos lugares da França, especialmente na floresta das Ardennas.

Pag. 2 Vers. 3.

Ou junto á fonte de Merlim te encantem
Brandas fugindo múrmuras correntes,

Merlim foi hum Magico Inglez, mui celebrado nos escriptos dos Romanceiros; era, [dizem elles] filho de hum Diabo, e de huma Freira. Viveu no tempo do Rei Voltiger, e de dois successores seus. Amando perdidamente huma donzella tão gentil como maliciosa, conhecida pelo nome da Dama do Lago, esta fingiu ama-lo, e verdadeiramente o detestava, cousa que não he de estranhar, em mulheres. Lembrou-se Merlim de fabricar por suas artes na selva de Nortes hum sepulchro para si, e para ella. Acabado este, o mostrou á sua amada, ensinando-lhe certas palavras, que, ditas sobre a sepultura depois de fechada, impediriam que podesse mais abrir-se. A Nympha depois de com muitas caricias o induzir a metter-se dentro, fechou-o, disse as palavras, e o pobre Nigromante lá pereceo em castigo de se fiar em gente que veste saias. Mas não podendo o seu espirito sahir dali em rasão do encantamento, lá vatecina, e responde aos que o consultam, até que chegue o dia de juizo, em que só póde ser solto. Entre as muitas obras de Merlim, tem notavel lugar huma fonte encantada no bosque das Ardennas, que Berni no seu Poema de Orlando innamorato, Canto 3.º descreve do modo seguinte.

Ell' era tutta d'oro lavorata,
E d'alabastro candido, e pulito,
E cosi bel, che chi dentro vi guata
Vi vede il prato, e fior tutto scolpito:
Dicon che da Merlin fu fabricata
Per Tristan, che d'Isotta era invaghito,
Acciochè ivi bevendo si scordasse
L'amor di quella Donna, e la lasciasse.

Ma non consenti mai la sua sciagura,
Di farlo a questa fonte capitare,
Quantunque andasse in volta alla ventura
Cercando il Mondo per terra, e per mare.
Era quella acqua di questa natura,
Che chi amava faceva disamare,
E non sol disamar, ma in o dio avere
Quel ch' era prima diletto, e piacere.

Pag. 2 Vers. 9.

Do Cantor de Fingal dês honra aos Manes.

Ossian, Filho de Fingal, Rei da Caledonia, e hum dos principaes Bardos da Escócia. As proezas de seu pai sam o ordinario assumpto das suas poesias, Macphearson as traduziu em prosa Ingleza, e Cesaroti em excellentes versos Italianos, provando em suas notas que a Poezia do Bardo Escocez he superior a de Homero, parecer de que eu não vou muito arredado. Alguns criticos quizeram persuardir-nos que estes poemas herão conposição de Marcphearson, mas a semelhança do seu estilo com o das poezias Norsicas, Welches, e Dinamarquezas conservadas por Bartholino, não deixa acreditar esta supposição. Alem de que, se Macphearson fosse o Author de taes Poemas, tinha conseguido ser Creador de huma poesia nova, e parece absurdo suppôr que fosse tanta a sua modestia, que se conservasse incognito, recusando os applausos, com que forem geralmente recebidas aquellas formosas composições.

Pag. 2 Vers. 18.

Busques co' a vista o pequenino bote,
Que a receber o Pai guiava Helena.

Veja-se sobre este trecho o lindo Poema de Sir Walter Scott, intitulado a Dama do Lago.

Pag. 2 Vers. 27.

Com o claimore em punho, amor o instiga
A disputar a Graeme a esquiva Dama;

Claimore, he huma espada de fórma particular usada pelos Escocezes.

Pag. 8 Vers. 7.

Filho de hum bravo
Cavalleiro de Ossónoba he Leonido;

Ossónoba era huma Cidade do Algarve, situada junto de Stoy. Hoje apenas restam vestigios della.

Pag. 10 Vers. 10.

Ceruleo véo, que aureas estrellas bordam,
Purpureo cinto, que lhe envolve o corpo,
Manto, que forram candidos arminhos,
Tudo filha de hum Chefe a denuncía.

As Peliças eram entre os Barbaros do Norte hum distinctivo de Poder, e de Nobreza, e inda hoje o sam entre os Turcos, isto he da primeira destas couzas, por que elles não conhecem por ora a segunda. Os Godos, os Vandalos, os Herulos, os Alanos, os Suevos, os Hunos, e todas as mais Nações Septentrionaes, que invadiram a Europa, erão em seus principios poderosos caçadores diante do Senhor, e passando com o tempo de caçadores de feras para caçadores de homens, vieram derramando a dissolução, e o estrago repartir entre si o Imperio Romano. Os seus vestidos eram de pelles de animaes, e conservaram por muitos seculos o uso das peliças, que os distinguiam dos povos subjugados, e eram para elles signal da soberania, e dominios; idéa que até aos nossos tempos se tem conservado entre os grandes. *Investidura* designava o acto de envergar hum manto forrado de peles, que conferia a posse de hum Feudo, ou de huma Magistratura.

Pag. 12 Vers. 7.

Então Thomino, o Menestrel antigo,

O nome deste Menestrel, sua cegueira, e o mais que a seu respeito acrescento, dam bem a entender que o original deste retrato he o meu amigo Thomaz Antonio dos Santos e Silva. Conceda-se á huma amizade de longos annos o derramar algumas flores sobre o sepulchro de hum homem de genio, que apezar da mordacidade dos seus zoilos, e dos inconsiderados juizes de alguns criticos, que mal o leram, e peior o entenderam, conservará na Posteridade a estima, e applauso, que lhe prodigalisaram os seus Contemporaneos como o mais original, e o mais nacional dos nossos Poetas. A Brasiliada, a sepultura de Lesbia, e o Cantico á Primavera sam monumentos, que afiançam a gloria do seu nome.

CANTO II.

Pag. 19 Vers. 9.

O Salgueiro erguendo aos ares
Dois grossos galhos, de que em roda pendem
Os longos ramos, finge á luz da Lua
Pio Eremita de burel vestido,
Que em fervente oração aos Ceos levanta
Supplicadoras mãos a bem do Mundo!

Nestes versos não fiz mais que reproduzir a idéa, que me despertou, vendo-o ao pôr do Sol, o Salgueiro-chorão, que existe na real quinta do Alfeite.

Pag. 24 Vers. 17.

» Viste a Volkina da familia nossa,

Proceribus, ac Dinastis antiquissima Superstitio erat, eorum familias lemures, sive Demones familiares (Valkinas appelabant) habere, qui aliqua eis-

impendente calamitate, specie anili, plorantes, atque ululantes per noctem videbantur. — Hispania Barbara. — Estas Volkinas, Lemures, ou Demonios familiares como lhe chama o Author, parecem, se não o mesmo, ser mui chegadas parentas da Banshee dos Irlandezes, e Escocezes modernos. Que esta crença seja huma superstição pagaã não admitte duvida, mas não he tão facil decidir se he de origem Celtica, ou se passou para a Inglaterra com a invasão dos Saxonios. Inclino-me com tudo a este parecer, porque encontro vestigios della em todos os Paizes, que foram senhoreados pelos Barbaros do Norte, e especialmente pelos Godos. Muitos Authores attestam as apparições da Dama Branca de Rosemberg, e esta persuasão está geralmente propagada entre o vulgo Alemão. Affirmam que este espectro apparece nas vesporas do nascimento, ou morte de cada membro, ou alliado da familia do Rosemberg, com a etiqueta porém de que no caso de nascimento vem toda vestida de branco, no caso de morte traz luvas pretas.

Na Italia he tambem persuasão vulgar, que em caso de fallecimento de alguem da familia dos Torelli de Parma apparecia junto á chaminé huma velha, que se repellava com altos choros, e lamentos. O Padre Loreti na Hispania Barbara, citada no principio desta Nota, traz varios casos semelhantes das Volkinas de Hespanha, mas sem dizer-nos de que lingoa seja esta palavra, nem o que significa. Creio que he hum resto desta crença das Volkinas a opinião, em que permanece muita gente de que no instante, em que expira ausente alguma pessoa, que nos toca por amizade, ou parentesco, sentimos tres pancadas na cabeceira do leito, ou abrir-se, e fechar-se por tres vezes espontaneamente huma porta.

Pag. 26 Vers. 4.

Neste momento atravessava os ares
A cruel Fallerina em negra nuvem.

No Orlando Innamorato de Berni ha huma Fada chamada Fallerina, que naquelle Poema representa hum grande papel, mas o leitor, que combinar o presente Poema com o Italiano, facilmente se convencerá de que esta personagem he de minha invenção, e que não tem de commum com a outra mais do que o nome.

Pag. 27 Vers. 24.

Demogorgon me chama ante o seu Throno.

Demogorgon he o Genio da Terra, senhor das Fadas, dos Gnomos, e dos Nigromantes. Tem ás suas ordens os Phantasmas, Espectros, Duendes, e Genios Elementares, a quem pune severamente quando desobedecem á sua vontade. Esta especie de Divindade suprema da Mythologia Romantica, he differente do Deos do mesmo nome, que se adorava na Arcadia com tanto respeito, que ninguem se atrevia a pronunciar o seu nome.

Berni no Livro 2.º Canto 13.º do seu Poema o Orlando Namorado, faz desta Divindade Romantica a seguinte descripção.

Sopra le Fate é quel Demogorgone,
Non sò se mai l'udisti nominare,
E giudica fra loro, e tien ragione,
E cio, che piace a lui pò d'esse fare:
La notte scura cavalca un montone,
Travalca le montagne, e passa il mare,
Con un flagel, di serpi fatto, batte
Le Fate, e Streghe, che diventan Gatte.

Se la matina le trova pel mondo,
Perche il giorno non posson comparire,
Le batte con un certo cotal tondo,
Che le vorrebbon volentier morire.
Or nel mar l'incatena, e ben nel fondo,
Or sopra il vento scalze le fa gire,
Ed or pel fuoco dietro a se le mena,
A chi da questa, a chi quell' altra pena.

Daqui se vê que este Rei, ou Imperador das Fadas, das Estrias, e dos Nigromantes sabia reinar com vigor, e energia, sem deixar-se governar, como alguns pelos seus Ministros.

Pag. 29 Vers. 1.

Nos arduos alcantís da Herminia Serra.

A Serra Herminia he a mesma, que hoje chamam da Estrella: he celebre na nossa historia antiga pela resistencia, que seus habitantes fizeram ás armas de Julio Cesar. Nella existem os restos de huns Arraiaes, que a gente daquella Provincia chama de Viriato, mas que os Entendedores julgam ser accampamento Romano.

Pag. 29 Vers. 5.

O gracioso Anão do Heroe valido.

Não sei porque estravagante gosto os Barões dos Seculos barbaros davam tamanho apreço aos anões, que os tinham sempre a seu lado, empregando-os nas negociações mais delicadas, e de maior segredo. Este uso foi geral, e duradouro na Europa, e ainda no tempo da minha infancia, rara hera a caza de Fidalgo antigo, que não tivesse hum, ou dois destes individuos contrafeitos.

CANTO III.

Pag. 43 Vers 13.

Prisão em fim! hum nome tal diz tudo!...

Quem lêr a Obra que o Inglez Howard escreveu sobre as prisões da Europa, depois de as haver visitado todas, pasmará do excesso de crueldade, a que o seu regimem tem chegado entre alguns povos; parece com effeito impossivel que possam proceder assim homens, que professam a lei de Jesus Christo! Fillangieri na sua *Scienza della Legislazione*, depois de descrever energicamente os tormentos dos presos, e a iniquidade dos Juizes, acrescenta que não refere mais horrores, com o receio de que sejam adoptados em alguns Paizes aonde se não praticam, pelos ignorarem ainda, misera Humanidade!

Pag. 52 Vers. 27.

De Alberto a ordem
» A Corte Marcial ámanhã junta,

Os Barões dos tempos feudaes tinham nos seus dominios o direito de vida, e morte, ou de baraço e cutello como dizem hoje. O pateo dos seus Castellos era o Tribunal, que chamavam Corte marcial. Ali com os seus principaes Cavalleiros interrogavam o réo, ouviam as testemunhas, e sentenceavam summariamente.

Pag. 54 Vers. 20.

Ernesto o não soffrêra; desdenhando
Judicial vingança, em campo aberto
Reptaria co' a espada a offensa sua.

O Espirito marcial dos Barbaros lhe fazia menoscabar as formulas Judiciaes, e preferirem o decedir seus pleitos, e desavenças por meio das armas. Os

seguintes versos de Horacio na Epistola aos Pisões,

Impiger, iracundus, inexorabilis, acer,
Jura neget sibi nata, nil non arroget armis,

sam o verdadeiro retrato de hum Barão da Idade media, mas não de Achyles, a quem elle sem propriedade nenhnma os applica. Achyles na Iliada mostra-se teimoso, e avarento, mas não desarazoado, iracundo, e desprezador das leis. Se pucha pela espada para Agamenon he provocado por elle de modo tão despropositado, e insultante, que estou bem certo que apezar de todo o respeito, que hoje ha em nossos Exercitos pela subordinação, nenhum Official de honra soffreria ametade ao seu Chefe sem tomar a mais prompta vingança. Finalmente o Achyles que Horacio designa nestes versos he o Achyles dos Poetas modernos; o Achyles de Homero he hum guerreiro de pouco cizo, chorão, que se queixa á mãi das injurias, que lhe fazem, e tão vil que se desculpa com Patroclo de haver restituido a Priamo o cadaver de Heitor por que lhe dera bom resgate por elle, e pede aos Deozes que não fique vivo hum só homem de todos os Troyanos, e de todos os Gregos, para elle, e o seu amigo Patroclo terem o gosto de tomar sós a Cidade de Troya! Que bella gloria seria [diz com muita graça Cesaroti, que foi traductor de Homero] tomar Troya tendo primeiro morrido todos os Troyanos! com a mesma facilidade se apoderariam della os Bufos, e as Corujas! — e he hum Poeta que escreve assim, que os Criticos nos offerecem para modello na Poesia Epica? que diriam esses Senhores se vissem em Tasso, ou em Ariosto hum desproposito semelhante!

Pag. 56 Vers. 5.

Seus vivos raios
Como hum rio de purpura cahindo

No zimborio do Templo, reflectidos
Nos colorados vidros...

Foi prática constante da idade media pintar os vidros de differentes cores, e ás vezes com Paisagens, e Quadros Historicos.

Pag. 58 Vers. 1.

No seu carro o Somno,
Que alvos Jocurutús piando tiram.

Certa especie de Corujas da America de côr esbranquiçada. Os selvagens, naturalmente crentes em agouros, como todos os ignorantes, tem summo medo desta Ave, e tremem de ouvir de noite os seus pios, tão persuadidos estam de que annunciam a morte breve, e infallivel de hum dos que estam presentes.

CANTO IV.

Pag. 66 Vers. 16.

Bem tudo fica a peitos bem nascidos.
φεῦ τοιοῖ γενναιοιοιν ὡς ἅλαν καλὸν.

Eurip.

Pag. 78 Vers. 23.

„ Titania vem, das Fadas a Rainha.

Titania na Mythologia Moderna he esposa de Oberon, Rei dos Sylphos, e phantasmas aereos. A India he a sua habitação usual; de noite passam os mares, vem aos nossos climas dansar ao clarão da lua; receiam-se do dia, e ao primeiro raio do Sol escondem-se nos Calices dos Lyrios, e das Rosas. Quem quizer huma idea mais ampla destas duas personagens leia o Poema de Wielland intitulado Oberon, de que Francisco Manoel nos deu huma traducção ele-

gante, e o Drama de Shakespeare denominado o — Sonho de huma noute de estio.

Pag. 82 Vers. 7.

He fama que a fundára o Rei Abides
Em seculos remotos, padrão nobre,
Que deixar quiz no sitio, onde na infancia
Fizera expo-lo Gorgoris.

Esta fundação de Santarem por Abides tenho eu por tão fabulosa como a de Lisboa por Ulysses, a de Setubal por Tubal, e a de Tui por Diomedes, com que tantos escriptores nos emballam. A variedade com que elles contam a historia de Abides he huma grande prova, de que tal Rei nunca existiu. Huns o fazem filho de Gorgoris, e de sua filha Calypso, cujo nome prova que este Rei sabia Grego, antes dos Gregos saberem que para cá do estreito existiam terras, e acrescentam que para evitar a vergonha deste incesto fizera Gorgoris expor o minino no sitio, onde he hoje Santarem; mas deviam lembrar-se que o incesto nesses seculos remotos, e barbaros hera cousa trivial, que não exigia tamanho sacrificio. Outros e destes he o author da historia de Santarem, seguem que Abides hera filho de Calypso, e de Ulysses; mas seria necessario provar primeiro a vinda de Ulysses ao Tejo, e *hoc opus, hic lator est!* Homero na Odissea não falla em tal vinda, nem na fundação de tal Cidade, por mais que o queira affirmar o Author das Antiguidades de Lisboa, á força de torcer o sentido de alguns versos, que ninguem, que soubesse Grego, [que elle não sabia] ainda entendeu assim. Com o mesmo methodo, e força de razões pertende provar que Achyles esteve escondido em trage de mulher em Chelas, então [diz elle] Convento de Vestaes! he preciso confessar que o sonhar accor-

dado he peculiar molestia de Antiquarios, e Etimologistas!

Pag. 82 Vers. 24.

E em seus Decretos
Inda o Fado outros donos lhe destina.

Estes outros Donos foram primeiro os Mouros, depois os Portuguezes, que a tomarão aos Mouros no reinado de D. Affonso Henriques.

Pag. 83 Vers. 1.

Mas o sitio o appellido inda conserva,
Com pouca corrupção, no de Marvilla.

Marvilla [dizem alguns Authores] he contracção de Maravilha, e aquelle sitio de Santarem teve este nome em razão de huma torre, que Julio Cesar ali fizera edificar, e que por sua forma elegante, fora chamada — *Turris mirabilis*. Esta Etimologia, tem para mim tão pouco credito como outras muitas de que andam cheios os livros. Com tudo a Poesia deve tirar partido de todas estas tradicções populares.

Pag. 85 Vers. 22.

Monte do Abbade appellidar costuma.

Acho este lugar chamado indifferentemente Monte Abides, Monte Abante, e Monte Abade, mas ainda não deparei explicação da Origem destas denominações. Segui a primeria como mais Poetica.

Pag. 88 Vers. 6.

E corro sobre o quadro o véo de Zeuxis.

Dizem que Zeuxis pintára sobre hum quadro de Appelles [valha a verdade que não tenho agora onde verificar se hera deste pintor] hum veo tão perfeito, e transparente, que o Author enganado com elle o quiz levantar. Com perdão dos admiradores fanaticos da Antiguidade, declaro que tenho esta Anedocta por apocripha. As Pinturas descobertas em Her-

culano, e Pompeia não dam idea, de que no tempo de Zeuxis tivesse chegado a Arte a este ponto de prefeição.

CANTO V.

Pag. 94 Vers. 20.

Com eloquencia, que do peito nasce.

Pectus est quod disertum facit, disse Quintiliano e he esta huma das suas mais profundas observações. Quando o coração do Orador não está comovido, e interessado na materia, de que tracta, poderá deleitar com a elegancia de frase, com o fogoso dos pensamentos; mas mover, arrebatar o ouvinte introduzir a convicção em sua alma, emfim ser eloquente no sentido restricto desta palavra, isso nunca!

Pag. 94 Vers. 24.

Ser dois n'huma só carne.

Duo in carne una.

S. Math. Cap. 19.

Pag. 95 Vers. 21.

Subito abrem-se os Ceos, e chove o Justo
Como fecundo orvalho.

Rorate Cœli desuper, et nubes pluant justum.

Isaias Cap. 45, Vers. 8.

Pag. 100 Vers. 14.

Hum só descuido
Nessas chymeras, que chamais respeito,
Vos enche de furor, e azeda a vida.

O grande tragico Mr. Racine na sua Tragedia de Esther, pinta energicamente este tormento de huma alma orgulhosa, e humilhada pelo despreso alheio.

De cet amas d'honneurs la douceur passagere
Fait sur mon coeur á peine une atteinte legere,
Mais Mardochêe assis aux portes du Palais,
Dans ce coeur malhereux enfonce mille traits,
Et toute ma grandeur me divient insipide
Tandis que le Soleil éclaire ce perfide.

Pag. 100 Vers. 17.

Promptos a dar á espada hum povo inteiro
Porque bum só Mardocheo não curva ante elles!
Il faut des chatimens dont l'Univers fremisse,
Qu' on tremble en comparant l'offense, et le suplice,
Que les Peuples entiers dans le sang soyent noyés,
Je veux qu' on dise un jour aux Peuples effrayés
Il fut des Juifs; il fut une insolente race,
Repandus sur la terre, ils en couvroient la face;
Un seul osa d'Aman attirer le couroux,
Aussitot de la terre ils disparurent touts.

Pag. 103 Vers. 19.

Na Orla do Estrado seus Anões se assentam,
Tendo em punho o Falcão conforme a usança.

O Falcão hera o distinctivo do poder, designava o direito de Caça, regalia de que os barbaros eram mais ciosos nos seus dominios. Daqui tiram origem as coutadas, e o custume, que ainda hoje em Hespanha conservam os Grandes, descendentes dos Godos, de apparecerem em publico acompanhados de hum, ou mais Caçadores.

Pag. 103 Vers. 34.

Vingam sangue de Hermann, das Virgens tuas
Pagam com pranto de Thusnelda o pranto!

Hermann he o Heroe Alemão, de quem falla Tacito debaixo do nome de Arminio. Derrotou Varo com morte das Legiões, que commandava, perda com que Augusto esteve para emdoudecer, chegando, como conta Suetonio, a andar pelo palacio clamando em altas vozes, Varo, restitue-me as minhas Le-

giões! este intrepido defensor da liberdade Germanica foi assassinado por Sergesto, seu sogro, decidido partidista de Roma. Thusnelda hera esposa de Hermann, e foi aprisionada pelos Romanos.

Pag. 104 Vers. 4.

Corintho

» Sobre edificios seus, que as cinzas cobrem,
» Responde

Corintho foi huma das mais populosas, e opulentas Cidades da Grecia situada sobre o Isthmo do seu nome, razão porque Horacio lhe chama — *bimarem Corinthum*. Foi destruida pelos Romanos assim como Carthago. O metal chamado de Corintho, porque se fabricava naquella Cidade da amalgamação de todos os metaes então conhecidos, tinha entre os antigos mais valor, que o ouro. Hoje ignora-se a sua composição.

CANTO VI.

Pag. 109 Vers. 1.

=» Hum hymno nos cantai das festas vossas, =

Super flumina Babylonis illuc sedimus, et flevimus dum recordaremur Sion.

In salicibus in medio eorum suspendimus organa nostra.

. . . . . .

Cantate nobis Canticum de Canticis Sion.

Psalmo 110.

Pag. 109 Vers. 7.

De Assur a casa

Casa de Assur, Caza de Misrhaim, Caza de Israel, sam termos frequentemente usados na Sagrada Escriptura para dizer Reino de Assiria, Reino do Egypto, Reino de Israel. As nossas Musas fallariam

hoje hum dialecto mais rico, e imaginoso se os nossos poetas tivessem tido o cuidado de naturalisar infinitas expressões poeticas, de que abunda a Biblia, e com especialidade os Prophetas.

Pag. 111 Vers. 18.

» No semblante, e no talhe Odin semelha

Odin, segundo o Edda dos Scandinavios he o mais antigo dos Deoses, a quem os outros obedecem como á pai. Chamam-lhe o pai dos combates, porque adopta todos os que morrem com as armas na mão; da-lhe por morada os palacios de Valhalla, e Vingolf, e lhe confere o titulo de heroes. Pinta-se Odin armado de todas as armas, com dois Corvos pouzados nos hombros, cujos bicos estam dentro dos ouvidos do Deos, hum destes Corvos chama-se Hugin [Espirito] e outro Munnin [Memoria] Odin os solta todas as manhãas para depois de correrem o Mundo, virem á noute dar-lhe parte de quanto nelle observaram. Este Deos teve hum templo magnifico em Upsal, onde se via a sua imagem rodeada de huma cadeia de ouro; e outro na Islandia, onde lhe sacrificavam victimas humana. Vid. Mallet. Introd. á Hist. de Dinamarca.

Pag. 111 Vers. 29.

Atraz já deixam

» Da imperfeita Cidade os novos muros,

Ataces, Rei dos A'lanos, tendo destruido Collinbriga, [hoje Condeixa] passou a edificar nas margens do Monda [o Mondego] huma nova Cidade, aque deu o nome de Cuninbriga; [a actual Coimbra] e ainda não estava completa, quando foi atacado por Hermenerico, Rei dos Suevos: Sahiu ao Campo, e ficou vencedor. Mas namorando-se de Cindasunda, filha do seu rival, a recebeu por esposa, e fez a paz

com elle. Dezejoso de deixar hum monumento deste successo, deu por armas á nova Cidade huma Torre com huma Donzella dentro, guardada por hum Leão vermelho, e hum Dragão verde, que era o brazão delle, e de seu Sogro, querendo dar assim a entender que sua espoza os havia congraçado, e ligado hum ao outro com o vinculo do parentesco. Este facto, que todos os historiadores referem, me pareceu dever admittir-se como Episodio do presente Poema.

Pag. 114 Vers. 10.

Do immortal Crescentini, Orpheo d'Ausonia.

Todos os entendedores, e amantes da musica theatral, se lembram com saudade de Jeronimo Crescentini, hum dos primeiros, e sem duvida alguma o mais sublime soprano, que tem tido o Theatro de S. Carlos. Só quem teve a fortuna de ouvir este grande *Virtuoso* he que póde fazer idéa adquada do seu canto magistral, do harmonioso de sua voz, da sua facil execução, e do sentimento que, desenvolvia nas arias do genero pathetico, e do desempenho brilhante, que empregava nas chamada de *bravura*. Alem disto Crescentini era mui bom Actor. E quem viu os Dramas, em que este grande Professor cantava com Catalani, Mombelli, e Lazzarini; quem viu representar Gafforini, e Naldi, como poderá lêr sem sorrir-se os encomios exagerados, que os Jornaes de Lisboa tributam diariamente ás mediocridades, que dominam no Theatro de S. Carlos, e que estam tão longe daquelles grandes Artistas, como a musica Gongoristica de Rosini o está das producções admiraveis de Cimarosa, Paesielo, Mozzart, e Portugal?... de todas as bellas Artes nenhuma tem decahido mais, que a musica neste Seculo, que em sentido nenhum póde dizer-se de harmonia.

Pag. 125 Vers. 28.

Tal nos desertos aridos do Egypto,
Da America do Sul nos Certões ermos
Traça a miragem subito nos ares

Este phenomeno, conhecido ha muito nos desertos do Egypto, foi em nossos dias observado pelo celebre Naturalista Mr. de Hombolt, nos Sertões da America Meridional no curso das suas viagens.

Pag. 132 Vers. 32.

Para a vida salvar-lhe os mestres lidam,

Os Medicos, Jurisconsultos, e Theologos intitularam-se antigamente Mestres, depois Licenciados, e agora Bachareis, e Doutores. Ficará a cousa aqui, ou inventarão ainda algum nome mais pomposo, e retumbante? Toda a grandeza moderna não consiste senão em palavras; de hum tu, que se dava a Scipião, a huma Excellencia, ha menos distancia que de Scipião a hum Ex.mo

CANTO VII.

Pag. 137 Vers. 11.

» Oh! quem soubera, oh elmo! em favor delle
» Encantar-te com magicas palavras! »

Na idade media estava em toda a sua força a crença nos encantos, que durou até ao fim do Seculo 14. Por isso não só nos Livros de Cavallarias, e Poemas, mas nas Chronicas desses tempos, achamos tantas armas encantadas, tantas espadas, que desfaziam encantos, tantas excommunhões fulminadas contra encantadores, e o que he mais para lamentar, tantos homens queimados por Feiticeiros! felizmente a invenção da polvora deu cabo das armas encanta-

das, e os progressos da Phylosophia livraram os Tribunaes do trabalho de processar Nigromantes!

Pag. 138 Vers. 10.

» Tão injusta suppões a causa nossa
» Que o juizo de Deos contra nós seja?

Dava-se o nome de juizo de Deos ao combate judicial, porque segundo a persuasão daquelles tempos, o Senhor dava a victoria ao combatente, que defendia a verdade. Má epocha foi esta para Escrivães, Letrados, e os mais individuos, que se anafam com as teimas, e velhacadas alheias!

Pag. 139 Vers. 31.

Hoje de vaso
Deve Emilia vestir-se, ou ser contente.

Sabemos que o *vaso* era huma fazenda preta, de que se usava nos luctos: mas fabrica-se hoje essa fazenda? e se a fabricam como lhe chamamos hoje? no mesmo cazo estamos a respeito da *beatilha*, e do *Beirane*, de que falla Camões em humas voltas quando diz.

Touca de Beirane
Namorou Joanne.

Ao presente não sabemos que *bichos* eram estes; mas os nossos vindouros saberão melhor entender o que nós chamamos agora *Escumilha*, *Filó*, *Teia de Aranha?* he natural que não: consolemos-nos com isso; se não entendemos nesta parte os nossos Avôs, tambem elles não entenderam toda a nomenclatura de arreios Mulheris, que se encontra nas Comedias de Aristophanes, e Plauto. A parte familiar de huma lingoa he sempre a mais difficil, e a que mais varia, e as Modistas em Athenas como em Roma, em Pariz como em Lisboa, sempre estiveram na posse de enriquecer o Dicionario da Lingoa, sem pedir venia a Classicos, nem ás Academias.

Pag. 140 Vers. 11.

Amor de Damas
O valor com proesas grangeava,
Nem da belleza a posse merecia
Quem defender-lhe a fama não podesse
Brandindo a espada, e sopesando a lansa.

Esta opinião da idade media, de que a mais bella pertencia ao mais valente, de que huma Dama se desairava attendendo hum amante, que tivesse nota de cobarde, foi hum dogma da Cavallaria. Nem as mulheres se mostraram lerdas em animar, e pôr em voga este preconceito: como nesses tempos a sentença da espada não admittia appellação, nem aggravo, e eram rigorozas as leis contra o adulterio, e mesmo contra a prevaricação das donzellas, que melhor meio podiam ellas ter para escapar ao castigo dos seus frequentes tropeços, e fraquezas que hum bravo Campeão, que á força de cutiladas, e estocadas provasse que mentia todo o que se atrevesse a acuza-las? e como o juizo da espada era o juizo de Deos, força era te-las por puras, e castas como Diana se o campeão vencia, e confessa-lo assim mesmo aquelle, que por experiencia soubesse o contrario. O mais he que esta idéa, que se encontra em todos os livros de Cavallaria, dominava na Corte de El-Rei D. Manuel como se deprehende das seguintes palavras do Bispo D. Jeronimo Osorio.

Nobiles adolescentes cum virginibus regiis in aula, sine ulla libidinis significatione saltabant, et quamvis honestissimis amoribus indulgerent, virginibus erat insitum, neminem ad familiaritatem admittere, nisi illum, qui aliquid fortiter, et animose bellicis in rebus effecisset.

Osorius de rebus Emmanoelis. Lib. 12.

Mariz affirma o mesmo nos seus Dialogos de varia historia, assim como Damião de Goes, se não me falha a memoria; não posso verificar, porque não o tenho agora presente.

Pag. 141. Vers. 2.

Aurea nunc vere sunt secula, plurimus auro
Venit honos, auro conciliatur amor.
Ovid.

Deste amor desordenado do Ouro, sacrificando-se a elle tudo, e havendo-se por unico merecimento, já no seu tempo se queixava Gil Vicente, fazendo dizer ao Diabo no seu Auto intitulado. — *A Feira da Virgem.*

E mais as boas Pessoas
Sam todas pobres a eito;
E eu só por este respeito
Nunca tracto em cousas boas,
Porque não trazem proveito.
Toda a gloria do viver
Das gentes he ter dinheiro,
E quem muito quizer ter,
Cumpre-lhe de ser primeiro
O mais ruim, que poder.

Já que fallamos em Gil Vicente, direi alguma couza ácerca deste Poeta, que tanta honra nos faz, e que tam pouco he agora conhecido entre nós. Gil Vicente, a quem com razão chamaram o Pai da graça, e o Plauto Portuguez, foi o fundador da Poesia Dramatica entre nós. Com huma versificação facil, hum estilo chistoso, e puro, muita invenção, e originalidade, e huma veia verdadeiramente satyrica fez as delicias da Corte de D. Manuel, e D. João 3.º de que foi mui valido, e adquiriu huma fama tão collossal não só entre os seus patricios, mas até entre os estrangeiros, que o erudito Erasmo tomou o trabalho de

estudar a lingoa Portugueza só pelo gosto de lèr no seu original as obras de Gil Vicente.

Luiz Vicente, seu filho, deu á luz as obras de seu Pai taes quaes elle as havia composto, e tinham sido representadas, porque nesse tempo havia em Portugal plenissima liberdade de Imprensa.

Quando porem se fez a segunda Edição já havia censura previa, e Inquisição, e esta escandalisada, e possuida de santa raiva pelo vigor, e denodada desemvoltura, com que o Poeta criticava os vicios dos Frades, dos Clerigos, dos Nobres, o da mesma Curia Romana, as mutilou horrivelmente, e assim appareceu no Mundo, não Gil Vicente, mas o seu Espectro. Com o correr do tempo estas Edições se tornaram tão raras, que nem as mais copiosas Livrarias tinham hum exemplar de Gil Vicente, nem foi possivel reimprimi-lo porque a censura cada vez mais escrupulosa, nem mutilado, lhe orthorgava o indispensavel *imprimatur*, assim ficamos ameaçados de perder hum dos nossos primeiros Classicos.

Por felicidade da nossa Literatura o meu illustre amigo, o Sr. José Victorino Barreto Feio, na emigração, a que o obrigaram as perseguições suscitadas em Portugal contra todos os homens que tinham patriotismo, e amor da liberdade, deparou no Bibliotheca da celebre Universidade *de Goethingen*, com hum exemplar da 1.ª Edição das obras de Gil Vicente impresso em Lisboa, na Officina de João Alvares em 1562. e extrahindo della huma copia fiel, que emendou, e corregiu com todo o desvelo, a publicou em Hamburgo no anno de 1834.

Esta terceira Edição he em tres Volumes de Outavo Francez, em bom Papel, e elegante typo, acompanhada de huma noticia sobre a vida de Gil Vicen-

te, e sobre o merito de suas obras, e digno em tudo do Poeta, e do zelo, e patriotismo do Editor, que nesta publicação fez hum assignalado serviço a Literatura Portugueza.

Recommendamos esta Edição a todos os amantes da Literatura, Poezia, e lingoa Portugueza, assim como igualmente a das obras de Luiz de Camões, impressa pelo mesmo douto Editor em Hamburgo, acompanhada da vida do Poeta, de huma dissertação sobre os Lusiadas, e de excellentes notas. Esta Edição he igual em nitidez, e asseio á de Gil Vicente, e a unica, que atégora se tem feito digna de Camões.

Pag. 142 Vers. 5.

Pelas leis do Paiz deste combate
Eram Juizes Sisenando, e Astolfo,

Aos Barões Donatarios pertencia presidir na qualidade de Juizes aos combates Judiciaes: a elles tocava decidir as duvidas, que occorressem, manter a ordem do campo, e até fazer cessar as batalhas quando assim lhe parecia conveniente.

Pag. 141 Vers. 15.

He negro o morrião, que reluzia
Como oxidiano marmore.

Os Naturalistas conhecem tres objectos, que nomeam oxidianos por que todos tres tem as qualidades de serem pretos, transparentes, e luzidios, a saber, marmore oxidiano, vidro oxidiano, gemma oxidiana.

Marmore oxidiano he huma pedra preta, que se chama assim por que o primeiro, que a discobriu na Ethiopia foi hum certo Oxidio: este marmore he analogo a muitos, que hoje conhecemos, os quaes, quando se esfregam com força, exhallam cheiro bituminoso:

Deste marmore existem em varios Museos alguns objectos antigos, entre elles se conta o Minino dormindo da Gallaria de Florença, conhecido pela denominação do Deos do somno.

O vidro oxidiano ou he natural, ou artificlal, o natural he producto Vulcanico; o artificial era hum vidro opaco, e mui negro, que os antigos fabricavam, e que por esta circumstancia chamavam oxidiano. Delle eram feitos os quatros Elephantes, que Augusto dedicou ao templo da Concordia, e a Estatua de Memnon achada no Egypto, que Plinio, o Naturalista, cita para provar a antiguidade da arte de fabricar vidro. O mesmo Author testefica que deste vidro se fazia espelhos, pedras para anneis, e que tinha tal qual transparencia.

Alem do marmore oxidiano, e do vidro oxidiano artificial, e natural, ha tambem a gemma oxidiana, que alguns comfundiram com o vidro, e com o marmore, opinião, que não pode admittir-se á vista do seguinte texto de Plinio » *de obsidiano lapide diximus superiori libro. Inveniuntur et gemmæ eodem nomine, ac colore non solum in Ethiopia, Indiaque, sed etiam in Samnio, ut aliqui putant, et in littoribus Hispaniensis Oceani.* Plini. lib. 37.

Esta gemma, era mais branda, que as outras pedras preciosas, como affirma o Naturalista Romano no Livro 37. Cap. 13, onde diz que não as riscava. *Obsidiana veras gemmas non scarificat*, e assemelhava-se na côr com a pedra, ou marmore, de que fallamos, talvez esta gemma oxidiana dos antigos seja o schorllo dos nossos tempos, ou a chamada Turmalina de Ceylão, que apresentam o mesmo negro bellissimo, o mesmo lustro, e transparencia do marmore, e do vidro oxidiano, natural, ou artificial.

Pag. 145 Vers. 15.

Por vez terceira

Nos Duelos de Hespanha era obrigação que os Contendores corressem tres lanças antes de passarem á batalha das espadas. Esta ceremonia permaneceu até a total abolição dos reptos.

Pag. 145 Vers. 31.

A terra veio,
Mas co' as redeas na mão.

Se o Cavalleiro ao cahir do cavallo, não largava as redeas, ou levava a sella entre as pernas, rebentada a silha, tinha o direito de montar de novo, e continuar a batalha a cavallo: aliás devia combater a pé, mas nesse cazo apeiava-se o seu contrario, para que elle lhe não jarretasse o Corsel, como lhe era permettido.

Pag. 149 Vers. 24.

A cortar-lhe a cabeça se apromptava,
Mas Sisenando, e Astolfo se oppuseram.

Quando hum dos Mantenedores morria sem confessar que defendera a injustiça, ou vivendo ainda recusava fazer esta declaração, o Vencedor hera obrigado a cortar-lhe a cabeça, salvo se es Juizes se oppunham, e declaravam a cauza vencida sem essa ceremonia.

CANTO VIII.

Pag. 155 Vers. 1.

Quando vogamos em sereno rio
Parece não mover-nos, e que em roda
Fogem as praias, edificios fogem,
Qua vehimur, navis fertur, cum stare videtur:
Quae manet in statione, ea praeter creditur ire,
Et fugere ad puppim colles, campique videntur.
Lucret. de Rer. Nat. Lib. 4.

Pag. 156 Vers. 23.

Que do Ancião Trovador, que ali finara

Benardim Ribeiro. Neste Poeta começa a segunda epocha da nossa poesia. A historia dos seus amores reaes seria demasiado longa de referir, e por isso não póde ter lugar aqui, attenta a brevidade, que me propuz nestas notas.

Pag. 162 Vers. 13.

E quem no Alfeite adivinhar podia
Que ella tão longe procurasse abrigo!

Talvez haja ahi Leitor tão inconsiderado, que julgue simpleza na pobre Emilia o julgar-se em Cynthra segura, e longe do Alfeite. Mas repare que no tempo, em que ella vivia, mudava isso muito de figura, e tendo-se ella retirado de Scalabys hera mui difficil advinhar onde ella teria hido dar comsigo. A communicação hera rara, mesmo nas Povoações mais vizinhas, e estando os Godos ãpoderados de toda a margem direita do Tejo, e os Suevos em guerra continua com elles, Emilia estava em Cynthra verdadeiramente mais longe de seu pai, que vivia no Alfeite, do que estaria hoje em Madrid, tendo fugido de Lisboa.

Pag. 163 Vers. 18.

Hera o canoro Ossian, que idoso, e cego
De Malvina as saudades consolava
Celebrando de Oscar egregios feitos!

Malvina hera espoza de Oscar, filho de Ossian, e neto de Fingal. O Bardo Escocez a pinta summamente formosa, e sentidissima pela morte de seu marido, e lhe dirige alguns cantos, em que celebra as façanhas daquelle heroe.

Pag. 164 Vers. 10.

Encantadas Mouras,

Sam innumeraveis as historias, que as Mulheres em Portugal, e Hespanha contam ácerca das Mouras encantadas. Seus pais [dizem ellas] não podendo leva-las comsigo, no ensejo, em que eram pelos Christãos obrigados a sahir de alguns lugares, que occupavam, e não querendo deixa-las entregues á furia dos vencedores, as encantavam em figura de cobras, e de outras Alimarias, para as desencantar quando recuperassem suas terras, ou tivessem occasião azada para isso, tão grandes Magicos eram então os Mouros! mas como algumas das terras nunca foram recuperadas por elles, e muitos delles morreram nas repetidas batalhas, que se davam entre elles, e os Christãos, muitas dessas pobres raparigas ficaram *per omnia secula seculorum* emcobradas, e arrastradas por esses montes, e vales. Acontece porem que, não sei porque motivo, todos os encantos se quebram em dia de S. João pela meia noite, e he então que ellas por vinte, e quatro horas tomam fórma antiga, e apparecem formosas como humas Dianas, cantando, e penteandose a roda das fontes. Certas de que não tem tempo a perder, lansam-se á cara de quantos mocetões bem apessoados emcontram durante áquellas vinte, e quatro horas, e recompensam o seu amor, ou condescendencia com talhas cheias de dinheiro, que estam enterradas onde só ellas sabem. Mas para possuir estas riquezas he necessario guardar segredo, aliás tornam-se em carvão. Destas, e de outras mythologias Nacionaes poderão tirar-se lindissimas feições, se algum dia o espirito romantico se despertar entre os nossos poetas, cousa que eu julgo bem difficil. A Poezia Romantica exige muita invenção, muita ima-

ginação, e muito colorido local; ora do exame da nossa Poezia desde Bernardim Ribeiro athe Bocage se deprehende que os Portuguezes, mediocres em tudo, o sam muito nestas tres qualidades. He por tanto natural que se contentem de arranjar novos quadros, como athegora tem feito, com as figuras já desenhadas por Gregos, e Romanos, por outros termos que a nossa Poezia seja sempre Classica.

Pag. 165 Vers. 6.

Mas se do alto da Serra a vista alongam
No circumfuzo espaço, novas scenas
Abrem-se magestosas?

Na Quinta de Penha Verde, que foi de D. João de Castro, e que hoje possuem seus descendentes, conserva-se huma bella Decima, que se diz feita por huma senhora, descrevendo o prospecto de Cynthra contemplada daquelle lugar. Aqui a transcrevo para os curiosos, que lá não a tenham visto.

DECIMA.

As campinas retalhadas,
Cerrado bosque no centro,
Mimosos vales por dentro,
Fora as Serras penduradas,
Sempre as agoas pratendas,
Continuo verde a espessura,
Zephyro sempre em doçura,
Mil Satyros, mil Silvanos,
Brandas Nymphas, seus enganos
Sam de Cynthra a formusura.

Pag. 167 Vers. 15.

E que a Flora maritima adereça
De Algas, Fucos, Varechas de mil-cores
Com tremulos festões!

A vegetação maritima não foi desconhecida dos antigos, como se vê da seguinte passagem de Plinio

Naturalista. » Nascuntur et in mari frutices, arboresque, minores in nostro, Rubrum enim, et totus Orientis Occeanus refertus est sylvis. Pli. L. 63. Cap. 25.

Pag. 168 Vers. 19.

Disseras que Morgaua de aureas transas.

Morgana he a Fada da riqueza, que muito figura no Orlando innamorato de Berni. Os habitantes de Reggio chamam palacio de Morgana a hum soberbo espectaculo, que todos os annos se lhe appresenta nos ares pelo meiado do Estio, de que o Padre Kirker, como testemunho ocular traz huma longa descripção. O Espectaculo começa por hum Theatro vaporoso, e magnificamente decorado, segue-se a vista de Castellos, e Palacios, sustentados em grande numero de columnas, depois Arvoredos, Cyprestres, e outras arvores regularmente alinhadas, e por fim homens, rebanhos &c.

Pag. 168 Vers. 34.

Onde os Sarrios o murice colhiam.

Os Sarrios, segundo alguns de nossos antigos Authores, habitavam a Orla maritima desde o Cabo de Espichel até á Serra de Cinthra: era grande o Commercio que faziam com a purpura, ha porem grande duvida sobre se esta era ou não extrahida do marisco *Murex*, que hoje não se conhece nas nossas praias, ou, como affirma o Author das Antiguidades de Lisboa, das sementes, ou bagas de certos arbustos silvestres de que ha muitos na Serra de Cinthra, de Arrabida, e Cabo de Espichel; estas bagas tem dentro certos vermes vermelhos como sangue, e aromaticos, que os Arabes chamam *Karmes*, e que seccos ao Sol, e pizados, dam huma côr escarlate vivissima, com que se tingem os panos.

Os Sarrios eram mui barbaros, e grosseiros, segundo a tradicção, e como taes os pintou em seu Poema intitulado *El Alphonso*, o nosso D. Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, grande Poeta, apesar de hum estilo, que é a quinta essencia de Gongora, e de que dizia com graça o Conde de Tarouca, que fôra tirado com hum picão dos rochedos do Parnaso. Como este Poema he hoje quasi desconhecido, e mais ainda o do *Nuevo Mundo*, citarei aqui alguns trechos da Embaixada dos Sarrios a D. Affonso Henriques, para que os leitores vejam como escrevia o unico Poeta, que atégora tem tido a Provincia de Traz-os-Montes, a mais barbara de todo o Reino, e por isso a menos liberal.

Era Icetes una horrida fiereza;
Gruesso el labio, los ojos sepultados,
El cabello, y la barba gran maleza,
Y todo el rosto assombros erizados.
Despojos de un Leopardo la estrañeza
Del trage, con miembre aspera ligados:
Media Encina el baston, y hirsuta, y fiera
La piel d'un Osso las sandalias era.

. . . . . .

Qual nombre te he de dar dudo, y estraño,
Quando em ti mas extremos se eslabonan;
Dios te aclamam tu pompa, y culto estraño
Y hombre tus ambiciones te pregonan.
Es tal luego en los Reys el engaño,
Que ciegos por los humos, que pregonan,
Con poco examen de uno, e outro nombre,
No apreciaes el de Dios, vengaes el de Hombre.

Yo aguardava al mirarte ver un vulto
Maior, que nuestro Atlaute, o nuestro Antheo,
Cuio aspeto entre nubes allá occulto,
Cercano fuesse al circulo Phebeo.
Capaz con brazos ciento, ou mas adulto
De arrastrar aun al túmido Briareo,

Y prompto en alas mil para incessante
Circumvagar mil Mundos cada instante.

Mas quanto horror dispuso el arduo ceño
Risa, y desprecio ya se comfeciona,
Viendo una alma disforme, cujo empeño
A tu cuerpo commum desporporciona,
Loca es el alma, que nasciendo dueño
De la breve Region de tu persona;
Quiere, (sin ver quan corto es su destrito
Prender monstruosa nn ambito infinito.

. . . . . .

Acaso el Ser Divino, (cuja essencia
Sola es dueño de nuestras libertades,)
Ha muerto? y te ha dexado por herencia
Con nuestra adoracion nuestras Ciudades?
Acaso de tus Reinos la opulencia
Infestamos con robos, y crueldades?
No estuvieron neutrales nuestras tierras
En todos tus peligros, y tus guerras?

. . . . . .

Dices que hasde illustrarnos con lucida
Novedad, que el Paiz no offenda, y grave?
Mas esta sujeccion tan applaudida
Como, si es sujeccion, sera suave?
No hay en el corazon pequeña herida,
No hay en la libertad golpe no grave,
Por ser esta essencion apetecible
De nuestra alma la parte mas sensible.

. . . . . .

Tu barbarie primera es la preclara
Fundaccion del Imperio, que destinas,
Ya opprimes a Alathar, de muerte rara
Ya libras a su Estado, y le iluminas,
Mas dime en quantos siglos el matara
La turba, que a esse fin matas, e arruinas?
Y aun permiten lo mismo a tus decretos.
En un Reino despotico tus nietos.

Seras Rey d'influencias adorables,
Mas de injustos virá turba no corta,

Y los hace tu inpulso inexorables,
El buen principio al mal exemplo aborta,
En su origen los Solios son loables,
Mas ni Jupiter luego los reporta,
Uno a quien poder todo se concede
Siempre quiere poder lo que no puede.

. . . . . .

En quien no causa fiebre, y paralisis
Ver la carga, y colores de los trages,
Fuera excesso en las Diosas Venus, y Isis,
Tal variedad pomposa de Roupages.
Al principio no supe haciendo crisis
Si ereis hombres, o tiendas, o bagages,
Dilinquentes, o esclavos luego os creo,
Y prision de otro modo el vano asseo.

Y al beber no es phreneticas acciones
El que este quien te sirva arrodilhado?
Enfria (qual la nieve) las poccione:
Esse honor a los Dioses usurpado?
Hará del ricto estolidas cocciones
El estomago, dellas animado?
O sabrá el gusto, que en beber se emplea,
Qual de la adulacion el saber sea?

Si acaso los estilos racionales
Debe perfeccionar vuestro instituto,
El hombre entre los otros annimales
Es el mas infeliz, y aun el mas bruto,
Amaes la libertad, y en nuevos males
Correis a mas cadena, y mas tributo,
Ser dichosos quereis, y sin reposos
Los medios destruis de ser dichosos.

Bien dicen que los Dioses, y los Hados
Por excessos de nectar, que bebieron,
Cajeron en desorden embreagados
El dia que del hombre Authores fueron:
Y que en festiva burla (ya cobrados)
De otro modo al mirarlo enloqueceron,
Todos los Immortales sin mesura
Se morrian de risa de su hechura.

Mas donde me arrebata el dolor ciego?
Del Senado otras leys trago empuestas,
En nombre suio que nos des te ruego
Quince soles de plazo alas respuestas,
Podrás traher-nos bienes, no lo niego,
Podrán ser celestiales tus propuestas,
Mas empiece a mostrar que en tu dictamen
Tienes razon, el permitir su examen.

Não parece que ouvimos em Quinto Curcio os Scythas fallando com Alexandre? muitos outros trechos de igual pico, e originalidade ha neste Poema, assim como no do Nuevo Mundo. Este homem, que escrevia com igual facilidade em Portuguez, e Hespanhol, deixou tambem muitos versos Latinos excellentes, e entre elles algumas Odes em estilo verdadeiramente Horaciano. O Gongorismo guardava elle para os versos vulgares: era o gosto do seu tempo, e assim adquiriu grande nomeada.

Pag. 170 Vers. 8

E entra no vale, em que existiu Palmira

Esta discripção das ruinas de Palmira foi composta á vista da Estampa dessas ruinas, que accompanha a viagem de Mr. Volney ào Egipto, e á Syria.

Pag. 170 Vers. 8.

On a cherché Ophir dans l'Inde, et dans l'Afrique; mais n'est-il pas un des douze Cantons, ou Peuples Arabes mentionés dans leurs origines Hebraiques? peut'on le separer de leur continent, quand ces origines suivent par tout une ordre methodique de positions, quoique en aint dit Bouchant, et Calmet? Enfin n'est ce pas le nom meme de cette Ophir qui se retrace dans celui d'Ophor, Ville du detroit d'Onan sur la côte des perles? Ce Payz n'a plus d'or. Mais qu' importe, si Strabon nous apprend qu' au temps des Seleucides, les habitants de Gerrha,

sur la mer de Babylone, en retiraient une quantité considerable?

Volney, Voyage en Syrie.

Pag. 172 Vers. 8.

Outro não acham
Mais que o templo da Lua, que inda inteira
Huma parte da abobada conserva.

Sigo aqui, porque me convem, a opinião, de que o antigo Templo de Cynthia, ou da Lua, hera situado na praia, bem que não esteja persuadido disso, attendendo ao costume dos antigos, que hera adorar a divindade nos lugares altos, o que me faz crer, que o templo seria sobre a Serra: como não restam vestigios delle, não he esta duvida de facil dilucidação. He cousa na verdade rara que, havendo Portugal sido invadido, colonisado, e possuido, não annos, mas seculos, por Phenicios, Carthaginezes, Romanos, e Arabes, não reste nelle monumento algum das duas primeiras, e haja tão pouco das duas ultimas Nações! He verdade que Resende, Brito, e outros Authores trazem grande numero de Inscripções Romanas, mas elles mesmos confessam que as pedras, que as continham, foram cortadas, mettidas em paredes, e alicerces depois de demolidos, os edificios, de que faziam parte. Tão pouco curiosos de monumentos foram sempre os nossos Avôs! e a esse respeito os netos não tem degenerado delles; porque o templo de Diana em Evora foi convertido em Açougue, ou Matadouro; o Theatro Romano, que na minha infancia se descobriu ás Pedras negras, foi demolido, as pedras aproveitadas nas casas, que se fizeram no mesmo sitio, e na loja da escada permaneceu longo tempo huma columna, que não sei que fim levou. Mas que respeito pode haver entre nós para os mo-

numentos antigos, se tão pouco respeitamos os nossos proprios? A grande peça de Diu, brasão honroso do valor Portuguez, esteve a ponto de ser derretida na Fundição, se o acaso ali não conduzisse o Padre Frey João de Souza, que, vendo a inscripção Arabe, a fez retirar, como elle mesmo conta nas memorias da Academia das sciencias; o instrumento Mathematico chamado Nonio, por ser invenção de Pedro Nunes, e que existia em hum convento de Coimbra, como hera de bronze, derreteu-se para fazer maçanetas ás grades de huma escada! A Nação Portugueza [fallo do vulgo] tem hum instincto daninho, e destruidor. A memoria do Terreiro do Paço carece de huma Sentinella efectiva para que a plebe não o estrague: huma pobre Estatua collocada por sua desgraça no principio do caminho dos Arcos, acha-se toda desfigurada pelas pauladas dos passageiros, as Avevores despostas nas estradas sam por elles cortadas, e golpeadas por divertimento.

CANTO IX.

Pag. 178 Vers. 1

Claro indica
De Cetobriga o nome, que os primeiros
Seus habitantes Pescadores foram,
Que pelos muitos, que em seu mar pescavam,
A povoação dos Cetos lhe chamaram.

A palavra *Brig*, latinamente *Briga* significava povoação na antiga Lingoa da Peninsula. Esta palavra junta a outra, que dizia respeito a alguma circumstancia da localidade, ou ao nome do fundador, formava o nome das Cidades; como Lacobriga Povoação dos Lagos, Cuninbriga [da palavra Teuto-

nica *Cuning*, Rei, e *Brig*] Povoação do Rei, porque a fundára Ataces, Cetobriga, Povoação dos Cetos, nome geral dos peixes da familia das Phocas. Poderão objectar-me que se não pescam hoje nos mares de Setubal, mas isso he devido parte á continuada pescaria, que os deminuiu, e parte á muita frequentação daquelles mares nos tempos mais proximos, pois he sabido que aquelles animaes procuram paragens pouco frequentadas. Finalmente esta Etimologia, que dou ao nome desta Villa, he coroborado com a pratica dos nossos antigos, que escreviam Cetuval, que importa tanto como Val dos Cetos.

Pag. 184 Vers. 24

Com estas de Bandidos vìs quadrilhas
Dos visinhos as terras salteava.

Estes saltos em povoações alheias, e roubos de mulheres heram frequentes nos tempos feudaes. O genio belicoso, e inquieto dos Barbaros, e a violencia de suas paixões os impeliam a semelhantes excessos. Naquelle estado de sociedade hera necessario oppor a força á força, e daqui nasciam odios interminaveis, que passavam de pais a filhos, e guerras intestinas, que só o imperio da Religião podia cohibir, por meio do que chamavam *a paz de Deos*; isto he a ordem dos Bispos, ou do Chefe da Igreja, que debaixo da pena de excommunhão, e outras, obrigavam estes homens turbulentos a viver em paz por algum tempo.

CANTO X.

Pag. 197 Vers. 16.

O heroe, que em longes terras perecia,
De nebuloso corpo revestido
Vinha os seus lares visitar, vagava
Nos verdes montes das caçadas suas,
Corria os seus Bosqueis, com gosto ouvindo
Dos Bardos nas Cansões soar seu nome!

I loro trattenimenti dopo morte erano dello stesso genere di quelli che gli occupavano in vita..... Conservavano una gran passione per il canto, ed accorrevano in fretta ove li chiamava la voce della lor lode. Amavano di visitar i luoghi del loro antico soggiorno, erravano su le loro tombe, si trattenevano nelle grote, s'aggiravano intorno a i figli, e gli amici, si spassavano su i nembi, e trasportavansi da un luogo all' altro, strepitavano nelle tempeste, si diguazzavano nell'acque, fischiavano, e gemevano nei venti, rispondevano nell'Ecco, e si faccevano sentir, e conoscere in cento guise. I Caledoni credevano realmente di vivere sotto i loro occhi, e qualunque suono improviso lo credevano la voce ammonitrice dell' ombre.

Cesarot, Pref. al. Trad delle Poesie d'Ossian.

Pag. 208 Vers. 12.

Ao recinto, onde tacitos misterios
Nós celebramos ao fulgor da Lua.

He tradicção popular de todas as Nações, que as Fadas, Gnomos, Sylphos, Bruxas, Duendes &c. costumam juntar-se á meia noite, em Bosques, e edificios arruinados para celebrarem seus festins, dansas, banquetes, e isto com mais frequencia em occasião de Lua cheia. Tambem he sabido que costumam rigorosamente punir os homens, que se atrevem a devassar estes recintos, ou espiar as suas acções.

Pag. 203 Vers. 20

Foste outr'ora
Regenerado em baptismal lavacro.

Os Gnomos, segundo a Tradicção Popular, fugiam á vista do signal da cruz; porem aquelles, que tinham sido homens, e cavalleiros christãos, não podiam ficar atterrados com elle sendo feito por mão, que houvesse derramado sangue innocente. Esta circunstancia dava a estes Gnomos huma grande superioridade sobre os outros, mas que hera descontada por huma profunda saudade pela vida humana, que os fazia aborrecer todas as venturas do paiz dos Encantos.

Pag. 205 Vers. 19

Do Ghibellino Vate.

Dante. Este Poeta nasceu em Florença no anno de 1265. Floresceu quando a Italia estava dividida toda entre os dois bandos conhecidos na historia pela denominação de Guelfos, e Ghibillinos, isto he partidistas do Papa e do Imperador de Alemanha. Estas duas Facções se faziam huma Guerra de exterminação, que inundou a Italia de sangue. Dante, que havia occupado em Florença grandes empregos Civis, e Militares, foi ao principio Guelfo, mas sendo desterrado por este partido por crimes, que falçamente lhe imputaram, passou-se aos Ghibellinos, a quem fez grandes serviços, e dilacerou sem piedade os Guelfos no seu famoso poema intitullado a Divina Comedia. Os comentadores estam divididos em pareceres sobre qual he o assumpto deste Poema Theologico Politico; eu me inclino ao voto de Manoel de Faria e Sousa, que no seu comentario aos Lusiadas, diz que he o Purgatorio de S. Patricio: mas seja ou não, o que não admitte duvida he que este poema, o primeiro, que se escreveu na Europa depois da invazão

dos Barbaros, contem muitos trechos de optima Poesia, muito saber, e imaginação. Os Italianos dam a Dante o titulo de divino; e o respeitam como o pai da sua Litteratura, e o creador da sua Poesia. Dante morreu em Ravenna de Romania no anno de 1321. Foi de genio melancholico e aspero, e tão livre no fallar como no escrever.

NOTAS DO POEMETO.

Pag. 3 Vers. 3

Canoros brincos, devaneios doces.

O Poeta designa por este verso a collecção dos seus Apologos moraes, que por este Poemeto dedica á Duqueza de Rutland.

Pag. 4 Vers. 15

Do Britano Cantor, que desprendera
Angla harmonia da trombeta Argiva.

Alexandre Pope, celebre Poeta Inglez. As suas traducções da Illiada, e da Odissea de Homero foram as melhores, que possuiu a Europa em quanto não appareceu a da Illiada por Monti, e a da Odissea por Hypolito Pindemonte, que tanta honra fazem á Poesia Italiana moderna.

Pag. 4 Vers. 25

Agitavam brincando aureo cabello
Da formosa Belinda.

Faz alusão ao Poema Heroicomico de Pope intitulado The Rape of Lock, ou o roubo do Annel de Cabello.

Pag. 8 Vers 34

Da affligida Heloisa, que combate.

Alude á carta de Heloisa a Abailard, huma das mais delicadas composições de Pope.

Pag. 9 Vers. 9

E amenas sombras da sagrada Gruta.

A famosa Gruta de Pope fabricada sobre o Thames.

Pag. 12 Vers. 32

Do magestoso Nume, que resplende
Do Vaticano na marmorea Estancia.

O Appolo do Belveder.

Pag. 12 Vers. 33

Ou lá onde respira em vasta Pedra
Do Egypto o Conductor.

O Moyses de Miguel Angello.

Pag. 13 Vers. 10

A Sobrinha infantil, e encantadora.

Lady Isabel Compton.

Pag. 14 Vers. 34

Qual a Sorte te deu Cultor experto
Que a tua verde idade vigiasse!

A Duqueza de Beaufort, May de Maria Isabel de Somerset.

Pag. 15 Vers. 23

Mui bem o reconhece o Moço eximio.

O Duque de Rutland, Marquez de Gambey &c. Esposo de Maria Isabel de Somerset; sua familia se uniu com a Caza Real de Inglaterra desde o Matrimonio de Jorge Manners com Anna, Filha da Irmãa de Eduardo 4.º entre os muitos Varões illustres desta Caza se conta Roberto Marnners, que tanto se destinguiu no serviço de Eduardo 3.º Entre outras celebres emprezas, invadida a Inglaterra por David, Rei da Escocia, a instigação do Rei de França, em quanto Eduardo assediava Calais, Roberto Manners unindo-se com outros Fidalgos Inglezes para defender a Patria, atacou o Rei de Escocia, e derrotando-o na batalha de Durham, o fez Prisioneiro.

Pag. 16 Vers. 13

Dos Britanicos Reis o sangue avtto.

A Familia dos Somersets, Duques de Beaufort, descende da Familia Real de Inglaterra por Gofredo Plataginet, Conde de Anjou, Filho de Folcho Rei de Jerusalem, Neto de Folcho Rechin, que nasceu da Filha de Henrique I.º Rei de Inglaterra. O nome de Beaufort deriva-se do Castello de Beaufort, sito no Condado de Anjou, lugar do Nascimento dos famosos Avoengos desta Illustre Caza.

Pag. 17 Vers. 7

Na flôr da idade exanime lá jazes!

Na Batalha, que no anno de 1782, a doze do Mez de Abril ganhou o Almirante Rodney contra a Armada Franceza, morreu combatendo valerosamente Lord Roberto Manners, Irmão do Duque de Rutland, a cujo acontecimento se alude nestes versos.

Compuz o Poema em 1833, e traduzi o Poemeto em 1816.

Pag.	Vers.	Erratas.	Emendas.
		CANTO I.	
8	10	Farnesa	Farnese
9	11	quando	quanto
		CANTO II.	
20	2	aldeães	aldeãas
26	17	lhe, lhe	lhe
		CANTO IV.	
71	15	depar-sè	deparar-se
73	7	a venábulo	o venábulo
		CANTO VI.	
112	21	vermelho	vermelhos
120	6	giade	grade
		CANTO VII.	
131	10	vasgas	vagas.
151	19	ganhou	a ganhou
		CANTO VIII.	
167	17	mil-cores	de mil cores

5.45.8